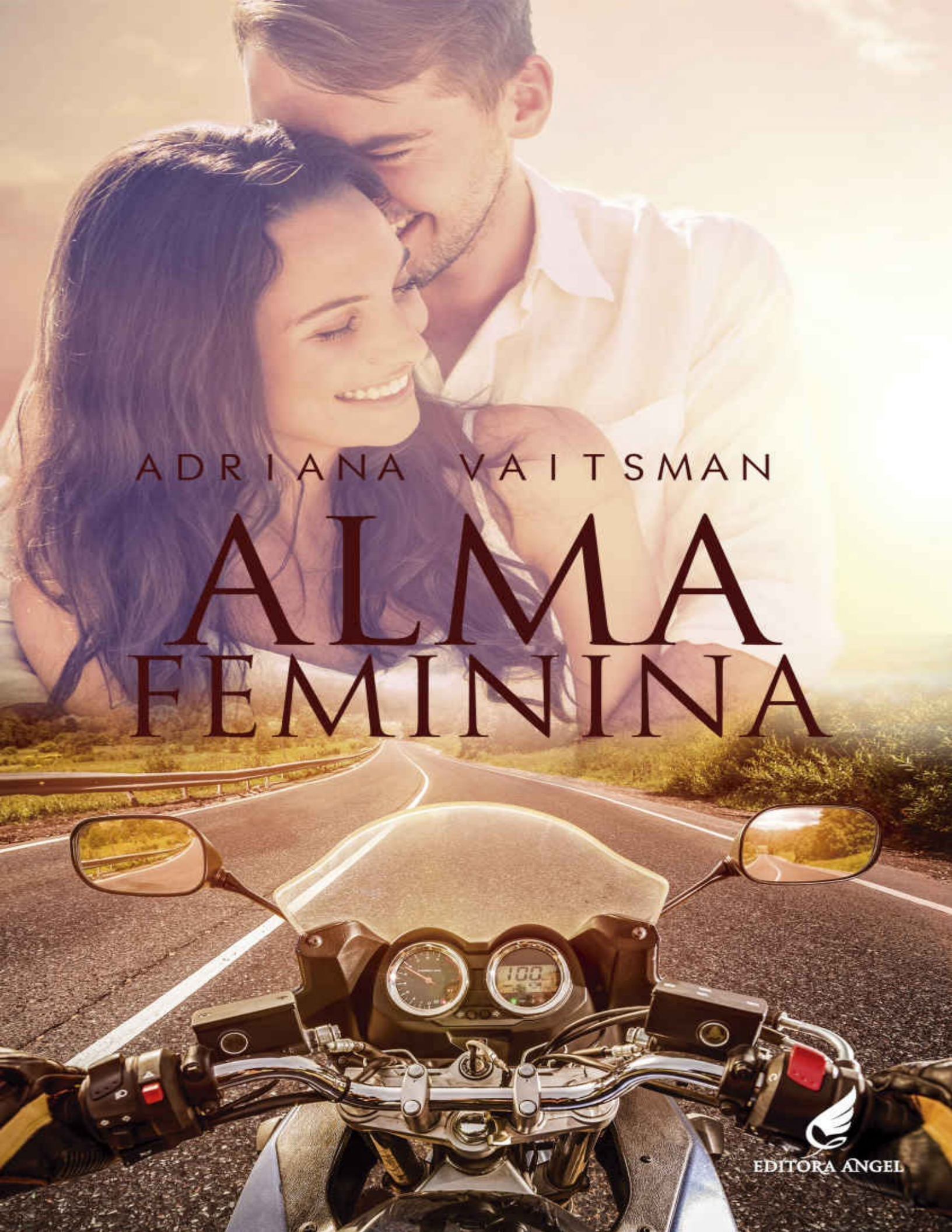


A romantic couple is shown in a close embrace, smiling and looking at each other. The man is wearing a white shirt, and the woman has long dark hair. They are positioned in the upper half of the frame. Below them, a motorcycle is shown from a first-person perspective, with its handlebars, mirrors, and instrument cluster visible. The motorcycle is on a paved road that curves into the distance. The background is a bright, hazy landscape with greenery and a warm, golden light, suggesting a sunset or sunrise. The overall mood is romantic and adventurous.

ADRIANA VAITSMAN

ALMA FEMININA

 EDITORA ANGEL



ADRIANA VAITSMAN

ALMA FEMININA



EDITORA ANGEL

Copyright © 2018 Adriana Vaitsman

Copyright © 2018 Editora Angel

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônico ou mecânico sem a permissão por escrito do Autor e/ou Editor.

(Lei 9.610 de 19/02/1998.)

2ª Edição

Produção Editorial: Editora Angel

Capa e projeto Gráfico: Débora Santos

Diagramação: Débora Santos

Revisão: Francine Porfírio

TEXTO REVISADO SEGUNDO O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

FICHA CATALOGRÁFICA FEITA PELA EDITORA

Vaitsman, Adriana
Alma feminina / Adriana Vaitsman; [revisão] Francine Porfírio. – 2. ed. –
Campinas: Editora Angel, 2018.
Recurso digital
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe editions digital
Modo de acesso: Word wide web
ISBN: 978-85-92596-64-4
1. Literatura brasileira. 2. Romance. 3. Literatura Erótica. I. Porfírio, Francine.
II. Título.

SUMÁRIO:

Capítulo um — Não sou dessas

Capítulo dois — Então é assim?

Capítulo três — Voando mais alto

Capítulo quatro — Apenas nos conhecendo

Capítulo cinco — Estou ficando viciada

Capítulo seis — Agora é tarde

Capítulo sete — Minha casa, sua casa

Capítulo oito — Não estou preparada

Capítulo nove — O dia D

Capítulo dez — Au revoir

Capítulo onze — Não vou resistir

Capítulo doze — Não sou obrigada

Capítulo treze — Tudo é festa

Capítulo quatorze — Nem tudo é festa

Capítulo quinze — Feliz ano novo

Capítulo dezesseis — Águas de janeiro

Capítulo dezessete — Vida que segue

Capítulo dezoito — Sob o sol da Toscana

Capítulo dezenove — Seu problema, meu problema

Capítulo vinte — Na alegria e na tristeza

Capítulo vinte e um — Sabedoria oriental

Capítulo vinte e dois — Cada coisa em seu lugar

Final — Alma feminina

AGRADECIMENTOS

BIOGRAFIA

EDITORA ANGEL

“Suba o primeiro degrau com fé. Não é necessário que você veja toda a escada. Apenas dê o primeiro passo.”

(Martin Luther King)

CAPÍTULO UM – NÃO SOU DESSAS

Acordo com o barulho estridente do celular no modo despertador. Tenho vontade de jogá-lo longe. Não sei de onde vem esse meu humor azedo de manhã. A genética pelo menos não é capaz de explicar. Minha mãe, desde que me entendo por gente, acorda sempre às seis em ponto, haja o que houver, e nunca a vi reclamar. Sinto saudades de quando ela vinha me acordar. Quando me mudei para meu próprio espaço, passei a administrar meu horário e muitas outras coisas que fazem parte da rotina dos adultos.

Corro para o banho e, em seguida, coloco a cafeteira para trabalhar enquanto mergulho no armário, totalmente bagunçado, para montar o *look* do dia. Um jeans, uma branquinha básica e uns acessórios dão o toque final ao estilo. O cabelo vai preso mesmo, não tive tempo para secá-lo ontem à noite, então preciso conter meus cachos que teimam em permanecer rebeldes. Calço um par colorido de sapatilhas e pego minha bolsa. Um gole no café, uma breve passada de olhos pelo celular e... Saco! O Edu, meu chefe, deixou duas mensagens no celular corporativo, instruindo-me a ir para a Baixada Fluminense cobrir um crime na saída de uma casa noturna. Como não li as mensagens mais cedo, precisarei seguir para lá por conta própria. O restante do pessoal já foi. Bela maneira de começar a semana!

Entro no carro, ligo o GPS e dirijo-me ao local indicado. Pego um trânsito de arrasar na Linha Vermelha e infelizmente chego atrasada, após o trabalho da perícia. Encontro mais um colega do jornal e tento conversar com as pessoas ao redor para entender o ocorrido. A caminho da redação, planejo como montar o quebra-cabeça das informações para explicar o fato ao leitor ávido por desgraça. Fico pensando no tipo de gente que lê isso. Pessoas com inclinação para todo tipo de miséria humana. Vibram com acidentes, atropelamentos, suicídios e crimes. Não vou conseguir entender o fenômeno nunca, mas esse é o perfil dos leitores do

jornal onde trabalho. Graças a eles consigo pagar as minhas contas e, comparado aos meus estágios anteriores, não tenho muito do que reclamar.

Entro na redação e dou bom-dia a todos. Quase ninguém responde. Estão sempre distraídos com seus muitos afazeres. Sento-me e ligo o computador. De repente Vanessa, a secretária do chefe, vem me passar alguns recados. Ela faz um tipo simpático e timidamente falso. Meu sexto sentido diz para desconfiar de gente muito boazinha, de fala mansa, superfofa. Essas pessoas acionam meu sinal de alerta. Detesto gente fofa!

Para meu alívio, ela me passa os recados, dá uma meia-volta desajeitada e sai puxando para baixo sua saia superjusta. Eu agradeço e sorrio com minha expressão mais agradável. Fico imaginando como Vanessa conseguiu entrar nessa saia que, de tão justa, parece costurada ao corpo. Isso explica a razão de haver uma fenda na lateral, para que as pernas possam garantir o mínimo de mobilidade e não necrosem com o aperto do tecido. Tenho vontade de rir da cena que imaginei, mas me controlo.

Começo a redigir a matéria e, quando levanto a cabeça, levo um susto! Dou de cara com os olhos azuis maravilhosos do Edu. Ele vive me cercando e já me convidou para almoçar algumas vezes. Nunca aceitei. Ele se aproxima mais, me dá um sorrisinho cínico do tipo “assustei você?” e pergunta:

— E aí, terminou a matéria?

— É, estou articulando as informações. Que história essa...

— Infelizmente, Nina, todos os dias acontece uma história dessas. O lado ruim é que, depois de certo tempo, você acaba não se espantando mais...

Ele continua falando, mas na verdade não presto atenção em nada, a não ser naqueles olhos. Fiquei até com calor! Eu me pergunto o que ele quer comigo. Com certeza não veio até aqui para filosofar sobre o trabalho da imprensa, veio? Dou mais um

pouquinho de corda, afinal, não é sempre que um deus grego vem parar na minha mesa.

No quesito homens, estou completamente desanimada, desde que terminei meu relacionamento de oito anos com o Bruno. Eu tinha dezessete quando comecei a namorar o queridinho da minha família, neto de um amigo do meu falecido avô, que foi parar na minha vida praticamente à base de lavagem cerebral. Ele faz o tipo bom moço, um “mosca morta” acima de qualquer suspeita, mas foi bastante espertinho para sair com a Julia, minha agora ex-amiga. Voltando ao presente, Edu me lança uma pergunta direta e inesperada:

— Tá a fim de continuar o papo depois do trabalho? Beber alguma coisa?

— Não sei se seria boa ideia...

Ele não se intimida.

— Só porque trabalhamos juntos não significa que não possamos ter um merecido *happy hour*. Sei que sua manhã foi intensa. Não tem nada demais sair com um colega para beber alguma coisa depois de um dia difícil...

Não adianta negar, o jeito como ele faz o convite parecer tão simples é irresistível. Acabo concordando, meio sem convicção, e combinando nossa saída para o final do expediente. O que um cara desses vai querer comigo? Apesar de ele ser meu chefe, decido pagar para ver. Há meses não saio com ninguém. E Edu é interessante, bonito. O que pode acontecer? Não sou nenhuma donzela indefesa. Falando assim, parece que sou do tipo segura e devoradora de homens. Longe disso, sou reservada e até um pouco tradicional para os padrões atuais. Minha família sempre foi e sempre será minha base, e, ainda que eu tenha sentido necessidade de garantir meu próprio espaço, continuará sendo tudo para mim.

No fim da tarde, peço ao Edu um tempo para me arrumar e o instruo a ir primeiro. Não quero ser motivo de comentários na

redação. Já basta a fofa ter fixado aqueles olhos e cílios postiços contornados de lápis barato em nós. Não quero problemas. Uma vez no banheiro, escovo os dentes, retoco a maquiagem, dou uma checada na depilação e na calcinha. Tudo em dia. Meu Deus, no que eu estou pensando? Evito me preocupar e, em um minuto, já estou no elevador a caminho do estacionamento.

Marcamos num shopping, deixando claro que quero apenas um *happy hour* e nada mais. Deixo o carro no estacionamento e chego ao bar combinado. Ele já está à minha espera. A garçonete me encaminha para a mesa e sai balançando o rabo de cavalo toda saltitante. Não sei o que Edu tem que deixa as mulheres assim. Serão os olhos azuis em sua pele morena ou os seus estimados um metro e noventa de altura? Ele não é exatamente um tipo frequentador de academia, mas exhibe um corpo atlético, sem exageros. Não quero dar muita bola, pois tenho a impressão de que ele sabe o impacto que é capaz de causar e se aproveita disso.

Olho para ele e dou um sorriso meio sem graça, sentando-me à sua frente. Durante alguns minutos conversamos sobre amenidades como o trânsito, o trabalho e o início da primavera que traz um calor fora de época. De repente paramos de falar ao mesmo tempo e o silêncio toma conta do momento. Para quebrar o clima, recomeço:

— Então, a que devo a honra do convite?

Meu tom é descontraído, quase rindo da minha própria pergunta. Ele me encara sério.

— Não vou negar que ultimamente tenho observado você. Alguma coisa me chamou atenção. Então, quis convidá-la para sair. Achei que você nunca fosse aceitar, mas aqui estamos — diz com sinceridade.

Que ótimo! Acho que banquei a fácil. Então resolvo responder à altura:

— Também não sei por que aceitei. Nunca havíamos nos falado fora das reuniões e do ambiente de trabalho, mas algo me chamou

atenção em você, então aqui estamos.

Se quis me deixar sem graça, não me intimidei. Por fim, relaxamos e retomamos o papo.

— Sendo assim, vamos aproveitar o tempo. Fale mais de você, além de linda e inteligente, o que mais tem para me contar? — Ele tenta ser gentil.

— Linda e inteligente são por sua conta. Sou uma mulher comum, com uma vida comum, venho de uma família grande e agitada. Acabei de me mudar da casa dos meus pais, precisava ter meu próprio espaço. Quanto ao trabalho que paga as minhas contas, você já sabe. Não há muito o que dizer.

— A mulher linda, inteligente e comum que paga as suas próprias contas tem um namorado? — pergunta Edu, divertido.

É bem direto. Acho que gosto disso nele.

— Na verdade, não estou querendo ninguém neste momento. Terminei um relacionamento de oito anos e quase me casei após a faculdade, mas felizmente vi a tempo que não seria uma boa. Isso é uma entrevista de emprego? — disparo. — Parece que estou preenchendo uma ficha.

Ele ri e ignora minha pergunta.

— Relacionamento de oito anos? Você começou a namorar no jardim de infância?

Rimos. O homem tem senso de humor e também gosto disso. De repente me dou conta de que estou em pleno dia de semana, num shopping próximo à minha casa, conversando sobre minha vida pessoal com um quase estranho e que, por incrível que pareça, isso de alguma forma é excitante. Deixo rolar.

— E você? Fala um pouco da sua vida.

— Nada de especial também, moro sozinho. Quando não estou trabalhando, gosto de viajar e andar de moto. Tenho uma Custom.

— Uau! Deve ser emocionante! Se eu falar que nunca andei de moto na minha vida, você acredita?

— Claro, conheço muita gente que não gosta ou tem medo. Quer tentar? Num outro dia?

— Quem sabe...?

Por mais de duas horas conversamos sobre motos, viagens e encontramos um gosto em comum por cinema, música e leitura. Descubro que o Edu, além de lindo, é muito bom de papo. Que outras qualidades ele deve ter? Por um momento, viajo imaginando como deve ser na hora H...

Ele faz o tipo romântico ou tem aquela pegada firme? Um calor começa a me consumir. Acho que é o momento de pedir a conta e ir embora, afinal, amanhã precisaremos trabalhar. Chamo a garçonete sorridente e peço para fechar nossa mesa.

— Edu, não quero ser estraga-prazeres, mas acho que está na minha hora...

— Você não comeu quase nada, não está com fome? Para mim, salada é só a entrada...

— Não, em plena segunda-feira, fico com a minha comida light porque tenho tendência a engordar. A propósito, já faltei à academia hoje.

— Não vai me dizer que você é dessas viciadas em academia? Que só vivem à base de alface?

— Gosto de correr, malhar e faço ioga, mas não sou uma viciada em academia. Se fosse, não estaríamos aqui, garanto.

— Você não precisa se matar na academia. Gosto de curvas. Sou motociclista. — Ele brinca, divertindo-se com meu visível desconforto.

Uau! A coisa começa a esquentar e, antes que pegue fogo, insisto em dividir a conta que acabou de chegar, mantendo minha soberania de mulher independente. Aposto que Edu não vai aceitar.

Acerto na mosca! Nada de rachar a conta. Do tipo macho alfa. Ele quase se ofende.

No caminho para o estacionamento, ele põe a mão nas minhas costas e me conduz pelos corredores do shopping quase vazio até o meu carro. Abro a porta e dou-lhe um beijo de despedida... No rosto. Ele parece decepcionado, mas não força a barra.

— Obrigada, tivemos uma noite muito boa. Queria lhe pedir para não comentar com ninguém que nos vimos fora da redação. Não quero que pensem bobagens.

— Como você quiser. Para mim, tudo bem se mantivermos a nossa amizade em segredo. Ele muda o rumo da conversa: — Amanhã o Fernando vai a uma reunião em São Paulo. Teremos modificações no jornal.

— Espero que nossas cabeças não rolem digo bem-humorada, como se o risco de perder o emprego fosse a coisa mais engraçada do mundo.

Rimos e começo a me despedir.

— Então, até amanhã.

— Até amanhã, obrigado por ter vindo. Podemos sair de novo? Quer ter uma primeira vez comigo, digo, na moto?

— Vamos combinar. Quem sabe em outro dia...?

Bem safadinho o Edu, com essa última pergunta de duplo sentido. Fico imaginando... Até que uma nova primeira vez, depois de tantos meses, seria tudo de bom.

Vou para casa e me jogo no chuveiro. Apesar da hora, tenho que lavar o cabelo. Tomo um banho quase frio, porque o calor está demais. Deito-me e fico repassando os últimos acontecimentos desse dia estranho. *Vamos devagar, Nina, devagar...*

No dia seguinte, repito a rotina de todas as manhãs e vou ao trabalho. Hoje capricho no *look*. Consciente ou inconscientemente, quero estar me sentindo poderosa e coloco um vestido com saltos.

Completo o visual com um *blazer*, porque o tempo está ameaçando mudar. Dou um jeito no cabelo e opto por uma maquiagem suave. Espero de verdade que não precise fazer nenhuma matéria na rua, não estou arrumada de forma prática. Pensando bem, o fato de ter me ajeitado assim pode acabar por passar ao Edu a mensagem: “estou a fim de você, por isso caprichei no visual”. Não tinha pensado nisso antes de sair de casa, droga. Não quero que o Edu conclua que estou desesperada para arrumar um homem. A ficha demorou a cair e agora é tarde para voltar atrás.

Respiro fundo, conto até dez e entro confiante na redação. Vou até a minha mesa e cumprimento a todos no caminho. Como sempre, poucos respondem. Sob a tela do meu computador, uma rosa, sem cartão de identificação nem nada. Imagino de quem seja e procuro meu Don Juan ao redor. Não o encontro. Será que não veio? Então quem deixou a flor? Logo sou arrancada dos meus pensamentos pela Vanessa:

— Procurando alguém, Nina?

— Não, deveria?

— Foi só uma pergunta. É que vi você olhando para os lados e imaginei que pudesse estar atrás de alguém.

— Não, impressão sua. Algum recado?

— Nenhum. Hoje o doutor Fernando foi a uma reunião em São Paulo, na matriz do jornal, e não virá.

— Obrigada, Vanessa. Agora preciso fechar a matéria sobre o sequestro do empresário na Barra da Tijuca, se puder me dar licença...

— Claro, tenha um bom trabalho, querida.

Após o “querida” mais falso que já ouvi na vida, a fofa sai fazendo um *toc toc* irritante com as sandálias de salto agulha, sempre metida numa saia justa. O que temos para hoje é saia roxa com blusa cinza e sandálias pretas, ótimas para ir ao funeral do bom gosto e da noção. Sorrio sozinha e ligo o computador. Tenho

uma caixa com simplesmente mais de cinquenta e-mails para ler. O mais recente é do Edu, sinto meu sangue congelar. Fico vermelha como um camarão, pois ele entra na redação assim que começo a ler e vem em minha direção. Finjo não vê-lo e me concentro na leitura do e-mail:

NINA,

HOJE QUERO VER VOCÊ DE NOVO. QUERO MUITO CONHECÊ-LA MELHOR. DIZ QUE SIM.

BEIJO,

EDU

— Então... é sim?

Nossa, nem deu tempo de responder e ele já está ao meu lado, falando de pertinho e baixinho para ninguém ouvir. Não sei por que, mas tenho a impressão de que um par de olhos bisbilhoteiros está em cima de nós. Se eu não cortar o mal pela raiz, posso me meter em confusão. Então respondo pessoalmente:

— Hoje não vai dar, Edu, tenho que ir à academia. Já faltei ontem. Hoje farei uma aula de ioga. Fica para outro dia.

— Amanhã?

— Não sei. A gente se fala.

— Tudo bem então, mas não vou desistir assim tão fácil.

Quase morro do coração, mas mantenho a pose, dou um sorriso amarelo e continuo a ler meus e-mails. Edu desaparece em sua sala. A fofa, dando-se por satisfeita, volta aos seus afazeres. E eu me foco totalmente no trabalho. Termino minhas matérias, respondo a alguns e-mails e, lá pelo meio-dia, resolvo sair para almoçar. De repente recebo uma mensagem da minha amiga Tati no meu celular. Tinha me esquecido completamente do almoço que

marcamos para hoje num restaurante japonês. Aviso a ela que estou chegando. Mais dez minutos e entro no restaurante.

— Tati, você está simplesmente incrível! E magérrima!

Abraço minha amiga carinhosamente, faz tempo que não nos víamos. Recentemente a perdi para um marido ciumento e adorável, inclusive fui a madrinha e testemunha do seu casamento. Ela está trabalhando no centro da cidade, mas hoje veio a uma reunião próximo ao jornal e pudemos marcar esse almoço.

— E aí, Nina? Conte-me tudo!

— Não tenho nada para contar.

— Conheço você desde criança, amiga. Só pela sua inquietação, e por esses olhos brilhando, farejo uma grande novidade. Vai desembuchando logo...

— Conheci um cara.

— Quando? Quem é?

— Bem, na verdade eu já o conhecia, ele trabalha comigo. É bonito, simpático, bem-humorado...

— Bom de cama!

— Isso ainda não experimentei, Tati.

— Então, você não conheceu o cara!

Rimos muito. Tati é o meu oposto. Segura, descolada, desencanada, moderna, e consegue separar muito bem amor de sexo. Para ela, só se conhece verdadeiramente um cara na cama, fazendo o que chama de *test drive*.

— Qual é, Nina? Fez de novo a donzela desprotegida?

— Não deu tempo ainda, Tati, nem tivemos oportunidade. Saímos ontem pela primeira vez.

— Não teve oportunidade? Onde ele a levou? Para conhecer a Catedral Metropolitana? Ou a Igreja dos Capuchinhos?

— Não brinca, Tati. Só saímos e conversamos, mas não rolou nada.

— Amiga, seu estado de carência é perigosíssimo. Toda essa empolgação com um cara que você nem experimentou. Preocupante.

— Fala de você, Tati, como vai a vida de casada?

Desvio o assunto e dá certo. Minha amiga adora falar de si mesma.

— Maravilhosa, entediante, excitante, de tudo um pouco.

— Os adjetivos citados não combinam entre si... Você me confunde, Tati!

— Dividir o dia a dia com alguém está longe de ser fácil, mas estou adorando a experiência. Na verdade, estou muito feliz!

— Isso é o que importa para mim, que esteja feliz, porque você é mesmo uma caixinha de contradições.

— Acho que esse deve ser o meu charme.

— Com certeza, amiga.

Conversamos por mais uma hora e, como tudo que é bom acaba rápido, pagamos nossa conta com a promessa de nos vermos em breve, no aniversário do André, marido dela. Vai rolar uma festa em Búzios, na casa de praia deles, e fui intimada a ir. Sozinha ou acompanhada. Após prometer que não faltarei à festa, Tati me libera entre risos e abraços, e por último me diz quase diretamente ao ouvido:

— Ei, dona puritana, faz o teste, experimenta. Depois não se esquece de me contar, até os mais sórdidos detalhes...

— Fechado murmuro.

Após nos despedirmos mais uma vez, entro na redação e flagro a fofa espionando meus e-mails. Havia deixado a caixa de diálogo minimizada e com a proteção de tela. Ela ficou passada quando deu

de cara comigo e foi logo se desculpando:

— Nina, você deixou seu computador ligado. Vim desligar para você, porque achei que não fosse mais voltar hoje — gaguejou.

— Olha só, Vanessa, agradeço muito sua gentileza, mas deixei tudo minimizado durante meu almoço. De mais a mais, se eu não fosse voltar, teria avisado ou desligado meu computador, não acha?

— Claro, foi bobeira minha. Desculpe, Nina, não li nada, posso garantir.

— Não estou preocupada com isso, Vanessa, não tenho nada para esconder minto. — Da próxima vez, por favor, envie uma mensagem e pergunte se vou voltar, não saia tomando atitudes, tá bom?

— Tudo bem, desculpe mesmo. Só quis ajudar.

Faço uma anotação mental para colocar uma senha no meu computador e desligá-lo quando sair. Fico com vontade de esganar a fofa com minhas próprias mãos, mas me limito a respirar profundamente. Não gostei nadinha do que ela fez e vou ficar de olho nessa periguetete. Além do mais, a rosa não estava mais no lugar onde deixei pela manhã, mas não quis perguntar para não polemizar e chamar atenção dos outros. Quanto menos, melhor.

Minhas tarefas e o expediente chegam ao fim e ganho a rua. Estava me sentindo sufocada naquela redação. Pego o metrô ainda vazio felizmente não precisei me dirigir a nenhum local de crime ou entrevista hoje, pude me dar ao luxo de deixar o carro na garagem.

Entro em casa e troco rapidamente de roupa. *Partiu academia!* Corro meia hora na esteira e faço um pouco de musculação. Vou repassando os últimos acontecimentos. O Edu, a flor, a fofa. Não consigo chegar a nenhuma conclusão. Vou deixar rolar. É melhor. Subo para a aula de ioga. Hoje não estou conseguindo me concentrar em nada. Não me concentro na saudação ao sol nem ao menos sustento o corpo nas posições. Aos poucos, a instrutora começa a fazer as práticas de respiração e finalmente consigo ficar

tranquila. *Namastê!*

Ao voltar para casa, rego minhas únicas duas plantinhas, coloco as roupas na máquina de lavar, arrumo e limpo o necessário, tomo um banho maravilhoso, faço um suco de laranja e aqueço a quiche de queijo branco que trouxe da casa da minha mãe no domingo. Coloco uma música para tocar no celular e, enfim, relaxo.

No dia seguinte, acordo mais cedo e vou direto para a redação, pois devo sair com o pessoal da reportagem para fazer uma matéria sobre “A musa do trem da Central”. Vai ser divertido. Entrevistarei os usuários dos trens suburbanos para saber qual será a musa eleita. É uma grande jogada de marketing da empresa que administra os transportes. Concorrerão dez mulheres que pegam os trens todos os dias e que foram escolhidas pelos próprios passageiros. O prêmio é um ano de passagens grátis.

Acho que vou gostar disso, porque entrevistarei mulheres reais, que vão e voltam do trabalho comprimidas que nem sardinhas em lata dentro dos vagões e, ainda assim, conseguem manter o bom humor e a vaidade feminina. Totalmente diferentes dessas magrelas que são impostas como modelo de beleza e não nos representam. Meu trabalho tem esse lado social, que me faz sentir viva e próxima das pessoas de verdade. É isso o que me faz continuar no jornal, além das faturas e contas que chegam todo mês, é claro.

Chego animada para o trabalho e entro na *van* com o pessoal da reportagem. Hoje não caprichei muito no visual. Visto uma calça cáqui, uma camisa social básica e saltos grossos médios. Os cabelos presos num coque casual completam o *look*. Preciso estar confortável. Olho para o lado e lá está o motivo da minha inquietação. Lindo, moreno, de jeans e camisa branca, óculos escuros estilo aviador e aquele sorriso de matar qualquer uma. Estranho a presença dele. O que Edu faz aqui? Deveria estar na sua sala, no ar-condicionado. Que eu saiba, ele tem mais o que fazer...

— Bom dia, Nina.

— Oi, Edu.

— Dormiu bem?

— Não poderia ter dormido melhor.

— Acho que poderia sim — responde baixinho para ninguém ouvir. Ainda bem que os outros estão tagarelando, distraídos.

Edu me dá aquele sorriso cínico que me enche de calor. Será um longo dia.

— Estranhando a minha presença? Ele não desiste.

— Bem, não é que você não possa vir, mas não precisa...

— Você é a responsável pela matéria. Só isso já me faz querer acompanhá-la. Vamos nos divertir muito, tenho certeza — provoca malicioso.

Deus do céu! Tudo o que este homem fala está carregado de duplo sentido! Que calor!

Passamos a manhã toda entre os passageiros e ouvimos histórias de vida incríveis. Registramos tudo para contar aos leitores que se identificarão com muitas delas. A vencedora do concurso, Jéssica, vinte e dois anos, é uma negra com um corpo violão, uma vasta cabeleira indomada e um sorriso incrível. Conversar com ela foi uma grande lição. Órfã de pai e mãe, foi acolhida por parentes e, trabalhando como diarista, conseguiu fazer um curso de manicure, profissão que lhe garante seu sustento junto aos dois filhos que cria sozinha. Uma mulher guerreira que, na ida e na volta, encara um trem e um ônibus lotados diariamente, saindo de Madureira com destino a Copacabana, onde trabalha num salão de beleza. Além de bonita, é muito simpática. Vitória merecida. Qualquer dia desses apareço no salão onde atua e faço as unhas.

Volto em silêncio dentro da *van*, repassando a manhã na memória e me preparando para redigir a matéria. Lidar diretamente com as pessoas aguça minha sensibilidade e faz aflorar a criatividade para escrever. Sinto os olhos de Edu em mim e finjo

não perceber. Será que ele tem noção da reação que provoca? Não quero ficar empolgada, mas também não consigo ser indiferente.

Chegando ao jornal, deixo minhas coisas e resolvo almoçar. Uma e meia da tarde e ainda não comi nada. A fome bate forte. Não avisto a fofa. Redação vazia. Todos devem estar no horário de almoço. Quando estou saindo da sala, vejo Edu encostado à porta.

— Não tem como você escapar de mim hoje. Vamos almoçar, conheço um restaurante com uma comida maravilhosa! Gosta de frutos do mar?

— Adoro. Tudo bem, vamos.

Cheia de coragem e fazendo a mulher decidida, eu o acompanho. Pegamos um táxi em direção a um restaurante na Marina da Glória. O dia está lindo. Sol e muita luz. Uma típica tarde de setembro. Pedimos logo a entrada. Edu sugere um peixe com alcaparras e uma salada verde. Muito refrescante. Perfeito.

— E então, vai parar de fugir de mim?

— Por quê? Você por acaso está me perseguindo?

— De certa forma, sim.

E sorri. Aquele sorriso, com aquelas covinhas, que dão a ele uma vantagem sobre todos os outros homens que já conheci. Atitude de um adulto e jeito de menino. Um sorriso tão jovem que quase me faz pensar ser mais novo do que realmente é. De repente, me dou conta de que não sei nem a idade dele.

— Quantos anos você tem?

— Isso faz diferença?

— Só para saber. Se vamos nos conhecer melhor, faz diferença sim.

— Tenho trinta.

Tem a idade do meu irmão do meio, Enzo. Espero que ele não seja igual no quesito mulheres. Meu irmão é um verdadeiro

predador. Não tem namorada fixa, apenas *ficantes* e *pequetes*, como gosta de dizer. Na verdade, Enzo não quer compromisso e a profissão de piloto da aeronáutica, recém-conquistada com sacrifício, toma muito do seu tempo. Não o culpo. Ele está descobrindo o mundo e não para em casa.

— Idade do meu irmão do meio. É piloto da FAB, acabou de se formar — digo.

— Quantos irmãos você tem? Disse que vem de uma família bem agitada.

— Nossa, você guardou essa informação?

— Sou um jornalista. Esse é o meu trabalho. Além do mais, tudo que diz respeito a você me interessa, Nina. Não estou brincando.

Disfarço a inquietação que seu jeito de falar me provoca.

São dois irmãos. Além do Enzo, tenho o Marcelo, cirurgião geral, recém-casado com a Ana Clara, também médica. É o irmão confidente, com quem tenho mais afinidade. Amigo para todas as horas. A minha cunhada, Ana, é um amor.

— E seus pais? São vivos? Estão juntos?

— São vivos, estão juntos e não se desgrudam. Meu pai é coronel do exército, já está na reserva, e minha mãe, professora aposentada. Somos muito unidos. Minha avó materna, Dora, e meu irmão Enzo ainda moram com eles na Tijuca. Marcelo foi morar na Barra depois de casado. Eu o observo. — E sua família? Fala um pouco de você. Já lhe dei minha ficha completa.

— Não há muito a dizer. Sou de uma tradicional família mineira. Meu pai vive hoje numa fazenda no Tocantins, possui algumas propriedades onde cria gado e mantém um frigorífico. Minha mãe não aguentou as aventuras rurais dele e o deixou quando eu ainda era criança. Fomos morar em Belo Horizonte, onde ela estudou Direito e hoje é promotora pública. A separação na época foi um grande desgosto para meu avô materno, também

fazendeiro, um cara antiquado e severo que não aceitava ter uma filha divorciada. Não havia ninguém assim na família. Foi muito difícil, mas superamos. Sou filho único. Minha mãe se casou novamente com um advogado muito conhecido em Minas Gerais, vivem juntos até hoje. Vim para o Rio estudar Comunicação, passei um ano viajando pelo mundo e há alguns anos estou no jornal. Como você vê, não há muito a dizer.

— Queria perguntar algo, mas estou sem coragem — confesso.

— Pode me perguntar qualquer coisa.

— Você tem uma namorada ou esposa? — pergunto, e me arrependo no minuto seguinte.

— No momento, estou sozinho — diz de maneira vaga, o olhar perdido.

Sinto que ele não quer falar sobre o assunto. Percebo certo constrangimento e acho melhor não aprofundar a conversa. Queria perguntar muitas coisas, inclusive se tinha sido ele a deixar a rosa ontem de manhã na minha mesa, mas apenas assinto com a cabeça. Ele me encara fixamente e comenta:

— Nina, quando disse que quero conhecê-la melhor, é verdade. Dá uma chance pra gente.

Fico sem graça, mas respondo:

Bem, você já me conhece, sabe sobre minha família e um pouco sobre mim.

— Nada disso. Ainda não sei onde você mora — argumenta.

— Também não sei onde você mora.

— Moro no Leblon. Quase não fico em casa.

— Eu moro em Copacabana. Minha amiga Laura casou-se com um italiano e foi viver em Milão. Ela quis manter seu apartamento, então o alugou para mim por tempo indeterminado por um preço praticamente simbólico, enquanto junto uma grana para comprar o

meu próprio imóvel. O local é pequeno e fica num prédio antigo e sem elevador, mas adoro o bairro. Posso fazer tudo de metrô. Quase não tiro meu carro da garagem alugada no prédio vizinho.

— Foi assim que você virou gente grande. — Ele sorri.

— É, estou me acostumando com a liberdade e também com a solidão. É estranho não ter minha família por perto...

— Você mora sozinha, mas não é sozinha. Você tem sua família por perto, ainda que não estejam juntos — reflete.

— É isso, a dificuldade maior está justamente em me adaptar a viver sem eles, sem todo aquele barulho e confusão. Por outro lado, preciso de um espaço só meu...

A conversa continua e flui para um lado mais íntimo do que eu esperava. Quando percebo, são três da tarde. Hora de voltar e terminar a matéria. Edu pede a conta e me leva de volta ao jornal. Não sobe, diz que não precisa voltar à redação hoje.

O trabalho dele é um pouco diferente do meu. Praticamente tudo no jornal passa por ele. É um excelente profissional e, apesar da pouca idade, já conquistou seu reconhecimento. Exibe um tremendo *feeling* para uma boa matéria. Tenho muito a aprender com ele.

Fernando é o diretor do jornal. Eu o apelidei secretamente de “poderoso chefão”. Parece confiar muito no trabalho do Edu. Apesar de não gostar do foco das nossas reportagens, pois tratam principalmente de problemas e violência urbana, sinto que lá poderei desenvolver uma bela carreira profissional.

Chego ao meu computador e recebo a visita da Vanessa. Estou sem paciência, mas forço um sorriso.

— Oi, Vanessa, algum problema?

— O doutor Fernando ligou e perguntou por você. Disse que tinha ido almoçar. — Ela parece analisar minha reação.

— Obrigada. Mais alguma coisa? Ele deixou alguma instrução

ou recado?

Não, só isso. Tenha uma boa tarde, Nina.

— Obrigada, para você também.

Cada dia fica mais insuportável aguentar a fofa. Ninguém me tira da cabeça que ela jogou minha flor fora e que está me espionando. Não vou dar a ela o gostinho de perguntar. A propósito, hoje Vanessa está toda de rosa. Calça, blusa, brincos e pulseiras, tudo enjoadamente rosa. Mais cafona impossível. Toda combinando. Também não entendo qual o interesse dela na minha vida pessoal. Estou de olho nela, ah, se estou!

CAPÍTULO DOIS – ENTÃO É ASSIM?

Os próximos dias seguem sem muitas novidades. O Edu me convida quase que diariamente para almoçar, e eu aceito. O “poderoso chefe” volta de viagem, me envia um e-mail elogiando as minhas últimas matérias e confirma que convocará uma reunião para tratar da reestruturação do jornal na próxima semana. Há dias não o vejo. Aliás, desde que fui contratada, há cerca de um ano, o vi poucas vezes. Ele é um cara reservado, sisudo, deve ter seus trinta e cinco anos, imagino. Vive viajando e só fala comigo por mensagem, e-mail ou instruções que deixa com a fofa. Isso me intriga, pois ele interage com os demais funcionários da redação. Acho que não vai com a minha cara. Não me importo, contanto que mantenha meu emprego, não precisamos ser amigos.

Finalmente chega a sexta-feira e o final de semana. Saio cedo do trabalho. Prometo à minha mãe, por telefone, que não vou faltar ao almoço de domingo. Vou à academia, depois saio para fazer as unhas e umas comprinhas num shopping perto de casa. Durmo cedo.

Hoje é sábado, acordo e decido aproveitar para correr na orla e beber uma água de coco, afinal, o dia está lindo. Calço meu tênis de corrida, visto um short, prendo o cabelo e me lanço na ciclovia. Corro até ficar exausta e resolvo voltar caminhando para casa. Ao atravessar no sinal vermelho, levo um tremendo susto! Quase atropelo com meu próprio corpo um motociclista que parou próximo à faixa de pedestres, distraída que estava. Como que por instinto, tenho o reflexo de soltar um xingamento para o homem e, de repente, fico paralisada.

— Caramba, quase que você me atropela! fala ele, tirando o capacete.

— Edu, é você? Deus do céu, quase me mata de susto!

— Ei, eu que deveria ficar assustado! Você atravessa fora da

faixa e quase me derruba com moto e tudo.

Neste momento, o sinal abre e corro para completar a travessia. Não estou a fim de causar um acidente. Sem mais sustos por hoje. Quando chego ao outro lado, avisto Edu estacionando a moto no recuo um pouco mais à frente. Vou falar com ele. Desculpar-me pela distração.

— Desculpa, Edu, estava mesmo distraída, nem vi que atravesssei em diagonal e saí da faixa. O que você está fazendo por aqui? Devo atribuir isso a uma coincidência?

— Não, Nina, estava indo até a sua casa para saber se você quer ter uma primeira vez comigo... na moto.

Senti o sangue congelar e ir da cabeça para os pés. Mantenho a pose e faço as necessárias perguntas:

— Como você sabe onde moro? E como descobriu onde eu estava?

— Bem, como você ainda não tinha me dado seu endereço, o destino me ajudou e a fez esquecer em cima da sua mesa a fatura do cartão de crédito. Resolvi dar uma olhadinha e depois guardei na sua gaveta. Até que você é bem econômica — brinca. — Hoje fui à sua casa e, como você não estava, resolvi dar um passeio pela orla. O resto você já sabe. Simples assim.

— Simples assim... Ah, entendi.

Ele tem o dom de me deixar desconcertada e sem palavras. Insegura do que dizer, disparo:

— Que coisa feia, espionando os funcionários da redação!

— Vamos corrigir: não espionei, a fatura veio parar em minhas mãos por pura coincidência. Digamos que foi um empurrãozinho do destino.

Acho que fiquei vermelha, porque minhas bochechas esquentaram. Algo mais aqueceu em mim, que calor! Abro aquele sorriso amarelo e sem graça, pronto para as ocasiões em que me

sinto agitada.

— Então, vamos ter nossa primeira vez? Na moto? Tenho um capacete extra.

— Não posso ir assim, estou suja, suada, com roupas inadequadas.

— Você está linda. Quanto às roupas inadequadas, até concordo. Vamos fazer o seguinte: vá até a sua casa, tome um banho, vista um jeans, calçados e casaco adequados ao passeio que quero fazer com você. Enquanto isso, eu fico esperando na sua casa.

— O quê? Na minha casa? Vou ficar com vergonha, está uma bagunça, ainda não arrumei nada.

Deus do céu! Considerei mesmo a possibilidade de me lançar com ele por aí em cima de uma moto, daquelas bem grandonas e barulhentas? Onde é que eu estou com a cabeça? Começo a achar que me falta algum parafuso. Lembro-me da conversa com a Tati, fazer o *test drive*. Sorrio por dentro. É isso, um pouco de loucura não faz mal a ninguém. O programa hoje é Lapa com os amigos, logo mais à noite. Tenho tempo para um passeio antes disso, definitivamente vou aceitar. Essa adrenalina me excita muito. De repente, Edu me tira dos meus pensamentos:

— Vamos lá, Nina, deixa de bobagem. Você não viu como está a minha casa hoje, totalmente de pernas pro ar. Se quiser, espero em frente ao seu prédio.

— Não, Edu, pode me esperar lá em casa mesmo. Moramos no Rio de Janeiro, não quero que você seja assaltado. — Rimos.

— Sobe aí atrás e segura em mim. — Seu convite soa bastante natural.

— Nem pensar, Edu. Vou andando.

Ele parece contrariado, mas aceita minha decisão:

— Então, vá andando que dou um tempo e já encontro você.

— Fechado.

Corro para casa, entro tropeçando nas coisas, dou um jeito rápido na louça que estava na pia, arrumo a cama, jogo as revistas e o livro que estou lendo na mesinha da sala, depois guardo a roupa suja no cesto. O interfone toca.

— Posso subir? Ou já desistiu? provoca.

— Vou pensar, deixe-me ver...

— Não brinca, Nina, vou subir!

Aperto o interfone e faço aquela pergunta clássica:

— Abriu?

— Abriu.

Ai, meu Deus, agora não tem volta. Um misto de terror, arrependimento e medo toma conta de mim. Estou ficando louca! Sinto aquele frio na barriga que não me deixa raciocinar. Acho que vou ter um troço. A campainha toca. Abro a porta.

— Oi.

— Oi.

Cadê a bagunça?

— Fiquei com vergonha e dei um jeitinho...

— Posso ligar a TV enquanto você se arruma?

— Claro, Edu, você quer beber alguma coisa?

— Nada alcoólico. Vou pilotar. Se tiver um refrigerante...

Acabo de me dar conta de que o apartamento bagunçado é o menor dos meus problemas. Vou subir naquela moto pela primeira vez na vida, e não sei como me comportar. Nem como lidar com o Edu. Ele é sexy demais e tem um charme de matar... Muita areia para o meu caminhão.

— Tenho chá-verde com pêssego ou café, não tomo

refrigerante.

— Então, nesse caso, vou ficar com água mesmo.

Rimos. Sirvo água para ele, peço licença e vou para o banheiro. Tiro a roupa. Ligo o chuveiro. Fico nervosa só de imaginar que, se as paredes fossem transparentes, ele estaria me vendo. O calor aumenta...

Mergulho com tudo na ducha e lavo a cabeça. Preciso de água gelada para esfriar o juízo. Em menos de meia hora estou metida num jeans, tênis de cano alto, camiseta de malha e casaco de couro preto que, segundo o Edu, é um equipamento de proteção para os motociclistas.

Vamos para a porta do prédio e escuto com atenção suas instruções antes de subir na moto. Prefiro mil vezes a segurança do meu carro. Minha adrenalina vai a mil. Damos a partida. Os dois capacetes possuem dispositivo de intercomunicação e podemos nos falar. Viva a tecnologia!

— Agora, Nina, é só me abraçar e relaxar. Curta o momento.

Não consigo responder. Faço que sim com a cabeça. Entrego-me ao sabor do vento que bate no meu corpo. Saímos da zona sul pela orla de Copacabana, seguimos pelo Aterro do Flamengo, Linha Vermelha e pegamos a Rodovia Washington Luís, em direção a Teresópolis. Antes da subida da serra, fazemos uma parada estratégica. Banheiro e café. Nem acredito que estou experimentando isso. Minhas pernas estão bambas. O cabelo secou ao vento e a parte que ficou por baixo do capacete ainda está úmida. Um espetáculo de horror! Tento me recompor com um rabo de cavalo. Volto à mesa onde ele me espera.

— Você é uma excelente companheira de viagem, Nina. Sabia que seria assim. Parece que nasceu para andar de moto —observa ele enquanto tomamos um café.

— Tenho que confessar: eu estou gostando! Aquela tal sensação de liberdade de que os motociclistas tanto falam é

verdade. Estou sentindo.

Vamos seguir viagem. Não me pergunta nada. Confia em mim e me acompanha.

Nossa, o homem é uma montanha-russa de emoções. Minha excitação vai às alturas! Sigo as instruções dele. Não digo nada... Nem consigo. Apenas saboreio o momento.

Chegamos a Teresópolis na hora do almoço. Adoro essa cidade. Sempre vinha com os meus pais quando criança. Frequentemente subia a serra nos finais de semana com o Bruno e a galera da faculdade, os pais do meu amigo Lucas têm uma casa na Granja. Muitas festas já rolaram aqui. Muitas recordações. Boas e más.

— Nina, está com fome?

Sua pergunta me tira das lembranças.

— Um pouco, onde vamos almoçar?

— Conheço um restaurante na Teresópolis-Friburgo. Fica numa pousada. O lugar é simples, mas superaconchegante. O que acha de irmos até lá?

— Hoje estou por sua conta. Vou aonde você me levar.

— Não fala isso, Nina, que a levo para outro lugar agora mesmo.

Uau! É tenso! Muito tenso! Aquele calor familiar toma conta de mim e sinto que as bochechas estão pegando fogo! Sorrio para descontrair.

— Você me convidou para almoçar, e isso eu posso deixá-lo escolher.

— Ok, vamos almoçar. Vou logo avisando que é um restaurante especializado em massas. Eles servem uma entrada com frios, pães caseiros e um *fettuccine* fantástico. Como descendente de italianos, acho que você deve gostar.

— Muitas calorias, Edu...

— Fica tranquila, linda, você está completamente em forma e prometo que a faço gastar todas as calorias que ganhar hoje...

Ai, meu Deus, a coisa está esquentando. Não quero que saia do controle, embora receie que já tenha saído há muito tempo. Tenho um fraco por homens decididos, detesto aqueles sem atitude. Lembrei-me com carinho do meu pai. Completamente dominado pela minha mãe. No quartel, a fama de um coronel de pulso firme. Em casa, um cordeirinho que nunca ousou desobedecer à mulher. Relação engraçada essa.

Chegamos e estacionamos a moto no pátio. O restaurante fica em um casarão em estilo colonial muito bem conservado. A fachada de pedra adornada com hortênsias esconde um salão com poucas mesas, toalhas de xadrez impecavelmente arrumadas e uma música suave ao fundo. No local, dois ou três casais. Cada um em seu mundo particular. Um ambiente tradicional, simples e ao mesmo tempo sofisticado. Simplesmente amei. Um garçom de meia-idade vem nos atender.

— Boa tarde, vão querer entrada?

— Aquela com pãozinho caseiro, por favor.

— Acompanham presunto de Parma, manteiga, torradas, pasta de *alici* e azeitonas.

— Essa mesmo, está perfeita. Pode trazer — pede Edu. — Nina, nenhuma palavra sobre as calorias. Vamos dar uma trégua na dieta hoje.

— Tudo bem.

Para falar a verdade, meu apetite está zero, o nervosismo me domina. Minhas mãos estão geladas e sinto um nó no estômago. Quando a entrada chega, Edu começa a passar pasta de *alici* em um pedaço de pão e o coloca na minha boca. Sinto uma grande intimidade com este homem que, na prática, é quase um estranho para mim. A impressão que tenho é de que nos conhecemos há anos. Realmente convivemos no trabalho há um ano, mas nunca tínhamos

passado dos diálogos profissionais e de alguns olhares aqui e ali. Em uma semana avançamos demais. Sei o que vem depois e fico muito assustada. Tenho vontade de sair correndo, mas não posso por alguma razão e, o que é pior, não quero.

Após o almoço, subimos na moto novamente e não pergunto para onde estamos indo. Desconfio que não vou querer saber. Essa sensação de ser conduzida é muito excitante. Voltamos à cidade, entramos e saímos de ruas, e percebo que nos dirigimos a um bairro nobre. Chegamos a um condomínio fechado, passamos pela cancela e paramos em frente a uma casa de arquitetura moderna, com um grande portão branco e um painel de vidro, exibindo um paisagismo requintado. Edu diz que posso descer da moto. Obedeço. Ele abre o portão com o controle remoto, sobe uma rampa, estaciona e me convida a entrar, já que me vê petrificada do lado de fora.

— Bem-vinda, Nina. É aqui que passo alguns finais de semana.

— Quem mora aqui?

— Essa casa é minha. Venho sempre que posso.

— Entendi.

Foi o máximo que consegui dizer. Não sabia que ele tinha uma casa de campo, muito menos que me traria para conhecer.

Já são quatro horas e não posso demorar. Tenho um compromisso logo mais.

— Compromisso? Será que posso saber com quem?

— Com uns amigos. Vamos à Lapa de vez em quando, beber um pouco e jogar conversa fora...

— Então envia uma mensagem e avisa que você não poderá ir, Nina.

— Não vou fazer isso. Se não demorarmos, vai dar tempo de eu aparecer lá — digo teimosa.

— Olha, Nina, eu sinceramente estou esperando pela oportunidade de ficar com você. Somos adultos. Quero você inteira, só para mim, aqui e agora. Se você não se sentisse atraída por mim de alguma forma, não estaríamos aqui. Estaríamos?

— Não, com certeza não estaríamos.

Baixo os olhos, impossível ficar mais sem jeito.

Ele me puxa pela cintura, me abraça e beija de uma forma que me faz perder todo o pouco de juízo que ainda me resta. Pousa uma das mãos atrás da minha nuca, segura meu cabelo e vai deixando uma trilha de beijos pelo pescoço. Sua outra mão vai descendo... As carícias são intensas e enlouquecedoras; em segundos, já estou pronta para ele. Ali mesmo, na sala, tiramos a roupa e mergulhamos fundo um no outro. Avassalador. Ficamos o resto da tarde e o início da noite fazendo o melhor sexo que já experimentei em toda a minha vida. Se bem que a minha vida sexual se resumiu unicamente ao Bruno, e ele não é parâmetro de comparação. Sempre achei que fosse experimentar coisa melhor, mas não sabia que seria tão melhor.

Minhas pernas estão bambas, muita emoção por um dia. Primeira vez me aventurando numa moto e primeira vez com um homem como o Edu. Fico com muito medo do que isso pode despertar em mim, não quero me apegar.

Ele me leva até o chuveiro e tomamos um banho juntos. Nunca tinha feito isso com o Bruno, nossas transas eram sempre ridiculamente apressadas e em locais improvisados. Ir a um motel só de vez em quando, em ocasiões comemorativas. Banho juntos nunca rolou.

Depois que nos secamos, demonstro a intenção de me vestir e vejo que a noite já caiu. Fico tensa, andar de moto à noite, descer a serra... Resolvo mandar uma mensagem para o Lucas, meu amigo, avisando que não poderei encontrá-los, não vou chegar a tempo. Dou a desculpa de que fui convocada de última hora para trabalhar. Não estou a fim de dar explicações agora.

Parecendo ler meus pensamentos, Edu pergunta:

— Nina, avisou aos seus amigos que hoje você não vai sair?

— Já. Demoramos demais e não conseguiria me encontrar com eles.

— Você hoje vai dormir comigo. Vamos sair para jantar, depois voltaremos para cá. Só a levo de volta amanhã à tarde.

— Ah, tá, você já decidiu tudo. Resolveu como vai ser o meu final de semana e pronto. Você é sempre autoritário assim?

Ele ri com aquele charme irresistível.

— Você ainda não viu nada...

— Edu, adoraria ficar com você, mas amanhã tenho um almoço em família e não teria uma desculpa que convencesse a todos a ficarem sem mim.

— Então você fica comigo até amanhã de manhã.

— Tudo bem, não vou ter coragem de me aventurar com você pela serra em cima dessa moto à noite mesmo... Só vou ficar por isso falei para provocar.

— Só por isso?

E recomeçamos. Pele com pele. Dessa vez, ao menos, subimos para o quarto e bagunçamos a cama impecavelmente arrumada.

Lá pelas nove, depois de outro banho, nos recompomos novamente e resolvemos sair para comer alguma coisa.

— Nina, sei que você não gosta de cerveja, mas conheço uma cervejaria maravilhosa aqui perto diz vestindo a cueca boxer naquela bunda redondamente perfeita. — Lá você poderá pedir algo que a agrade para beber enquanto comemos uns sanduíches diferentes. O local é de descendência alemã, muito bom mesmo. Costumo ir com uns amigos motociclistas em nossos passeios, depois fico para dormir por aqui mesmo.

— Por mim está fechado, Edu. Acho que vou curtir.

Sáímos da casa e vamos para a tal cervejaria. Já havia ouvido falar de lá, e tinha ficado de conhecer com meus amigos. Impressionante minha desenvoltura com a moto. Subo e desço com certa elegância e acompanho Edu como se já tivesse nascido sabendo fazer isso.

No local, somos conduzidos a uma mesa na varanda externa. A noite está apenas fresca e o casaco que uso é suficiente para o friozinho. O som não podia ser mais perfeito. Blues e rock clássico dão o tom do lugar. A noite está incrível. Apesar disso, minha consciência não para de gritar que eu não deveria estar aqui. Que estou sendo louca, inconsequente e que posso me apegar perigosamente. Ignoro meus pensamentos. Não vou perder o foco de viver o momento. Como sempre, Edu parece adivinhar minhas preocupações e diz:

— Não pensa muito, Nina. Deixa rolar. Também não quero pensar.

— Não estou pensando em nada, Edu. Apenas curtindo o momento minto descaradamente.

— Você foi perfeita hoje. Perfeita para mim. Estava louco para ter você na minha cama...

Ele pega minha mão e acaricia a palma com a ponta do polegar em movimentos circulares. Esse contato simples acendeu algo... Já estou querendo de novo. Meu Deus, onde vamos parar assim? Lembro-me da Tati. Fiz o *test drive*, e Edu foi aprovadíssimo. Se ela me visse agora...

— Você também foi perfeito, Edu. Não sou muito experiente, você já deve ter percebido. Só tive um namorado.

— A experiência não contou nesse momento, Nina. Foi pele. Você é muito gostosa. Estou louco por você diz pertinho do meu ouvido.

Ai, meu Deus. Não podia ser mais embaraçoso! Estou vermelha

feito um camarão, o calor voltou com tudo. Dou uma de ousada e digo baixinho, quase sussurrando:

— Você também é muito gostoso. Adorei ficar com você.

Que louca, estou superando os meus limites... Nunca pensei que teria coragem de falar isso a alguém, mas para tudo tem uma primeira vez. Falei e pronto. Tenho vinte e cinco anos e não sou uma freira, afinal de contas.

Chegam nossos pedidos. Provo uma cerveja *gourmet* levemente frutada e, por incrível que pareça, adoro. Comemos nossos sanduíches de salsicha alemã, regados à mostarda escura, e ficamos até meia-noite conversando e curtindo a companhia um do outro.

Volto com ele para casa, entro no banheiro e começo a pensar nos aspectos práticos do meu pernoite. Não trouxe roupa íntima para trocar nem nada para usar ao dormir. Na minha mochila, apenas um *nécessaire* com escova e creme dental, maquiagem, protetor solar, um pente e um prendedor para ocasiões em que meu cabelo ondulado precisa ser contido. Mais nada.

Reflito sobre os acontecimentos desde que acordei até agora. Sinto que já estou aqui há séculos. Nem parece que acordei cedo hoje, fui correr na orla e vim parar nesse lugar. Fico pensando como um dia pode reservar tantas surpresas. Como a nossa vida pode mudar em algumas horas. Todos os dias têm igual duração, mas fica a impressão de que alguns são mais longos. Hoje é um deles.

Para variar, Edu me tira das minhas viagens ao centro da mente batendo à porta do banheiro.

— Tudo bem, linda? Precisa de alguma coisa?

— Tudo, Edu. Estou só escovando os dentes e dando um jeito no cabelo, senão amanhã você sairá correndo quando me vir!

Abro a porta vestindo apenas camiseta e calcinha. Está começando a fazer um friozinho gostoso. Ele está parado junto ao batente só de cueca boxer. Mais sexy impossível.

— Prometo que, na próxima vez, deixo você trazer suas coisas. Por ora, você não vai precisar vestir nada...

Ele me segura pelas mãos e me leva para a cama. Deita-se por cima de mim, coloca meus braços para cima e me prende. Fico imóvel. Sinto todo o seu corpo pressionando o meu. De repente me solta e começa a me beijar possessivamente. Ele me despe, e eu o ajudo a tirar a cueca. Jogamos tudo para longe. Começamos a explorar um ao outro usando as mãos e a boca. Pele com pele. Corpo com corpo. Muitas sensações. Com tanta intensidade, mal percebo quando ele pega a camisinha. Como nas outras vezes, eu o ajudo a colocar. Acho isso extremamente erótico e começamos a brincar mais a fundo. Dessa vez foi urgente. Sexo selvagem mesmo, e eu cada vez quero mais. Mais intenso. Nunca tinha experimentado nada parecido. Sinto meu corpo se arrepiar e estremecer de prazer. Edu não se contém e, logo depois, se entrega. Perfeito demais. Mágico. Então é assim que funciona? Acho que vou me viciar...

CAPÍTULO TRÊS – VOANDO MAIS ALTO

Acordo nos braços dele. Preciso de um tempo para me lembrar de onde estou. O quarto está levemente iluminado. Fico pensando se não é um sonho. Vou me beliscar para saber se é verdade mesmo. Claro que é, sinto a respiração dele na minha nuca. Já estou com desejo. Meu Deus, em vinte e quatro horas, no que me transformei? Numa ninfomaníaca! Já quero esse homem desesperadamente dentro de mim. Ele parece ouvir os meus pensamentos. Sinto que já está pronto antes mesmo de me desejar bom-dia. Não tem jeito. Passamos a primeira hora do nosso domingo perdidos um no outro.

— Bom dia, linda, dormiu bem?

— Não poderia ter dormido melhor.

— Vou acreditar em você — diz sorrindo.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, apenas nos olhando. Mesmo não querendo quebrar a magia do momento, sou obrigada a alertar:

— Edu, são quase nove horas. Devo voltar. Tenho um almoço em família. Preciso ainda trocar de roupa, pegar o carro e ir à Tijuca. Se eu faltar ou me atrasar demais, detono a próxima Guerra Mundial lá em casa.

— Eu sei, Nina, vamos tomar um banho. Vou levar você.

A volta é silenciosa. Curto cada minuto do nosso passeio de moto. Sinto o vento no corpo, é maravilhoso. Apesar de termos o intercomunicador para conversar, optamos por um silêncio confortável, apenas saboreando o momento.

Ao meio-dia, após uma parada para um café da manhã na estrada, chegamos ao nosso destino. Edu estaciona a moto em frente ao meu prédio e, para descontrair, brinca:

— Está entregue, minha linda donzela.

Descemos da moto e lhe estendo o capacete. Edu tira o dele, me beija e guarda o meu no compartimento da moto. Eu rio e faço uma reverência.

— Obrigada, meu cavaleiro. Siga com cuidado em seu cavalo de metal.

Ele dá uma risadinha sexy.

Pode deixar. Vou com cuidado. Adorei ficar com você, Nina.

— Adorei minha primeira vez... na moto.

Ele me beija de novo e espera que eu entre no prédio. Quando bato o portão, respiro fundo e escuto o ronco da moto se distanciando. Já sinto a falta dele. Procuro não pensar nisso. Não quero me apegar. Preciso de um banho e de roupas limpas.

Uma hora mais tarde, entro com o carro na garagem da casa dos meus pais. Considero uma raridade nos dias de hoje uma casa em plena Tijuca, um bairro tão cheio de edifícios. Olho à nossa volta, estamos praticamente ilhados no meio de tantos prédios. Meus pais já receberam tantas propostas para venderem o imóvel que perdi as contas. Nunca quiseram se desfazer da casa onde nossa família começou.

Saio do carro e meu pai fecha o portão. Até hoje não o automatizaram. Eu e meus irmãos cansamos de falar que é perigoso abrir e fechar manualmente, mas eles não se convencem.

— Nina! Que saudade, filha, por onde você andou? Liguei para a sua casa a tarde toda ontem.

— Saí com uns colegas do trabalho, mãe. Por que não tentou o celular?

— Eu tentei, mas estava caindo na caixa postal. Que colegas são esses? Eu conheço algum?

— Um pessoal do trabalho. Você não conhece ninguém.

Minha mãe nunca consegue fazer uma pergunta só de cada vez.

É sempre essa avalanche. Não estico a conversa, afinal, não estou a fim de compartilhar minhas aventuras sexuais com ela. Mudo de assunto. Ainda estamos na varanda e ela já fez todo esse interrogatório. Meu pai, pressentindo uma nova bateria de indagações, vem ao meu socorro:

— Como está a minha menina?

Ele anda em nossa direção.

— Estou ótima, pai, e vocês? Minha mãe está dando muito trabalho?

Rimos. Ambos sabemos que minha mãe não dá sossego. Meu pai está sempre de lá para cá levando e trazendo a esposa dos lugares, regando as plantas, jogando o lixo fora. Acho que ela sabe que, de certa forma, isso preenche a vida dele. Afinal, são trinta e cinco anos de casados. Resolvo perguntar pelos outros:

— Sei que o Marcelo e a Ana já chegaram, vi o carro na garagem. E o Enzo? Está em casa?

O Enzo está no banho. Chegou de madrugada e dormiu praticamente até agora. O Marcelo e a Ana estão na sala explica meu pai.

Andamos pela varanda até chegarmos ao interior da casa.

— Mano! Aninha! Saudades!

Abraço os dois quase ao mesmo tempo. Neste momento, Enzo entra na sala. Ele vem com seu andar descontraído, é muito bonito esse meu irmão. Pele branca, cabelos escuros, olhos castanhos. Do tipo sarado, abdômen tanquinho. Nem alto nem baixo. É por isso que a mulherada cai matando em cima dele. Abraço o Enzo também. Adoro minha família.

— Enzo, qual foi a boa de ontem? provoca Marcelo.

— Nada de especial. Saí com uma amiga. Ele faz aspas com os dedos ao pronunciar a palavra “amiga”. Todos nós rimos.

Minha avó, Dora, entra na sala com seu passo apressado, nos beija e volta para a cozinha. Ela não abre mão de preparar o almoço da família. Minha mãe vai ajudá-la.

Durante uma hora e meia comemos, bebemos, conversamos sobre nossa semana e matamos as saudades. Ajudo as outras mulheres com a mesa e a louça. Em certo momento, percebo um ar de preocupação em Marcelo. Então, enquanto elas acabam de arrumar as coisas, dou um jeito de ir até a sala para falar com ele. Enzo já se mandou para o quarto. Meu pai foi fazer a sesta.

— Então, mano, você não quer dividir comigo sua preocupação?

— Tá tudo bem, Nina, não tem nada me preocupando.

— Você já foi melhor que isso. Vá falando logo...

Ele deu um sorriso meio desconcertado. Nossa sintonia é tão forte que nada nele me passa despercebido.

— É a Ana.

— O que tem ela? Vocês andaram brigando?

— Não, muito pelo contrário. Estamos querendo ter um filho.

— Tão cedo, mano? Vocês só têm um ano de casados.

— Um ano e meio, Nina.

— Desculpe. Um ano e meio. Por que tão cedo?

Sempre planejamos isso, queremos uma família grande. Nós dois trabalhamos, estamos financeiramente estáveis, e essa é a nossa opção de vida.

— Então, o que exatamente não está dando certo?

— A Ana descobriu ter dificuldades para engravidar. Fizemos um *check-up* recentemente, ela tem endometriose.

— E isso é grave?

— Não, mas dificulta que ela engravide.

— Difícil não é impossível. Além do mais, vocês têm os recursos para tratar e acompanhar o caso. Ambos são médicos. Se eu puder dar um conselho, diria para continuarem tentando... É a melhor parte. Não fiquem paranoicos com isso, senão a ansiedade acaba atrapalhando.

Ele me abraça afetuosamente e diz:

— Ah, Nina! Como é bom conversar com você. Faz as coisas parecerem tão simples! E que história é essa de que a melhor parte é continuar tentando? Não diga que está tentando com alguém?

Rimos. Não quero contar para ninguém sobre o Edu, porque não sei definir a natureza do nosso relacionamento. Contar o quê? Que fizemos sexo explosivo antes mesmo de estabelecermos qualquer tipo de relação e que, para piorar, trabalhamos juntos? Definitivamente não quero tocar nesse assunto. Como também não consigo esconder nada de Marcelo, dou uma amenizada na situação compartilhando uma meia verdade:

— Saí com um cara, mas não é nada sério. Estamos nos conhecendo melhor. Ainda não há nada de concreto para dizer.

— Cuidado, Nina. Não quero ver ninguém partir seu coração!

— Deixa disso, não vou ser boba de novo. Já me basta o babaca do Bruno. Eu amadureci bastante depois dele. Não deixarei ninguém partir meu coração, pode apostar.

Quero muito acreditar nas minhas próprias palavras. Tenho medo de me apegar ao Edu, que não me prometeu nada. Estamos apenas nos conhecendo melhor. Isso deveria bastar.

Minha avó, mãe e cunhada entram na sala juntas, trazendo café e um bolo caseiro irresistível. Com meus excessos gastronômicos do fim de semana, acho que precisarei correr a São Silvestre para eliminar as calorias.

Após me despedir animadamente da minha família, entro no

carro e volto para casa. Seis da tarde. Ainda há tempo de dar uma corrida na orla. Começo a me vestir e, antes de sair, coloco o celular para carregar. De repente vejo algumas mensagens instantâneas acumuladas. Uma da Tati, lembrando-me sobre o aniversário do André no próximo fim de semana, em Búzios. Outra do Lucas, preocupado comigo. Não costumo desmarcar nossos programas, ainda mais em cima da hora. Respondo aos dois. Garanto à Tati que irei a Búzios e ao Lucas que estou viva, não me falta nenhum pedaço. Reparo em outras cinco mensagens de um mesmo número desconhecido.

Oi...

Chegou bem à Tijuca?

Já almoçou?

Como está sua família?

Dê notícias...

Deduzo imediatamente de quem é este número. Trato de adicioná-lo ao meu celular. Só agora me dei conta de que não tinha o telefone pessoal do Edu gravado, apenas o corporativo. Não é recomendável usarmos os contatos do jornal para conversas e mensagens privadas. Decido responder:

Oi, só vi agora. Chegou bem?

Cheguei.

Não consigo parar de pensar em você...

Como conseguiu meu número pessoal?

Estava na fatura do cartão?

Tenho minhas fontes.

*Está usando seu cargo para obter
informações privilegiadas? kkkkkkkk...*

***Digamos que estou lutando
com as armas que tenho, kkkkkkk...***

Ah, cavaleiro de metal!

Grave meu número pessoal no seu celular.

Já fiz isso.

O que você está fazendo agora?

Saindo para correr.

Vai chover.

Tudo bem, não ligo.

Preciso ver você.

Vamos com calma...

Tudo bem então, boa corrida...

Em sua última mensagem, adicionou uma carinha triste. Acho graça e sorrio. Confesso que fiquei um pouco decepcionada por ele

não ter insistido um pouco mais em me ver, mas ao mesmo tempo foi um alívio. Não posso nem quero mergulhar de cabeça rumo ao desconhecido. Não sei muito sobre Edu. Além disso, preciso focar no trabalho. Tenho meus projetos profissionais e a última coisa que eu queria era me envolver com alguém do jornal. Repasso os últimos acontecimentos, um pouco preocupada. Nada demais. Estou só me divertindo. Que mal pode haver nisso?

Saio para correr. Começa a chover, exatamente como ele mencionou, e chego ensopada a casa. Tomo um banho, bebo um chá-verde e como um pão integral com peito de peru e queijo branco. Vou dormir... E acordo atrasada. Não ouvi o alarme do celular. São oito horas e a reunião com o “poderoso chefão” está marcada para as nove.

Pausa breve para um café preto e uma salada de frutas, passo pelo chuveiro em cinco minutos. Mergulho numa saia lápis, numa camisa social e sapatos de salto médio. Faço um coque casual, maquiagem para o dia e gosto do que vejo no final. Fiquei apresentável. A saia está um pouco justa, o que evidencia minha bunda e meus quadris. Não faço o tipo magrela, estou mais para “cheinha”. Com um metro e sessenta e cinco, as vestes em geral ressaltam minha estrutura curvilínea. Por isso vivo controlando o peso.

Corro para o metrô e chego ao trabalho às nove em ponto. Ufa! Dirijo-me à sala de reuniões. A fofa está parada em frente à porta, quase impedindo a passagem. Educadamente a cumprimento, então ela responde e me dá licença. Hoje ela se superou na cafonice. Terninho sem mangas num tom verde-água, sombra nos olhos da mesma cor. Pulseiras e brincos combinando, como sempre, e uma sandália plataforma horrorosa. Para completar o desastre, prendeu os cabelos ainda molhados. Ela me olha de cima a baixo. Finjo não perceber.

Ao invés da mesa de reuniões, foram colocadas cadeiras enfileiradas no estilo auditório. Quase todos foram convocados. O projetor ligado exhibe o slide inicial da reunião em uma tela em

branco. Na lateral, uma mesa farta com um belo café da manhã para os funcionários. Parece mais uma festa do que uma reunião. O “poderoso chefe” entra todo sorridente, logo atrás vem o objeto do meu desejo.

Eles cumprimentam a todos de maneira informal, e o Edu me lança um olhar capaz de derreter a calota polar. Consigo ver um sorrisinho no canto da sua boca. Após falar com alguns colegas, o “poderoso chefe” me aborda de uma forma amável. Elogia as minhas últimas matérias e acabo simpaticizando com ele, o que desfaz um pouco a má impressão que acumulei nos últimos meses. O Edu também me elogia, mas de maneira profissional e contida. Hoje ele está de terno no modo executivo. Camisa branca e gravata. O cabelo levemente despenteado. Quase não consigo me concentrar em nada, pois seus olhos não param de me devorar. Ufa, que calor!

A reunião começa quando Fernando inicia sua explanação. Fala sobre a missão, visão e valores do jornal. Todos o ouvem com muita atenção.

— Como é do conhecimento de vocês, na semana passada estive em São Paulo para tratar de algumas mudanças no jornal diz num determinado momento. Faremos uma grande reestruturação. O jornal continuará mantendo o foco nas matérias de abrangência popular sobre os problemas do Rio de Janeiro, mas a versão virtual ganhará uma modernização. Contrataremos mais funcionários. A grande novidade é que estou deixando a direção executiva. Aceitei um convite muito especial e estou indo para um canal fechado de televisão, onde assumirei a direção-geral. Iremos inserir na grade um programa novo, semanal, no qual faremos documentários sobre assuntos ligados a comportamento, moda, gastronomia e viagens. Sendo assim, após esta reunião e nosso café, chamarei para uma segunda conversa as pessoas que gostaria de levar comigo para compor a minha equipe na emissora. Em meu lugar no jornal ficará o nosso brilhante editor-chefe: Carlos Eduardo da Matta Neto, o Edu, como todos o conhecem.

Após mais algumas palavras, o “poderoso chefe” dá a

primeira reunião por encerrada e desaparece na sua sala. Acho que não vai mudar muita coisa para mim, afinal, sou relativamente nova por aqui. Há jornalistas muito mais experientes que eu.

O pessoal vibra com as boas novas e a fofa se apressa em cumprimentar o Edu, pulando na sua frente de forma inconveniente para dar os parabéns. Que vontade de fuzilar a periguete! Ele trata de se desvencilhar dela educadamente e olha fixamente para mim. De repente começo a pensar... Vai ser complicado saber que o Edu agora é o meu “poderoso chefe”. Se já me incomodava dormir com o editor-chefe, imagina com o diretor-executivo! Nosso relacionamento nem começou e já está fadado a naufragar. Não posso continuar com ele. Isso seria desastroso para a minha carreira. Parecendo ler meus pensamentos como sempre, Edu se aproxima e diz baixinho:

— Calma, linda, vamos achar um jeito de fazer isso funcionar.

— Você já sabia?

— Já. Essas informações eram sigilosas e não pude compartilhar com você.

Outras pessoas vêm para cumprimentá-lo. Mantenho-me a distância, não posso despertar a suspeita dos colegas. Volto à redação.

Tenho duas matérias para terminar. Mantenho o foco nas tarefas, mas minha mente dá voltas. Avaliando os últimos acontecimentos, estou encrocada. Há uma semana minha vida estava toda certinha. Tudo programado. Metas traçadas. Sinto uma raiva danada do Edu. Ele sabia e, mesmo assim, insistiu em sair comigo. Perseguiu-me, quase um assédio. Das duas, uma: ou é completamente louco e inconsequente, ou nosso lance não significa nada para ele. Sou só mais uma das mulheres que levou para a cama.

De repente me sinto tão idiota. Meu sangue esquenta. Estou a ponto de chorar. Engulo as lágrimas que não podem rolar. Não aqui

nem agora. Para completar, a fofa vem toda saltitante me avisar que o Fernando quer falar comigo. Sorrio para ela ao responder que já estou indo. Tomo o cuidado de salvar e fechar meus arquivos, então vou ao encontro dele.

Bato na porta entreaberta, mas ele não escuta nem dá permissão para que eu entre. Ouço uma discussão acirrada.

— Porra Fernando, você não vai tirar ela daqui! Reconheço a voz de Edu.

— Por quê? Será bom para a carreira dela. Ela vai crescer. É brilhante, perspicaz, inteligente e responsável. Quero integrá-la ao meu time!

— Você não tinha me dito que a levaria para a emissora, Fernando!

— Edu, não estou entendendo você. Qual o seu interesse nisso? Por que eu deveria comunicar essa minha intenção? Quero a Nina comigo e pronto. A decisão não é sua. É dela.

— Tudo bem, já falou com ela?

— Pedi para a Vanessa chamá-la.

— Certo, cara, é que não queria perder a Nina. Ameniza o tom.
— É uma excelente jornalista.

— Haverá outra como ela, Edu, posso garantir. Jornalistas recém-formadas querendo uma primeira oportunidade não faltam.

— Pode ser. Até mais, Fernando.

— Até.

Nesse momento, Edu sai da sala feito uma flecha e consigo me esconder atrás da porta. Ele está tão puto da vida que nem me vê. Tento me recompor. Fernando vai me levar para a TV? Meu Deus, estão discutindo por minha causa? De certa forma, se eu não estiver mais no jornal, poderemos manter nosso lance. Por um momento me dou conta de que o Edu não está brigando por mim, e sim pelo

meu trabalho. É mais importante minha permanência como jornalista do que o nosso relacionamento, que talvez só exista na minha cabeça.

Bato à porta novamente. O “poderoso chefe” faz sinal para eu entrar.

— Olá, Nina.

— Oi, Fernando.

— Sente-se, por favor. Serei direto. Estou chamando as pessoas que selecionei para comporem minha equipe de trabalho na TV, meu time, como gosto de dizer. Admiro muito seu trabalho, suas ideias, sua dedicação e a maneira como escreve. Quero você conosco fazendo as matérias externas. Seu salário vai praticamente dobrar, entretanto precisará estar disponível para viagens e reuniões. Necessito que esteja sempre pronta. É uma oportunidade ímpar para uma jovem da sua idade. Seu discurso o faz soar muito mais velho do que aparenta.

Não sei nem o que dizer. Fico petrificada com o que está prestes a acontecer. Claro que vou aceitar, não seria louca de recusar. Tenho que pensar na minha carreira. Nos meus objetivos. É a oportunidade da minha vida, devo agarrá-la com unhas e dentes!

Pela primeira vez, presto atenção em Fernando. Emanando poder e confiança, ele é muito charmoso. Se eu não estivesse tão interessada no meu cavaleiro de metal, ousaria dizer achá-lo muito bonito. Cabelos levemente grisalhos, olhos acinzentados, pele clara e estatura um pouco mais baixa em comparação ao Edu. Parece totalmente em forma dentro do seu terno de caimento perfeito. Um homem bem cuidado. Desperto dos meus pensamentos ao ouvi-lo dizer:

— Então, Nina, já tem uma resposta para mim? Precisa pensar?

— Pode contar comigo, Fernando. Obrigada pela oportunidade.

— Que bom! Fico feliz que tenha aceitado. Estamos entrando

na última semana de setembro, então no início de outubro faremos nossa mudança para o novo local de trabalho. Será aqui mesmo em Botafogo. Obviamente, você precisará se dividir entre o escritório, onde teremos nossas reuniões, e os locais de gravação dos programas, inclusive no exterior. Suas palavras prometem não apenas uma nova rotina, mas uma mudança completa em meu futuro. Vou lhe dar essa semana de folga para que você resolva tudo o que for necessário referente ao seu desligamento do jornal e à admissão na nova organização. Nós nos veremos na próxima segunda-feira, às oito, para nossa primeira reunião. Sou pontual. Qualquer coisa, envio um e-mail ou mensagem. Você receberá uma nova linha de telefone celular para uso no trabalho. Mantenha-o sempre ligado. A Vanessa cuidará dos aspectos burocráticos. Prepare-se, você vai trabalhar muito!

Estou sorrindo ao fim das orientações.

— Fernando, obrigada mais uma vez. É o máximo que consigo dizer.

— Não me agradeça, você fez por merecer. Até segunda.

Até.

Volto à minha mesa, termino as últimas tarefas e esvazio as gavetas. Despeço-me dos colegas mais próximos. Como nada é perfeito, fico sabendo que a Vanessa continuará como secretária do Fernando, o que significa que não vou me livrar deste encosto tão cedo. Nem sinal do Edu.

CAPÍTULO QUATRO – APENAS NOS CONHECENDO

Aproveito o restante da segunda-feira para resolver a burocracia envolvida na minha transição profissional. Vou ao Departamento de Pessoal, onde entrego a carta de demissão e a carteira de trabalho. Sigo até o médico e faço meu exame demissional. Na sexta-feira de manhã, devo assinar minha rescisão do jornal e o novo contrato de trabalho na emissora. Tenho os próximos três dias para organizar as minhas coisas, porque depois a rotina mudará drasticamente. Muito trabalho sem horário definido.

Estaria tudo perfeito, se não fosse o sumiço do Edu. Nem sinal dele. Nenhum telefonema ou mensagem. Talvez seja melhor assim, ainda estávamos nos conhecendo. A vida se encarregou de colocar nossa relação no seu devido lugar. Vou aproveitar essa oportunidade para focar nas minhas metas profissionais. Isso mesmo.

A quem estou querendo enganar? Já sinto sua falta. Onde ele deve estar? Por que não veio falar comigo? Essas perguntas sem respostas ficam dançando na minha mente. Prefiro não entender o que estou sentindo... Tenho medo da resposta. Não posso ter me apaixonado por Edu em tão pouco tempo. Isso é loucura!

Em casa, resolvo contar as boas novas para a minha mãe. Ligo para ela:

— Mãe?

— Oi, Nina. O que houve, filha, já saiu do trabalho?

— Já, mãe, estou ligando para contar uma novidade.

— É boa?

Ótima! Fui promovida!

Explico tudo a ela, que fica radiante e já quer organizar um

jantar para comemorar. Combino, então, para quinta-feira à noite. Ela avisará ao Marcelo. O Enzo está em Manaus essa semana e não poderá comparecer. Acabo sugerindo um restaurante, não quero dar trabalho. Meus pais quase não comem fora de casa, porque minha avó não gosta de “sabor de rua”, como costuma dizer. Insisto em jantarmos fora para mudar um pouco sua rotina. Ela topa. Minha mãe fica de convencer a vovó Dora.

— Ok então, mãe.

— Combinado filha, seu pai e sua avó vão adorar a novidade.

— Até quinta.

— Nina, espera... Estou achando sua voz um pouco triste...

— Claro que não, mãe! Que ideia! protesto logo.

— Tudo bem, foi uma impressão de mãe. Tem certeza de que você quer me contar só isso?

— O que mais eu teria a dizer, dona Angelina?

— Nada, só impressão minha. Não se fala mais nisso. Pronto. Até quinta.

— Até, mãe. Um beijo.

Desligo o telefone. Missão quase impossível esconder meus sentimentos da minha mãe. Dizem que as mães têm um sexto sentido que as fazem ver além do óbvio, e eu acho mesmo que é verdade. A minha sempre sabe quando algo me incomoda, quando estou alegre ou triste. Ela sabe ler as entrelinhas dos filhos e perceber se está tudo bem ou não.

Ainda estou inquieta. Preciso contar a novidade para mais alguém, então ligo para a Tati. Acho que, pela hora, ela já deve ter saído do trabalho.

— Oi, Nina. Ela atende logo.

— Oi, amiga. Tudo bem?

— Tudo. E aí? Vai contando que, para você me ligar assim, com certeza tem uma novidade quente...

— A novidade é profissional, Tati. Fui promovida.

E explico a ela também a natureza da minha promoção. Ela fica felicíssima por mim.

— Uhu, gata! Que arraso! Trabalhando na TV? Chiquérrimo! — diz, exagerando nos superlativos.

— Pois é. Arrasei, não é, amiga?

Rimos. De repente, Tati dispara sua metralhadora:

E o carinha com quem você estava saindo? Não é do trabalho? Como estão as coisas? Já fez o *test drive*?

— Calma, Tati, mil perguntas ao mesmo tempo. É a sua cara mesmo...

— Não enrola, Nina, e responde...

— Ok, amiga. Saí, fiz o melhor sexo da minha vida e estou louca por ele.

— Uau, que virada! Então, tudo perfeito. Melhor impossível.

— Não é bem assim, Tati. Ele será o novo chefe do jornal, e vou trabalhar na TV com o meu antigo chefe.

— E daí? Melhor ainda, assim vocês poderão ficar mais à vontade. Seria pior se você estivesse dormindo com ele na qualidade de chefe... Excitante, mas complicado.

— Aí é que está, Tati. Quando ele soube que o Fernando me convidaria para trabalhar na TV, ficou puto da vida. Ouvi, por acaso, a discussão dos dois. Edu não queria abrir mão do meu trabalho no jornal, então minha ficha caiu. Nós transamos, foi bom, mas ele não quer ter nada a mais comigo. Prefere não abrir mão da Nina profissional a apostar num possível relacionamento, que tem tudo para dar certo se não estivermos trabalhando juntos.

— Nina, você pode pedir ao seu chefe para colocar você no departamento de novelas, no novo emprego? Você tem uma mente muito fértil e viaja nas suas conclusões. Por acaso você se deu conta de que ele pode estar puto da vida porque outro cara a promoveu, vai levá-la para um trabalho novo, passar muito tempo ao seu lado e isso irá tirar dele um pouco do domínio da situação? Que mania você tem de ver as coisas pelo lado negativo!

— É, Tati, eu não tinha pensado sob esse ângulo. Mas, então, por que Edu sumiu desde que o vi discutindo com o Fernando pela manhã? Não veio nem saber qual seria a minha decisão, conversar comigo, nada. Simplesmente sumiu.

— Você já ligou para ele?

— Hum... Não. Nem vou ligar.

— Já ocorreu a você que ele pode estar esperando a sua iniciativa? Talvez ele queira ver se você vai conversar e comunicar sua decisão. Procure o Edu, amiga, isso é ridículo. Para de ficar imaginando o que pode ser, apenas faça acontecer, garota!

— Vou pensar nisso, amiga. Adoro falar com você. Obrigada pela força.

— Nina, vê se cresce e toma as rédeas da sua vida, tá bom?

Tudo bem, Tati. Valeu mesmo.

— Gata, não esquece. Sábado em Búzios. Aniversário do André. Você fica lá em casa, sozinha ou acompanhada.

— Tá bom, Tati, até sábado. Grande beijo.

— Outro. Cuide-se.

Falar com a Tati só fez confundir ainda mais as minhas ideias. Será que ela está certa? Fico com a pulga atrás da orelha e decido arriscar uma mensagem pelo celular. Digo “oi”, e ele nada. Percebo que a mensagem não foi lida. O celular deve estar desligado. Não sei onde Edu mora nem seu telefone convencional. Só me resta deixar para lá, tomar um banho e ir dormir. É o melhor que posso fazer.

Acordo cedo e dou um jeito na casa, organizo as roupas e rego minhas plantinhas. Coloco tudo em ordem. Vou precisar de alguém para me ajudar com os afazeres domésticos quando estiver no emprego novo, talvez uma diarista. Não darei conta de tudo quando precisar passar mais de doze horas trabalhando. Arrumar minha casa me transmite paz e certa sensação de segurança. Fico na minha zona de conforto. Sou dona do meu mundo. Ajuda a não pensar muito nos últimos acontecimentos.

Resolvo ir à academia. Um pouco de malhação e uma aula de ioga vão me fazer muito bem. Troco de roupa e vou caminhando. Foco na musculação. Malho até sentir meus músculos doloridos, depois subo para a aula de ioga que funciona no prédio da academia e entrego-me às práticas, sempre prestando atenção na respiração. Saio da aula totalmente “zen” e venho andando pela rua. Vou precisar arrumar um tempinho para os meus exercícios, afinal, fazem parte da minha vida. São um ponto de equilíbrio.

Sigo caminhando até a praia. Hoje o dia está quente e a orla não está cheia. Tiro meu tênis, a meia, o short e a camiseta. Fico apenas de biquíni. Deixo minhas coisas no quiosque da dona Antônia para dar um mergulho. A água está geladíssima quando caio no mar. Mesmo assim, permaneço imersa por alguns minutos. Que sensação maravilhosa de plenitude e liberdade. Muito boa. Saio da água, subo até o calçadão, resgato as minhas coisas e uso a camiseta para secar o excesso de água. Visto a roupa e compro uma água de coco para beber. Hoje estou melhor. Vivi sem o Edu até a semana passada. Transamos, foi ótimo, mas não passou disso. Tenho que me animar com os novos rumos que a minha vida está tomando. A terça-feira termina agradável. Fico feliz de verdade. Estou em paz finalmente, depois de dar o assunto por encerrado.

A quarta-feira também transcorre num clima de tranquilidade. Estou aproveitando o breve recesso para descansar. No fim da tarde, enquanto leio um romance, ouço o ronco das trovoadas no céu anunciando um pé d'água daqueles. As nuvens estão negras. Vem muita chuva por aí. Fecho o toldo da sacada, a janela do meu

quarto e a da área de serviço. A casa está limpa, não quero folhas e poeira entrando com o vendaval que se levanta. Na praça em frente ao meu prédio vejo o pessoal correndo para se abrigar. Agora, no final de setembro, o tempo esquentou muito rápido e traz um prenúncio de como será o próximo verão. Quando chega, a chuva já é esperada. Ela desaba, torrencial, forte. Não demora para um estrondo acontecer...

E fico sem luz! Que ótimo! O anoitecer foi antecipado pelo tempo fechado e agora falta energia. Que tédio! Lembrei que tenho uma luz de emergência no banheiro. Está carregada e ajuda a iluminar o apartamento minúsculo. Trago essa lâmpada para a sala e me aproximo da janela para ver o movimento. Acompanhar a chuva cair pode me entreter até a eletricidade voltar. Olho novamente para a praça e... Susto! Edu está lá, paralisado, completamente molhado e olhando para o meu apartamento. Abro a janela e grito:

— Edu!

— Oi, linda!

— Sai daí, sobe! Você vai ficar resfriado! Nossa, falei que nem a minha avó agora.

— Tudo bem, abre o portão do prédio!

— Vou descer. Estou sem luz!

Corro até o banheiro para pegar umas toalhas secas. Desço as escadas, abro o portão e dou de cara com aquele gigante moreno de olhos azuis. Lindo, molhado, cabelo desalinhado e incrivelmente sexy. Quase perco a respiração. Subimos em silêncio. Eu na frente, com a luz de emergência, e ele atrás de mim. Entramos no apartamento escuro. Ele não quer saber de nada quando me pega no colo e me encosta contra a parede. Envolvero sua cintura entre minhas pernas e começamos a nos beijar desesperadamente. Tropeçando nas coisas, ele me leva em seus braços para o meu quarto. Tento dizer algo, mas Edu não deixa:

— Agora não, preciso de você, linda. Suas palavras me alcançam num sussurro ofegante.

Continuamos na minha cama. Em segundos, estamos livres das nossas roupas. Sexo selvagem, quente, urgente e necessário, no escuro total. A única luz disponível vem da sala, onde largamos a bendita luz de emergência. Parece que o mundo vai acabar se não tomarmos posse um do outro. Ele mergulha mais fundo e desejo isso. O êxtase chega para nós dois quase ao mesmo tempo. Amoleço. Edu estremece enquanto diz umas bobagens no meu ouvido e ficamos em silêncio. Meu Deus, o que foi isso? Acho que o temporal trouxe um tornado para dentro da minha casa. Devastador. Não vai ficar pedra sobre pedra. A luz volta nesse instante. Tinha até me esquecido de que estava sem ela.

— Sou um babaca. Edu me abraça.

— Quer que eu concorde?

— Não sei o que está acontecendo comigo, Nina. Estou tendo reações completamente imprevisíveis. Fiquei louco de raiva quando o Fernando disse que a levaria embora do jornal.

— Eu ouvi a conversa de vocês.

— Quando?

— Após a reunião. O Fernando me chamou para fazer a proposta e, quando cheguei à sala dele, a porta estava entreaberta. Vocês dois estavam discutindo, não pude deixar de ouvir. Você saiu tão louco que passou por mim sem me ver ali. Depois fui à sua procura, mas não tive qualquer sinal seu... até hoje.

— O Fernando é um filho da mãe! Tirar você de mim assim... Ele não tinha me falado que pretendia fazer isso.

— Edu, nem mesmo nós sabemos onde isso vai parar. Pensa no lado positivo: vamos ficar mais à vontade se não trabalharmos juntos.

— Nina, na hora só me veio à mente a sua ausência. Não

raciocinei nem pesei a situação. Quero ver você a toda hora, conviver, trabalhar junto. Em pouco tempo o Fernando apresentará você a um mundo novo e não vai mais querer saber de mim... Sabemos que essa é uma possibilidade, mas não tenho o direito de exigir nada. Ainda não entendo qual a natureza do nosso relacionamento. É tudo tão recente.

— Edu, vamos continuar dessa forma: eu no novo trabalho, e você no jornal respondo. Vamos nos curtindo, nos conhecendo. Assim, do jeito que está.

Nossa, estou estranhando minha maturidade nessa conversa. Acho que estou seguindo os conselhos da Tati e tomando as rédeas da minha vida.

— Soube que você aceitou a proposta. Queria ouvir isso de você.

— Claro que sim, Edu, não poderia desperdiçar uma oportunidade como essa.

— Ok, Nina, você está coberta de razão diz com um suspiro. Tenho que segurar meus ímpetos de homem das cavernas. Preciso deixá-la ir, mesmo louco por você...

Ficamos abraçados no restante da noite, conversando sobre amenidades. Só nos levantamos para um banho e um lanche rápido. Acho que hoje demos um importante passo para definirmos nossa relação: nada de rótulos. Vamos apenas nos conhecer e responder a essa vontade enorme de ficarmos juntos. Por ora, isso basta.

Passamos a noite juntos. Acordo lá pelas sete da manhã e olho para o lado. Sinto falta dele. Estou sozinha na cama. Ouço o barulho do chuveiro e o cheiro de café me alcança. Sorrio. Ele ainda está aqui, não foi um sonho. Levanto-me e levo uma toalha limpa para Edu no banheiro. Sou puxada para dentro do chuveiro e fazemos tudo de novo. Sexo matinal. Tudo de bom. Estou me viciando...

Tomamos café juntos, e ele vai para casa a fim de trocar de roupa. Afinal, veio parar aqui ontem diretamente do trabalho. Não

pode aparecer no jornal com as mesmas vestes até porque ficou encharcado com o temporal. Nossa despedida foi entre beijos e carícias. Deixo-o ir, é o jeito.

Hoje é quinta-feira. Vou à academia e, depois, ao salão para retocar o tom mel nas madeixas e fazer as unhas. Termino próximo ao meio-dia e, após receber inúmeras mensagens instantâneas do Lucas no meu celular, resolvo encontrá-lo no shopping para um almoço. Vamos a um restaurante que serve saladas maravilhosas. Encontro-o à porta. Ele faz um alvoroço ao me ver e exclama do seu jeito exagerado:

— Nina, você está ótima! *Gatérrima!* E nos abraçamos carinhosamente.

— O que houve para você me deixar na pista sábado? Pensei que tivesse sido abduzida, gata!

— Fala sério, Lucas! Mandeí uma mensagem para você dizendo que não poderia encontrar o pessoal. Eu estava em Teresópolis disse em tom de confissão.

— O quê? Como assim, ir até lá sem mim? Pirou? Tem bofe nessa história!

Não preciso nem dizer que o Lucas é gay. Ele e seu namorado, Thales, são meus companheiros inseparáveis. Eu os adoro, estamos sempre saindo juntos para curtir. Desde que nos conhecemos, não nos largamos. Teresópolis era sempre um destino certo nos fins de semana, porque a família do Lucas possui uma casa lá. Só paramos com esses divertidos programas quando, na minha última ida há seis meses, flagrei meu ex-namorado Bruno com a Julia, nossa amiga, no maior amasso dentro da casa fato que culminou no término do meu relacionamento. Depois disso, ainda não tinha voltado à região. Conhecer o Edu acabou me fazendo voltar a Teresópolis involuntariamente.

Na verdade, eu não sabia que iria lá explico. Fui com um cara com quem estou saindo. Ele me levou de surpresa e, você não vai

acreditar, fui na garupa de sua moto!

— Choquei! Como assim? Tipo motociclista, com direito a casaco de couro e essas coisas?

— Bem assim.

— Que fetiche, gata!

Rimos. Lucas é uma figura.

— E o Thales? Cadê? pergunto.

— Viajando, Nina. Ele foi fotografar para a campanha natalina da Sands.

— Estou achando você meio “murchinho”. Quando é que ele volta?

— Amanhã, se tudo der certo. Estamos em crise, Nina.

— Poxa, Lucas, vocês estão juntos há quatro anos, até enfrentaram as famílias de ambos para conseguirem manter a relação. O que está havendo?

— Acho que ele tem outra pessoa...

— Acha ou tem certeza?

— Desconfio. Ele mudou muito ultimamente. Não me admira se aparecer com alguém. Ele não tem se esforçado para ficar comigo, está distante. A gente sempre sabe quando há algo diferente acontecendo...

— Você já tentou ter uma conversa com ele?

— Discutir o relacionamento, Nina? Ele detesta isso.

— É, mas vocês não podem ficar sem conversar. Isso pode virar uma bola de neve...

— Eu sei, eu sei. Vou tentar falar com ele.

— E as lojas, como estão indo?

— Muito bem, Nina. A linha nova de óculos que lançamos está

bombando! Para o verão, estamos com a expectativa de dobrar as vendas. Pelo menos uma notícia boa...

Ele continua querendo desviar o foco da vida dele para a minha:

— Mas fala de você, do motociclista...

Começo a contar tudo desde o início. Ele fica boquiaberto com a rapidez e a intensidade dos últimos acontecimentos.

— Estou bege, Nina! Sua vida mudou radicalmente nas últimas semanas e ainda vai mudar mais. Para melhor. Você merece.

— Obrigada, amigo. Anime-se, sua grife está um sucesso e, quanto ao relacionamento, tente o diálogo... Essa indefinição não vai fazer bem a você.

— Sei disso. Juro que vou chamá-lo para conversar assim que ele voltar de viagem.

Eu o abraço afetuosamente e pedimos a conta. O Lucas é uma pessoa especial para mim. Foi o primeiro amigo que fiz na faculdade. Tenho por ele o mesmo carinho que por um irmão, não gosto de vê-lo assim.

Thales também é alguém que gosto. Estava presente quando ambos se conheceram num evento de moda, na época da faculdade. Foi a primeira vez que Lucas me confessou se sentir atraído pelo mesmo sexo, embora eu já desconfiasse. Dei a eles muita força, incentivando-os a assumirem o relacionamento e a contar para as famílias.

Para o Thales foi mais fácil. Ele é órfão de pais e foi criado por uma tia, que nunca ligou para a sua vida. No início ela fez um drama, mas, quando o sobrinho começou a ganhar dinheiro, tratou logo de aceitá-lo. Apesar das dificuldades, Thales contou com a sorte de ter nascido um deus grego e, após muita luta, com a ajuda do Lucas, conseguiu fazer parte de uma boa agência de modelos que o catapultou ao sucesso. Sua imagem está estampada em várias campanhas publicitárias aqui e no exterior.

Para o Lucas, não foi nada fácil. Seus pais são muito tradicionais e ligados às aparências. Vivem sempre pensando no que os outros vão dizer. Agora não é justo que o Thales vire as costas para ele, só porque se deslumbrou com um mundo que não conhecia. Não sem antes esclarecer as coisas. É o mínimo que espero dele. Quero o melhor para os dois.

Após deixar meu amigo Lucas, volto para casa e começo a organizar minhas coisas. Hoje à noite é o jantar com os meus pais para comemorarmos minha promoção.

Quando encontro a minha família, o momento transcorre na maior tranquilidade. O meu irmão Marcelo e a minha cunhada Ana Clara também apareceram. Todos estão felizes por mim, e eu não poderia estar melhor. Explico mil vezes à minha avó que não vou me tornar repórter do jornal das oito. Ela fica um pouco decepcionada, achando que minha ida para a TV é um desperdício, já que só vou aparecer uma vez por semana. Minha família é o máximo. Sei que posso contar incondicionalmente com ela. Meus pais estão particularmente orgulhosos, porque a caçula está conquistando seu espaço com tão pouca idade.

O jantar termina por volta das onze da noite. Chego exausta, o dia foi cheio. Amanhã tenho a rescisão do jornal e assinatura do contrato com a emissora. Devo estar disponível às nove horas. Tomo um banho rápido e vou dormir, minhas “férias” estão acabando.

Antes de deitar, coloco o celular para carregar e vejo duas ligações perdidas do Edu. Meu coração se aquece. Já estou ficando dependente dele em tão pouco tempo. Sinto medo de estar indo com muita sede ao pote, depressa demais. Resolvo mandar uma mensagem:

Edu... Só vi agora suas chamadas.

Não escutei o telefone,

estava com a minha família.

Oi, linda, estou sentindo sua falta.

Seu jantar foi bom?

Ótimo.

Também estou sentindo a sua falta.

A gente se vê amanhã?

Sim, irei até o DP para a minha rescisão.

*Depois terei uma reunião na emissora
para assinar o novo contrato.*

Deixe-me adivinhar:

Fernando já providenciou tudo.

Sim, providenciou.

Podemos nos ver à noite?

Preciso ir a Búzios.

Tenho o aniversário de um amigo.

Amigo? Hum... Quem?

André, marido da minha amiga Tati.

Sou madrinha de casamento dos dois.

Quando você volta?

Domingo.

Ok, amanhã a gente se fala então.

Vou dormir, estou cansado.

Sonha comigo, linda...

Não precisa nem pedir...

Boa noite.

Boa noite.

Estranho o fato de ele não pedir para me acompanhar. Ele nem tentou. Se tivesse pedido para ir comigo, confesso, eu não sei se diria sim ou não. Ainda me confundo com as atitudes do Edu. Às vezes ele me surpreende, demonstra ter uma necessidade e uma urgência que me deixam sem reação. Outras vezes, ele exibe um autocontrole e uma frieza que me espantam. Parece não estar nem aí. Nunca sei o que vem depois de cada encontro, não conheço esse homem por quem estou me apaixonando...

Ai, meu Deus! Estou me apaixonando por ele! E o que é pior: acho que isso não vai acabar como num conto de fadas... Tenho essa intuição. Agora é tarde, literalmente.

Tento dormir, mas percebo que meu *status* no momento é: “em um relacionamento sério com a insônia”. Viro-me para um lado, para o outro, mexo no celular, acesso as redes sociais, e nada! São duas da manhã, preciso me levantar às seis e meia, e o sono não vem. Por fim, recorro a algumas práticas do ioga e começo a trabalhar minha respiração, mantendo ao fundo uma suave música indiana. Assim, acabo dormindo e até sonhando.

No meu sonho, Edu vem até a minha porta, chama por mim e, quando desço para encontrá-lo, vai embora. Tento ligar

desesperadamente para o seu celular, mas não acerto os números. De repente, um som alto me desperta. É o alarme. Como odeio os despertadores! Não entendo o conteúdo do meu sonho, mas não tenho tempo para interpretar agora.

CAPÍTULO CINCO – ESTOU FICANDO VICIADA

Corro para o banheiro e ligo o chuveiro. Preciso me arrumar. Hoje o dia está quente. Coloco uma saia lápis branca estampada em azul-marinho e uma camiseta leve de viscose vermelha. Completo o visual com um *blazer* branco de verão e sapatos em tom de couro com saltos médios. Prendo os cabelos, adiciono uns acessórios dourados, e pego minha bolsa de cor ouro-velho. A maquiagem suave esconde minhas olheiras de uma noite maldormida. Estou pronta. Capricho no *look*. É um dia especial. Uma transição importante na minha vida.

Chego ao jornal e encaminho-me direto para o Departamento de Pessoal, onde assino minha rescisão e recebo o comprovante de depósito dos acertos finais. Quando vou sair, sou surpreendida por uma jovem loira extremamente tímida que se apresenta como Bianca, a nova secretária do jornal. Está em treinamento.

— Dona Nina?

— Sim, sou eu.

Ela parece querer se certificar de que está falando com a pessoa certa.

— O doutor Carlos Eduardo a aguarda na sala dele. Pode me acompanhar?

— Claro, vamos lá.

Ela me conduz até a sala do Edu, que agora fica em outro andar. Meu coração dispara. Vou vê-lo. Minha presença é anunciada e posso entrar. Ele está com os olhos no computador, teclando rapidamente. Quando me vê, agradece à Bianca e a libera, pedindo que feche a porta.

— Oi, linda. Não podia deixar de vê-la agora de manhã, sabendo que você estava tão pertinho de mim...

— Sabia que você fica muito sexy nesse papel de executivo? — provoco.

— Estou com vontade de fazer a estreia da minha nova mesa, Nina. Estou quase perdendo a cabeça e devorando você aqui mesmo, em cima dela.

Com essa simples observação, já estou completamente excitada e o deixaria fazer isso comigo, se me faltasse um pouco mais de juízo... Felizmente, não é o caso. Poderíamos ser vistos. E ambos estaríamos destruídos profissionalmente.

Tento me recompor e digo:

— Já fiz a minha rescisão, agora tenho que ir o mais breve possível. Estão me esperando no escritório da emissora.

— A que horas passo para buscar você?

— Como assim?

— Na sua casa. Não vamos a Búzios?

Congelo, não sei o que dizer. Qualquer coisa que eu disser vai me fazer parecer grossa, porque não estou contando com a presença dele na viagem, embora esteja muito animada com essa possibilidade. Preciso ter o maior cuidado com o que vou responder.

— Edu, tem certeza de que quer me acompanhar?

— Sei que você não me convidou diretamente, mas, se estamos juntos e você verá amigos em Búzios, pensei que o convite estivesse implícito. Algum problema em me levar?

— Claro que não, Edu. Fico feliz que você queira ir comigo. Pronto para enfrentar a metralhadora Tati? Ela vai querer saber todos os detalhes do nosso relacionamento. Prepare-se...

— Nina, vou com você a qualquer lugar e enfrento qualquer coisa. — Ele beija meu pescoço, provocando-me aquela onda de calor tão familiar.

— Então pode me buscar lá pelas sete da noite. Estarei pronta.

— Só para você saber, não iremos de moto. O tempo vai mudar. Não gosto de pilotar na chuva, sobretudo sabendo que essa é uma forte possibilidade hoje.

Despeço-me dele com um beijo leve nos lábios. Dirijo-me ao meu compromisso profissional, que leva o dia todo. Hoje conheci minha sala, a rotina de trabalho e o pessoal da equipe. Aproveitamos para definir a pauta do primeiro programa, que estreia no final de janeiro, o que significa que só teremos três meses para aprontar os primeiros programas da série.

Chego às seis da tarde, então corro para tomar um banho e arrumar as minhas coisas. Levo uma pequena mala de mão com dois biquínis, uma saída de praia, uma *legging*, um short, duas blusas, um par de chinelos, além de um vestido e sandálias para usar na festa do André. Acrescento alguns acessórios e produtos de higiene e beleza, sem esquecer as *lingeries* novas que comprei. Não sou de exagerar nas malas quando viajo, levo apenas o essencial, contrariando a natureza feminina.

Para viajar resolvo apostar num jeans, com uma pretinha básica e um par de sapatilhas de cor neutra. Levo nas mãos um *blazer* versátil para o caso de o tempo realmente mudar. Pronto, já estou à espera do meu cavaleiro de metal. O interfone toca. Olho pela janela. Ele parou o carro na frente do prédio e acena para mim.

— Estou descendo!

— Oi, linda, não precisa de ajuda com a mala?

— Não, só estou levando uma pequena mala de mão — digo.

— Nesse caso, estou esperando. — Sorri divertido.

Desço as escadas com facilidade. A pequena mala está leve e fácil de carregar. Ao me ver, ele nem acredita que estou levando tão pouco.

— Você é perfeita demais! Qualquer outra mulher no seu lugar

estaria arrastando uma daquelas malas de rodinhas. Ele ri.

— Estou trazendo o essencial. São só dois dias. Dou de ombros, bem-humorada.

Como um perfeito cavalheiro, ele guarda minha pequena bagagem no porta-malas e abre a porta para que eu me acomode. Após afivelar nossos cintos de segurança, ele dá a partida. Não sou muito impressionável, mas não deixo de notar que o carro dele, tipo SUV, é de um modelo muito caro. Apesar de saber que Edu é bem-sucedido, percebo que seu padrão de vida não condiz com o de um jornalista, ainda que seu salário seja muito alto no cargo que ocupa. Guardo a observação para mim.

— Você deve estar se perguntando como um jornalista possui variados bens acima da média diz, parecendo ler meus pensamentos como sempre. Não está?

— Edu, isso não faz diferença para mim. Com certeza há uma razão para que sua vida seja como é.

Como lhe disse, sou de uma tradicional família mineira e meu avô, com remorsos por não ter apoiado minha mãe na separação do meu pai, deixou para nós dois todas as suas propriedades e dinheiro quando faleceu. Investi minha parte na criação de gado e na indústria frigorífica com meu pai, desde que fosse ele a administrar os negócios. Minha vocação é na área jornalística. Não entendo de gado, carne, frigorífico, nada desse universo me pertence.

Pegamos um trânsito enlouquecedor na Ponte Rio-Niterói e em São Gonçalo. Até entrarmos na Via Lagos, levamos duas horas e meia. Chegamos a Búzios às onze da noite. Passamos a viagem conversando e curtindo a companhia um do outro. Penso na reação da minha amiga Tati e um frio me percorre a alma. Como será que ela vai reagir? Fico apreensiva, mas sei que minha amiga me dará toda a força do mundo se notar que eu estou feliz.

Estacionamos na frente da casa e desço do carro primeiro.

Nem espero Edu abrir a porta para mim. Ele vai direto ao portamalas, pega nossas coisas e subimos as escadas. Tati e André estão à nossa espera na varanda.

A casa tem uma vista espetacular para a praia de João Fernandes. Adoro este lugar. Quando me vê, Tati vem ao meu encontro e logo avista o Edu. Percebo que ela fica espantada, mas não deixa transparecer.

— Nina, já estava preocupada, amiga! Não viu as mensagens que enviei ao seu celular?

— Desculpa, não mexi nele nessas últimas horas.

— Imagino por que não diz com sarcasmo e me dá uma piscadinha.

Antes que o clima fique estranho, trato de fazer as apresentações.

— Tati, André, esse é o Edu.

— Prazer, Edu, seja bem-vindo! Fique totalmente à vontade. Se você veio com a Nina, já é nosso amigo recepciona André.

— Obrigado. Vocês têm uma casa linda. A vista deve ser deslumbrante.

— É sim, o pôr do sol é incrível. Espera só para ver, Edu. André sempre foi muito carismático. Vamos entrando. Quer deixar as coisas de vocês no quarto?

— Gostaria sim, André. Obrigado.

— Vamos lá! Com licença, meninas, vamos deixar a bagagem no quarto de visitas. Divirtam-se, mas não saiam daí.

Com isso, meu amigo André, de maneira muito amável, conduz o Edu até o quarto. Vejo que os dois sentiram uma simpatia mútua, pois vão conversando sobre a viagem e o trânsito como se fossem velhos amigos. Quando ficamos sozinhas na sala, Tati não perde tempo e quase me ataca:

— Nina, vai contando tudo! Onde é que você conseguiu esse galã de novela das nove? Que babado!

— No trabalho, Tati, já contei tudo. Não exagera.

— Mas não contou que era um bonitão. Que *upgrade* do Bruno para esse, hein, amiga?!

— Tati, não deu tempo para avisar que ele vinha. Estou morrendo de vergonha. O homem praticamente se enfiou no meio da minha bagagem... Nem imaginava que ele fosse querer me acompanhar. Minha ficha ainda não caiu — digo baixinho, quase num sussurro, com medo de ele chegar e escutar.

— Falei que você estava intimada a vir sozinha ou acompanhada, lembra?

— Lembro.

— Então relaxa, estou feliz que você tenha arrumado alguém. Espero que dê tudo certo.

Os homens voltam, então André nos convida a tomar um vinho na varanda, apreciando a vista. Aceitamos e conversamos, rimos, bebemos, como se todos já nos conhecêssemos há muitos anos. Percebo que o Edu agrada em cheio aos meus amigos. Estamos apenas nós quatro na casa, os outros convidados chegarão amanhã. A festa será no restaurante de um amigo do André, outro *chef de cuisine* como ele. Promessa de boa comida, bom papo e ótimo vinho.

À uma da manhã, resolvemos nos despedir e ir para o nosso quarto. Apesar de pequeno, há uma cama de casal maravilhosa com lençóis extremamente limpos e cheirosos, além de a janela nos oferecer uma vista privilegiada. Acompanhada de um homem dos sonhos em um lugar como esse, o que mais eu posso querer? Sei a resposta com exatidão e, quando Edu fecha a porta atrás de si, vou tomar posse daquilo que desejo.

Ele me pega nos braços e me leva para a cama, tira minha roupa, desfaz meu rabo de cavalo e começa a me beijar. Sinto sua respiração, seu hálito, sua pele e, quando dou por mim, estamos

completamente entregues um ao outro, fazendo o melhor e mais gostoso sexo do mundo. Indecente, quente e despidoroso. Se o mundo acabasse agora, estaria plena e feliz. Adormecemos nos braços um do outro, completamente nus e enrolados nos lençóis. Nem deu tempo de estrear minha *lingerie* nova.

De manhã, abro os olhos e custo um pouco a lembrar onde estou. Não sei se foi o vinho ou o sexo envolvente, mas perdi a noção do local e do tempo. Confiro o relógio do celular. Nove e meia. Não pega muito bem acordar tarde na casa dos nossos anfitriões. Por sorte, o lugar parece silencioso. Acho que nossos amigos também não acordaram.

Desperto o meu lindo e fazemos tudo de novo. Só ficamos prontos às dez e quinze. Saímos do quarto e encontramos André preparando um café da manhã maravilhoso para nós. Dona Elvira, a caseira, ajuda colocando a mesa e dando suporte ao nosso amigo na cozinha. Tati ainda não se levantou.

— Bom dia, Nina e Edu, vamos tomar um café? Fiz *waffles* com geleia caseira. A Tati já está vindo.

— André, isso é golpe baixo, vou engordar demais digo ao meu amigo.

— As mulheres e a obsessão pela magreza! O que você acha disso, Edu?

— Pura paranoia, ela está linda e ainda assim vive na academia. Uma mulher precisa de curvas. Não gosto das modelos esguias que parecem prestes a partir ao meio.

Eles riem com cumplicidade. Fui vencida, não reclamo mais. Nesse momento, Tati chega com seu bom humor e sua alegria contagiantes.

— Bom dia, amigos! O dia está nublado, mas lindo. — E pulando no pescoço do marido, sem parar de beijá-lo, diz: — Parabéns, meu amor, muitos e muitos anos de vida! Mais tarde lhe dou seu presente.

Nesse momento percebo que não parabenizei o meu amigo André pelo aniversário, razão pela qual estamos em Búzios. Fico mortificada.

— Deus do céu, André, que furo! Tão desligada que sou, quase me esqueço de lhe dar os parabéns! Tudo de bom para você, muita saúde, paz e sonhos realizados! Edu e eu o abraçamos com mais alguns votos sinceros.

Sentamos todos à mesa para o café da manhã. O dia transcorre entre conversas animadas na varanda e amigos do casal a visitá-lo. Além de nós, ninguém ficou hospedado na casa.

A noite chega e vamos para o quarto nos arrumar. Não deixo Edu me ver até que eu esteja pronta. Coloco um vestido cinza metálico de modelo frente única. O tecido de seda, na altura dos joelhos, é ajustado na cintura com uma saia levemente godê. Sandálias pretas e acessórios de pedraria na mesma cor finalizam o *look*. Capricho na *make* e prendo os cabelos num coque casual. Duas gotinhas de perfume e pronto. Abro a porta do banheiro. Edu fica admirado quando me vê.

Você está linda! Desse jeito vamos ter que arrumar uma desculpa para não sair do quarto.

— Você também está muito gato, Edu elogio. Ele está mesmo incrível com um jeans escuro e uma camisa social branca, mantendo as mangas dobradas. Um casual chique.

Ele me conduz gentilmente para fora do quarto e entramos no carro para ir ao restaurante, que foi parcialmente fechado para a festa do André. Nossos amigos foram mais cedo, a fim de receber os convidados.

A festa rola no andar superior do estabelecimento, com uma bela vista para o mar, na Rua das Pedras. Encontro várias pessoas conhecidas e apresento Edu a algumas delas. Noto uma mulher loira, com um vestido preto muito justo, quase embalada a vácuo, não desviar a atenção de nós. Aonde vamos, ela nos segue com o

olhar. Estou incomodada com a sua presença. No momento em que o Edu vai buscar mais drinques no bar, eu me aproximo da minha amiga Tati e discretamente pergunto quem é a loira misteriosa. Quando vou mostrá-la, vejo que ela não está mais por perto. Fico com cara de paisagem. Ainda assim, pela descrição, minha amiga diz que ela veio com uma amiga do André e logo quer saber o porquê da minha curiosidade. Disfarço e respondo que a loira se parece com alguém que conheço, mudando o foco da conversa.

Quinze minutos se passam, e nada do Edu. Resolvo procurar por ele. Quando chego perto do bar, vejo uma cena que me deixa enlouquecida de raiva. A loira está ao lado do Edu, segurando seu braço e falando algo com ímpeto. Eu me aproximo, mas fico atrás de uma parede que me mantém fora do ângulo de visão deles. Consigo ouvir apenas a última parte da conversa:

— Eu mesma vou me encarregar de contar diz ela.

— Faça o que quiser, o problema é seu. Não vou interferir na sua decisão. Agora me dê licença.

Ele se desvencilha, deixa a loira sozinha e abre caminho entre as pessoas. Vejo que está me procurando com o olhar. Tenho vontade de ir falar com essa mulher e perguntar de onde o conhece, mas não faço nada disso. Volto ao lugar onde estava e me aproximo dele, que traz dois drinques nas mãos.

— Onde você estava? pergunto, sem conseguir me conter.

— Fui buscar esses drinques. Demorei?

— Bastante. Já estava achando que você tinha sido sequestrado ou algo parecido.

— Quase isso. Encontrei uma pessoa conhecida, e ela me deteve. Não conseguia escapar. Agora sou todo seu. — Ele me beija.

Sinto alívio. Se ele me contou isso, é sinal de que não tem nada a esconder. Resolvo deixar para lá. Na nossa profissão conhecemos muita gente. É raro irmos a qualquer lugar onde não encontramos alguém conhecido.

A noite foi incrível. Muita gente bonita, comida maravilhosa e música da melhor qualidade. Lá pelas duas da manhã decidimos voltar para casa, deixando a festa ainda bombando. Despedimo-nos da Tati e do André, que nos dão uma chave sobressalente do imóvel.

Entramos no quarto. Mal fechamos a porta quando ele me abraça, beija minha nuca e diz no meu ouvido:

— Você está linda com esse vestido, mas não vejo a hora de deixá-la sem ele...

— Então deixa...

Ele abre a parte de cima da frente única, o fecho da parte inferior e deixa a seda do vestido deslizar pelo meu corpo. Estou sem sutiã. Quando vê meus seios nus e a calcinha de renda preta, ele fica louco. Vamos para a cama, onde Edu começa a me beijar e acariciar. Dessa vez foi um sexo tranquilo, sem urgência, como se não houvesse amanhã, mas não menos incrível do que nas anteriores. Dormimos de conchinha. Meu mundo não poderia estar mais completo. Estou mesmo me apaixonando por ele.

Acordamos às onze no domingo nublado. Nossos anfitriões ainda dormem quando nos levantamos e encontramos dona Elvira fazendo o café da manhã. Ela nos convida a sentar e avisa:

— Dona Nina, tenho ordens para servir a vocês o café da manhã. Dona Tati já deixou tudo combinado comigo. Eles vão acordar mais tarde.

— Obrigada. Vamos tomar o café e sair para dar uma caminhada, assim não fazemos barulho e eles podem descansar.

Muito cordial, ela nos serve o café e não me deixa sequer ajudá-la a tirar os nossos pratos da mesa. Saímos para caminhar e correr um pouco. Na volta, um pouco antes de chegarmos a casa, somos surpreendidos por uma chuva torrencial. Subimos correndo as escadas e encontramos André e Tati, que acabam de acordar.

Ficamos o resto do dia conversando, almoçamos por volta das quatro da tarde e decidimos pegar a estrada, aproveitando que o

clima estiou. Agradecemos a maravilhosa hospitalidade, prometendo vê-los em breve. O casal nos leva até o carro, onde nos despedimos. Enquanto os homens trocam algumas palavras, Tati não perde a oportunidade de sussurrar:

— Gostei dele, amiga. Você está feliz, e com a pele ótima...

Rimos do seu comentário. Minha amiga é terrível mesmo.

A viagem foi ótima. Conversamos muito e ficamos ainda mais próximos. Amanhã começo uma nova etapa na minha vida. Não sei como vou conciliar o trabalho intenso, o meu lance com o Edu, a casa e a família. Tenho que me desdobrar em mil para dar conta de tudo, mas estou feliz com as minhas últimas semanas. Fico pensando em como a vida da gente pode mudar tanto de uma hora para outra.

Chegamos, e o Edu faz questão de levar a minha bagagem para o apartamento com segundas e terceiras intenções. Ele passa a noite comigo. Não precisa ser sábio para adivinhar o que aconteceu até a meia-noite. Mais e mais sexo da melhor qualidade. Estou ficando viciada...

CAPÍTULO SEIS – AGORA É TARDE

Levanto-me às seis da manhã na segunda-feira e corro para o meu primeiro dia no novo emprego. Edu acorda comigo e vai logo para casa, a fim de trocar de roupa. Com muito esforço, organizo o que preciso e consigo entrar no prédio da emissora às oito.

Tenho uma manhã intensa, conhecendo pessoas, revendo antigos colegas, repassando a pauta do primeiro programa que irá ao ar e pesquisando sobre o tema, que será relacionado à quantidade de brasileiros viajando ao exterior.

No meio da tarde, a fofa, cafona como sempre, vem toda simpática até minha mesa.

— Nina, o doutor Fernando pediu para avisar que vocês têm uma reunião em dez minutos diz com aquela voz enjoativa.

De tão atarefada, estava a ponto de esquecer que havia marcado este compromisso com meu superior.

— Ok, Vanessa, estarei lá. Obrigada.

Ela sai toda empinada puxando aquela saia justa, dessa vez na versão oncinha. Infelizmente, tenho que engolir essa mulher.

Pontualmente, peço licença para entrar na sala do Fernando. Recebo um sinal dele para me sentar na pequena área de estar, onde há duas poltronas e um sofá de couro preto, além de uma mesa de centro em vidro e inox. Tudo muito elegante.

Fico observando seu deslocamento pela sala ampla. Ele caminha em minha direção e se senta ao meu lado. Está muito bonito de camisa rosa-claro e terno grafite, com a gravata combinando. Os cabelos ligeiramente grisalhos emolduram o rosto de traços muito masculinos, realçados pelos olhos acinzentados, quase verdes. Apesar de não ser tão alto quanto Edu, sua presença é marcante e exibe um corpo muito bem trabalhado, deixando a impressão de uma musculatura perfeita sob a roupa

impecavelmente asseada. Um belo exemplar da espécie masculina, penso, logo ficando levemente corada ao sentir minhas faces aquecerem. Saio dos meus loucos pensamentos e dirijo a ele um sorriso tímido. Se soubesse a análise que fiz nos últimos segundos... Estou ficando boa nisso.

Ele parece divertido com minha distração, quase vejo um leve erguer de lábios. Como sempre, é muito profissional e direto:

— Nina, você viaja semana que vem ao exterior, assim que os detalhes da produção tiverem sido concluídos. Acompanhará a equipe e irá gravar os primeiros programas. Vamos passar duas semanas fora.

Essa é uma novidade para a qual eu não estava preparada. Não sabia que ele iria também. Fico petrificada. Não consigo dizer nada.

— Você deve estar se perguntando o que eu vou fazer por lá, já que minha presença, em tese, é dispensável diz ele, perspicaz. Estou indo aos Estados Unidos, mais precisamente a Nova York, para tratar de interesses futuros da emissora. Iremos juntos até Miami. De lá, você seguirá até Orlando para gravar nos parques temáticos e outros locais. Na segunda semana da viagem, você irá a Lisboa e depois a Paris, onde cobrirá eventos de música e moda que serão pauta nos próximos programas. Eu deveria voltar de Nova York, entretanto irei ao encontro de vocês para acompanhar de perto as primeiras gravações. Terei uns dias livre e poderei fazer isso. Achei que seria muito produtivo conciliar trabalho e lazer — explica. — Isso é tudo, Nina. Alguma pergunta?

— Nenhuma, entendi o itinerário. — Tento soar profissional e natural. Meu Deus! Parece um sonho ir a todos esses lugares. Viagem ao exterior só fiz ao Paraguai e à Argentina, além de uma ida clássica a Orlando quando completei quinze anos, mas Lisboa e Paris são sonhos de consumo para mim.

— A Vanessa cuidará das passagens, hospedagens e outros detalhes. Como está seu visto para os Estados Unidos?

— Por sorte, renovei o visto no ano passado. Pretendia ir aos Estados Unidos para visitar uma amiga, que está morando na Califórnia.

— Ótimo, Nina. Você deverá reunir-se com alguns membros da equipe para ajustar os detalhes finais. As filmagens serão feitas por produtoras locais. Amanhã, finalmente, irá conhecer a dupla de jornalistas apresentadores do programa. Já esteve com Amália Galdino e Luciano Riviera?

— Não, só os vi uma vez durante uma premiação na qual estive presente. Trabalhar com eles é uma grande honra — respondo, tentando não deixar transparecer um tom de tietagem em minha voz.

— Ótimo, Nina, você vai gostar muito de trabalhar com eles. Vá se acostumando, sua carreira está prestes a decolar e você irá conviver com pessoas que sempre admirou de longe. Isso será uma rotina. — Dizendo isso, ele dá por encerrada nossa reunião. Despeço-me e volto para a minha sala.

Sinto-me a mulher mais sortuda do mundo. Há poucos dias estava num entediante jornal sensacionalista de notícias policiais e urbanas, e hoje estou em uma emissora de TV, trabalhando com antigos ídolos e viajando pelo mundo. O que eu fiz para merecer isso? Por que comigo? Não sou muito jovem para ter uma ascensão profissional como essa? São perguntas que não querem calar, com tantos jornalistas mais experientes e talentosos...

Como sempre, minha mente traiçoeira não para de especular e parece que nunca permite que eu seja feliz sem um “senão” para atrapalhar. Não sei por que isso tudo está acontecendo comigo, mas está. Tenho trabalhado duro para chegar até aqui, e não deixarei que nada nem ninguém venha estragar meu momento. Nem mesmo eu posso fazer isso. Vou aproveitar a oportunidade, agarrá-la com unhas e dentes, e provar que ter sido escolhida não foi um mero golpe de sorte.

De repente, dou-me conta de que o Edu não vai gostar nada

disso. Uma viagem de duas semanas logo agora será algo complicadíssimo de administrar com o Senhor Imprevisível. Ele vai ter que aceitar, é o meu trabalho. Não adianta nem discutirmos isso. Vou apenas comunicar e, para fazê-lo, devo providenciar um momento propício.

Saio do trabalho às sete. Estive tão ocupada que nem notei as vinte e duas mensagens que Edu deixou no meu celular. Decido ligar ao invés de retornar suas mensagens.

— Oi, linda, está viva? Ele atende de primeira. Pensei que tivesse acontecido algo...

— Oi, Edu, estou vivíssima e com saudades. Nada aconteceu. Só tive um dia muito cheio. E o seu?

— Muito trabalho também, mas nada que me impedisse de pensar em você e procurá-la o dia todo diz num tom acusatório.

— Eu sei, meu anjo, foi meu primeiro dia e tive muitas coisas a resolver respondo de forma melosa.

Continuamos falando por alguns instantes sobre o nosso dia de trabalho e, quando entro no metrô, aviso:

Edu, acabo de embarcar no metrô, provavelmente a ligação será interrompida. A gente se vê amanhã?

— Hoje.

— Tenho que ir à academia e organizar minha casa. Amanhã.

— Hoje.

Homem teimoso.

— Amanhã, Edu. É sério.

Não o vejo do outro lado da linha, mas sei exatamente a expressão que ele está fazendo. Franze a testa e eleva as sobrancelhas. Ainda assim, consegue ficar maravilhoso.

— Tudo bem. Mulher irritante. Amanhã você vai dormir

comigo, na minha casa decreta.

Só me resta concordar. Minhas forças estão quase no fim.

— Tudo bem, a gente se vê amanhã.

Entro em casa e saio minutos depois, já pronta para ir à academia. Faço um pouco de musculação e, por fim, consigo pegar a última aula de ioga. Na volta, dou uma geral na casa e tomo um banho. Onze da noite. O sono não vem, apesar das meditações e dos relaxamentos.

Penso que deveria ter ligado para a minha mãe. Se passar mais um dia sem me comunicar com ela, o BOPE provavelmente vai aparecer por aqui. Farei isso amanhã sem falta. Não nos vimos no final de semana passado. Ela entende que agora minha vida e meu ritmo de trabalho deixarão pouco tempo para estar com a família. Sei que todos compreenderão esta minha nova fase. Quem não vai compreender, nesse momento, é o Edu. Ele vai odiar a minha viagem da próxima semana, esse é o verdadeiro motivo da minha insônia. Será uma briga contar a ele que vou passar tantos dias fora, e alguns deles na companhia do Fernando.

Depois de rolar na cama por quase duas horas, vencida pelo cansaço, finalmente consigo dormir. Parece que só tive uns quinze minutos de sono quando o despertador, como sempre, parecendo não se importar com meu estado de sonolência, grita insistente: “Seis e meia! Seis e meia!”.

Levanto-me com a cabeça girando, exausta, e vou ao banheiro. Minha aparência está péssima. Tenho olheiras e uma cara de morta-viva. Entro no banho, deixo a água cair na minha cabeça. Já me sinto melhor. Seco os cabelos, escolho uma roupa elegante e discreta: calça preta e camisa social combinando. Coloco meus sapatos de cor ouro-velho, de salto grosso, contrastando um pouco com a seriedade da roupa. Escolho os acessórios certos. Aplico maquiagem para esconder o cansaço do rosto e, aos poucos, vou gostando da minha imagem no espelho. Apresso-me em tomar o café da manhã e saio para o metrô lotado. Ainda acho que é o

melhor meio de transporte até o trabalho. Em quinze minutos, chego à emissora.

Passo as primeiras horas da manhã participando de reuniões e, lá pelas onze, a fofa me avisa que o Fernando me espera para um almoço. Conhecerei, então, os apresentadores do programa no qual estou trabalhando: Amália Galdino e Luciano Riviera. Fico muito feliz com a notícia. Antes de sair, vou até o banheiro para retocar a maquiagem. Um carro virá me buscar ao meio-dia.

Meu celular vibra e vejo que recebi mensagem do Senhor Imprevisível.

Oi, linda.

Oi...

Não aguento mais.

Quero ver você... Agora.

Vamos almoçar?

Não posso, meu anjo.

Terei um almoço de trabalho.

Não acredito. Envia uma carinha triste.

À noite vamos ficar juntos.

Não vejo a hora.

Tudo bem. Cuide-se.

Ok. Bjs.

Sei que Edu ficou decepcionado, mas não tenho tempo para pensar nisso agora. As coisas entre nós estão caminhando muito rápido e não sei se gosto disso. Muitas mudanças para uma fase só. Finalmente o carro chega, com direito a motorista, e vamos a um restaurante num lugar reservado da cidade, com uma vista incrível para o Cristo Redentor e a Baía de Guanabara. Um sonho.

Por incrível que pareça, estou nervosa para conhecer meus ídolos que agora serão meus colegas de trabalho. Pessoas que eu só via pela televisão. O Fernando nos apresenta, os dois são pessoas extremamente cordiais e simpáticas.

Amália Galdino é uma mulher extraordinária, na casa dos quarenta anos, admirável, linda, cheia de energia, além de muito simples. Luciano Riviera é um tremendo galanteador. Muito simpático. Adoro ambos de cara.

Durante nossa reunião, que mais parece um almoço entre velhos amigos, fico sabendo que não viajarão conosco, já que as matérias externas serão feitas por mim. O trabalho deles é conduzir a apresentação do programa de dentro dos estúdios.

A tarde passa, já são quase quatro horas, e devo voltar ao trabalho. Não que não esteja trabalhando agora. Estou amando o contato com essas pessoas, faz me sentir produtiva e muito criativa. Não poderia estar mais feliz, sou muito grata por essa chance. Quando percebo que a conversa profissional foi concluída, lembro ao grupo que preciso retornar à emissora.

— Nina, fica tranquila, daqui você poderá ir para casa diz Fernando. Já avisei à Vanessa que não voltaremos mais hoje. Você trabalhou adequadamente de manhã e organizou tudo o que precisava. Nosso horário é flexível. Às vezes precisamos ficar até muito tarde. Outras, nem precisamos estar presentes. Podemos trabalhar de casa ou de outro lugar.

— Obrigada, Fernando. Estou me acostumando ao novo ritmo. Vou embora então, agradeço o almoço e a companhia de todos. Amália, Luciano, amei conhecer vocês! Será maravilhosa a

experiência e o tempo que passaremos juntos.

— Tenho certeza disso, Nina concorda Amália, sorridente.

— O prazer foi meu, Nina. Vai ser incrível diz Luciano.

— Espere um momento, que também estou indo. Levo você de volta, Nina — anuncia Fernando. — Afinal, você está sem carro e não passa táxi nessa região facilmente.

— Não precisa, Fernando, fique um pouco mais. Eu vou aproveitar para resolver alguns problemas particulares.

— Faço questão, Nina. Eu preciso mesmo ir. Dizendo isso, paga a conta e deixamos Amália e Luciano conversando animadamente. Ambos vão permanecer mais um pouco.

Não tem como a situação ficar mais embaraçosa. Se o Edu souber que estou andando por aí com Fernando, não quero nem pensar. No carro, conversamos sobre amenidades e, em determinado momento, sinto o olhar avaliador dele sobre mim. Fico com as bochechas quentes. Ele tem esse dom, sempre me deixa desconcertada. Inquisitivo, intimidador. Ele sabe ser o chefe.

Quando estamos próximos a uma estação do metrô, peço para que o motorista me deixe e agradeço ao Fernando pela gentileza. Amanhã teremos uma reunião às nove. Despeço-me dele e desço do carro. Ele se despede de mim com dois beijinhos, diferente do aperto de mão de sempre. É natural que o trabalho nos traga mais informalidade, mais proximidade. Nossa convivência era esporádica, agora é direta e diária. Tento me acostumar.

Aproveito o resto da tarde para ir ao mercado, arrumar minha casa e colocar as roupas na máquina. Tomo coragem e ligo para minha mãe. Tenho que enfrentar a inquisição da dona Angelina em algum momento, melhor que seja agora.

— Mãe?

— Nina? Filha, que saudade! Vários dias sem falar com você. Como foi em Búzios?

— Tudo ótimo, mãe, a Tati e o André estão muito felizes. Foi um final de semana incrível!

— Você foi dirigindo sozinha? Fiquei preocupada.

A pergunta que eu tanto temia. Terei que dar explicações. Não estou nem um pouco a fim.

— Não, mãe, na verdade fui de carona minto. Bem, tecnicamente não é uma mentira.

— Carona? Com quem?

— Um amigo, mãe. Fui com um amigo.

— Amigo da Tati? Ou do André?

Meu Deus, a inquisição da minha mãe não conhece limites.

— Amigo meu, mãe. É um cara com quem estou saindo. Não estou pronta para falar dele ainda, não temos nada sério.

Acabo contando a verdade, não adianta esconder nada dela. Além do mais, do jeito que as coisas estão caminhando com o Edu, ela vai acabar sabendo mesmo. Minha família torce pelo Bruno, pois não lhe disse que o peguei transando com outra. Não tive coragem. Só o Marcelo sabe da história completa, então os demais continuam idealizando que o Bruno seja o companheiro certo para mim. Não saí nem apresentei ninguém depois que terminamos. Está fazendo sete meses. A hora é agora.

— Querida, pena que não seja o Bruno, mas quero que você seja feliz. Onde se conheceram?

— No trabalho, mãe.

— No novo trabalho?

— No antigo. Podemos falar disso outra hora, mãe? Ainda é cedo para conversar sobre ele. Se tudo der certo, um dia vocês o conhecerão.

— Tudo bem, querida. Vou respeitar seu momento. A

propósito, como está na emissora?

— Muito bom. Você não vai acreditar com quem almocei hoje: Amália Galdino e Luciano Riviera.

— Não acredito, Nina! Pediu um autógrafo?

— Claro que não! Trabalharemos juntos quase que diariamente, como é que vou dar uma de tiete, mãe?

Rimos. É claro que ela está brincando. Minha mãe nunca foi dada a histerias e tietagem.

— Tem mais mãe: vou viajar para os Estados Unidos e a Europa semana que vem, a trabalho, para gravar os primeiros programas! conto, animadíssima.

— Filha, que maravilha! Vamos comemorar seu sucesso. Não poderia estar mais feliz. Almoça com a gente no domingo?

— Por enquanto está confirmado, mãe. Estou com saudades. E o pai? Vovó Dora? Como estão todos? O Marcelo fala comigo quase todos os dias por mensagem, já com o Enzo não falo há mais de uma semana.

— Tudo bem, filha. O Enzo está namorando. Vai aparecer com a garota aqui no domingo.

— Não brinca! Não quero perder essa por nada!

— Então não perca. Venha nos ver.

— Preciso da sua ajuda, mãe. Pode me arrumar uma diarista? Fala com a Das Dores? Vê se ela tem uma amiga? Com tantos compromissos, não vou dar conta de cuidar da casa.

Minha mãe tem uma empregada há 27 anos. Eu não era nem nascida quando a Das Dores começou a trabalhar na nossa casa, ainda com dezessete anos. Ela vive com a minha família desde então, não se casou nem teve filhos, apesar de ser uma tremenda namoradeira. Dedicou sua vida ao trabalho e a todos nós. Ela já faz parte da família, e nós a amamos. Um tipo de profissional em

extinção hoje em dia. Tomara que ela possa indicar alguém.

— É claro, filha. Ela deve conhecer alguém de confiança. Você vai precisar, sim.

— Então até domingo, mãe.

— Até, querida. Cuide-se.

Pronto, “problema dona Angelina” resolvido. Pensei que a inquisição seria pior. Acho que ela está se acostumando com o fato de que eu cresci e tenho minha própria vida, embora não seja esse seu perfil.

Com tudo o que fiz, nem me dei conta da hora. Sete da noite. Vou me arrumar. O Edu virá depois do trabalho para me levar à casa dele. Preferia dormir aqui, é meu mundo. Fico mais à vontade em meu espaço, mas vou com ele.

Quase às oito horas, ouço um ronco de motor. Ele chegou. Veio de moto, por isso me pediu que colocasse uma roupa apropriada e arrumasse minhas coisas em uma mochila. Corro para a janela. Ele olha para cima, então faço um sinal para que me espere. Desço as escadas e o encontro. Lindo, gigante, todo de preto, casaco de couro e cabelo desalinhado. Uma perfeita imagem de *bad boy*. Tira o capacete, suas mãos me puxam contra seu corpo e ele me beija. As minhas pernas viram gelatina. Meu coração parece prestes a saltar.

— Oi, linda. Não via a hora de ver você.

— Oi, meu anjo. Saudades.

— Sobe na moto. Está com fome?

— Não muita. Aonde vamos?

— Direto para a minha casa. Não quero perder um minuto.

Partimos imediatamente. Entramos pela Avenida Atlântica e seguimos pela Vieira Souto em direção ao Leblon. A combinação da visão da praia, das pessoas indo e vindo e do vento no corpo deram-me uma sensação plena de paz e prazer. Meu mundo não poderia

estar mais completo.

Ao chegarmos, Edu me leva para um *tour* pelo local. Dizer que o apartamento dele é bonito não lhe faz justiça. É lindo. Muito bem decorado e com uma vista privilegiada, de onde é possível apreciar um pedacinho da praia do Leblon. O prédio fica no quarteirão da orla. A decoração deve ter sido feita por um profissional, ou melhor, uma profissional, pois há alguns traços femininos no revestimento do hall de entrada e em alguns pontos do apartamento. Tudo de muito bom gosto e elegância. Parece o apartamento de um casal, e não de um homem solteiro. Mesmo assim, há uma forte atmosfera masculina. Revistas de motociclismo estão espalhadas na sala e no escritório. Há também um painel de fotos dele em vários lugares do planeta. Na Nova Zelândia, na Europa, nos Estados Unidos e em algumas regiões do Brasil. A sala e a cozinha formam um espaço integrado, num conceito aberto, separado apenas por uma ilha onde é possível tomar o café da manhã ou fazer um lanche rápido. Os eletrônicos e eletrodomésticos são de última geração. Adorei o lugar.

Ele me puxa para junto dele, me abraça e pergunta:

— Gosta de comida japonesa?

— Adoro.

— Pedi um barco japa para nós. Vamos jantar aqui em casa mesmo. Tudo bem para você?

— Ótimo.

O jantar foi maravilhoso. Rimos, conversamos, roubamos comida um do outro. Bebemos um espumante incrível e, no final, eu o ajudo a organizar tudo na lava-louça. Passamos o tempo todo provocando um ao outro e, pode ser resultado da comida, da bebida, ou de algo mais, a tensão sexual entre nós é algo palpável.

Sentamos no tapete da sala. Edu me puxa para junto dele. Começa a me fazer cócegas. Por essa eu não esperava, odeio cócegas! Ele aproveita minha fraqueza e me pega no colo. Vamos

direto para o quarto. Ele me joga na cama e, beijando meu corpo, começa a me despir. Vai deixando uma trilha de beijos na nuca, nos seios, até encontrar meu ponto mais sensível. Ele não para, e logo estou nas nuvens. No céu do meu cavaleiro de metal.

Ele se levanta e caminha lentamente. Sei o que vem em seguida. Calmamente tira a camisa, a calça e a cueca boxer. O quarto está pouco iluminado. Ainda estou ofegando, com o corpo e a mente em outra dimensão. Ouço o barulho da embalagem da camisinha. Gentilmente ele me coloca de pé, com as mãos espalmadas sobre a cama, e encaixa-se nos meus quadris. Com uma das mãos inclina levemente minha cabeça para trás, tracionando minha nuca e beijando minha boca. Sinto-o completamente pronto e, assim que se encosta em mim, instintivamente abro passagem. Ele entra num movimento firme e ritmado. A velocidade aumenta. O sexo é urgente, quente, enlouquecedor. Muito, muito bom. Entramos juntos em êxtase. Estou de novo brincando nas nuvens.

Fazemos isso de novo. E de novo. Vamos para o chuveiro. Tomamos um maravilhoso banho juntos. Já são onze e meia da noite. Dormimos de conchinha. Não tive coragem de contar sobre a viagem, sei que será um drama. Fico com medo de estragar a noite incrível que tivemos.

CAPÍTULO SETE — MINHA CASA, SUA CASA

Acordamos cedo no dia seguinte. Ele já está na cozinha quando apareço arrumada. O *look* de hoje foi o mais prático que pude colocar na mochila: vestido, *blazer* e *scarpin* de salto baixo. Fiz um penteado casual e apliquei uma maquiagem suave, própria para o dia. Pronta, vou até a bancada.

Ele fez café e colocou à disposição pão, queijo branco e salada de frutas. Tudo que eu costumo comer de manhã. Eu me derreto com a atenção que ele demonstra. Tão pouco tempo, e Edu já sabe tanto sobre mim. Começamos o desjejum e, para quebrar o silêncio que se instalou, ele diz:

Nina, foi maravilhoso dividir minha casa com você... Minha cama...

— Adorei dormir aqui com você, Edu. De verdade.

— Vamos nos ver hoje?

— Já estamos nos vendo. Já é hoje — declaro divertida.

— Você entendeu, linda, não se faça de engraçadinha. Quero vê-la mais tarde. Tenho planos.

— Eu também tenho, Edu, mas não incluem um encontro hoje.
— Sorrio para descontrair o ambiente. Sei que minha resposta não vai agradar.

— Já passamos da fase do encontro, você não acha?

— Acho, meu anjo, mas hoje preciso ir à academia, ao ioga e fazer algumas compras para a casa. Tarefas domésticas de rotina.

— Você não tem ninguém para cuidar da sua casa?

— Não tinha, mas agora vou providenciar. Pedi à minha mãe para arranjar alguém...

— Estou me viciando em você, Nina. Não sei onde isso vai

parar. Não estou preparado — dispara ele.

— Não estou cobrando nada de você, Edu. Deixe as coisas acontecerem. Está bom assim. Não precisamos dar um título ao nosso relacionamento.

— Tudo bem, linda, mas quero deixar uma coisa clara: gosto de exclusividade, e isso está me matando. Precisamos conversar sobre algumas coisas.

— Não me passou pela cabeça que fosse diferente disso, Edu. Sobre o que precisamos conversar?

— Nosso assunto não é para agora. Você está certa. Por ora, está bom assim. — Ele muda de ideia. — E aí, vamos trabalhar? Deixo você na emissora.

— Atrapalha se minha mochila ficar aqui? Volto para casa de metrô, será ruim levar tanta coisa.

— Claro que não, linda. Minha casa, sua casa.

Após essa conversa estranha, Edu me leva ao trabalho. O dia passa tão rápido que não tive nem tempo para pensar no significado de suas palavras, porque uma avalanche de tarefas me atinge. Precisei, inclusive, solicitar à Vanessa que providenciasse meu almoço e comi na minha sala. Fiquei com medo de que ela envenenasse o pedido, tamanha a cara feia que fez ao me atender. Não compreendo o que Fernando viu nessa mulher ao arrastá-la para trabalhar na emissora. Sem classe, inconveniente, bisbilhoteira e falsa, além de ser muito brega. Enfim, não é minha função avaliar o mérito profissional da fofa, mas continuo de olho nela.

Nossa viagem está marcada para daqui a uma semana exatamente, o que significa que embarco na próxima quarta-feira à noite. E ainda não contei para o Senhor Imprevisível. Ontem não tínhamos uma data, e uso esse detalhe como desculpa para mim mesma ao adiar o problema.

Só consigo me desvencilhar de todo o trabalho às sete da noite.

Vou para casa e, às oito, corro para a academia. Um pouco de musculação, vinte minutos de corrida na esteira e ioga para relaxar. Já são dez da noite. Passo rapidamente no mercado, que fecha somente à meia-noite, e compro itens necessários. Faço um lanche rápido, tomo um banho e durmo, ou melhor, desmaio na cama.

De manhã, o despertador volta a me tirar da minha zona de conforto. Parece que não dormi direito. Acho que fui me deitar tarde demais. Levanto-me, tomo um banho, lavo e seco os cabelos... Escolho uma calça de alfaiataria com uma camisa social, completando com sandálias de saltos grossos e uma *make* diurna. Coloco uns colares e um anel com uma pedra enorme. Hoje resolvi apostar nos acessórios. Chego ao trabalho em trinta minutos.

O dia mal começou e eu enfrento duas reuniões seguidas. A fofa hoje se superou, se isso for possível, ao usar um vestido floral rodado com um decote profundo, as bordas do sutiã rendado aparecendo. Sapato boneca de verniz preto. Um colar comprido com um pingente perdido no meio dos seios. Eu posso jurar que Vanessa vai a uma aula de sapateado ou dança de salão. Como sempre, ela passa boa parte do seu tempo com os olhos nos meus movimentos. A sorte é que agora eu tenho minha própria sala. Quando não quero vê-la, fecho a porta.

No almoço, vejo uma mensagem do Lucas no celular. Há dias não nos falamos. Ele quer me ver na sexta-feira, então respondo combinando uma saída para depois do trabalho. Nossos amigos da faculdade irão também. Vamos à Lapa. Será um problema com o Senhor Imprevisível, mas ele vai ter que entender. Não pode tomar conta da minha vida, sou dona do meu nariz e não temos um relacionamento formal. Estamos saindo e curtindo a companhia um do outro. É só isso.

Pensando assim, consigo ignorar o sinal de alerta que se instala na minha mente. Estamos indo longe demais. O Edu quer exclusividade, isso não sai da minha cabeça. Por que ele fez tanta questão de enfatizar isso? Achei que a exclusividade fizesse parte do pacote, que estivesse implícita. Nunca tive um relacionamento

aberto. O fato é que isso tudo está se aprofundando, ele parece ter tanta necessidade de estar comigo quanto eu tenho dele. Não estou preparada para um relacionamento tão intenso, mas me sinto irremediavelmente apaixonada por Edu. E parece que é recíproco. Decido não pensar muito, vou aproveitar o momento e pronto. Assim fica mais confortável.

Novamente almoço no trabalho. Dessa vez eu mesma pedi e recebi minha refeição. A fofa saiu para almoçar e tomar providências para a nossa viagem, não volta hoje. O ambiente fica até mais leve, consigo me concentrar a tarde toda. Meu telefone toca. É ele.

— Oi, linda.

— Oi, Edu.

— A que horas você sairá daí?

— Em meia hora, meu anjo.

— Vou buscá-la. Nem adianta reclamar, hoje você é minha.

— Não ia reclamar. Pode vir.

Gosto de surpreendê-lo. Não preciso vê-lo para saber que ele está dando aquele sorriso de arrasar quarteirão, exclusivo para quando consegue alguma coisa.

Em exatos trinta minutos, ele chega para me buscar. Entro no carro e saímos em direção ao meu apartamento. Pegamos um trânsito insuportável na praia de Botafogo e em Copacabana. Só conseguimos chegar às sete da noite. Ele sobe comigo. Quando abro a porta, olhamos um para o outro cheios de promessas. Ele me beija e agarra minha cintura. Eu o abraço, puxando-o para junto de mim. Corpo com corpo. Empurro a porta com o pé, que bate e trava.

Vamos direto para o quarto. Já estou ofegante e querendo flutuar nas nuvens do meu cavaleiro de metal. Tiramos a roupa um do outro com urgência. Ele me joga na cama, prende minhas mãos acima da cabeça e faz o que sabe fazer melhor, que é me beijar da

cabeça aos pés. Meu corpo está pegando fogo. O sexo como sempre foi quente e completamente arrebatador. Ele é possessivo e ao mesmo tempo generoso. É firme, mas gentil. Muito, muito intenso. Sexy demais. O homem é um pecado. Uma tentação ambulante à qual não consigo resistir. Ficamos na cama por algum tempo e, lá pelas nove da noite, decidimos tomar um banho juntos. Tudo de bom.

— Linda, você me distraiu e estragou meus planos. Deveríamos estar jantando num restaurante panorâmico neste exato momento. Fiz reservas. Era para você ir dormir comigo depois. Por isso passei na sua casa, para você pegar suas roupas.

Sinto muito, cavaleiro de metal, mas infelizmente fui atacada por um tarado hoje.

— Tarado? — Ele ri. — Quem é tarado aqui?

Ele começa a me fazer cócegas. Odeio cócegas. Eu me rendo. Ainda rindo da minha fraqueza, ele desliga o chuveiro e me enxuga, então voltamos para o quarto. Coloco uma roupa confortável e ofereço a ele uma camiseta do meu irmão Enzo. Preciso comer alguma coisa, estou morta de fome.

Preparo um macarrão integral à Carbonara e uma salada verde. Ele adora. Tomamos um vinho e conversamos sobre amenidades, até suas palavras me incomodarem:

— Amanhã, depois do trabalho, vamos a Teresópolis. Passaremos o final de semana lá.

— Como assim, Edu? Você já planejou tudo? Assim, sem saber se tenho outros planos?

— Você tem outros planos?

— Bem, na verdade, amanhã vou sair para beber com uns amigos.

— O quê?

— É o que você ouviu, Edu. Irei com meu amigo Lucas e outros

do tempo da faculdade à Lapa, num bar onde costumamos nos reunir de vez em quando, para beber uns drinques e jogar conversa fora. A propósito, naquele sábado que saímos de moto, o programa que eu cancelei era com eles.

— Quem é Lucas? Você nunca falou dele...

— Não acredito, Edu. Você está parecendo a minha mãe com toda essa inquisição.

— Desculpa, Nina, mas achei que fôssemos ficar juntos. E o fato de a minha namorada sair com outro cara para beber não me agrada.

Não acreditei quando ele disse a palavra “namorada”. Então é esse o *status* do nosso relacionamento? Já somos namorados? Minha ficha ainda não caiu. Não sei se quero um namorado. Já tive um, e a experiência não foi legal. Além do mais, o Edu demonstra ser ciumento e possessivo. Acho que não posso lidar com isso. Preciso ser firme.

— Edu, este a quem você se refere como “outro cara” é o meu amigo Lucas. Não há razão para ciúmes. Ele é gay. O namorado dele também é muito meu amigo. O restante do pessoal inclui duas amigas e seus respectivos namorados, todos da faculdade.

— Desculpe, Nina, não sabia. — Ele fica desconcertado.

— Você está sendo irracional.

Desculpe. Não sei o que está havendo. Nunca me senti assim antes. Você e esse seu jeito de mulher independente estão acabando comigo.

— Tem mais, Edu. Na próxima quarta-feira, vou embarcar em uma viagem a trabalho com a equipe de reportagem. Vou aos Estados Unidos, depois para Lisboa e Paris. Ficarei duas semanas fora. — Disparo minha metralhadora por impulso. É melhor que ele saiba logo, esse é o momento. A expressão dele passa de desconcertada a furiosa em segundos. Aquela sobrancelha levantada e a testa franzida são marcas registradas do Edu puto da

vida, já vi antes.

— Quando você soube da viagem? — pergunta num tom falsamente calmo.

— Segunda-feira. Estava esperando o melhor momento para contar a você.

— Você acordou comigo na segunda, dormiu comigo na terça, acordou comigo na quarta e não disse nada. Quando você me contaria, Nina? — Ele começa a ficar vermelho. Vejo sua luta interna para não se alterar mais que o necessário.

— Não sei, Edu, talvez no final de semana. Sabia que isso deixaria você irritado, e na terça tivemos uma noite tão maravilhosa... Deveria ter dito antes.

— Irritado não, Nina, estou irado! Pela viagem e por você ter escondido isso de mim!

— Não foi minha intenção... Não pensei que...

Ele me interrompe:

— Quem vai nessa viagem?

— Ao todo, cinco pessoas da equipe de reportagem e... o Fernando, que nos encontrará apenas na segunda etapa do trabalho.

— Sabia que esse filho da mãe estava por trás disso! — Ele gesticula, exasperado. — Nina, você não sabe do que esse cara é capaz. Conheço o Fernando há anos. Ele é um filho da puta de um conquistador barato. Um Don Juan de merda, que não pode ver um rabo de saia! Quando a mulher dele faleceu, há dois anos, ele estava tendo um caso. Ela estava doente e descobriu. Seu estado piorou, e isso a levou a óbito logo depois. Ele não se casou novamente, mas vive por aí conquistando, usando e largando as mulheres. Ele é assim.

— Que conceito você tem de mim? Sou uma mulher moderna, faço o que quero, na hora que quero e com quem quero, entendeu?

Pago as minhas contas, mas sair com Fernando não está nos meus planos. Não sou uma donzela indefesa que cede aos caprichos do primeiro conquistador barato que aparece por aí, não é como se eu estivesse a perigo ou desesperada — digo sarcástica. — Sei muito bem me cuidar. Além do mais, estamos juntos. Eu também prezo a exclusividade.

— Você não entende, Nina, não é tão simples quanto parece. Ele tem suas artimanhas. Você vai dar um jeito de escapar dessa viagem. — O Edu mandão está de volta.

— Nem pensar, Edu. Isso está fora de questão. Esta viagem é muito importante para mim, não só profissionalmente, mas também pessoalmente. Não conheço Lisboa nem Paris.

— É isso, linda? Nas nossas férias vamos viajar. Levo você a Paris, Lisboa e para onde mais quiser conhecer, mas não aceite ir com ele.

— Isso é inegociável, Edu.

— É a sua última palavra?

— É a minha última palavra.

— Ok, Nina, estou indo então.

— Edu, pensei que você tivesse trinta anos, não dezoito — falo com raiva, vendo-o tirar a camisa do Enzo e colocar a própria roupa.

Se ele quiser ir, que vá. Vou sentir, mas talvez seja o momento de cortar o mal pela raiz. Nosso relacionamento tem tudo para dar errado. Uma mulher livre com uma carreira em ascensão, uma vida nova pela frente. Um homem possessivo e ciumento, o macho alfa que quer dominar o relacionamento. Todas as chances de não vingar. Talvez seja melhor deixá-lo partir.

Ele sai batendo a porta, pega o carro e vai embora. Não queria que fosse assim. Já são dez e meia da noite. Tomo outro banho e deixo a água escorrer em minha cabeça. A quem estou querendo enganar? A sensação é de que estou caindo num buraco negro. Oco,

vazio e sem fundo. De repente sinto frustração, raiva, saudade e tristeza. Não tinha ideia de que a ida do Edu fosse causar um impacto tão profundo nos meus sentimentos. Desligo o chuveiro. Escorrego pelo chão do boxe e choro convulsivamente.

Nem sei quanto tempo passei sentada ali. O pensamento dando voltas sem conseguir chegar à conclusão nenhuma. Por que tem que ser tão difícil?

Deito-me na cama e tento umas respirações do ioga. Sei que vou demorar a dormir. Viro-me para um lado, para o outro e, por fim, acabo vencida pelo cansaço.

Acordo cedo. Abro os olhos e trago à consciência os fatos de ontem. Não foi um pesadelo. Levanto-me da cama, encaro o espelho do banheiro e vejo que estou com uma aparência horrível. O rosto está inchado de tanto chorar, tenho olheiras e meu humor é o pior possível. Vai ser um longo dia.

As roupas bonitas e a maquiagem impecável conseguem disfarçar meu estado de espírito. Sendo assim, rumo ao trabalho. Por sorte, hoje não encontrei a fofa. Não virá, porque pegou uma gripe. Bendito vírus, que Deus me perdoe. Não estou com cabeça para abobrinhas.

Passo o dia inteiro trabalhando obsessivamente. Checo as mensagens no meu celular. Nenhuma do Edu. Não tenho ânimo para nada. Não almocei hoje, meu apetite é zero.

No final da tarde, meu celular toca. Uma ponta de esperança toma conta de mim. Nem quero olhar o visor. Será que é ele? Fico esperançosa. Em segundos, minha expectativa se dissipa quando finalmente vejo quem me liga. Minha mãe. Não sei se quero atender... Acabo cedendo.

— Oi, mãe.

— Oi, Nina, você está com uma voz triste, filha. — É a primeira coisa que ela diz.

— Impressão sua, estou cheia de trabalho. É isso.

— Tem certeza?

— Tenho, pode ficar tranquila.

— Nina, estou ligando porque a Das Dores conseguiu uma diarista para você. Ela se chama Simone e pode ir à sua casa na segunda. Posso acompanhá-la. Você quer?

— Seria ótimo, viajo na quarta. A casa ficará arrumada no período em que eu estiver fora. Deixo a chave com você no domingo.

— Então, no domingo combinamos melhor. Não quero atrapalhar você.

— Tudo bem, você não atrapalha...

— Um beijo, filha.

— Outro, mãe. Agradece à Das Dores por mim.

Não estava a fim de esticar a conversa, acho que minha mãe notou. Trabalho exaustivamente até as sete da noite. Saio do prédio, chamo um táxi e vou diretamente até a Lapa. Logo hoje, não estou animada para encontrar os amigos, mas adiar não ajudará em nada. Pelo menos vou tentar me distrair. Chego ao bar combinado e avisto Lucas. À mesa também estão os casais Marina e João Pedro, Laila e Marcus. Percebo que o Thales não veio.

— Salve, salve, gata! Lucas é o primeiro a falar.

E aí, pessoal? Saudades de vocês — respondo, beijando um por um.

Sento-me junto ao grupo e peço uma Piña Colada. Mais outra. E outra... Cada um vai contando o que tem feito da vida. Todos me parabenizam pelo novo emprego e brindamos à viagem. Fico feliz em compartilhar isso com eles. Durante algumas horas, conversamos e bebemos. Tenho poucos amigos, mas esses são especiais. Continuamos falando sobre política, futebol, religião e tudo que é politicamente incorreto. Num determinado momento, decido ir ao banheiro. Só então percebo que estou sob o efeito Maysa. Meu mundo caiu... Tudo girando. Acho que bebi demais.

Alcanço a tempo o sanitário e despejo a alma na privada, sem dó nem piedade. Não sei quanto tempo fiquei vomitando. Marina vem à minha procura.

— Nina, você está aí?

— Estou! — Consigo dizer com a voz embargada. — Acho que bebi demais.

— Abre essa porta, Nina! Quero ajudar você.

Reúno as minhas forças e a obedeço. Ela me pega pelas mãos, me ajuda a ficar de pé, passa os braços pela minha cintura e me conduz para fora do banheiro. Ando com dificuldade, o mundo gira aos meus pés. Quando chego à nossa mesa, percebo que todos estão espantados. Não costumo beber dessa maneira. O meu recorde nunca foi superior a dois drinques, o suficiente para que eu fique “alegrinha”, mas hoje bebi uns cinco. Considerando que não comi nada o dia todo, o efeito foi explosivo.

— É, gata, acho que hoje você deu uma exagerada diz Lucas. Você se superou. Vou levá-la embora.

Deixo algum dinheiro para dividir a conta, pego minha bolsa e me lanço aos cuidados do Lucas, que me acompanha até minha casa. Nem sei como subi as escadas do prédio.

Lucas não me deixa sozinha. Ele me coloca no chuveiro, faz um café expresso e deita-se na cama comigo. O enjoo volta. Corro para o banheiro e vomito novamente. Uma vez, duas vezes. Meu amigo pacientemente limpa a sujeira, me coloca no chuveiro de novo e me acomoda na cama. Ele me obriga a beber água de meia em meia hora. Vai passar a noite comigo. Agradeço a Deus por ter alguém como ele. Amo de paixão o Lucas. O mal-estar começa a se dissipar e durmo profundamente.

Acordo no sábado com a cabeça doendo tanto que parece que a deixei dentro da máquina de lavar. Meus olhos doem, as articulações também. Ainda estou tonta e a noite anterior me vem à mente. Bebi demais e agora estou com uma ressaca daquelas.

Mereço isso. Levanto-me da cama e vou até a sala. Vejo que o Lucas preparou o café, colocou a mesa, pegou a salada de frutas na geladeira, fez ovos mexidos e deixou pão integral na torradeira.

— Bom dia, gata, está viva? Como é que você está se sentindo?

— Péssima, mas melhor do que mereço. Estupidez beber assim. Não bebo nunca mais.

— Você agora só precisa se alimentar e já vai se sentir melhor.

— Você passou a noite aqui?

— Passei, amiga, dormi na sua cama... Poderia ter me aproveitado, só que não!

Rimos. Só ele para me fazer rir. Não sei o que teria sido de mim sem sua presença. Nunca fui tão grata a um amigo. O que Lucas fez por mim é algo que não vou esquecer.

— E o Thales? Você avisou a ele que ficaria comigo?

— Já era, Nina, o Thales e eu terminamos. Ele foi embora. Vai morar nos Estados Unidos.

— Sinto tanto, Lucas! Quanto tempo faz isso? Como você está?

— Sofrendo muito, Nina, mas vou superar. Estou focando totalmente no trabalho, minhas lojas são um sucesso.

— Pelo menos uma notícia boa.

— Ele voltou da viagem no dia seguinte ao nosso almoço, já com a notícia de que iria para Nova York. Simples assim. Terminou comigo friamente. Nos primeiros dias pensei que fosse morrer de tanto chorar, mas percebi que precisava reagir — desabafa.

— Por que não me ligou? Eu não sabia...

— Ia adiantar? Ele não voltaria, Nina. Minha dor foi tão forte que não conseguia dividir com ninguém. Precisei elaborar a perda sozinho, sabe? explica. — E você, como está com o selvagem da motocicleta?

— Brigamos anteontem, Lucas. É complicado. Não sei se tem volta. Ele não aceita minha independência e quer dominar a relação, um típico macho alfa. Não estou acostumada.

— Você está apaixonada por ele. — Isso não foi uma pergunta.

— Talvez, estou sentindo muito a falta dele.

— Aí resolveu tomar um porre. Muito maduro da sua parte, gata. Rimos. O Lucas me conhece tão bem.

— Quer dizer, amigo, que nós dois estamos sozinhos novamente?

Você quer dizer que nós dois estamos na merda. — Rimos de novo. O alto-astrol do Lucas é inspirador, consegue fazer piada com a nossa própria desgraça.

— É, amigo, na merda.

Continuamos conversando e acabamos nosso café. Eu o agradei mil vezes pelos cuidados comigo. Muito amor fraternal e amizade estão envolvidos na nossa relação.

— Você vai ficar bem, Nina? Ele se levanta.

— Vou tentar. De verdade, obrigada, Lucas. Dê notícias.

— Você também, gata. Avise quando chegar a Orlando. Sei que você vai trabalhar, mas não é pedir demais que também se divirta.

— Valeu mesmo, amigo. Você é o melhor!

Ele se despede e vai embora. As mensagens brotam no meu celular. Respondo aos meus amigos, que ficaram preocupados comigo, e os tranquilizo. Já estou melhor. Não entrei em coma alcoólico, afinal.

Resolvo sair para correr na praia. O dia está nublado e há uma brisa agradável. Coloco meu tênis e um short. Saio em direção à orla e começo a correr como se não houvesse amanhã, depois tomo um banho de mar. Furo uma onda após a outra, isso me acalma. No quiosque da dona Antônia, peço uma água de coco. Sinto-me

**renovada. Sou uma nova mulher. Volto caminhando, viro a esquina.
Meus olhos não querem acreditar naquilo que vejo. Meu coração vai
saltar pela boca...**

CAPÍTULO OITO – NÃO ESTOU PREPARADA

Ele está lá, em frente ao meu prédio. Mexe freneticamente no celular e olha para o meu apartamento. O corpo apoiado na moto, que está parada. Ele me vê. Parece abatido. A barba por fazer. Fico petrificada e não consigo avançar mais nenhum passo. Não sei o que dizer. Edu vem em minha direção e quebra o silêncio:

— Nina, me perdoa, precisamos conversar. Fui um idiota.

— Vamos subir, Edu. Não quero uma cena pública.

Subimos em silêncio. Abro a porta e entramos. Ofereço algo para beber, ele não quer nada. Sento-me no sofá de frente para ele. Olhamos nos olhos um do outro por uns instantes. Ninguém consegue dizer o que precisa ser dito. Todas as minhas certezas e teorias caem por terra.

Desejo esse homem profundamente. Sei que ele também me deseja. A paixão que sentimos fala mais alto e, quando vejo, estamos nos devorando aos beijos. Tiramos a roupa ali mesmo, não deu tempo de chegar ao quarto. Tenho necessidade de sentir aquela pele, aquele corpo, quero desesperadamente tê-lo dentro de mim. Ele também me quer. No fundo, sei que sou dele. E ele é meu. O sexo nunca foi tão selvagem, tão urgente. Ficamos por cerca de uma hora matando a saudade e deixando que o corpo fale aquilo que ainda não pudemos dizer.

Quando nossa respiração se acalma, eu me aninho nos braços dele no sofá. Encosto a cabeça em seu peito. Não há nada mais reconfortante. Estou com ele de novo, mas não posso deixá-lo me distrair com sexo, ou estaremos fadados a resolver nossos problemas todos na cama. Sei que isso não é saudável, mas também não sou dada a discutir relacionamentos. Ele quebra o silêncio:

— Fui irracional e intransigente. Não tenho o direito de interferir na sua carreira nem na sua vida social.

— Eu também devia ter contado sobre a viagem antes. Acho que o deixei furioso.

— Furioso é pouco, Nina.

— Edu, quero muito fazer isso dar certo. Nós dois. Preciso que você me ajude. Não estou preparada para tantas cobranças, não sou do tipo obediente.

— Sei disso, Nina, para mim é difícil administrar meu gênio e não ter o controle da relação. É a primeira vez que vivo um relacionamento assim.

— Pois é, você terá que se acostumar, se quiser ficar comigo. Sou uma mulher independente. Levo minha carreira muito a sério. Tenho meus compromissos, meus amigos, minha família, minha vida e, se você quiser fazer parte dela, deve compreender isso.

— Juro que vou tentar, Nina. Também quero muito fazer isso dar certo. Só peço que tenha cuidado com o Fernando, não caia na lábia dele. Aquele cara é um sedutor barato.

— Acho que já esgotamos nossas considerações sobre isso, meu anjo. — Encerro a conversa.

— Então, vamos dar uma volta de moto? Está com fome? Conheço um restaurante maravilhoso na Urca.

— Estou morta de fome. Você me abriu o apetite, moço.

Vá se arrumar. Aproveite para colocar algumas roupas na sua mochila, para o dia e para a noite. Nunca se sabe onde vamos parar. Quero dormir com você na minha cama mais tarde, só vou devolvê-la amanhã.

— Hum... amanhã tenho almoço em família. Antes que você diga qualquer coisa, não quero apresentá-lo para eles. Ainda é cedo. Estamos nos entendendo.

— Então a libero para o almoço e fico com você à noite novamente, certo?

— Tudo bem. Vamos aproveitar os dias antes da viagem.

Arrumo minhas coisas, coloco meus equipamentos de proteção e subo na moto, deixando-o me conduzir. Vou com ele a qualquer lugar. Neste momento, apenas me entrego ao sabor do vento que bate no meu corpo. Agarro a cintura do meu cavaleiro de metal e fico vendo as coisas passarem por mim de forma rápida. Pegamos a praia de Copacabana, seguimos pelo túnel e rapidamente chegamos à Urca. Descemos da moto. O restaurante fica próximo à subida do Pão de Açúcar. Almoçamos e, depois, Edu me convida a fazer um passeio para vermos o Rio do alto. Perfeito demais. Na fila do bondinho, faço questão de avisar:

— Olha aqui, Edu, tenho medo de altura!

— Medo de altura? Hum, acho que você pode ficar com os olhos fechados e encostar a cabeça no meu peito enquanto subimos. Não precisa ver nada. Quando chegar lá em cima, eu aviso. — Ele faz tudo soar tão sexy... Já imagino a sensação de subir abraçada ao seu corpo de olhos fechados.

— Não é para tanto, só tenho um pouco de medo, mas gosto de olhar para baixo...

— Então prove que você não é medrosa. Ele ri. Vamos, chegou a nossa vez.

Ele me conduz para dentro do bondinho, encaixando a mão na minha lombar. Vamos logo para perto do vidro. O bondinho sai lotado de turistas. Várias línguas, pessoas de todas as partes. Estrangeiros e brasileiros de outros estados, todos se rendem ao que estão vendo. Fico pensando no quanto é bom ver o Rio de cima. Quem observa por esse ângulo não imagina as coisas que acontecem lá embaixo, nos bairros escondidos atrás destas montanhas. Nas casas incrustadas nos morros. Só quem já trabalhou documentando a realidade pode entender. Sempre atento, Edu diz:

— A beleza vista do alto não deixa que os visitantes imaginem

as histórias que acontecem nessa cidade.

Prefiro o Rio assim, aos nossos pés. Menos real. É mais poético, mais romântico.

— Gostaria que o dia a dia fizesse justiça ao cartão-postal que é o Rio.

Continuamos a subida em silêncio, cada um com a sua reflexão. Chegamos. Na parte mais alta, Edu me abraça e ficamos contemplando a cidade. O aeroporto Santos Dumont, os aviões vindo e partindo. A Baía de Guanabara. Tudo silenciosamente perfeito.

A noite se anuncia. Entramos novamente no bondinho e fazemos o percurso de retorno. Na moto, vamos em direção ao Leblon. Ele quer ficar em sua casa comigo. Também quero continuar em sua companhia.

Chegamos ao apartamento e verifico as mensagens no meu celular. Tem uma do Lucas e duas da Tati. Respondo primeiro ao Lucas, dizendo em linhas gerais que estou com o Edu novamente e que está tudo bem. Ele me envia uma carinha feliz. A Tati pergunta o que estou fazendo, se estou com o Edu e se não queremos jantar com eles.

Quando me vê com o celular nas mãos, Edu pergunta com quem estou conversando. Isso é a cara dele. Menciono o convite da Tati para jantarmos no restaurante do André. Ele parece pensar um pouco e diz:

— Linda, você decide. Hoje é sábado. Podemos ir, se você quiser. Onde fica mesmo o restaurante do André?

— Em Ipanema.

— Estou morrendo de fome, já faz tempo que almoçamos. Íamos ter que pedir algo para comer mesmo, o restaurante é perto e o André é um cara legal. Podemos ir. Não vejo nenhum problema.

— Então vou avisá-la que aceitamos jantar com eles. Só não

quero demorar muito. Quero o maior tempo possível com você, meu anjo.

— Eu também. Vamos nos arrumar. Venha, vou lhe dar um banho.

Nunca demorei tanto para me arrumar. O banho foi rápido, mas o que veio depois dele demorou mais de uma hora. E aí tivemos que tomar outro. Estou completamente viciada no Edu. Sei que ele também sente o mesmo.

Lá pelas nove da noite, conseguimos sair de casa. Chegamos ao restaurante em trinta minutos. A Tati está acomodada a uma mesa reservada num local acessível apenas para convidados.

— Nina, Edu, que prazer em ter vocês aqui! Ela nos recebe. O André está na cozinha, ele já vem.

— Prazer em rever você, Tati. Obrigado por nos convidar — responde Edu, dando dois beijinhos em minha amiga.

E aí, Nina? Conte as novidades. Como está no trabalho novo?

— Estou trabalhando freneticamente. Vou viajar na quarta-feira para gravar os primeiros programas que serão exibidos no próximo ano.

Continuo a falar do trabalho e da viagem. A Tati fica feliz por mim e demonstra isso claramente. O Edu apenas observa nosso diálogo, sei que isso lhe traz certo desconforto. Infelizmente, não tem como ser diferente. De vez em quando ele diz alguma coisa ou concorda com a cabeça, mas posso ler em sua linguagem corporal que esse assunto o deixa tenso. Por sorte, surge da cozinha nosso amigo André para salvar a pátria.

— E aí, pessoal, que bom que vocês vieram! — diz muito simpático.

— Como vai, André? Obrigado pelo convite. Seu restaurante é incrível, cara! Aconchegante mesmo.

— Espera até você provar nossa comida, Edu. Gosta de carne?

— Sou um carnívoro declarado.

— Já olhou o cardápio? Temos vitela, cordeiro, vários cortes de carne bovina... É só escolher.

Os dois continuam conversando animadamente e escolhemos nossos pratos, regados a um excelente vinho tinto. Toda vez que minha taça fica vazia, André coloca mais. Não deixo de beber água também, porque ontem passei dos limites. Ainda assim, dou um jeito de consumir pouco álcool. Não quero repetir a besteira.

A noite segue animada e o resultado, quando encontramos a Tati e o André, obedece a uma fórmula perfeita que inclui: boa companhia, boa comida e bom vinho. Diversão garantida. Lá por meia-noite meu corpo começa a dar sinais de cansaço, afinal, até esta manhã estive de ressaca. Melhorei graças aos cuidados do Lucas, ao banho de mar e principalmente à volta do meu cavaleiro de metal. Ele é o meu remédio. Meu elixir. Minha cura.

Seguimos para casa e vamos direto para o quarto. Edu agora está com um olhar malicioso e perigosamente tentador. Sinto que vamos ter uma noite intensa. Só que dessa vez é diferente, sem urgência.

Ele gosta de demonstrar que está no comando. Senta-se na beira da cama e me posiciona de pé, vestida, de frente para si. Pode ser por segundos ou minutos, não estou certa, mas ele fica me observando. Incendeio-me sob o seu olhar. Edu se levanta e anda à minha volta. Só esse movimento já é suficiente para me deixar louca de vontade... Aproxima a boca do meu ouvido e, sem tocar em mim, começa a dar ordens em voz baixa, firme e pecaminosamente sexy...

Tira o casaco. — Entendo o jogo e, silenciosamente, o obedeco. — Agora, vou abrir o seu vestido...

Suas mãos abrem o zíper nas costas. Vejo o vestido deslizar pelo meu corpo e cair aos meus pés, formando uma nuvem de tecido.

— Linda... — sussurra. Quase me derreto. Estou em chamas! —

Tira o sutiã para mim. Agora. — Com dedos trêmulos, deixo a peça cair.

Estou nua da cintura para cima, com uma calcinha de renda minúscula e saltos altíssimos.

— Tira a calcinha. — Obedeço. Quando vou tirar os sapatos, ele não deixa. — Não, os sapatos ficam. Vou devorar você inteirinha em cima desses saltos.

Não precisa dizer mais nada. Sem tocar em mim, apenas ao som da sua voz, ele consegue me deixar excitada como nunca estive em toda a minha vida. Esse jogo de sedução me deixou completamente louca. Sem carícias, aquele calor familiar me consome. E então, num rompante de ousadia, respondo:

— Então me devora!

O clima esquentou e transamos em posições que nem o *Kama Sutra* descreveu. Por sorte, ser praticante de ioga é um benefício que me faz ter controle sobre meu corpo e uma flexível musculatura alongada, do contrário, teria problemas.

Já de madrugada, Edu me leva no colo e me coloca na banheira. Tomamos um banho relaxante e quase durmo abraçada a ele. Permanecemos em silêncio por algum tempo. Por acaso, avisto na bancada um frasco de perfume feminino, já quase no final. Estou tão cansada que não arrisco formular nenhuma pergunta. Ele me enxuga e me leva para a cama. Durmo nos seus braços.

Acordamos às onze da manhã. Saímos para tomar café na padaria do bairro e dar uma caminhada pela orla. Quase uma hora da tarde, lembro a ele que tenho meu almoço em família. Ele quer me deixar na casa dos meus pais e me buscar em seguida. Bato o pé e não aceito.

— Não tem cabimento, Edu. Mesmo que você me deixe na porta dos meus pais, eles não verão meu carro e saberão que alguém me trouxe. Não quero lidar com a inquisição da minha mãe. Não hoje. Agora você me leva para casa, eu pego meu carro, vou almoçar com

a minha família e, na volta, você vai lá para casa. Leva as suas coisas e dorme comigo.

Tudo bem, Nina. Então vamos. — Sei que ele está contrariado, mas se esforça em parecer natural.

Chego à casa dos meus pais às quinze para as duas. Encontro a família sentada e saboreando a lasanha da minha avó Dora. Meu irmão, Marcelo, deixou a comida no prato e veio abrir o portão para mim. Na minha família, o horário do almoço no domingo é sagrado: uma e meia da tarde. Se alguém chegar depois, pega a refeição já em andamento. Foi o que aconteceu comigo hoje. Peço desculpas pelo atraso. Minha mãe vai logo dizendo:

— Oi, filha, já estávamos preocupados, não é, Mario?

— Não, Angelina, sabia que nossa filha chegaria bem. Os jovens acordam tarde. Hoje é domingo. Para de pegar no pé da menina! — contraria meu pai.

— Ei, pessoal, o importante é que cheguei sã e salva, e em carne e osso.

— Mais osso do que carne. Você está muito magra! — completa minha mãe.

Vendo que estou em evidência, meu irmão Enzo intervém e aproveita para apresentar a namorada. Com toda essa agitação no momento da minha chegada nem tinha reparado na jovem loira e muito bonita, no canto da mesa.

— Nina, essa é a Ludmila. Tenente Ludmila. — Ele a apresenta para mim, bem-humorado.

— Prazer, Nina, ouço muito falar de você. Sei que é uma jornalista de sucesso.

Simpatizo com ela logo de cara.

— Jornalista sim, de sucesso é exagero da família — digo em tom de brincadeira. — Seja bem-vinda, você vai se acostumar. Já passou pela inquisição da dona Angelina?

— Que injustiça, filha, não é assim! Sou apenas uma mulher preocupada com os filhos — protesta minha mãe.

— Não, Nina, todos foram muito amáveis comigo. Estou adorando a família. — Sorri Ludmila. Vejo que já conquistou a todos.

Passamos as próximas horas rindo, conversando e comendo. Conto sobre a viagem. Minha família vibra com essa novidade.

Como sempre, as mulheres da família retiram os pratos da mesa, levam até a cozinha e organizam a louça do almoço. Ludmila nos acompanha. Nunca vi meu irmão Enzo desse jeito, acho que está apaixonado. Quem diria...?

O café fica pronto e me apresso em levá-lo para os rapazes. Quero ficar um minuto a sós com meus irmãos. Meu pai, como de costume, foi para o quarto tirar sua habitual soneca.

— E aí, meninos? Querem um cafezinho?

— Com açúcar — pede Marcelo.

— O meu com adoçante — diz Enzo.

— Enzo, adorei a Ludmila, ou melhor, tenente Ludmila. Onde foi que você conheceu essa pérola?

— No quartel, por incrível que pareça. Estávamos apenas saindo, faz uns dois meses. Na semana passada resolvemos assumir o namoro, numa missão que tivemos em Manaus.

O Marcelo, que estava calado até agora, faz a pergunta:

— Então quer dizer que no último almoço em família, há duas semanas, quando você disse que havia saído com uma amiga, já estava com ela?

— Tecnicamente não, ela ainda era uma “ficante” — responde Enzo, divertido.

Implicando um com o outro, os rapazes tomam o café e eu os acompanho. Minutos depois, Enzo pergunta:

— Que horas são?

— Quatro e meia — confere Marcelo.

— Caramba! Tenho que levar a Ludmila de volta. Hoje à noite estaremos de serviço. — E, apressado, vai até a cozinha chamar a namorada. Fico a sós com o Marcelo.

— E aí, mano, tudo certo com a Ana?

— Tudo, Nina, estamos fazendo exames e ela começou um tratamento. Conversamos muito e decidimos relaxar. E você? Como vai o tal cara misterioso?

— Eu diria que estamos começando a nos entender. Por enquanto é isso. Como diz o Enzo, tecnicamente estamos namorando.

Ele deu uma risada bem-humorada.

— Ah, Nina, você é incrível. Espero que tecnicamente dê tudo certo para você e seu namorado misterioso.

Às cinco horas, decido voltar para casa. Minha mãe e a minha avó protestam, pois ficaremos mais de duas semanas sem nos ver. Prometo mandar notícias e trazer presentes para todos. Deixo uma cópia da chave do meu apartamento com a minha mãe, que acompanhará a diarista amanhã. Provavelmente não nos encontraremos, estarei o dia todo trabalhando.

Assim que saio da casa dos meus pais, mando uma mensagem para o celular do Edu e, ao chegar, vejo que já está à minha espera. Quero ficar com ele o máximo de tempo que puder, afinal, faltam três dias para a viagem. Vou sentir saudades.

Subimos até o apartamento. Troco de roupa e nos animamos para ir ao cinema. Um programinha de namorados. Escolhemos uma comédia. Rimos, comemos pipoca e jantamos num restaurante japonês, só para não perder o costume. Um fim de semana perfeito. Estamos completamente apaixonados um pelo outro. Na volta, fazemos mais daquilo que sabemos fazer melhor.

Acabamos dormindo de conchinha. Desde o jantar com a Tati e o André ontem, o assunto da viagem não é mencionado. Parece que virou uma espécie de tabu entre nós dois. Por ser uma questão tão delicada, evito qualquer coisa que nos remeta a essa realidade.

A segunda-feira é realmente o dia internacional da preguiça. Levantamos atrasados e corremos cada um para o seu trabalho, mas não o faço sem antes ter prometido ao meu cavaleiro de metal que nos veremos logo mais. Não sei onde vou encaixar horário para ir à academia e ao ioga. Na quarta-feira viajarei e ficarei duas semanas sem praticar meus exercícios, que fazem parte da minha vida.

Felizmente consigo ficar na emissora só até as duas e meia da tarde, pois já está quase tudo organizado para a minha viagem e para o período em que eu estiver ausente. Chego a casa e troco de roupa rapidamente. Vejo que a diarista, no período da manhã, conseguiu organizar o que precisava e que a minha mãe comprou no mercado os itens que deixei anotados para o jantar de hoje. Mais tarde ligo para agradecer.

Consigo correr um pouco e fazer a aula de ioga das cinco da tarde. A sorte me ajuda e chego antes do final do expediente do Senhor Imprevisível, a tempo de tomar um banho, colocar uma *lingerie* minúscula e uma camisola curtíssima. Vou à cozinha e preparo uma salada com salmão grelhado para nós dois, já que combinamos de dormir juntos nas próximas duas noites.

Ele chega, sobe e dou de cara com um buquê de flores quando abro a porta. Que romântico! Edu me pegou de surpresa. Não é meu aniversário nem nada, não entendo o significado das flores, mas eu me derreto toda com seu gesto. Pendurada no pescoço dele, começo a beijá-lo, depois coloco as flores num vaso. Ele explica que elas simbolizam três semanas desde o nosso primeiro encontro. Que fofo!

Os beijos continuam, e quero dar a ele um agradecimento especial. Percorro todo o seu corpo delicioso com beijinhos e mordidinhas provocantes. Vou lentamente tirando sua roupa e o

conduzo até o sofá.

Ele agora está sentado e só com aquela cueca boxer, sexy de matar. Mantém os olhos fechados, inclina a cabeça para trás e respira ofegante quando começo a lhe dar o maior prazer que um homem pode desejar. Edu relaxa e, pela primeira vez, me deixa assumir o controle. Alguns minutos mais tarde, o jogo vira e ele está por cima de mim no sofá, arrancando a minha frágil *lingerie*. Entrego-me completamente ao momento. Estou irremediavelmente apaixonada por ele.

CAPÍTULO NOVE — O DIA D

Já é terça-feira, véspera da viagem. Vou até a emissora, leio e envio e-mails. Organizo minha mesa e repasso meu cronograma. Lá por meio-dia, a fofa bate à porta da minha sala.

— Olá, Nina, posso entrar? — pergunta.

Hoje ela está toda de preto, no modo *dominatrix*, e meu humor imediatamente azeda. Continuo não suportando essa mulher.

— Claro, Vanessa.

— Estou trazendo suas reservas de voo. Tudo o que você precisará está aqui nesta pasta. Vou deixá-la com você.

— Obrigada, pode deixar sobre a mesa que daqui a pouco vou embora.

— Nina, você vai ficar duas semanas fora... e...

— E? — pressiono, percebendo sua hesitação.

— Vai deixar o seu namorado sozinho? — A pergunta cai como uma bomba. Não tenho satisfações a dar para essa mulher, que parece sempre disposta a me perturbar. Não sei o que responder. Não pretendo ser grossa, mas ela está pedindo.

— Vanessa, o que faz você pensar que eu tenho um namorado?

— Sei que você e o Edu estão juntos — dispara —, desde o jornal.

— Desculpe, Vanessa, não quero ser indelicada, mas o que que você tem a ver com isso?

— O Fernando sabe do seu relacionamento com o Edu? — continua ela, insistente. Não sei aonde quer chegar.

— Vanessa, a minha vida particular diz respeito somente a mim, entendeu? Nem você nem o Fernando, aliás, ninguém tem o direito de dar palpites. Sou uma mulher livre e respeito meu

ambiente de trabalho. Qual é o seu interesse nisso? — confronto.

— Nenhum, Nina, foi só uma pergunta. Achei que pudéssemos ser amigas... Desculpe, não tive a intenção de invadir sua privacidade — diz, parecendo desconcertada. — Estou voltando para a minha mesa. Dá licença... — E sai sem me dar tempo para responder.

Se meu sexto sentido não estivesse tão aguçado, eu estaria com pena dela neste momento. Fui muito dura, mas tenho certeza de que essa mulher é uma cobra prestes a dar o bote e não confio nela nem um pouco. Amigas? Era só o que me faltava. Ela sabe do meu relacionamento com o Edu... ou está jogando verde. Não me admira, porque vivia nos espionando na redação. Continuarei de olho nela.

Acabo meu trabalho, despeço-me do pessoal e vou para o metrô. Tenho tantas coisas a fazer! Passo no salão e coloco em dia cabelo, unha e depilação. Estou liberada do trabalho de amanhã, pois meu voo é no final da tarde. Hoje vou dormir na casa do Edu, é a nossa última noite antes da viagem.

Chego às seis da tarde e tomo um banho. Pretendia arrumar minhas malas, mas deixarei para amanhã cedo. Preparo minha mochila para ir dormir com o Edu e, às sete e meia da noite, sua moto estaciona em frente ao prédio. Não temos tempo a perder. Paramos um pouco no Mirante do Leblon. O mar está agitado. Ficamos nos olhando por alguns minutos, já sinto saudades dele e nem viajei ainda. O coração está pesado. Ele me abraça e nenhum de nós tem coragem de dizer nada. Não queremos quebrar a magia do momento.

Ele me leva a um restaurante que adoro, onde costumo pedir quiches e saladas maravilhosas, mas hoje estou sem um pinga de apetite. Após o jantar, vamos direto para o apartamento dele.

Edu me convida para relaxarmos na banheira e, pela primeira vez, sinto que fazemos amor de verdade, calmo, sereno, saboreando cada minuto. Já conhecemos o corpo um do outro, milímetro por milímetro. Saímos da água. Ele pega uma toalha e me enxuga com

carinho, até com certa reverência. Sou a mulher mais feliz do mundo neste momento.

Vamos para a cama e nos deitamos de conchinha, maravilhosamente nus, à vontade. Ainda estamos acordados. Sinto sua respiração na minha nuca. Ele beija e me provoca arrepios, já estou pronta de novo. Não me canso dele. Edu começa a dizer umas bobagens no meu ouvido que deixariam qualquer mulher morta de inveja. Sorrio. Apenas sinto. Quebrando a intimidade do momento, confessa quase num sussurro:

Linda... Eu estou louco por você.

— Eu também — respondo no mesmo tom.

— Eu não planejava isso, Nina, mas aconteceu. Quando você voltar nós vamos conversar, há coisas que precisa saber...

— Que coisas? — pergunto com o coração apertado.

— Coisas sobre as quais não quero falar hoje... Hoje eu só quero dizer que... amo você. É simples. Eu não queria, mas amo você. Não sei para onde isso vai nos levar, mas não posso voltar atrás.

Ouvi-lo aqueceu meu coração de um jeito que derreteria facilmente a calota polar. Edu me ama. E eu estou perdidamente apaixonada por ele. Nunca me senti assim antes.

— Também amo você, Edu. Não planejei isso, mas a verdade é que estou louca por você da mesma forma.

Ele se deita sobre mim, prende minhas mãos acima da cabeça e me beija com paixão. Agora sim, reconheço o Edu possessivo, cheio de promessas sensuais, sexo urgente, quente, que expressa amor e paixão. Acho que não vou me cansar nunca. Já me viciiei nele...

Depois de um rápido banho de chuveiro, voltamos a nos deitar abraçados, um de frente para o outro, curtindo o momento. Uma música suave embala nossos sonhos. Adormecemos assim. De repente, alguns minutos depois, sou despertada de sobressalto por

uma voz fina e estridente:

— Vagabunda!

Ainda sem saber se estou dormindo ou acordada, avisto uma imagem embaçada à porta do quarto. Aos poucos vai ficando nítida. Apoiada ao umbral está uma mulher morena, na casa dos trinta anos, elegantemente vestida e com um olhar arrogante, que aos berros exige explicações:

— Carlos Eduardo, quem é essa vadia?

Numa fração de segundo, tudo fica claro como água. É a mim a quem ela se refere como vagabunda e vadia. Instintivamente levo as mãos aos seios e puxo o lençol para me cobrir. A situação não poderia ser mais humilhante. Sinto-me como uma adolescente surpreendida fumando no banheiro da escola. Está na cara que essa mulher tem algum tipo de relacionamento com o Edu. O meu Edu. Sinto uma pontada de dor no peito. Neste momento, olho para ele, que parece petrificado. Percebo que ele estaria menos espantado se tivesse visto o Bin Laden à sua frente.

— Elaine? O que você está fazendo aqui? Quando foi que você chegou? — pergunta, completamente desconcertado.

Eu é que pergunto, Carlos Eduardo! Quer dizer que basta eu virar as costas para você colocar uma vadia na minha casa, na minha cama?

— Sua casa, Elaine? Sua cama? Desde quando?

Os dois começam uma discussão. Aproveito o transtorno para me arrumar, pegar minha mochila e ir em direção à porta. A raiva, o desespero e a humilhação me consomem. As lágrimas brotam e sinto minhas bochechas pegarem fogo. Meu coração parece que vai saltar para fora. Olho de um para o outro, tentando assimilar os fatos. Ele percebe minha perplexidade, impede a minha saída do quarto e me pega pelos braços.

— Nina, você fica comigo aqui, estamos juntos agora. Olha-me diretamente ao dizer: Não tenho nada com essa mulher... Vou

explicar tudo a você.

— Não quero ouvir, Edu, não sabia que você era...

— É isso aí, minha filha, ele é CASADO! CASADO! Estamos casados há três anos! — Ela me interrompe, jogando suas palavras na minha cara aos gritos, como quem se deleita em causar sofrimento.

— Não quero ouvir mais nada, vou embora. Vocês têm muito o que conversar. A propósito, Elaine, não é esse o seu nome? — pergunto, fingindo pouco-caso. — Fique com ele para você. Não tenho o hábito de roubar o marido das outras. Aliás... vagabunda e vadia é a mãe!

Reúno toda a minha dignidade e saio de cabeça erguida. Ele começa a se vestir e, chamando meu nome, tenta me alcançar. Quando chega à calçada, é tarde. Já estou dentro do táxi.

Nem lembro como entrei em casa, mas vou direto para o chuveiro. Deixo a água cair sobre a minha cabeça e lavar a alma. Depois choro convulsivamente na minha cama. Parece que vou morrer de tanta dor. Nunca me senti assim. Nem quando peguei o Bruno transando com a Julia na adega da casa do Lucas, em Teresópolis. Ali, só senti raiva e uma ridícula sensação de ter sido passada para trás. Isso que estou sentindo agora é muito maior, muito pior...

Meus olhos estão inchados, minha garganta dói de tanto que choro. São onze da noite. Ouço o ruído da moto. Sei que ele está lá embaixo. Ele toca o interfone. Não atendo. Ele grita meu nome. Não vou à janela. Liga para o meu celular dezenove vezes. Ignoro. No visor do aparelho, noto que meus amigos e minha família deixaram mensagens de boa viagem. Não consigo responder. Acho que nesse momento não consigo nem respirar direito. Edu me chama, manda mensagens de texto, de voz. Lá pelas duas da manhã, percebendo que não falarei com ele, desiste e vai embora. Meus vizinhos todos devem estar acordados. Estou um caco! Preciso dormir de qualquer jeito.

Amanhã será a minha viagem e não posso estar com essa cara de morta-viva. Por fim, acabo vencida pelo cansaço e durmo.

Acordo às nove e meia, vou direto ao banheiro. Meus olhos estão inchados, tenho olheiras e minha aparência é a pior possível. Tomo um banho e faço um café. O celular está na cabeceira e não tenho coragem de pegá-lo. Sei que encontrarei nele inúmeras mensagens de texto, voz e ligações perdidas do Edu. Não sinto a menor vontade de ouvir o que ele tem para dizer. Pela primeira vez, começo a analisar os fatos. Estou mortalmente magoada. Sinto-me traída, enganada, fiz papel de idiota. Ele é casado, *casado*, repito para mim mesma, incrédula. E com aquela mulher arrogante, que me chamou de vagabunda, de vadia...

Meu Deus, como pude ser tão ingênua? Começo a montar o quebra-cabeça. Quando saímos pela primeira vez e perguntei se Edu tinha alguém, sua resposta foi que *no momento* estava sozinho. Achei estranho. Realmente, naquele momento a mulher deveria estar ausente, talvez viajando... Logo, *no momento* ele estava sozinho. Tecnicamente ele não mentiu, apenas omitiu sua situação. Depois, na festa do André, vi a loira misteriosa falar com Edu de um jeito acusatório. Agora isso me faz crer que provavelmente era alguma conhecida da mulher dele. Também estranhei a decoração do apartamento, alguns elementos com toques femininos. Até mesmo flagrei um perfume de mulher quase no fim, na bancada do banheiro. Em resumo, todas as evidências estavam na minha cara, eu é que não vi, ou não quis ver, porque estava tudo tão perfeito entre a gente...

Meu lado racional já deu seu veredito: *fiz papel de idiota*. Fui enganada. Entretanto meu lado emocional ainda guarda esperanças de que Edu tenha uma boa explicação, afinal, ele já havia mencionado algumas vezes que precisávamos ter uma conversa. Ele disse que me ama. E eu senti verdade em suas declarações. Não pode ter sido tudo mentira. No momento em que fomos flagrados, ele disse que não tinha mais nada com a esposa... Estou muito, muito confusa com tudo isso.

Como sempre acontece com a maioria das pessoas, deixo o lado racional vencer. Estava muito bom para ser verdade. Ainda que Edu me ame e queira ficar comigo, fui enganada. Ele mentiu para mim! E um relacionamento baseado em mentiras e omissões não tem a menor possibilidade de prosseguir de forma saudável. Acabou. Tenho que me conformar com isso.

Pego o celular. Leio, ouço e apago todas as mensagens dele. E choro novamente. Em todas, ele pede para conversarmos e diz que não está mais casado. Bloqueio seu número. Não quero mais receber suas chamadas.

Meu coração se aperta. Eu o amo muito. Estou consumida pelos últimos acontecimentos, isso parece um pesadelo.

Às onze da manhã, eu escuto o ruído da moto novamente. Ele toca o interfone e me chama. Não apareço. Na verdade, nem abri a janela hoje. Passo a impressão de que não há ninguém em casa. Depois de meia hora, finalmente ele desiste.

Reúno todas as minhas forças e começo a arrumar as malas. Vou tentar focar na viagem. Daqui a algumas horas estarei no aeroporto. Meu voo sai às dez da noite e devo chegar à área de embarque às oito.

Termino tudo às duas da tarde. Não tenho fome, mas deveria me alimentar. Por isso resolvo descer para comer alguma coisa. Copacabana está fervilhando de gente. É outubro. O sol brilha, o dia está lindo. Entro num restaurante de culinária saudável. Peço uma salada e um grelhado. Como sem vontade e dou uma caminhada na orla. No quiosque da dona Antônia, compro uma água de coco. Vou ficar duas semanas sem esse visual, mas tento me animar. Conhecerei Lisboa... e Paris!

Ainda assim, meu ânimo não melhora muito. Estou apenas tentando sobreviver aos acontecimentos. Volto para casa, tomo um banho, lavo e seco os cabelos. Monto um *look* confortável, considerando que passarei dez horas num avião. Coloco uma *legging*, uma camisa jeans e botas de cano curto com saltos baixos.

Nas mãos, um casaco leve, caso a temperatura esteja amena na ocasião do desembarque. Chamo um táxi. *Partiu aeroporto!*

Chego às sete e quarenta da noite no balcão da companhia aérea, onde providencio logo meu *check-in*. Passo pelo raio-X, pela Polícia Federal e, finalmente, acesso a área de embarque. Dou uma olhada no *Duty Free* sem muito interesse. Atendo a uma chamada da minha mãe e respondo às mensagens dos amigos desejando-me boa viagem. Fernando já está no aeroporto, combinamos de nos encontrar na sala VIP. Vou viajar na classe executiva. Em outras circunstâncias isso me deixaria animadíssima, mas hoje nada consegue me alegrar.

Às nove e quinze a companhia começa a nos chamar para o embarque. O voo sairá pontualmente. O restante da equipe está na classe econômica. Somente eu e o Fernando iremos na primeira classe, sentados um ao lado do outro. Isso me incomoda. Por que tive um tratamento especial? Sinto vontade de perguntar a ele, mas acho que essa atitude não cairia bem.

Assistimos a um filme com as instruções de emergência e o avião começa a taxiar na pista. A decolagem está próxima. Fecho os olhos. Tenho horror a decolagens. Na verdade, não gosto de voar, mas não tenho escolha.

O avião decola. Prendo a respiração e aperto ainda mais as pálpebras até a estabilização da aeronave.

— Medo de avião, Nina? — pergunta ele, divertido. Abro os olhos, oferecendo um sorriso amarelo.

— Digamos que eu não me sinta confortável, Fernando. Tenho certo receio de voar.

— O avião é o transporte mais seguro do mundo. Não tenha medo. Qualquer coisa, pode segurar a minha mão — diz gentilmente.

— Obrigada, Fernando. Está tudo bem. — Consigo responder, sem graça.

É estranho saber que precisarei passar a noite ao lado dele. Sinto saudades do Edu. Não consigo parar de pensar nele. O que ele estará fazendo a essa hora? Será que conversou com a mulher? Essas perguntas não param de me assombrar. Tenho vontade de chorar. Nem posso me dar ao luxo de fazer isso. Após o serviço de bordo, tomo um comprimido e durmo um pouco. Meu sono é agitado e não consigo relaxar completamente.

A viagem transcorre tranquila, apesar de atravessarmos algumas áreas de turbulência que me trazem desconforto. Fernando passa a viagem toda com seus fones de ouvido vendo um filme após o outro. Conversamos apenas sobre amenidades durante as pausas para o serviço de bordo. Graças a Deus, porque eu não conseguiria encarar um bate-papo nas circunstâncias em que me encontro.

O avião pousa em Miami. Despeço-me do Fernando, que seguirá em uma conexão para Nova York. Junto ao pessoal da equipe, atravesso o imenso aeroporto para chegar a outro terminal onde pegaremos o avião até Orlando. A viagem leva pouco mais de uma hora.

Um serviço de *van* nos espera no aeroporto para o traslado até o hotel, que será nossa casa pelos próximos sete dias. São oito e meia da manhã.

Depois de uma noite maldormida, preciso de um período de descanso, afinal, devo estar com uma boa aparência para apresentar as matérias. Agora minha imagem estará em evidência. À tarde teremos uma breve reunião com uma produtora local para mapearmos os locais onde gravaremos o programa, que seguirá um roteiro baseado em parques temáticos e locais de compras.

Passo o resto da manhã dormindo. Ligo meu celular. Há mensagens do Lucas, do Marcelo e nove de um número desconhecido. São do Edu. Como o número dele está bloqueado, conseguiu outro para se comunicar.

Nina, sei que você vai ler quando chegar...

Não me bloqueia, por favor...

Podemos conversar na volta...

Infelizmente, o trabalho não me permite pegar um avião e ir atrás de você...

Eu queria ter dito a você antes...

Não estou mais vivendo com a Elaine há meses...

Estou ficando louco...

Por favor, dê uma chance para nós...

Te amo...

Ainda sinto raiva. Não vamos voltar a ficar juntos. Sei disso. O que passei na casa dele, a vergonha, a humilhação... Cada vez que penso nisso sinto que não sou capaz de perdoá-lo. Como conseguirei confiar nele de novo? É melhor acabarmos tudo enquanto há tempo. Respondo às mensagens do Marcelo e do Lucas, depois às dele:

Acabou. Não ligue novamente.

Não quero conversar.

Não vamos voltar.

Faço isso com o coração pesado, mas sei que é o melhor para nós. Afinal, a mulher entrou no apartamento, tinha a chave, o que significa que ainda há um vínculo entre eles. E ela se referiu ao apartamento como sendo sua casa. A separação é relativamente recente, não quero ficar no meio disso tudo. O fato de ele ter mentido para mim faz com que eu não consiga mais confiar em suas palavras. Não existe relacionamento sem confiança. Vou esquecer esse amor. Com o passar dos dias, vou ficar bem.

Começo a me lembrar da conversa com o meu irmão, Marcelo. Jurei que nunca mais deixaria ninguém partir meu coração, e vou cumprir. Bola para a frente. Vou direcionar minhas energias para o trabalho. Esse período fora irá me ajudar a manter uma distância necessária. De repente, o celular indica o recebimento de uma nova mensagem:

Não vou desistir.

Eu já desisti respondo.

Eu te amo, e sei que você também me ama.

Isso não é suficiente.

Não quero mais.

Não vai dar certo.

Vou dar um tempo para você. Até a volta.

Acabou, Edu. Simplesmente aceite.

Não acabou. Você sabe disso.

Eu te amo.

Não respondo outra vez... Ele para de mandar mensagens e não liga mais. Saber que Edu estava me procurando incansavelmente era reconfortante, apesar de tudo. Eu deveria estar aliviada, mas não estou. Morro de saudades dele.

A semana transcorre com muito trabalho. Os dias passam, e eu sigo gravando minhas matérias, percorrendo os parques, os roteiros de compras e os restaurantes. Gravamos em outros locais da Flórida, como Tampa e Cabo Canaveral. Entrevisto pessoas,

famílias inteiras, grupos de amigos, todos em busca de diversão. O material que gravamos começa a sair do esboço e ganha corpo.

Durante os momentos em que estou trabalhando, não tenho tempo para pensar em nada. Nas noites em que estou livre, procuro sair com o pessoal da equipe e me divertir um pouco. Ficar sozinha no hotel não vai ajudar. Sinto muitas saudades do Edu. Tudo me lembra algo dele. Ainda assim, estou tentando sobreviver e ir em frente. Vai passar. Preciso acreditar nisso.

Hoje é segunda-feira, última noite em Orlando. Amanhã embarcarei para Lisboa. Decido sair com os colegas para comemorar o final das gravações do primeiro programa. Vamos a um *pub* irlandês. Bebo todas. Lá pelas duas da manhã, quando vou até o balcão buscar mais uma cerveja, sou interpelada por um cara grandalhão falando um inglês estranho à minha compreensão. Até que parece simpático! Com uma voz arrastada, pelo pouco que consigo entender, está me convidando para dançar. Agradeço e digo que não estou a fim. Ele insiste, e eu reitero a negativa. Ele acaba aceitando minha decisão. Começamos então a conversar um pouco. Ele é irlandês, está explicado o sotaque estranho. Nossa conversa parece coisa de maluco. Eu não o entendo bem, nem ele a mim. Quando intenciono voltar para os meus colegas, ele me segura pelo braço e tenta me beijar. Desvencilho-me rápido e digo um palavrão em sonoro português. Isso chama a atenção do Danilo, meu colega, que vem em minha defesa. Trocam umas palavras ríspidas e o irlandês parece pedir desculpas.

— Dan, onde você aprendeu a falar inglês com esse sotaque esquisito? — pergunto.

— Morei dois anos na Irlanda, Nina. Fui eu que escolhi esse *pub* para a nossa noite comemorativa.

— Obrigada, você me salvou. Disse a ele que estávamos juntos?

— Sim, o coitado ficou sem graça. Adoro salvar donzelas indefesas de irlandeses inconvenientes.

Rimos muito, porque ambos sabemos que o Danilo é gay. Foi um cavalheiro esta noite.

Agradeço imensamente ao Dan, e resolvo ir embora. A noite já deu. Meu colega se oferece para me acompanhar, já que o pessoal ficará mais um pouco. Digo que não precisa e pego um táxi. Fico imaginando qual seria a reação do meu cavaleiro de metal se visse esse engraçadinho me assediando... Meu Deus, no que estou pensando? Tenho que tirar esse homem da minha cabeça, pois ele me vem à lembrança em qualquer situação.

Chego ao hotel e vou dormir. Acordo às dez horas, então desço ao saguão para me despedir de alguns colegas que retornarão ao Brasil. Para a segunda etapa da viagem, irei acompanhada apenas do Fernando e de mais três pessoas da equipe. Vou cobrir um festival de música em Lisboa no qual se apresentarão muitos artistas brasileiros. Essa matéria é parte do segundo programa.

Subo novamente e começo a organizar as minhas coisas. Acabei aproveitando a minha estadia em Orlando para fazer umas compras e, em vez de uma mala, estou levando duas. Devo pegar um voo para Nova York às cinco da tarde, a fim de encontrar o Fernando para embarcarmos às onze para Lisboa. Trabalho um pouco no meu computador pessoal, tomo um banho e peço algo para comer no quarto.

Chego a Nova York oito e quinze da noite. Fernando já está à minha espera. Encontro-o na sala de embarque da classe executiva.

— E aí, Nina, como foi em Orlando? — Sua pergunta soa como se não tivéssemos nos falado todos os dias.

— Acho que, após a edição, o programa ficará incrível. Todos nos empenhamos muito. Ficou muito bom. Não vejo a hora de ver tudo pronto, com a apresentação da Amália e do Luciano.

— Perfeito, Nina, tenho certeza de que você fez um trabalho primoroso.

— A equipe toda fez. Cuidamos juntos de cada detalhe. O

resultado refletirá isso, com certeza.

— Sem dúvida, é um trabalho de equipe. Vou corrigir: vocês fizeram um ótimo trabalho, tenho certeza — diz ele, simpático.

Fico avaliando como meu relacionamento com o Fernando mudou. Nós éramos muito distantes no jornal, e eu até achava que ele não ia com a minha cara. Agora, no entanto, tem se mostrado uma pessoa amável e gentil. Ele valoriza meu trabalho, faz com que eu me sinta confiante e motivada. Estou adorando meu novo emprego. A única coisa que está um desastre é a minha vida amorosa. Ainda penso no Edu todos os dias, preciso esquecê-lo de uma vez por todas.

O DIA D POR EDU...

A última terça-feira fez realizar o meu pior pesadelo. Era a véspera da fatídica e inevitável viagem da Nina, que foi dormir na minha casa para que pudéssemos aproveitar cada instante juntos. Foi a nossa última noite antes da sua partida, e talvez a nossa última juntos...

Tudo estava melancólico quando passei de moto para buscá-la, por volta das sete e meia da noite. Antes de irmos jantar e dormir no meu apartamento, resolvi aproveitar a vista do Mirante do Leblon em sua companhia. O mar agitado refletia o meu estado de espírito. Eu apenas a apertava em meus braços, como se tivesse o poder de não deixá-la escapar de mim.

Não tinha nada de bom para dizer. Eu antevia o início de uma

tempestade que se abateria sobre nós. Há muito sabia do que o Fernando é capaz, ela não.

O jantar transcorreu em silêncio. Nenhum de nós teve apetite. Sabíamos que nosso afastamento seria temporário, mas parecia uma eternidade quando ela se fosse.

Quando chegamos ao meu apartamento, levei-a para tomar um banho relaxante de banheira e fiquei imerso ali, por um bom tempo, com ela aninhada em meus braços. Apesar de toda a urgência que sentíamos quando nossos corpos estavam assim, próximos, o sexo desta vez foi calmo, sereno, tranquilo, mas não menos arrebatador do que antes.

Naquele exato momento é que eu compreendi que não tinha mais como retroceder, eu amava essa mulher. Nunca senti isso por ninguém.

Eu a convidei para sair da banheira, peguei uma toalha e a sequei, reverenciando seu corpo, suas curvas e toda a sua exuberância. Nina é uma mulher para ser adorada.

Fomos para a cama e nos deitamos abraçados, eu com meu corpo nu colado ao dela, praticamente encaixado nas suas curvas, e ela de costas pra mim. Não resisti e a provoquei com carícias, dizendo-lhe mil e uma bobagens ao pé do ouvido. Fizemos tudo de novo.

Depois do sexo, ainda continuávamos acordados. Apesar do cansaço, estava difícil dormir naquela noite... Ficamos assim por um tempo, então resolvi abrir meu coração:

— Linda... Eu estou louco por você.

— Eu também — respondeu ela.

— Eu não planejava isso, Nina, mas aconteceu. Quando você voltar nós vamos conversar, há coisas que precisa saber...

— Que coisas? — indagou, visivelmente confusa.

— Coisas sobre as quais não quero falar hoje... Hoje eu só

quero dizer que... amo você. É simples. Eu não queria, mas amo você. Não sei para onde isso vai nos levar, mas não posso voltar atrás — confessei.

Naquele momento, li em seus olhos que o sentimento era recíproco. Soube que me amava antes mesmo de ouvi-la dizer:

— Também amo você, Edu. Não planejei isso, mas a verdade é que estou louca por você da mesma forma.

Ouvir isso acabou aguçando meu lado irracional e girei meu corpo por cima do dela, prendendo suas mãos acima da cabeça e beijando-a de um jeito que a fizesse sentir toda a minha paixão.

Tomamos outro banho juntos e, carinhosamente, a levei para a cama. Ficamos calados, deitados de frente um para o outro, curtindo o momento. Adormecemos assim.

Nosso sono ainda parecia estar num padrão superficial quando fomos acordados aos gritos:

— Vagabunda!

Ela estava lá, parada à porta. Com toda a sua arrogância. Elaine. De que profundidade teria saído aquela mulher? Limpei os olhos como se isso pudesse fazê-la desaparecer como uma miragem, mas infelizmente sua presença era verdade. Ela estava apoiada no batente da porta e, aos berros, exigia explicações:

— Carlos Eduardo, quem é essa vadia?

Não podia acreditar que estava diante dela. Minha ex-mulher. Que diabos ela fazia ali? Estávamos separados há meses, e ela morava em Nova York...

Fiquei encarando-a perplexo, ainda processando a situação, e então perguntei:

— Elaine? O que você está fazendo aqui? Quando foi que você chegou?

— Eu é que pergunto, Carlos Eduardo! Quer dizer que basta eu

virar as costas para você colocar uma vadia na minha casa, na minha cama?

— Sua casa, Elaine? Sua cama? Desde quando? Você já não mora aqui há meses. Estamos separados! Quer me fazer o favor de dizer o que veio fazer aqui? — exijo, furioso.

— Não interessa, Carlos Eduardo, ainda estamos oficialmente casados!

— Você está louca! Completamente louca! — gritei.

Quando percebo, minha linda havia se arrumado e estava com a mochila nas costas, indo em direção à porta. Corri para impedir sua saída e a segurei pelos braços, dizendo meio desesperado:

— Nina, você fica comigo aqui, estamos juntos agora. Não tenho nada com essa mulher... Vou explicar tudo a você.

— Não quero ouvir, Edu, não sabia que você era...

É isso aí, minha filha, ele é CASADO! CASADO! Estamos casados há três anos! — interrompeu Elaine, aos berros, dirigindo-se à Nina, minha Nina, de um jeito que me fez desejar agredi-la.

— Não quero ouvir mais nada, vou embora. Vocês têm muito o que conversar. A propósito, Elaine, não é esse o seu nome? — Nina tinha lágrimas nos olhos, mas sua expressão era raivosa ao encarar minha ex-mulher. — Fique com ele para você. Não tenho o hábito de roubar o marido das outras. Aliás... vagabunda e vadia é a mãe!

Se o momento não fosse trágico, eu teria achado graça da coragem dela ao enfrentar Elaine à altura, mas não podia perder um minuto.

Comecei a me vestir, já que estávamos nus há poucos minutos, enrolados nos lençóis e um no outro. Quando cheguei à calçada, Nina havia acabado de entrar num táxi. Corri atrás e a chamei, mas o carro seguiu viagem.

Voltei ao apartamento e a megera da Elaine já tinha ido embora. Parece que veio só para fazer o que tinha se proposto, me

assombrar, tal como um fantasma.

Peguei o capacete, fui até a garagem e subi na moto. Pilotei feito um louco e, em quinze minutos, estava em frente ao prédio de Nina. Ligava para o celular dela, mas não me atendia. Mandava mensagens. De texto. De voz. Nada. As luzes estavam acesas, ela não queria me ver.

Fiquei feito um louco na calçada. Acho que acordei a vizinhança toda e, lá pelas duas da manhã, vendo que não conseguiria nada, fui embora derrotado. Parei no único bar que estava aberto e enchi a cara. Tomei meia garrafa de whisky. *Cowboy*. Nunca havia sentido uma dor tão grande.

O dia estava quase amanhecendo, e eu não reunia condições de pilotar minha moto. Eu tinha vagado pela praia de Copacabana. Mendigos, pivetes, prostitutas. Todos passaram por mim. Eu me sentia anestesiado. Lembro-me vagamente do momento em que liguei para o meu amigo Jorge, que estava dormindo, para pedir ajuda. Quando ele percebeu o meu estado, pegou um táxi e veio ao meu encontro para levar a mim e a moto para casa.

Em casa, dormi algumas horas. A diarista chegou para trabalhar e me flagrou deitado nu, no quarto, num estado deplorável. Pedi desculpas por assustá-la e tomei um banho, afinal, normalmente neste horário não costumava estar em casa.

Mandei mais mensagens, liguei mil vezes, mas Nina não queria mais me ver. Tinha acabado. Não me daria por vencido... Não posso perdê-la.

Às onze da manhã cheguei à casa dela. Toquei o interfone, chamei, nada. Ela nem tinha aberto as janelas. Sabia que ela estava lá, não sairia em um dia tão importante. Queria que eu pensasse que não estava em casa. Fiquei trinta minutos na praça em frente ao seu prédio, na esperança de vê-la e esclarecer tudo. Desisti, sem forças para persistir.

Não fui trabalhar neste dia. Não conseguia mais enviar

nenhuma mensagem, pois ela havia bloqueado meu número. Comprei outro *chip* de celular no final da tarde.

Eu estava morto. Física e mentalmente esgotado. A noite caiu. Fui dormir, sabia que ela estaria voando àquela hora.

No dia seguinte, levantei-me mais animado. Decidi reagir e trabalhar. Do meu número novo enviei mensagens, que agora chegariam para ela. Pedi que não me bloqueasse e disse que, quando retornasse, poderíamos conversar. Esclareci que não estou com Elaine há meses, implorei por uma chance e declarei outra vez que a amava. A resposta dela veio horas depois:

Acabou. Não ligue novamente.

Não quero conversar.

Não vamos voltar.

Ela me respondeu! Mesmo sabendo que seria negativo, receber algo dela foi reconfortante. No fundo, sabia que ainda havia um fio de esperança de nos entendermos. Sem demora, enviei: “*Não vou desistir*”.

Nina, então, reafirmou não ter retorno. Insisti, dizendo que amo e que lhe daria um tempo, até o seu retorno, mas ela ignorou ao me pedir que “simplesmente aceitasse” o fim. Bufando, concluí deixando claro que não tínhamos acabado.

Embora essa tenha sido a coisa mais difícil que já fiz na vida, deixei-a em paz. Tinha que arriscar lhe dar um tempo. Precisei reunir toda a minha força para deixá-la respirar, mas no fundo ainda alimentava a esperança de que aquilo não era um adeus...

CAPÍTULO DEZ – AU REVOIR

Desembarcamos em Lisboa às duas da tarde, hora local. A viagem foi tranquila e, com o auxílio de um remedinho, dormi praticamente durante todo o voo. A temperatura é amena, em torno de dezessete graus. O trajeto do aeroporto para o hotel contempla algumas avenidas largas, praças arborizadas e uma atmosfera marcante do velho mundo. Estou encantada. Nem acredito que vim à Europa.

Ao chegarmos ao hotel, cada um segue ao seu quarto para um breve descanso. O meu tem uma linda vista para o Castelo de São Jorge. Às cinco da tarde, encontro Fernando e o pessoal da equipe para uma reunião. Hoje à noite será o meu primeiro compromisso profissional e entrevistarei Claudia Rodrigues, uma cantora de fados, num típico restaurante português. É parte do roteiro do próximo programa, voltado ao cenário musical luso-brasileiro.

Após nossa rápida reunião, Fernando me convida para dar um passeio pelas ruas de Lisboa. Vamos caminhando por praças e ruas exclusivamente de pedestres. A noite cai. Chegamos à Praça do Comércio. Não me contenho e tiro fotos e mais fotos. Fernando ri da minha empolgação. Sentamos à mesa em um café.

— Então, Nina, gostando daqui?

— Muito, Fernando. Estou amando esse lugar.

— Amanhã sei que você passará a tarde e a noite gravando, mas terá a manhã livre. Posso levá-la a alguns pontos turísticos. O que acha?

— Claro, é muita gentileza sua. Gostaria muito de conhecer a cidade.

— Agora vamos, que o trabalho nos espera — diz enquanto caminhamos de volta. — Vou acompanhar você na entrevista com a Claudia Rodrigues. A ideia é iniciar o programa com imagens de

pontos turísticos daqui, depois mostraremos a música local e uma casa de fados simbolizando as tradições musicais de Portugal. Então vamos apresentar os novos artistas regionais e *flashes* do festival de música de Lisboa, além de entrevistas com os brasileiros que fazem sucesso por aqui. Tudo isso para mostrar como o novo e o tradicional convivem, e como Brasil e Portugal são nações culturalmente ricas e entrosadas.

Sinto que ele está empolgado. Nosso programa abrange temas variados, ligados a viagens, música, moda e comportamento social. Toda semana apresentaremos um tema diferente.

Já são oito da noite. Chego ao hotel, tomo um banho e monto o *look* para o jantar. Opto por uma calça preta justa de tecido grosso, visto uma blusa branca de seda com um *cardigan* cinza e um cachecol xadrez em tons de vinho. Completo com brincos pendentes de pedras pretas e um sobretudo grafite. Calço as minhas botas pretas de salto. Estou apresentável. No espelho, pela primeira vez nos últimos dias, gosto do que vejo.

Desço às nove e meia. O pessoal da equipe já está na casa de fados, preparando tudo para a gravação da entrevista. Fernando ficou à minha espera para me conduzir até o local, já que não conheço nada por aqui. Ele está no saguão do hotel. Sua aparência é impressionante em um terno cinza-escuro muito bem cortado, que ressalta sua elegância. Tem nas mãos um sobretudo preto de lã. É um pedaço de mau caminho esse meu chefe!

— Boa noite, Nina. Você está linda. Ele me cumprimenta.

— Obrigada, Fernando. Você também está muito bem — digo, já ficando vermelha.

— Vamos, o carro está à nossa espera.

Uau! Que chique, um carro com motorista! Faço uma cara de paisagem, como se estivesse acostumada a ter todos os dias um carro me esperando à porta de um hotel na Europa. Durante o trajeto nos falamos pouco. Pela janela acompanho tudo, procurando

guardar a imagem dos lugares aonde vou passando. Já amo essa cidade. Pelo canto dos olhos, percebo que estou sendo observada. O Fernando às vezes me deixa desconcertada.

Não sei se é o clima, a cidade ou a música, mas estou sentimental hoje. Sinto muito a falta do Edu. Tudo me faz pensar em nós dois. Fico imaginando como seria caminhar com ele por essas ruas. Hoje faz exatamente uma semana que recebi sua última mensagem. Ele cumpriu a promessa de me deixar em paz. Nenhum sinal. Nada. Deveria estar aliviada, afinal, eu mesma pedi para que não me procurasse mais. Preciso esquecer esse homem. Não consigo.

A entrevista foi um sucesso. Claudia Rodrigues é uma estrela com uma voz e um talento incríveis. Uma mulher de meia-idade ainda muito bonita e amável. Foi simpática e receptiva. O lugar também é fantástico e aproveitamos um maravilhoso jantar após a entrevista. Agora que acabei o trabalho, já posso beber um vinho. O pessoal da equipe resolve sair para curtir a noite e as baladas portuguesas. A cantora volta às suas atividades e ficamos apenas Fernando e eu.

— Nina, fico muito feliz de estar aqui com você — comenta ele.

— Obrigada, Fernando. Estou amando tudo. O trabalho, a viagem, é como um sonho para mim. Estou fazendo o melhor que posso. Preciso que você me diga se estou correspondendo às suas expectativas.

— Muito mais que isso. Você está se saindo muito bem. Apostei no seu talento. Sempre soube que você tinha potencial, mas não estou me referindo ao trabalho, Nina. — Ele me olha nos olhos e pega minha mão. Entendo o que ele quer.

— Olha, Fernando, não posso...

— Eu sei, é o Eduardo... — Ele me interrompe.

Fiquei rosa-chiclete! Como é que ele sabe? Parece que não conseguimos manter nosso relacionamento em segredo.

— O que tem ele? — pergunto como quem não quer nada.

— Nina, eu sei que vocês estão juntos.

— Como essa informação chegou a você?

— Bem, primeiro vi que vocês estavam muito próximos ultimamente. Até aí nada demais, poderia ser apenas de forma profissional. Depois, quando convidei você para trabalhar comigo, ele ficou uma fera e veio tirar satisfações. Achei estranho e comecei a ligar as coisas. Além disso, as pessoas comentam...

Entendi tudo. As pessoas. Neste caso, as pessoas se resumem a uma só: Vanessa, a fofa. Presumo que ela tenha me espionado para contar ao chefe. Isso é a cara dela!

— Realmente tivemos um breve relacionamento, Fernando, mas acabou — falo com tristeza.

— Você ainda está envolvida demais com ele. É visível.

— Sim, estou muito envolvida. Acabamos tudo na véspera da viagem. Não me recuperei ainda.

— O Eduardo ainda está oficialmente casado. Nós nos conhecemos há muito tempo. Minha falecida esposa era amiga da mulher dele, Elaine. Frequentamos muitas festas e eventos sociais.

Deus do céu! Ele sabe coisas sobre o Edu que eu não sei. Tenho vontade de perguntar, mas me contenho.

— Nina, sou um homem sozinho. Minha mulher, Inês, faleceu há dois anos, vítima de um câncer de mama. Tínhamos uma relação complicada. Não tivemos filhos, ela não podia. Quando ela ficou doente, resolveu se isolar do mundo. E de mim. Não me deixava cuidar dela e foi se distanciando cada vez mais. Ficamos casados por cinco anos. Quando vi você pela primeira vez na entrevista de emprego, gostei muito do seu jeito. — Ele faz uma pausa, seu olhar é intenso. — Além de ser uma profissional promissora, vi na sua pouca idade e ingenuidade uma espontaneidade que me encantou. Nunca foi minha intenção assediar você, e tentei ser o mais distante

e profissional possível, às vezes até um pouco antipático. E então percebi que o Edu e você estavam saindo...

— Fernando, sinto muito pela sua mulher. Por toda essa história... — interrompo meio sem graça.

— Para ser honesto, Nina, essa viagem está me aproximando de você. Estou gostando muito da sua companhia. Você precisa esquecer o Eduardo. Gostaria que você tentasse... — diz, olhando-me de um modo direto.

Essa frase me dá calafrios. Definitivamente não quero nada a mais com o Fernando. Ele é bonito, inteligente, charmoso e disponível, mas não posso sair por aí transando com todos os meus chefes. Isso é ridículo. Não consigo me imaginar com outro que não seja o Edu, embora saiba que só vou esquecê-lo quando começar a sair com outra pessoa. De mais a mais, Fernando não é o cara certo. Nossa relação deve ficar apenas no campo profissional. No máximo, podemos ser amigos.

— Olha, Fernando, não tem chance de isso acontecer. Você é bonito, atraente, e tem todos os adjetivos que uma mulher desejaria, mas não podemos. Você é meu chefe. Não costumo sair por aí dormindo com meus chefes. O Edu foi uma exceção. E não trabalhamos mais juntos, o que é um alívio para mim.

— Entendo suas razões, Nina, mas não acho que o fato de trabalharmos juntos possa impedir nossa aproximação. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Você e eu somos adultos, e profissionais.

— Ainda assim, Fernando, não estou pronta, entende?

— Claro que sim, entendo. Vou deixar você à vontade. Desculpe. Foi bom falar abertamente e ter deixado tudo claro entre nós. Podemos ser amigos, pelo menos?

— Acho que já somos — digo, aliviada.

Não vou negar que ele me atrai, mas meu sentimento por Edu é muito forte. Pode ter sido um relacionamento rápido, porém deixou

marcas profundas. Sinto mais a falta dele do que senti do Bruno, após oito anos de namoro.

— Tenho que confessar a você que até pedi à Vanessa para deixar uma rosa na sua mesa, quando ainda trabalhávamos no jornal...

— Então foi você? Pensei que tivesse sido...

— O Eduardo — completa ele.

— Mas você não estava viajando naquele dia?

— Sim, pedi que deixasse a rosa em sua mesa, mas Vanessa disse que você a jogou fora.

Meu Deus, sempre a fofa! Sabia que ela estava me espionando. Que mentirosa! Certamente foi ela quem se desfez da rosa.

— Deve estar havendo algum engano, porque a rosa apareceu em minha mesa e depois, quando voltei de um compromisso, ela tinha sumido. Eu a procurei e achei estranho...

— Vou consultar a Vanessa. Ela deve saber o que houve.

— Com certeza, ela sabe — digo irônica.

— Bem, isso não importa mais. O importante é que você já sabe o que quero e não estou com pressa. Sei esperar...

Acho melhor acabar com a nossa conversa antes que o vinho o deixe mais corajoso. Resolvo pedir, de forma educada, para irmos embora:

— Fernando, eu preciso descansar. A viagem foi longa e não descansamos o suficiente. Amanhã nosso dia será cheio. Vamos voltar?

— Claro, Nina, tem toda a razão.

Ele pede a conta e me conduz ao carro que está nos esperando. Voltamos ao hotel. Despedimo-nos com um beijo no rosto e cada um segue para o seu quarto. Durmo como uma pedra.

Às oito da manhã já estou tomando café na companhia de Fernando. O restante do pessoal só precisa nos encontrar às cinco da tarde, quando iremos gravar a cobertura do festival de música. Acredito que a noite tenha sido boa, pois ainda estão dormindo.

Conforme havíamos combinado, saímos para um *tour* pela cidade. Vamos ao Castelo de São Jorge, ao elevador de Santa Justa e à Torre de Belém. Fernando conhece Lisboa com propriedade, pois é um cidadão português. Seus pais são portugueses também, do Norte, mais especificamente da região do *D'Ouro*.

Às cinco, pontualmente, começo meu trabalho. Fernando não nos acompanha dessa vez. Estou no festival de música de Lisboa, onde circulo livremente pelos camarins dos artistas mais impressionantes. Mal reconheço se sou tiete ou se faço parte da imprensa, nunca pensei que meu trabalho pudesse ser tão incrível! Às onze encerro as entrevistas, que gravamos entre um show e outro, e aproveito para assistir dos bastidores ao restante do festival. Chego ao hotel às duas da manhã. Estou morta. Amanhã tem mais.

No dia seguinte encontro Fernando, que continua me levando aos pontos turísticos dessa cidade encantadora. Ele me leva até a Praça das Nações, onde andamos de teleférico e visitamos o Oceanário. A parte moderna de Lisboa. Confesso que prefiro a antiga. Não que a parte nova não seja linda, mas não carrega o charme do velho mundo.

À tarde, continuo meu trabalho no festival de música. Meu chefe volta ao hotel e fico apenas com o pessoal da equipe. Às dez e meia, já temos o material necessário e podemos dar por encerradas as gravações do nosso segundo programa. Saímos para comemorar. Vamos a uma balada muito louca, música alta e muita gente jovem. Totalmente diferente do jantar que tive com o Fernando. Aproveito para dançar como se não houvesse amanhã, e beber todas também. Algumas taças de espumante depois, já estou para lá de animadinha. Um simpático *gajo* vem conversar comigo:

— *Como estás? Como te chamas?*

— **Nina.**

Não entendi. Com esta barulheira toda, não estou a te compreender...

Morro de rir com o sotaque dele. Até que é bem bonitinho...

— **Nina — repito.**

— *Tu estás sozinha?* — **pergunta ele.**

— **Não, estou com meus amigos. — Quase grito, a música está muito alta.**

— *Por que não vens comigo a um sítio mais calmo?*

— **Tudo bem, vamos para a varanda — respondo, cheia de coragem.**

Ele me segue até uma área externa destinada aos fumantes, onde podemos conversar mais um pouco. Fico sabendo que ele é médico, assim como meu irmão Marcelo, e chama-se Pedro. Tem trinta e um anos, é solteiro e saiu de um plantão exaustivo para se divertir um pouco, afinal, sexta-feira é igual em todo lugar do mundo. Conversamos por cerca de uma hora. Falamos sobre música, futebol, política, economia e trabalho. Não sei se fiquei eufórica ou se foi o espumante, mas acho que posso me divertir um pouco com ele. De repente ficamos em silêncio, então ele pega meu rosto entre as mãos e me beija. Eu correspondo. Um beijo gostoso, leve, cheio de promessas. Só assim vou conseguir esquecer o Edu. Estou no caminho certo.

Logo o beijo vira abraço... e amasso. Estamos ofegantes. Não quero pensar em nada, mas, quando Pedro me convida para irmos até o seu apartamento, a realidade nua e crua bate à minha porta. Não posso fazer isso. Não tem a menor chance. Não vai rolar. Rapidamente consigo criar uma distância entre nós e peço mil desculpas. Digo que não. Deixo o *gajo* desolado, sem entender nada. Despeço-me dos amigos, que continuam na noitada. Em menos de dez minutos estou num táxi a caminho do hotel.

Entro no meu quarto. As lágrimas parecem brotar em cascata. Choro por um longo tempo. Parece que nunca vou me curar dessa doença chamada Edu. Estou louca de saudades dele. Nenhuma notícia, e lá se vão nove dias desde que recebi sua mensagem pela última vez. Tomo um banho. São duas e meia da manhã. Preciso descansar, pois daqui a poucas horas embarcaremos para Paris. Durmo um sono agitado, sonho com ele. No meu sonho, mais uma vez não consigo alcançá-lo. Acho que é um sinal.

Acordo com o ruído do despertador. Seis da manhã. Dormi pouco. Arrumo minhas coisas e me apronto. Fernando vem me receber à porta do restaurante para tomarmos o café da manhã, o último em Lisboa. O pessoal da equipe está em outra mesa. Pela aparência, acho que veio direto da balada.

Às nove e quinze pegamos o avião para Paris e, após três horas de um voo sacolejante, pousamos no Aeroporto *D'Orly*. Uma *van* nos espera e nos conduz à Cidade Luz. É hora do almoço. Os arredores não diferem em nada de uma metrópole qualquer, com prédios comerciais e modernos, mas quando entramos na parte mais antiga, e visualizo as margens do rio Sena, a emoção toma conta de mim. Agora sim, estou em Paris!

Paramos para o almoço num bistrô muito agradável. Seguimos para o hotel logo depois. Hoje à tarde teremos um evento onde um estilista brasileiro será homenageado e apresentará sua coleção. Vamos ficar por dentro do que é tendência para a próxima estação no Brasil. A ideia para o nosso terceiro programa é fazermos uma comparação do que está em alta aqui, em Paris, com o que realmente se usa nas ruas, longe das passarelas, de uma forma leve e divertida. Queremos também mostrar que os brasileiros estão ganhando o mundo, seja na música, na culinária, nos esportes ou na moda. Estou definitivamente em lua de mel com o meu trabalho.

Já no hotel, organizo as minhas coisas e fico pensando no que vestir para a ocasião. Batem à porta. É o Fernando. Fico sem graça, não sei se o convido para entrar ou se saio do quarto. Ele fica parado com um ar divertido. Antes que eu diga qualquer coisa, sua

voz comenta:

— Calma, Nina, não vou fazer nada demais. Posso entrar? Isso está pesado! — E levanta suavemente um pacote em mãos.

— Claro, Fernando... Desculpe, nem tinha reparado! — respondo enquanto abro passagem para ele, que deposita o pacote na cama.

— Você nem imagina o que é isso, não é, Nina?

— Não faço ideia. — Estou ficando curiosa.

— O evento de hoje é uma homenagem a um estilista brasileiro, como eu havia lhe dito. Acredito que você tenha pesquisado sobre ele.

— Sim, Gabriel Rossini, um jovem que acreditou no improvável ao vender tudo o que tinha para estudar moda aqui, e acabou tendo seu talento reconhecido. A história dele é incrível! Vou adorar entrevistá-lo.

— Então, Nina, ele é um grande amigo meu. Quero dar a ele o destaque que merece, pois há doze anos, quando veio para cá, era apenas um jovem sonhador com quase nada no bolso.

— É realmente muito inspirador! A propósito, Fernando, você me deixou curiosa... O que tem no pacote, afinal?

Ah, mulheres! A curiosidade feminina... — Ele parece estar se divertindo. — Quando disse a ele que seria entrevistado por uma jornalista jovem e talentosa, iniciando uma brilhante carreira, fez questão de enviar um vestido da sua coleção. Tomei a liberdade de ajudá-lo a escolher e ambos queremos vê-la usando-o durante a entrevista.

— Não sei o que dizer... Não posso aceitar quando nem o conheço.

— Nina, iremos dar a ele a visibilidade que tanto deseja ter no Brasil. Você é uma jornalista em ascensão, logo estará em evidência, tem noção disso?

— Tenho... Isso às vezes me assusta.

— Pois é, mas este é só um empréstimo. Você usa o vestido, e será um sucesso garantido para ambos.

— Entendo... Vou usar.

— Espero que a numeração esteja certa. Tentei adivinhar quais devem ser suas medidas — diz olhando-me de cima a baixo. Minhas bochechas pegam fogo.

— Vou abrir o pacote — respondo, a fim de amenizar o clima que ficou tenso.

Abro o embrulho e vejo um vestido lindíssimo, de um tecido encorpado que até desconheço o nome, mas com um brilho e uma maciez incríveis, num tom *Bordeaux*. Há uma abertura nas costas, de onde pendem duas tiras finas para serem amarradas na altura da nuca, cada uma com um cristal na ponta. Nunca vesti nada tão sexy. Parece que o meu chefe andou mesmo me observando, acho que acertou no tamanho.

— Obrigada, Fernando. Agradecerei pessoalmente ao Gabriel Rossini. Agora preciso tomar um banho e trocar de roupa, porque só tenho uma hora antes de sairmos, pelos meus cálculos. Se me der licença...

— Claro, Nina, fique à vontade. Até mais tarde.

— Até — digo, conduzindo-o até a porta.

Corro para o chuveiro. Lavo e seco os cabelos, então os prendo em um coque elegante no alto da cabeça, de onde pendem alguns fios. Visto uma *lingerie* preta de renda e uma meia-calça da mesma cor. Pena que ninguém irá ver... ou melhor, que meu cavaleiro de metal não irá ver... Aplico uma maquiagem impecável, subo nos meus sapatos altos de grife e coloco o vestido, que parece feito sob medida para as minhas curvas. Levo comigo um casaco longo preto, feito de um tipo grosso de lã, com a gola bordada em pedrinhas vitrificadas da mesma cor, muito elegante. Completo com brincos pendentes e um anel. Tudo combinando. Um toque de perfume para

finalizar e... não me reconheço no espelho. Pareço outra pessoa!

Desço ao saguão do hotel às cinco da tarde. Encontro Fernando, o carro está à nossa espera. O restante da equipe foi antes, a fim de preparar o material para as gravações. Quando me vê, ele não se contém:

— Nina, jurei a mim mesmo que não a assediaria, mas... não tem como. Você está deslumbrante!

Sinto minhas faces esquentarem no mesmo instante. É um elogio sincero, sei que Fernando está mesmo impressionando, até eu fiquei espantada quando vi minha imagem no espelho. Sem saber o que dizer, apenas agradeço:

— Obrigada, Fernando. Como sempre, você é muito gentil. — Sorrio e aceito a ajuda dele para entrar no carro. Estou me sentindo a própria Cinderela indo ao baile. Pena que meu príncipe está a milhares de quilômetros...

No trajeto ficamos em silêncio. Ele sabe o quanto estou tensa com a entrevista que irei fazer. Há pouco mais de um mês, eu cobria matérias no meio do povão em pleno Rio de Janeiro para um jornal. Hoje estou em Paris, em um evento de moda, cheio de holofotes e *glamour*, fazendo matérias para a TV. Uma mudança radical, minha ficha ainda não caiu. Às vezes acho que essa minha nova vida profissional é um sonho, enquanto a pessoal está um verdadeiro pesadelo. Por que não podemos ter tudo certinho e sob controle ao mesmo tempo?

Afasto os pensamentos tristes, que não me ajudarão em nada agora. Repasso mentalmente a entrevista, revisando um roteiro que preparei. Não posso fazer feio. Fernando está apostando todas as suas fichas em mim, e sou muito grata por isso.

O evento foi um sucesso estrondoso! Gabriel Rossini é um sujeito exigente, um tanto arrogante e afetado, como alguns do mundo *fashion*, mas foi muito atencioso comigo. Não tenho do que me queixar, pois ter usado seu vestido foi uma experiência incrível.

Agradei imensamente por sua gentileza. Procurei fazer perguntas que demonstrassem sua força de vontade e determinação para vencer, e também enfatizei seu talento. Ele gostou do resultado. Às dez da noite, demos o trabalho por encerrado.

Fomos convidados para uma festa após o desfile, mas Fernando recusou educadamente, alegando outro compromisso. Meus colegas de trabalho também foram convidados e, como não negam uma boa balada, aceitaram de bom grado. Para eles, a noite é uma criança. Decido não ficar também.

Fernando diz que o carro está à nossa espera para irmos embora e me convida para jantar. Aceito, pois estou morta de fome. Só agora me dou conta de que não como desde o almoço. Ele me leva a um restaurante maravilhoso... na Torre Eiffel! Ai, morri! Nem nos meus sonhos imaginava uma cena dessas. Fiquei encantada. Deixei-o pedir os pratos, pois não falo francês e, para dizer a verdade, saboreei mais a vista do que a refeição. Após alguns espumantes, relaxados, a conversa flui:

— Então, Nina, gostando de Paris?

— Pelo pouco que vi, parece uma cidade encantadora. E essa vista é tudo...

— Quais são seus planos para amanhã cedo? — pergunta.

— Pretendo pegar um daqueles ônibus de turismo e tentar percorrer a cidade em apenas uma manhã. — Sorrio.

— Posso convidar você para fazermos um rápido *tour* pela cidade? Conheço lugares incríveis por aqui...

— Obrigada, Fernando, mas acho que já abusei bastante da sua companhia e gentileza. Vou ficar com meu ônibus mesmo.

— Que é isso, Nina? Independentemente de qualquer coisa, somos amigos. Acho que já posso me considerar assim, não?

— Claro. É que não quero passar a falsa impressão de que estou correspondendo às suas expectativas, Fernando, sobre

evoluirmos para além das relações profissionais e de uma bela amizade...

— Não estou convidando você para sair com este intuito. Claro que não vou ser hipócrita e negar o quanto você me atrai, e o quanto estou louco por você. Seria mentira dizer que a sua companhia não é instigante para mim, e o quanto ela me dá vontade de fazer isso...

De repente, para minha surpresa, ele me beija. Fico sem reação e abandono-me à sensação de ser beijada. Simplesmente não consigo reagir. Depois que o beijo termina, Fernando encontra meu olhar e diz:

— Desculpe, Nina. Não tive a intenção. A bebida, o lugar, a situação, o clima romântico... acabaram por influenciar meu comportamento. — Ele está visivelmente constrangido.

— Tudo bem, não vou considerar este beijo. É por isso que quero que você entenda não ser uma boa ideia sairmos por aí passeando e jantando como um casal de namorados. Só falta colocarmos um cadeado na ponte sobre o Sena! — digo, tentando amenizar o clima pesado.

— Não vou insistir, Nina. Não tenho o hábito de correr atrás das mulheres e assediá-las. Isso não faz parte do que sou.

Percebo certo ar de arrogância. Sem dúvida, é o tipo de homem que tem as mulheres que deseja sem fazer esforço. Talvez minha recusa o motive de alguma forma. Sou um troféu, algo difícil de alcançar. Definitivamente este não é o meu sonho, ser uma conquista desafiante para alguém.

— Bem, Fernando, já está tarde. Amanhã à noite assistiremos a três desfiles consecutivos e gravaremos a última matéria para encerrarmos nosso trabalho externo. Estou morta de sono e cansaço. A viagem foi produtiva demais, mas extremamente cansativa. Não paramos um minuto sequer... — Tento levar o assunto de volta ao eixo profissional.

— Tem razão, Nina, vamos embora para descansar. Você terá o

dia livre. Se mudar de ideia e quiser minha companhia, é só dizer.

— Sei disso, Fernando, e agradeço muito por tudo. — Olho diretamente para ele quando respondo com sinceridade, segurando sua mão de forma amigável.

No dia seguinte, acordo cedo, embrulho cuidadosamente o vestido de Gabriel Rossini e deixo instruções com a recepcionista do hotel para que seja devolvido ao verdadeiro dono. Tomo meu café e saio para explorar a cidade. Nem sinal do pessoal da nossa equipe, a farra ontem deve ter sido boa!

Paris é dividida em vinte regiões, que vão do 1º ao 20º *arrondissement*. Não terei tempo de conhecer tudo que esta maravilhosa cidade oferece, mas, como estou em local privilegiado, *Chatelet*, atravesso uma ponte sobre o Sena e tenho acesso à Catedral de Notre-Dame. Andando mais um pouco consigo alcançar o Museu do *Louvre*, que deixarei para amanhã, pois quem vem a Paris, e gosta de arte como eu, deve dispor de pelo menos um par de dias para a visita. Não terei todo esse tempo, apenas uma manhã, mas farei valer a pena.

Sigo minha caminhada atravessando um maravilhoso jardim, um dos muitos de Paris, e alcanço a *Champs Élysées*, de onde venho apreciando a paisagem até o Arco do Triunfo. Fotografo tudo, observo as pessoas que circulam e me sinto mais viva do que nunca. A saudade do Edu ainda é muito grande. Sinto demais a falta dele. Cada vez que vejo um casal de namorados, imagino que ele poderia estar comigo nesse passeio, mas então me lembro de tudo o que aconteceu e meu coração aperta. Parece que nunca vou conseguir superar.

Almoço num simpático restaurante, depois entro no metrô. No retorno ao hotel percebo que estou cansada. Preciso de um repouso, andei por cinco horas seguidas.

Às seis da tarde, depois de me arrumar de forma discreta, sigo com o pessoal da equipe para o local dos desfiles.

Como eu já imaginava, é uma reunião de tipos estranhos e diferentes, congregando artistas, *fashionistas*, estudantes de moda, modelos, jornalistas, celebridades, enfim, uma ebulição cultural e criativa. Filmamos, entrevistamos e reunimos material suficiente para um completo editorial de moda, mas, como não somos da área, vamos usar o que coletamos para falar do assunto sob a nossa ótica, como é a proposta do programa de variedades e entretenimento.

Após o trabalho, sou convidada pelos meus colegas a ir explorar a noite parisiense. Agradeço e não aceito, já são onze da noite e amanhã quero ir ao *Louvre*. Fernando não está presente, pois se despediu de nós muito antes e foi jantar com amigos. Volto ao hotel e durmo.

Pela manhã, visito o museu e finalmente fico cara a cara com a Monalisa. Parece um sonho! De volta à realidade, almoço num pequeno restaurante nos arredores do hotel e subo para arrumar minhas coisas. *Au revoir, Paris!*

CAPÍTULO ONZE – NÃO VOU RESISTIR

Desembarco no Aeroporto Tom Jobim às oito da manhã, hora local, na terça-feira. Estou exausta. Fernando veio ao meu lado na classe executiva e foi um excelente companheiro de viagem. Parece que, desde a nossa última conversa, está diferente e não insistiu mais em me assediar. Está respeitando os limites entre nós.

Após longos minutos esperando minhas malas, não tenho ânimo para encarar o *Duty Free*, até porque já comprei o que queria e o que não queria durante minha viagem. Todos receberão presentes.

Fernando tem um motorista à sua disposição e me oferece carona. Agradeço, mas recuso. Pretendo pegar um táxi. Durante toda a viagem mantive contato com a família e os amigos. Na segunda-feira, a Tati me enviou mensagens para saber se eu estava bem e a que horas meu voo chegaria ao Rio.

Após passar pela Polícia Federal, encaminho-me para a área de desembarque e qual não é a minha surpresa ao ver meus pais, meu irmão Marcelo, minha cunhada Ana e minha amiga Tati à minha espera? Fico toda boba. Choro feito criança abraçada a eles. Que recepção maravilhosa! Só agora me dou conta de que nunca passei tanto tempo longe deles. Com exceção de Orlando, que conheci na adolescência com a minha família, nunca fiquei mais de uma semana fora. Meu irmão coloca minhas duas malas no carrinho e me conduz até o carro da Tati, pois ela é quem vai me levar para casa. Hoje tirou a manhã de folga.

Todos precisam voltar aos seus afazeres. Minha mãe diz que vai me esperar para o jantar, confirmo minha presença. Estou morta de saudades da comida brasileira. Viajar é muito bom, mas retornar para casa é melhor ainda!

No caminho, compartilho por alto as novidades dos lugares onde estive e noto que a minha amiga não faz nenhuma pergunta

sobre o Edu. Não conto a ela sobre nosso rompimento, e ela também nada comenta. Estranho. A Tati que conheço iria querer saber, no mínimo, se Edu ficou enciumado com a minha viagem e por que não veio ao aeroporto para me receber. Ainda bem que ela teve a sensibilidade de não tocar no assunto.

Com a nossa conversa sobre a viagem, distraio-me e demoro a notar que não estamos indo ao meu apartamento, e sim a Ipanema, onde ela mora.

— Tati, você errou o caminho? Já passou a entrada para Copacabana...

— Vamos primeiro lá em casa, Nina, quero mostrar uma coisa a você...

Estranho novamente sua atitude. Ela sabe o quanto estou cansada, então digo em tom de brincadeira:

— Amiga, espero que você esteja escondendo o Christian Grey, porque estou exausta. É melhor ser importante ou juro que a mato!

— Garanto que vou mostrar algo melhor que o Christian Grey...

Entramos no apartamento dela. Pergunto pelo André, mas ela diz que o esposo já foi para o restaurante. Estamos sozinhas. Por alguma razão, sinto uma atmosfera diferente no ar. Não sei explicar, apenas sinto. Peço um copo de água. Ela vai até a cozinha e diz que vai preparar algo para nós. Preciso mesmo de um café. Quando estou prestes a entrar na cozinha, ouço uma voz familiar:

— Nina...

Todos os meus ossos congelam. Viro gelatina. Vou desmaiar. É o Edu! Em um minuto entendo tudo. Não sei o que dizer. Nesse momento, minha amiga volta e explica:

— Olha, Nina, não era minha intenção enganar você, ainda mais sabendo que fez uma viagem longa e está cansada, mas o Edu nos procurou no dia da sua partida e contou o que aconteceu no apartamento dele. Já sabemos de tudo. Ele estava desesperado.

Tudo o que ele disse faz sentido e confio que seja verdade. Ele ama você. — Ela parece convicta.

Olho de um para o outro. Edu emagreceu pelo menos dois quilos, tem olheiras e está muito abatido. Sinto vontade de correr para os braços dele... Não me contenho e começo a chorar. Ele vem e me abraça. Choramos juntos. Preciso ouvir o que tem a me dizer. Ele parece realmente muito abalado e considero as palavras da minha amiga.

— Queridos, vou deixar vocês a sós diz Tati. Foram duas semanas um sem o outro. Muitas coisas a dizer. Fiquem no apartamento o tempo que quiserem. Quando terminarem de conversar, liguem. Hoje tenho que visitar um cliente fora do escritório, no final da tarde. Vou aproveitar para ficar um pouco com meu amor, no restaurante. E, por favor, entendam-se!

— Obrigado, Tati, por tudo. Vocês estão sendo amigos maravilhosos. Nunca vou esquecer o que têm feito por mim, mas levarei a Nina para a minha casa. Vamos descer para passar as malas dela do seu carro para o meu. Você já fez demais por nós. — O Edu autoritário está de volta.

— Não, Tati, não vou para a casa dele. Se o Edu quiser conversar, será na *minha* casa — ênfase a palavra.

— Não importa onde será a conversa, e sim que vocês se entendam — responde ela.

Descemos pelo elevador. Edu me abraça e não quer me soltar. Não digo nada nem esboço reação. Meu coração vai saltar pela boca. Sinto a proximidade dele e o modo como me conduz até o carro, com a mão na minha lombar, é o jeitinho Edu de ser. Possessivo. Minha amiga Tati se despede de nós e prometo matá-la, mas no fundo ela não tem ideia do quanto estou agradecida. Ela me conhece tão bem que sabe que, se não fosse assim, provavelmente minha teimosia não me permitiria conversar com Edu.

Chegamos ao meu apartamento. A desvantagem de morar num

prédio sem elevador se faz evidente quando se chega com duas malas pesadíssimas como as minhas. Pacientemente, Edu sobe com a primeira mala enquanto fico com a outra na portaria, depois leva a segunda para cima. Entramos em casa. Deixamos as malas na sala e vamos até o meu quarto.

Observo que a diarista esteve por aqui com minha mãe novamente, pois os vestígios da minha desastrosa véspera de viagem desapareceram. Está tudo limpo e arrumado.

Por um tempo ficamos apenas nos olhando, sem dizer nada. Suas mãos percorrem meu rosto, meu pescoço e descem pelos contornos do meu corpo. Preciso sentir seu toque. O contato com as mãos dele provoca arrepios e choques elétricos. Já estou pronta, no estágio máximo da excitação. Quero arrancar as suas roupas e rolar com ele na minha cama, mas não faço. Ainda ofegante, paro o que está prestes a acontecer.

— Edu, você não pode e não vai me distrair com sexo. Precisamos conversar. Você está aqui para isso. Pode começar a falar... — Banco a durona, com o coração aos saltos.

— Por mais que eu esteja louco por você, tenho que concordar. Vou contar a história desde o começo. — Ele suspira. Conheci a Elaine numa festa e logo começamos a namorar. Alguns meses depois, ela engravidou e nos casamos. Isso foi há três anos. Um mês após o casamento, perdemos o bebê e ela ficou muito deprimida. Continuamos casados. Nosso casamento foi um grande erro. Não tínhamos nada em comum, os desentendimentos eram constantes, mas o relacionamento foi se arrastando. Na verdade, acho que nos acomodamos. Há cerca de oito meses descobri que ela estava tendo um caso e, para a minha surpresa, era com o Fernando.

Essa não. Choquei. Ele continua a falar:

— Eles estavam juntos desde a época em que a esposa dele adoeceu. Elas eram “amigas”, frequentávamos os mesmos lugares. Após o falecimento da Inês, o caso ainda continuou por mais de um ano... até eu descobrir.

Edu faz uma pausa, e aproveito para perguntar:

— Você os pegou em flagrante?

— Não, eu já estava muito desconfiado de que algo acontecia, mas precisava ter certeza. O celular dela tinha uma senha e, sempre que tocava, ela saía de perto para atendê-lo, depois sumia durante períodos inteiros... Achei que fosse alguém do trabalho até, certa vez, ela ir tomar banho e esquecer o telefone desbloqueado. Nesse exato momento chegou uma mensagem do Fernando. Foi só dar uma checada nas últimas mensagens para encontrar o que eu queria saber. O grande choque foi descobrir que era com ele.

— Fernando sabe que você descobriu tudo? Isto é, você conversou com ele depois disso? — pergunto.

— Nunca deixei que ele soubesse. Agi como se nada tivesse acontecido. Tinha meus motivos. Obviamente me afastei dele na vida social, mas continuei agindo naturalmente no trabalho. Isso não me custou nenhum sacrifício, porque eu não gostava mais da Elaine. Confesso até ter sentido alívio. Com a Elaine agi da mesma forma, nunca deixei que ela soubesse que descobri a traição. Pedi o divórcio alegando que não gostava mais dela. Ela foi embora para fazer um curso de teatro em Nova York, o que, aliás, combina muito com sua capacidade de atuação — diz sarcástico. — Ela aceitou o divórcio sem drama, e mandou uma procuração para que o nosso advogado cuidasse de tudo. Fiquei sabendo, através de um amigo, que ela tinha vindo para o enterro da avó um dia antes daquela cena no meu apartamento. Ela voltou para o exterior dois dias depois.

Opa! Eu ouvi Nova York? Isso é muito estranho. Este foi o primeiro destino do Fernando na viagem. Provavelmente ainda estão juntos, ainda bem que não caí na conversa dele.

— Edu, não quero julgar você, mas isso foi um grande erro. Por não esclarecer as coisas entre vocês, ela ficou à vontade para voltar quando quisesse e fazer o número de esposa arrependida... Se a tivesse desmascarado, talvez ela não agisse desse modo.

Ele fica pensativo e diz:

— Lembra que demorei a voltar com as nossas bebidas na festa do André, em Búzios? — Como esquecer? Assinto com a cabeça. — Disse a você que encontrei uma pessoa conhecida e que ela me deteve no caminho. Pois é, o nome dela é Bárbara, muito amiga da Elaine. Ela me abordou e começou a me ameaçar, como se eu estivesse fazendo algo errado. Disse que contaria tudo para a amiga. Não dei importância, afinal, não tenho mais nada com a Elaine. Deu de ombros. O escândalo naquela noite em que ela entrou na minha casa e nos viu foi de propósito. O apartamento é meu, ela veio morar comigo quando nos casamos. Nunca achei que fosse preciso trocar a chave, pois pensei que tudo estivesse resolvido entre nós. Sem sentimentos e ressentimentos... até ela fazer aquela cena ridícula de mulher traída. Nosso divórcio está prestes a ser homologado. Ela não é mais minha mulher. Sou livre. Por essas e outras disse a você que ficasse longe do Fernando. Ele é um conquistador barato e não respeitou o casamento dele nem o meu.

Estou boquiaberta com a história que acabei de ouvir.

— Edu, quando a cena aconteceu fiquei muito magoada. Ela me chamou de vagabunda e vadia. Eu me senti a última das mulheres, como se estivesse fazendo algo pecaminoso ou proibido. Além disso, você me enganou. Menti para mim. Por que não me contou toda essa história antes? Outro dia, na sua casa, vi um perfume feminino na bancada do banheiro... Resolvi não perguntar. Se eu tivesse perguntado, você teria me dito?

— O perfume deve ser dela, nunca havia reparado nele. Vou jogar fora. Isso não tem a menor importância, só serviu para você criar minhocas na cabeça. E continua: — Estava decidido a contar para você, Nina, não se lembra de quantas vezes falei que precisávamos ter uma conversa? — Concordo com sua afirmação. — Falei também para você ficar longe do Fernando, alertei sobre como era o comportamento dele com a falecida esposa...

— A versão dele é diferente da sua. Ele não mencionou que teve um caso enquanto a mulher dele estava doente — interrompo-o.

— Vocês andaram conversando, claro. Afinal, em duas semanas juntos na viagem, muitas coisas devem ter acontecido — acusa, já alterado.

— Edu, eu só disse que a versão dele para o relacionamento com a esposa é diferente da sua. Conversamos bastante, mas garanto que ficou só na conversa. O Fernando se portou como um verdadeiro cavalheiro. Não houve nada entre nós. Não tinha a menor chance... Não consigo tirar você da minha cabeça, da minha vida, do meu coração... Por que mentiu para mim? É isso o que mais me magoa! — pressiono já aos prantos.

— Você acha que é fácil, Nina, admitir que fiz papel de idiota, sendo traído pela minha mulher e pelo meu amigo? Olha para mim e me diz qual homem iria querer contar para a namorada uma história dessas logo de cara? — Ele me encara diretamente, honesto.

A minha ficha cai. Óbvio que, para um macho alfa como o Edu, deve ser a coisa mais difícil do mundo admitir a verdade desde o começo. Agora entendo o porquê dessa resistência ao meu trabalho com o Fernando, da reação dele ao saber da viagem... Tudo ficou claro para mim.

Quando você chegou à redação, fiquei impressionado com seu jeito e completamente atraído por você, mas eu ainda era um homem casado e, antes mesmo de descobrir a traição, já pensava em uma separação. Descobrir que a Elaine estava me traindo foi uma oportunidade perfeita para eu tomar uma atitude. Depois que nos separamos, pude me aproximar de você e comecei a convidá-la para sair nos últimos meses, mas sequer me dava uma chance. Aí comecei a acompanhar seu trabalho de perto, buscando de propósito uma aproximação. Foi arriscado, mas quis o destino que você entrasse na minha vida. E eu na sua. Não vou deixar a Elaine

arruinar tudo de novo, e muito menos o Fernando. Eu preciso saber, por mais que isso seja o fim do mundo para mim: rolou alguma coisa entre vocês na viagem?

E agora? O que eu vou dizer? Que ele me assediou? Que me fez companhia durante o voo, inclusive mudou meu assento para a classe executiva? Que me levou a lugares românticos? Que escolheu um vestido para mim? Que jantamos na Torre Eiffel, onde ele me beijou? O Edu vai pirar se souber disso! Por outro lado, não posso mentir. Devo dizer que o Fernando quis ficar comigo e que, se eu tivesse aceitado, teria rolado algo mais entre nós.

— Vamos lá, Nina, diga a verdade. Quero ouvir da sua boca que foi apenas uma viagem a trabalho pressiona ele.

— Foi realmente uma viagem a trabalho, Edu, mas... houve assédio. Ele confessou ter um sentimento por mim e fez de tudo para que ficássemos juntos. Ele sabe que eu e você estamos em um relacionamento, deixou escapar em uma das nossas conversas — disparo. Ele quer a verdade, e eu não suporto mais mentiras ou omissões.

— Eu sabia! O Fernando é um filho da mãe! O problema dele comigo só pode ser pessoal. Primeiro, ele tem um caso com a minha ex-mulher, não que isso me importe, e agora começa a assediar minha namorada... Que ele tenha ficado com a Elaine posso aceitar, acho até que ambos se merecem, mas com você é diferente, Nina. Não vou permitir. Você é minha...

— Aceitei a companhia dele e deixei claro que não haveria nada mais que amizade entre nós, além, é claro, das relações profissionais. Ele tentou me seduzir algumas vezes, mas não me deixei levar. No final, acho que entendeu e se deu por vencido. Não houve nada entre nós, apenas companhia e trabalho.

Sinto que Edu acreditou no que eu disse, assim como acreditei nele. Uma sensação enorme de alívio e paz toma conta de mim. Acho que colocamos tudo em pratos limpos, não há mais nada a ser dito.

Preciso desesperadamente sentir o corpo, o gosto e o cheiro do meu amor. Como que adivinhando meus pensamentos, ele me pega no colo e me leva até a cama, onde me beija e tira minha roupa com uma intensidade assustadora. Ele me deseja tanto quanto eu o desejo. Senti sua falta. Quero recuperar o tempo perdido. Sem maiores preliminares, Edu sabe que estou pronta e não faz rodeios, mergulha fundo em mim, selvagem, quente e urgente. Ficamos nas próximas duas horas perdidos um no outro. Sexo de reconciliação. Ao fim, estou faminta e esgotada.

— Linda, acho que você precisa comer alguma coisa. — O Edu carinhoso está de volta.

— Eu sei, estou mesmo com fome e muito cansada. Não deve ter nada na geladeira, verei o que posso arranjar.

Levanto-me e vou até a cozinha. Abro a geladeira e, para a minha alegria, Simone, a diarista, deixou ontem uma salada e um filé de frango prontos. Provavelmente minha mãe a avisou sobre a minha volta. Aqueço o frango no micro-ondas e convido meu cavaleiro de metal para almoçar. A refeição é simples, mas deliciosa. Para a sobremesa, abro a mala e tiro uns chocolates maravilhosos que trouxe de Orlando. Ele lava os pratos. Acho muito sexy ver meu macho alfa lavando os pratos só de cueca boxer.

Tomamos um banho e sinto que realmente preciso dormir um pouco. Ele tirou o dia de folga. Mando uma mensagem para a Tati, avisando que nos reconciliamos e agradecendo por tudo. São três e meia quando durmo de conchinha com meu amor até as sete da noite. Levanto-me assustada, ainda não me localizei onde estou. Quando vou trocar de roupa, o telefone toca. É a minha mãe.

— Filha! Ainda bem que você não saiu de casa. O Marcelo acabou de ligar dizendo que não poderá vir jantar, teve uma emergência no hospital, e o Enzo também está atrasado. Vamos deixar nosso jantar para amanhã? pergunta ela. Sua frustração é palpável.

— Sem problema, mãe, estou mesmo exausta, ainda não me

entendi com o fuso horário. Preciso dormir cedo, volto a trabalhar amanhã. Pego o metrô e vou até aí logo depois do expediente.

— Que bom que você não ficou chateada, filha. Não quero que pense estarmos fazendo pouco-caso da sua chegada...

— Imagina, mãe, logo vocês, que foram me buscar no aeroporto? Sei que imprevistos acontecem. A propósito, a diarista trabalha muito bem. E obrigada por ter pedido a ela para deixar comida pronta, estava louca por algo caseiro.

— De nada, querida, pensei que você poderia querer comer em casa quando chegasse. Espere até ver o que sua avó e eu vamos preparar para você amanhã...

— Mãe, amanhã talvez eu leve uma pessoa para o jantar — digo, um pouco apreensiva com a reação dela.

— Querida, traga quem você quiser, mas venha. Estamos mortos de saudades!

— Obrigada, mãe, até amanhã então.

— Até amanhã, filha. — E desligo, quase sem acreditar no jeito despreocupado dela.

Acho que, enfim, minha mãe começou a dar sinais de que entendeu que eu cresci e que agora tenho uma vida independente. Não faz perguntas. Fico aliviada e agradecida.

Volto para os braços do meu amor. Dormimos a noite toda de conchinha. Não há em todo o mundo uma sensação melhor do que a de alívio e paz que estou sentindo agora.

CAPÍTULO DOZE – NÃO SOU OBRIGADA

Acordo às sete da manhã e corro para preparar o café para o Edu, que ainda dorme o sono dos justos.

Após o café, ele me deixa no trabalho e vai para casa se arrumar, feliz com a promessa de que será apresentado à minha família logo mais.

Ao entrar no prédio da emissora penso em como será difícil encarar o verdadeiro Fernando, diferente daquele com quem convivi durante a viagem. Opto por fingir que não sei de nada e não toco em assuntos fora do âmbito profissional.

Passo o dia com o pessoal da edição, e assisto às gravações que Amália e Luciano fizeram no estúdio. Após a junção das matérias externas que eu e meus colegas produzimos com a brilhante apresentação dos dois, o resultado ficou incrível! O primeiro programa sobre o turismo dos brasileiros nos Estados Unidos ganha corpo, com uma abordagem leve, útil e divertida. Ficou excelente! Estou feliz com o resultado. No final do expediente, entro no banheiro para retocar a maquiagem e me recompor.

Hoje o dia foi supercansativo e não tive nem tempo de almoçar. Quando saio do reservado para lavar as mãos, dou de cara com a Vanessa. Ela tranca a porta do banheiro e vem em minha direção com uma expressão furiosa. Não entendo nada. Ela passou o dia inteiro me hostilizando, o que não é comum, pois o seu forte é a falsa simpatia. Estava tão ocupada que nem dei muita bola. Sem dizer nada, ela se aproxima e me dá uma bofetada! Vejo estrelas. Pior que a dor física pela agressão gratuita é a dor moral. Nunca fui agredida dessa forma. Estou absolutamente chocada. Quando vou esboçar alguma reação, ela diz:

— Isso é para você entender que o Fernando é meu! Ele pode ficar todo derretido por você, mas é comigo que ele se realiza na cama. Ele é meu, só meu, entendeu? Não vou admitir que você

durma com meu homem diz baixinho entre os dentes, para ninguém ouvir.

Apesar de ser uma pessoa extremamente tranquila, praticante de ioga e frequentemente ver minha calma ser confundida com passividade, aproveito o fator surpresa e dou-lhe um empurrão com meu corpo, pressionando-a contra o balcão da pia e mantendo os dedos médio e indicador contra o pescoço dela, o que provoca seu desconforto e torna sua respiração ofegante. Eu a encaro com desprezo e respondo:

— Olha aqui, sua vaca, nunca quis o Fernando! Embora ele tenha tentado bastante, inclusive mandando você, a quem ele deve considerar muito, colocar uma rosa em minha mesa para me assediar quando ainda trabalhávamos no jornal, não tenho interesse algum nele. — Minha voz soa agressiva. — Você não aguentou ver a rosa lá e a jogou fora. Que ironia! Ele é “seu homem”, como você diz, mas não me deixa em paz. Acho que você está precisando rever seus conceitos. — Ela fica com os olhos arregalados, silenciosa. A metralhadora Nina continua a disparar: — Não fico com ele, porque não quero. Não tenho interesse nenhum nele. Do contrário, você não teria a menor chance. Olha para você: uma mulher vulgar, sem classe, sem educação, sem noção, sem princípios... Não vê que ele usa você só para satisfazer os mais baixos instintos? Onde está sua autoestima, mulher? Ou você nem sabe o que é isso? Como você se contenta com pouco... falo com nojo. Pode ficar com ele, ou melhor, com os restos que sobrarem dele entre uma conquista e outra, porque Fernando não é o tipo de homem que fica sozinho. Faça bom proveito.

Não a solto e continuo pressionando seu corpo. Ela parece ter amolecido, não esboça reação. As lágrimas brotam dos seus olhos e, no fundo, sinto pena dessa mulher patética.

Nunca, nunca mais encoste seus dedos imundos em mim, entendeu? — ordeno numa entonação autoritária. Ela assente com a cabeça. — Não quero o Fernando nem pintado de ouro. Entenda isso de uma vez por todas. E nunca mais quero ver você me rondando ou

me fazendo perguntas pessoais. Não me dirija a palavra, a não ser em casos estritamente necessários ao andamento do trabalho. Não sou obrigada a olhar para a sua cara.

Solto-a de vez e, em apenas um segundo, ela se recompõe. É mesmo como uma cobra que se prepara para dar o bote. Continuo mantendo uma posição firme e encarando-a. Antes de sair, ela me olha com raiva ao contra-atacar:

— Não me arrependo. Você mereceu. Pensa que é a dona do mundo? Pensa que ele escolheu você entre outros jornalistas melhores e mais experientes por causa da sua competência? Não, Nina. — Ela destila todo o seu veneno. — Ele a escolheu porque queria comer você por um tempo — sentença de forma vulgar. — Depois que enjoasse, ele voltaria para mim como sempre faz. Pelo visto, você ainda está sendo comida pelo seu antigo chefe, o Edu. Os dois adoram dividir uma mulher. — Ela ri, maldosa. Sabe que me atingiu num ponto fraco. — O tapa que dei foi só uma amostra do que sou capaz para defender o que é meu.

Então finalmente vai embora, sem me dar chance de resposta. Foi melhor assim, do contrário, acho que quebraria a cara dela ali mesmo, perdendo a razão e o emprego. Pelo menos, já sei com quem estou lidando. A máscara caiu de vez, embora meu instinto nunca tenha me enganado a respeito da fofa.

Respiro fundo, deixo-me apoiar sobre o balcão da pia, lavo o rosto e retoco a maquiagem. Pelo menos a marca dos dedos foi clareando e consegui escondê-la sob a base e o pó facial.

Saio do banheiro e vou buscar minha bolsa. Vanessa já foi. Dirijo-me ao metrô. Chegarei primeiro à casa dos meus pais, o Edu irá mais tarde ao meu encontro.

Durante o trajeto, minha mente inquieta não para de pensar em algumas coisas que a fofa me disse, como eu ter sido escolhida para a função por causa do interesse pessoal do Fernando por mim, e não pela minha competência. Será que há um fundo de verdade ou ela sabia que me atingiria em cheio destilando este veneno? É a

pergunta que não quer calar. Acho que só o tempo vai dizer. Ainda que isso seja verdade, vou provar que mereço estar onde estou. Vou manter uma distância saudável do Fernando e cumprir meu contrato inicial com a emissora, que é de um ano.

Antes disso, se rescindir meu contrato, não terei como arcar com a multa.

O metrô chega ao destino final e ando duas quadras até a casa dos meus pais. Eles me recebem calorosamente, a família está toda reunida. Meus pais, meu irmão Marcelo e minha cunhada Ana Clara, minha avó Dora, meu irmão Enzo e até minha futura cunhadinha, Ludmila, todos à minha espera. Aviso que os presentinhos que trouxe da viagem estão a caminho. Coloquei-os no carro do Edu hoje de manhã, não daria certo trazê-los no metrô. Minha mãe me dá um abraço apertado e me olha da cabeça aos pés, antes de começar a tagarelar:

— Filha, como você está magrinha. E tem olheiras. Está tudo bem?

— Tudo bem, mãe. Foram duas semanas de uma alimentação diferente, ainda não descansei o que preciso, estou exausta e o calor por aqui está de matar. Tudo isso não colabora muito com a minha aparência — explico, apesar de saber que o confronto com a fofa é que piorou minha imagem nesse momento.

Meu pai, como sempre, intervém a meu favor:

— Angelina, deixa a menina, que coisa! Vamos entrando, Nina.

Aos poucos vou abraçando um a um, minha avó fica emocionada e diz que não vê a hora de assistir ao meu trabalho na televisão.

— Ai, lindinha! Estou morrendo de saudades. E de orgulho. Minha netinha vai aparecer na TV! — diz toda orgulhosa.

É tão bom estar em casa! Sinto vontade de chorar, emocionada. Com certeza o embate que tive com a Vanessa mexeu muito com o meu lado sensível. Não estou certa se devo contar o episódio ao

Senhor Imprevisível, acho que não vai acrescentar nada.

Meus irmãos e cunhadas começam a fazer perguntas sobre Lisboa e Paris. Conto tudo com o entusiasmo de uma tiete. Ana Clara fica louca quando digo que entrevistei o famoso Gabriel Rossini e que usei um vestido dele na noite do desfile. Puro *glamour*!

A campanha toca e sei quem é. Vou até o portão e o abro para Edu entrar com o carro. Ele fica apreensivo, mas obedece ao meu sinal indicando o lugar para estacionar. Desce do carro e vai até o porta-malas para pegar os presentes. De mãos dadas, entramos na casa. Todos o esperam. Pela primeira vez, vislumbro um Edu sem jeito. Antes que a inquisição da dona Angelina tenha início, faço as honras:

— Pessoal, este é o Edu, meu namorado.

Meus pais se aproximam para lhe dar as boas-vindas.

— Seu Mario, dona Angelina, é um prazer conhecê-los. — Ele dá especial atenção ao cumprimento.

O prazer é todo nosso. Fique à vontade, a casa é sua — responde meu pai com entusiasmo.

Minha mãe limita-se a ficar muda e dar uma piscadinha discreta para mim. Ela está visivelmente impressionada com a beleza do meu Edu.

— Obrigado, seu Mario. — Ele devolve a gentileza.

Meu irmão Marcelo e minha cunhada Ana também se levantam para cumprimentá-lo. Enzo e Ludmila fazem o mesmo.

Apresento Edu à minha avó, que quase me mata de rir ao dizer:

— Que belo! *Mama mia*!

Ele pega uma das mãos da minha avó e a beija de forma reverente, deixando-a toda boba. Vou ter um ataque de riso!

O jantar é servido e passamos ilesos pela metralhadora de

perguntas da minha mãe. O Edu responde à inquisição com mais naturalidade do que eu, conquistando a todos, assim como fez com meus amigos Tati e André. Acho que ele é realmente irresistível.

Após a sobremesa, distribuo os presentes:

— Este é para a mais nova integrante da família: Ludmila! — Entrego em suas mãos uma linda echarpe de seda que comprei em Paris. Superfeliz, ela me dá um beijo na bochecha, agradecendo.

Apanho, a seguir, o pacote com o casaco azul-marinho que comprei em Lisboa.

— Vovó Dora, este aqui é para a senhora ficar bem quentinha!

Que lindo! diz ela, encantada.

— Pai, diretamente de Portugal, trouxe este vinho: Lágrima do Porto. Sei que é o seu preferido. — Dou a ele, que me abraça emocionado. — Marcelo, espero que me convide para beber este vinho com vocês. Adoro os da região do *D'Ouro*! — exclamo enquanto entrego a ele a garrafa.

— Já está convidada, mana, e traga o Edu. — Sorri ao responder.

— Ana, cunhadinha, trouxe de Orlando seus cosméticos favoritos... — Ela abraça a bolsinha listrada em tons de rosa, com seus cremes preferidos. Sua alegria é evidente.

— Ai, Nina, adoro! Muito obrigada!

— Enzo, meu lindo, trouxe para você estes óculos estilo aviador. Espero ter acertado no tamanho! — Torço para que se ajuste ao seu rosto. Ele experimenta e, de fato, nada fica feio nesse meu irmão galã. No mesmo instante, ele agradece dando-me um beijo na face.

Sinto que minha mãe já está enciumada. Entreguei presentes a todos, deixando o dela por último. Sem prolongar a sua ansiedade, anuncio:

— Mãe, seu presente é este aqui. — Dou a ela uma caixa com o seu perfume francês favorito. Recebo seu abraço, feliz por agradá-la.

Eu também deixo com ela uma lembrancinha que trouxe para a Das Dores, que foi um anjo ao me indicar a sua amiga Simone para trabalhar em minha casa. Santa ajuda!

Conversamos por mais um tempo e, quando vejo, já passa das onze da noite. Hora de ir. Eu e meu amor nos despedimos de todos. Ele já parece da família.

Entro com Edu no meu apartamento. Mal tenho tempo de fechar a porta quando ele me pressiona contra a parede e me beija loucamente. Joga longe minha blusa, arranca minha saia e a *lingerie*, então anda comigo nua em seu colo até o meu quarto. Estou em êxtase. Amo demais esse homem. Nossa química sexual é incrível. Somos feitos um para o outro. Ele tira a roupa. Quando posso senti-lo, apalpo sua ereção sem receio. Edu sorri, sem nenhuma cerimônia, e me deita de costas na cama. Afasta as minhas pernas que, a esta altura, parecem feitas de gelatina, depois mergulha fundo em mim como se não houvesse amanhã. Entro no ritmo e curtimos o momento até ficarmos exaustos.

Dormimos na minha casa. Depois do ocorrido, nunca mais voltei ao apartamento do Edu. Tenho medo da minha reação ao me lembrar das coisas que aconteceram ali.

No dia seguinte, vamos ao trabalho. Hoje preciso de um tempo mais tarde para ir à academia e ao salão dar um jeito nas madeixas.

CAPÍTULO TREZE – TUDO É FESTA

Estamos em dezembro. Amo a época do Natal, minha família sempre comemora reunida. Este ano estou mais animada do que nunca. O Edu tem dormido quase todas as noites comigo, exceto aquelas quando praticamente o expulso para poder ir à academia, fazer as unhas, o cabelo ou comprar algo no shopping e no mercado. Nosso relacionamento vai de vento em popa. O Senhor Imprevisível está cada dia mais dono do pedaço.

No trabalho, as coisas estão caminhando. Já temos os três primeiros programas prontos. A estreia será no final de janeiro e estamos trabalhando nos próximos. A Vanessa e eu conseguimos uma coexistência pacífica depois de nos agredirmos no banheiro, só falamos o essencial uma para a outra. Com o Fernando, meu relacionamento profissional se mantém na normalidade, mas o sinto ficar distante como antes. É melhor para nós dois que seja assim.

Desde que voltei de viagem não vejo meu amigo Lucas, apesar de trocarmos mensagens quase que diariamente. Quero apresentá-lo ao Edu, ambos estão loucos para este encontro. Resolvo aproveitar para fazer isso no meu aniversário, que é no final desta semana.

Penso em fazer uma reunião para receber os amigos mais íntimos, mas meu apartamento é um ovo. O Edu insiste para que eu os receba na casa dele. Reluto, mas acabo aceitando. Há poucos dias voltei ao apartamento. Parece que ele fez uma espécie de “varredura” no local, e não há mais nenhum vestígio da megera de sua ex-esposa. Fico mais aliviada. Ele tem feito com que eu me sinta a mulher mais amada e feliz do mundo. Nossos passeios de moto estão cada vez mais frequentes nos finais de semana e, quando queremos fugir de tudo e de todos, vamos a Teresópolis. Só eu e o meu cavaleiro de metal.

Minha lista de convidados é restrita: meus irmãos, Marcelo e

Enzo, com suas respectivas companheiras, Tati e André, meu amigo Lucas, os dois casais de amigos queridos Marina e João Pedro, Laila e Marcus , além do Danilo, um excelente companheiro de trabalho que acabou próximo a mim. Trata-se realmente de uma reunião muito íntima. Meus pais e minha avó, como sempre, escapam dessas ocasiões alegando que “isso é coisa para jovens”. Achrom que não se sentiriam à vontade no meio dos mais novos. Como meu aniversário é no primeiro sábado do mês, fico de almoçar com meus pais no domingo para celebrarmos. Resumindo: está aberta a temporada de comemorações. Adoro isso.

O sábado chega e sou acordada de um jeito que só meu amor sabe fazer, com beijos e carícias que me levam à loucura. Passamos as primeiras horas da manhã na cama, fazendo o que sempre queremos um do outro. Depois tomamos café, caminhamos na orla e damos um mergulho. Está um calor de matar e a praia já está lotada. Pedimos um almoço leve em casa e organizamos tudo para recebermos os amigos à noite.

Chovem telefonemas e mensagens. Meu celular não para. Entre as felicitações de parentes e amigos estão mensagens carinhosas e simpáticas de Amália Galdino e Luciano Riviera. O Fernando envia um buquê de rosas cor de chá para o endereço do Edu. Meu cavaleiro de metal fica uma fera com a ousadia, mas não me desagrada e engole o desaforo. Um cartão elegante acompanha as flores:

À minha repórter preferida, desejo muitos anos de vida e uma carreira longa e promissora. Paz, saúde e sucesso! Feliz aniversário.

Fernando.

Procuro não valorizar a atitude ousada do meu chefe e ajo naturalmente, para não piorar os ciúmes do Edu.

O meu amor me enche de mimos e presentes. Entre eles, um anel lindíssimo, que coloca no meu dedo anelar da mão direita como um sinal de compromisso. Fico toda boba, mas entendo o significado simbólico disso. As coisas estão indo rápido demais, o que ainda me assusta.

A roupa que usarei hoje também é presente do Edu. Por insistência dele, estou metida num macacão cor de uva, com as costas nuas e umas sandálias de salto altíssimas que, segundo sua opinião, fazem minha bunda ficar empinada. Ainda tenho que cumprir sua exigência de estar apenas com uma calcinha microscópica de renda branca por baixo da roupa.

Já são oito e meia da noite, os meus poucos convidados começam a chegar. Às nove e vinte, todos já estão presentes. Lucas é o único que está atrasado.

Ele aparece quase às dez, exausto. É época de Natal e suas lojas estão abarrotadas. Trato de apresentá-lo a todos, especialmente ao Edu:

— Meu amor — assim é como o chamo agora —, quero apresentar você ao Lucas. Lucas, este é o Edu.

Meu amigo é o primeiro a dizer algo:

— Ah, então quer dizer que você é o famoso Edu? Muito prazer, sou Lucas. A Nina já deve ter falado de mim para você. Espero que tenha falado bem! — Sua voz soa divertida.

— Claro, Lucas. Como não conheceria, pelo menos de nome, o melhor amigo da minha linda? Fico muito feliz que tenha vindo.

— Eu que agradeço o convite, cara. Quase não consigo chegar, nessa época do ano não costumo ter vida social por causa do meu trabalho.

Imagino que sim. Espero que todo este trabalho seja recompensado com muito movimento e uma boa grana no final! — Meu amor diz, descontraído.

— Deus o ouça, Deus o ouça! — Lucas levanta as mãos para o alto, sempre exagerado.

Os dois conversam animadamente por mais um tempo, então nos afastamos um pouco para dar atenção aos demais convidados. De esguelha, vejo que Dan e Lucas se aproximam e começam um bate-papo engajado. Acho que pintou um clima. Como não tinha pensado nisso antes? Seria ótimo! Os dois estão sozinhos... Atirei no que vi e acertei no que não vi! Bingo!

A noite transcorre na maior harmonia. Os últimos a irem embora são os meus irmãos, lá pelas duas da manhã. Estou exausta. Agradeço ao meu amor pelo dia maravilhoso que tive, jamais vou esquecer. Nunca tinha me sentido tão amada antes.

Vamos para o quarto. Confesso que estou um tantinho alta de tanto espumante que bebi. Parei de contar na terceira taça, estou rindo à toa. O meu cavaleiro de metal se aproveita do meu estado alegriinho e começa a me despir. Aos beijos, vai tirando o macacão e o deixa cair aos meus pés. Fico só com a *lingerie* minúscula e os saltos. Ele então se aproxima por trás, desamarra os laços finíssimos que seguram a calcinha e diz baixinho no meu ouvido:

— Linda, vou devorar você em cima desses saltos...

Já ouvi essa frase antes, e a resposta deve ser à altura! Mais uma vez, respondo:

— Então me devora...

Ele não espera eu pedir de novo, encosta-se em mim por trás, só com aquela cueca boxer, e já posso sentir sua ereção. As mãos cobrem os meus seios em conchas, brincando e provocando. Não resisto. Estou quase lá e ainda nem começamos. Ele percebe isso e ouço o familiar ruído do pacote da camisinha sendo rasgado. Viro-me para ajudá-lo a colocar, adoro isso. Pronto, não precisamos de mais nada. Ele me vira novamente e espalma minhas mãos contra a parede, encaixando-se em mim num vai e vem ritmado, que me leva às nuvens mais uma vez.

Depois do sexo maravilhoso, tomamos um banho e nos deitamos. São quase quatro da manhã. Estamos muito cansados e dormimos até as onze no domingo.

Dona Estela, a diarista que trabalha para o Edu, veio excepcionalmente hoje para nos ajudar com a bagunça que sempre fica nessas ocasiões. Como ela chegou cedo, já não há mais vestígios da festinha de ontem. Ela se oferece para nos servir o café da manhã, mas agradeço e não aceito. Tomamos um café preto e não comemos nada, afinal, teremos de estar na casa dos meus pais para o almoço em uma hora e meia.

O domingo passa na maior paz. Almoçamos apenas com o meu pai, minha mãe e minha avó. Meus irmãos não estavam presentes dessa vez, tinham outros compromissos. O Edu e minha família estão se entendendo às mil maravilhas, até o convidam para passar o Natal conosco. Para a minha surpresa, ele aceita na hora.

À noite, voltamos para o meu apartamento e, quando estamos juntinhos assistindo à TV, ensaio uma conversa:

— Meu amor, não podemos nos ver todos os dias após o trabalho. Preciso ir à academia, ao mercado e fazer algumas coisas do dia a dia que estou deixando para trás. Embora meu desejo seja ficar com você vinte e quatro horas, não podemos...

— Linda, você está sutilmente insinuando que a estou sufocando? — pergunta.

— Não, Edu, amo ficar com você, mas quero estabelecer uma rotina na qual eu possa fazer as minhas coisas pessoais. Academia, salão, shopping, essas coisas de mulher.

— Tudo bem, linda, você está certa. Também não tenho tido tempo para correr e treinar.

Fico surpresa. Nunca o vi treinar. Sabia que ele corria de vez em quando, mas não que fazia musculação. Vendo meu espanto, ele indaga divertido:

— Como é que você acha que eu mantenho esse corpinho que

lhe dá tanto prazer?

— Pensei que fosse natural — digo em tom de deboche.

— Ah, pensou é? Só que não, linda! Tinha uma *personal trainer* três vezes por semana. Costumava treinar antes ou depois do trabalho, numa academia perto de casa. Isso até você aparecer...

— Uma *personal*? Mulher?

— Isso mesmo que você ouviu, ou acha que deixarei um marmanjo musculoso ficar me dando ordens? Se é para obedecer, prefiro que seja a uma mulher... — provoca.

Ah, pensei que você só gostasse de mandar... Agora vejo que também gosta de obedecer, interessante. Isso me faz ter mil ideias... Espera só um minuto!

Vou até o armário e pego uma echarpe de seda, posiciono as mãos dele para o alto e as amarro. Ele entra na brincadeira. Desligo a TV, coloco uma música bem sensual e começo a me despir para ele. Quando Edu vai esboçar qualquer reação, oriento:

— *Shhh...* quietinho. Sou eu quem está no comando. Você não gosta de receber ordens de sua *personal*? Hoje eu vou treinar você...

E dizendo isso subo na cama, tiro a roupa dele, peça por peça, e vou distribuindo beijos por seu corpo inteiro, detendo-me na parte que o deixa mais louco. Quando ele está no auge, trato de desenrolar a camisinha nele e só depois desamarro suas mãos. Edu aproveita meu momento de distração para dar o troco e girar por cima de mim, prendendo-me com o próprio corpo. A festa começa e vamos dormir tarde mais uma vez.

Fica acertado entre nós, pelo menos, que às terças e quintas-feiras teremos as noites livres para cuidarmos das nossas respectivas casas e de nós mesmos. Nada de três dias com a tal *personal*, dois já são suficientes.

CAPÍTULO QUATORZE – NEM TUDO É FESTA

O mês de dezembro está voando. Adoro essa época, a vida fica mais intensa. Amo ver a decoração de shoppings e lojas. Adoro fazer compras para a minha família e montar a árvore de Natal. Isso tudo é especial para mim desde criança. Minha família valoriza aquilo que o Natal verdadeiramente representa por trás de toda essa euforia, a época inspira confraternizações por toda parte.

Ontem fui com o Edu à festa realizada no jornal, meu antigo trabalho. Foi estranho estar com aquelas pessoas na qualidade de namorada do chefe. Alguns me trataram com indiferença e outros com falsidade disfarçada de cordialidade. Sabia que seria assim. Desde a época que eu trabalhava lá não consegui fazer amizades, o ambiente era hostil e competitivo. Ainda continua um pouco desse jeito, mas o Edu conduz o pessoal de uma forma mais democrática e o clima organizacional, segundo ele, vem melhorando.

Estou apreensiva com a festa de final de ano da emissora. Será na próxima semana, às vésperas do Natal. Como é restrita aos funcionários, não poderei levar meu cavaleiro de metal. Não estou nem um pouco animada, mas preciso marcar presença. Na verdade, essa não é a situação que mais me preocupa. Ainda terei de enfrentar a festa de lançamento do programa, antes da estreia. Nessa ocasião poderei levar meu amor. Considerando o que lhe aconteceu, temo seu encontro com o Fernando agora que Edu foi por mim informado que estivemos muito próximos durante a viagem. O curioso é que, em tese, Fernando não sabe que o Edu tem conhecimento de seu caso com a Elaine. Ou, se sabe, disfarça como ninguém.

Chega o dia da festa de final de ano da emissora. Escolho um vestido bem-comportado, de tecido vaporoso, com uma estampa inspirada na azulejaria portuguesa. Sandálias de cor azul-royal e uma carteira amarelo-ouro para contrastar completam o visual, somadas a brincos dourados e aos cabelos soltos. Estou com meu

anel de compromisso, que não tirei do dedo desde que o ganhei.

Meu cavaleiro de metal está esparramado em cima da minha cama enquanto acabo de me arrumar, sua cara é impagável. A condição para a minha ida ao evento é que eu o deixe me levar e me buscar, como se eu fosse uma adolescente saindo com as amigas da escola para sua primeira balada. Quando deixo o banheiro, ele exclama:

— Uau! Você está linda demais! Não vou deixá-la sair...

— Edu, nem vem que não tem. Preciso ir, é um evento de trabalho e já falamos sobre isso.

Ele se levanta, anda em minha direção e me enlaça pela cintura. Senta-me no seu colo e começa a beijar minha nuca, dizendo contra minha pele:

— Não se esqueça de que você é minha... Só minha.

— Você não precisa me lembrar disso — digo toda derretida.
— Vamos, Edu, não posso me atrasar. Quanto mais cedo eu for, mais rápido posso voltar. Não vejo a hora...

— Vamos, linda. Vou morrer de tédio até poder buscar você e levá-la para a minha casa.

Ele me beija mais uma vez e, em certo momento, preciso retocar a maquiagem. Meu corpo parece estar derretendo com o calorão de suas carícias.

Chegamos ao local do evento, uma casa de festas na Estrada do Joá. Apesar do *glamour*, a ocasião é intimista, aberta somente aos funcionários da emissora. Sou recebida por Fernando e Vanessa. Quase vomito de tanto nojo com o fingimento da fofa.

— Oi, Nina, você está linda! diz ela, falsa.

Não estou a fim de entrar no seu jogo e apenas respondo:

Obrigada.

Ainda que ela não fosse a víbora que é, não poderia retribuir o

elogio. O vestido preto e dourado que ela está usando é de matar! Como sempre, parece embalada a vácuo. Ela tem um corpo bonito, que de nada adianta diante de tanta cafonice.

Tenho lugar a uma mesa onde estão Amália e Luciano. Dirijo-me a eles e conversamos, animados, praticamente o tempo todo. Evito beber demais. Num determinado momento, vou até o banheiro. Dou de cara com a fofa. Quando intenciono dar meia-volta, ela me detém. Meu sangue esquenta. Não vou aguentar ser agredida novamente, até porque dessa vez não serei pega de surpresa e darei a ela o que há muito está pedindo. Antes que eu esboce qualquer reação, ela diz:

— Calma, Nina, estou em missão de paz. Queria pedir desculpas pelo meu descontrole naquele dia, lá na emissora.

— Ok, Vanessa, desculpas aceitas — respondo para não me aborrecer, e faço menção de sair.

— Espera, Nina, é verdade. Sei que você gosta do Eduardo. Quando o Fernando levou você para trabalhar na emissora, pensei que também o quisesse.

— Olha, Vanessa, não estou interessada nas suas reflexões nem quero saber delas... Já disse e repito que não tenho nada com o Fernando, tampouco quero ter. Não entendo seu interesse na minha vida, o porquê de andar me espionando pelos cantos, isso desde o jornal. Já deu!

— Primeiro, Fernando pediu que ficasse de olho em você e no Eduardo. Sua desculpa era de que não queria um par romântico no jornal, mas hoje entendo não ser esse o verdadeiro motivo. Ela parece franca. — Depois ele resolveu viajar com você, pensei que tivessem ficado juntos na viagem. As aventuras dele com as mulheres nunca foram novidade para mim, mas ele sempre acabava me procurando depois. Dessa vez foi diferente. Desde que vocês voltaram, Fernando não me procurou e continuou me evitando, então pensei que vocês se relacionassem às escondidas e, admito, fiquei com muita raiva.

— Pois é, pensou errado — interrompo em vão.

— Acabei de entender que não é você quem está afastando o Fernando de mim, definitivamente. Descobri que ele foi a Nova York ver a Elaine, ex-mulher do Eduardo. Você sabia que eles tiveram um caso? Descobri que estão juntos novamente. Não vou conseguir aceitar isso — fala, querendo me causar espanto.

Vanessa, o passado do Edu não me diz respeito. Sou o presente e o futuro dele. Saia do meu caminho de uma vez por todas...

— Sei disso, Nina. E embora possa não acreditar em mim, estou com vergonha do que fiz a você. — Ela olha nos meus olhos pela primeira vez, desde que nos conhecemos. — O Fernando é tudo o que sempre quis. Sou de uma família muito pobre, ainda não consegui terminar minha faculdade de Letras e ele vinha me ajudando. A mim e indiretamente à minha família. Depois que a mulher dele morreu, achei que ficaríamos juntos e que ele fosse me assumir, mas descobri seu caso com a Elaine. Aguentei tudo calada, não podia perdê-lo e sempre fingi não saber do comportamento dele com as mulheres, mas você foi a única por quem me senti ameaçada de verdade. Agora vejo que eu estava enganada...

— Pois é, Vanessa, completamente enganada. Nunca tive a intenção de ficar com o Fernando. Não acho que ele seja um homem capaz de se prender a alguém. Ele quer a todas, mas não se prende a nenhuma. Um verdadeiro egocêntrico que se acha capaz de ter a mulher que quiser ao alcance das mãos. Se aceitar um conselho, procure se valorizar mais. Tente pagar suas próprias contas, criar uma imagem mais profissional, reformule-se por dentro e por fora... Persista na sua faculdade, busque novas oportunidades. Vá à luta! Faça com que ele a admire e possa orgulhar-se de você, se é que vale a pena insistir nessa obsessão pelo Fernando. Apesar de tudo, espero que você ache um homem que a faça feliz. Não é impossível. Apesar de não ter enfrentado as mesmas dificuldades que você na vida, não nasci em berço de ouro, sempre batalhei pelos meus objetivos. Se você não se valorizar, ninguém mais o fará. Pense nisso.

Sem mais nada a dizer, saio e a deixo só no banheiro. Discutir meu relacionamento com a fofa me fez um grande bem. Estamos zeradas, embora saiba que nunca seremos amigas. Só não consigo estabelecer uma relação entre o assédio do Fernando, o relacionamento dele com a Elaine e a espionagem da fofa. Tem mais alguma coisa nessa história. Decido que vou abrir o jogo com o Edu e contar sobre o embate com a Vanessa.

O resto da noite segue com leveza, converso com muitas pessoas da emissora e acabo até me divertindo, contrariando as minhas expectativas. Às onze, antes que a carruagem vire abóbora como no conto de fadas, despeço-me de todos e vou até o portão, onde meu cavaleiro de metal me espera para me levar para casa. Entro no carro e dou-lhe um beijo de tirar o fôlego.

— Oi, linda, que voracidade é essa? O que colocaram na sua bebida nesta festa? — diz bem-humorado.

Feliz em me ver? — pergunto.

— Mais feliz impossível. — Ele sorri. — Vamos para casa. Estou louco para tirar esse seu vestido...

Seguimos direto para o apartamento dele, onde sou despida do meu belo vestido, que cai no chão da sala, e carregada para o quarto. Ele me beija com luxúria, e eu correspondo tirando sua roupa e exigindo mais e mais. Ele me põe no colo e anda comigo nua, com as pernas enlaçadas em sua cintura, até me encostar à parede. As investidas ficam cada vez mais fortes e, juntos, chegamos ao êxtase. Estou de novo passeando nas nuvens do meu cavaleiro de metal.

É uma hora da manhã e ainda estamos acordados, abraçados na cama, em silêncio. Giro o corpo para olhá-lo de frente.

— Edu, sei que talvez não seja o melhor momento para abordar este assunto, mas preciso contar algo a você...

— Você está me assustando, linda. O que houve?

— É que combinamos que não ocultaríamos nada um do outro,

e acho importante que você saiba o que aconteceu entre a Vanessa e eu.

— O que houve, amor? Não estou gostando nem um pouco do seu tom.

— Lembra-se do dia em que você conheceu minha família? Logo depois da minha chegada?

— Claro, Nina. Estou ficando tenso. Conta logo.

E começo a contar tudo a ele, cada detalhe, inclusive a reação que tive no meu confronto com a fofa. Aproveito para dizer também o que se passou hoje entre nós, na festa da emissora. Ele ouve com atenção, sem pestanejar, e vejo aquele Edu furioso que já conheci antes. Depois de uns segundos em silêncio, ele diz, vermelho de raiva:

— Nina, nunca bati numa mulher em toda a minha vida, mas minha vontade nesse momento é de esmagar a Vanessa com as minhas próprias mãos! Por que você não me disse antes?

— Porque achei que não era importante, já que tinha colocado as coisas nos seus devidos lugares. Não queria ver você irritado. Fiquei com medo da sua reação. — E completo: — Edu, a Vanessa não apenas sabe do caso do Fernando com a Elaine como também acha que eles estão juntos novamente. Não consigo montar esse quebra-cabeça...

Nina, há algumas coisas que ainda não contei, porque também pensei que pudéssemos ir conversando com o tempo. — Ele parece tomar fôlego para continuar: — Na verdade, sou um dos proprietários do jornal. Tenho a maior parte do controle.

Choquei. Quer dizer que o “poderoso chefe” era o Edu o tempo todo, e não o Fernando? Como assim?

— Tinha dezessete anos quando meu avô materno faleceu num acidente de carro. Não tínhamos a menor noção de que ele estava tão bem de vida, já que quase não o conhecemos. Ele era muito rico e possuía muitos imóveis e outros negócios, não só as fazendas, que

eram as atividades menos rentáveis dele. Quando ele morreu, deixou tudo para a minha mãe, sua única filha. Aos dezoito, herdei a minha parte da herança. Como também sou filho único, minha mãe resolveu doar para mim boa parte do dinheiro. A esta altura eu já estava na universidade e, quando me formei, há sete anos, passei um ano viajando até pensar no que fazer com a herança. Investi uma parte com o meu pai no frigorífico, o que deu certo, e a outra parte você entenderá como utilizei.

— Não sei o que dizer, Edu...

— Calma, linda, me deixe terminar. Isso não é tudo... Ao retornar para o Rio, conheci Fernando e o pai dele, o falecido Joaquim Pessoa Neto, jornalista dos bons, com quem aprendi quase tudo o que sei. Recém-formado, comecei a trabalhar no jornal para adquirir experiência, assim como você.

— O quê? O Fernando é filho do Pessoa Neto? O jornalista português? Não sabia dessa...

— O pai do Fernando era proprietário do jornal, mas eles não se entendiam. Fiquei sabendo que estavam com sérias dívidas e resolvi usar meu dinheiro para resgatá-las, passando a ser sócio majoritário. Como não tinha experiência, Fernando e seu pai continuaram na direção. Com o falecimento do velho, há quatro anos, o Fernando vendeu a parte que herdou do pai ao grupo que controla a TV Povo, ficando apenas como diretor, já não é sócio nem acionista.

Fico surpresa com as revelações, porém mantenho o silêncio enquanto Edu continua:

Eu o mantive no cargo porque meu interesse era atuar como jornalista, e não como gestor. O jornal começou a prosperar e ele decidiu assumi-lo. Tentou comprar de volta a minha parte para o grupo da TV, mas eu não quis vender. Já estava completamente envolvido com o trabalho e começava a ter retorno financeiro. Nós mantínhamos um relacionamento social e, por um tempo, até pensei que fôssemos amigos. Ele já era casado com a Inês, e foi até

mesmo meu padrinho de casamento com a Elaine. Na base da amizade, continuou a tentar me persuadir a vender minha parte. Quando percebeu que eu não cederia, ele e os executivos do grupo passaram então a me prejudicar, dificultando as decisões, pedindo auditorias, criando barreiras às modificações que eu queria ver no jornal, a fim de fazer com que eu desistisse de tudo.

— E onde entra a Elaine nisso? — pergunto.

— Depois de tentar de tudo, ele resolveu atacar pelo lado pessoal. Seu caso com ela talvez tivesse a intenção de me abalar a ponto de me tirar da jogada e deixar o caminho livre para suas ambições. Só que, quando descobri o caso, já não sentia mais nada por ela. Eu a deixei ir sem criar problemas, sequer mencionei a nenhum dos dois que sabia de tudo. Quando finalmente interceptei as mensagens entre eles, fiquei sabendo que o caso já existia há algum tempo e que a Inês o descobriu muito antes de mim, o que piorou a sua saúde. Parece que ele foi vítima da sua própria armadilha e se envolveu com a Elaine mais do que planejou. Pelo visto estão juntos até hoje, mas isso não me interessa mais.

Ele suspira, parece cansado de narrar a situação. Eu massajeio seu cabelo, confortando-o para que continue.

— Resolvi agir friamente e esperar a oportunidade para tirar o Fernando de vez do meu caminho, cercando-me de pessoas que me ajudariam com a gestão do jornal diz. Comecei a me preparar para assumir a direção e, quando senti que estava pronto para cuidar de tudo, pedi uma reunião com os executivos da TV Povo. Assumi o cargo, utilizando-me da minha condição de sócio majoritário. Dei um ultimato, exigindo que Fernando saísse de sua função. Ele foi a São Paulo para receber a notícia de seu afastamento do cargo, no dia seguinte ao nosso primeiro encontro. Lembra-se de que ele viajou?

— Claro que lembro, Edu. Ainda brinquei com você sobre estar com medo de que nossas cabeças fossem rolar... E você sabia que isso seria impossível de acontecer, deve ter rido da minha

preocupação. Que papel de boba eu fiz! — falo, fingindo estar furiosa.

Ele ainda tem mais a dizer. Não interrompo seu modo falante, quero aproveitar a oportunidade para deixá-lo expressar tudo o guardou durante esse tempo. Percebo que foi muito difícil lidar com essas traições e pressões sozinho.

Como Fernando também é acionista do grupo que controla a TV Povo, conseguiu o cargo que ocupa atualmente no canal fechado e fez a situação parecer uma transição. No final, tudo se acomodou e ele saiu do meu caminho, pelo menos temporariamente, mas não confio nele nem um pouco. Pretendo vender minha parte no jornal num futuro próximo, não quero correr riscos. Estou apenas esperando o melhor momento para obter o maior retorno financeiro possível. A única coisa que saiu do meu planejamento foi ter me apaixonado por você...

Um silêncio se abateu sobre nós. Ele não disse, mas ficou implícito que a minha ida com o Fernando para a TV foi uma espécie de represália. Isso explica tudo. Realmente não fui convidada para trabalhar na emissora pelo meu talento, e sim para meu atual chefe deixar Edu vulnerável. A Vanessa foi a responsável por nos espionar e garantir ao Fernando que estávamos em um relacionamento, sendo minha mudança de emprego apenas outro instrumento de manipulação contra Edu. Também fui mais uma peça no jogo. Isso justifica por que ele começou a me assediar. Agora as coisas fazem sentido. Ainda bem que não caí na conversa dele. Meu Deus, que arrependimento eu teria se tivesse dormido com ele...

— Você sabia o tempo todo que a minha ida para a TV não ocorreu pela minha competência, e sim por uma vingança? — pergunto.

— Nina, no momento em que o Fernando a convidou para trabalhar na emissora creio que a intenção era me atingir, mas com certeza ele também sabia da sua competência. Do contrário, não teria arriscado a reputação dele por uma simples vingança.

Minha cabeça dá mil voltas, muita informação para um dia só.

— Isso explica por que vi aquela discussão entre vocês. Não é justo Edu. Não posso continuar trabalhando com ele.

— Linda, você agora deve pensar friamente e agir com a cabeça, não com o coração. Seu contrato é de um ano, e você já cumpriu quase três meses. No caso de uma rescisão, além da multa contratual, que seria o menor dos nossos problemas, seria desastroso para a sua carreira você iniciar um trabalho e não terminar pelo menos a primeira temporada. Seria como dar um tiro no pé. Você ficaria sem credibilidade para trabalhos futuros. Temos que ser racionais e deixar de fora as questões pessoais.

— Por que você não tentou impedir minha ida para a TV, Edu?

— Como poderia fazer isso, Nina? Você aceitou de cara, ainda não estávamos em um relacionamento como hoje, não tinha sequer o direito de impedir seu crescimento profissional. Eu também não estava pronto para dividir com você toda essa história. Não foi fácil para mim... Sua expressão é de alívio, talvez por finalmente compartilhar este enorme peso.

Você tem razão, meu amor, vou continuar com o meu trabalho. Pensarei melhor quando terminar meu contrato — concordo, ainda passada com os detalhes narrados.

— É simples. Você acha que o Fernando e a Elaine não sabem que tenho conhecimento do caso deles? Eles fingem que me enganam, e eu finjo que acredito. Imagina se eu tivesse tomado decisões na época com a cabeça quente. A esta altura, já teria vendido a minha parte para ele, a qualquer preço, por uma reação passional. As coisas não funcionam assim nos negócios. Temos que saber separar as circunstâncias, esperar o momento certo...

— Se eles realmente estão juntos, por que Elaine veio naquela noite e fez um escândalo?

— Ela quis dar uma de mulher traída, fazer-se de vítima. Como já disse a você, oficialmente Elaine não sabe que descobri o caso

dela com o Fernando...

— Ela fez um escândalo daqueles a troco de quê?

— Não sei, meu anjo, talvez para despejar sobre mim uma culpa que não tenho e desviar o foco das coisas que ela mesma fez? Se ela estiver com o Fernando, ambos não poderão ficar se escondendo a vida toda. E, se Elaine tiver algo contra mim, fica mais fácil assumir o relacionamento com Fernando sem que pareça que ela é a errada na história. Ela é mimada e arrogante. Sei que fará qualquer coisa para preservar sua imagem e jogar a minha no fogo.

— Edu, fico aliviada por saber que não há mais segredos entre nós.

— Eu também, linda. Eu também.

E adormecemos de conchinha, já é tarde.

CAPÍTULO QUINZE — FELIZ ANO NOVO

Acordamos tarde no sábado. O sol entra por uma fresta na cortina e ilumina o quarto. Sinto-me feliz. A conversa dessa madrugada com meu amor foi muito importante, já não há mais mistérios entre nós. Tudo ficou dito e esclarecido.

Logo mais vamos a uma confraternização organizada pelos seus amigos motociclistas. Vou conhecer alguns deles. Começo a me sentir cada vez mais parte do seu mundo. No Ano-Novo conhecerei a mãe e o padrasto do Edu e, num final de semana em janeiro, conhecerei o pai.

A noite cai, o tempo está incrível. Nenhuma nuvem no céu. A lua está linda. Estou quase pronta, finalizando a minha maquiagem. Visto um jeans escuro justo, uma bota de cano curto e uma camiseta preta de gola V. Prendo os cabelos e faço uma maquiagem suave, ressaltando os olhos. Saio do banheiro e dou de cara com meu cavaleiro de metal, no melhor estilo *bad boy*. Parado propositalmente no batente da porta, ele sorri. Sabe que isso me deixa louca. Meu gigante de olhos azuis está com um jeans escuro e uma camiseta de malha grafite com aspecto *vintage*, ostentando um logotipo lendário de uma marca famosa de motocicletas. Os cabelos estão desalinhados e sua aparência está pecaminosamente sexy.

— Meu amor, se você me olhar assim, não vamos sair de casa e seus amigos vão ficar nos esperando — digo com um ar travesso.

Ele me pega pela cintura, joga meu rabo de cavalo para o lado e tem acesso ao meu pescoço. Começa a depositar beijos na minha nuca. As mãos vão descendo pelo meu corpo fazendo carícias maravilhosas por cima da roupa. Ele me arrasta para a cama e despimos um ao outro. Pronto, nada nos atrapalha. Sexo antes da confraternização. Como sempre, quente, urgente e necessário. Vamos nos atrasar...

Só conseguimos sair uma hora depois do planejado. Chegamos

ao local do evento, na Barra da Tijuca. O estacionamento está lotado de motos. Nem imagino quantas, mas sei que são muitas. O ambiente é extremamente descontraído. Muito rock clássico, com uma banda tocando ao vivo. Sou apresentada a um casal de amigos do Edu.

— Max, Estela, essa é a Nina, minha namorada.

— Prazer, Nina, seja bem-vinda. — Estela me cumprimenta com dois beijinhos no rosto. Max também é um cara muito simpático e me recebe muito bem.

Aos poucos vou sendo apresentada a cada um dos amigos do Edu. Fico muito à vontade. Além do casal Max e Estela, conheço Jorge e Marcos.

Todos parecem felizes em me conhecer e consigo interagir naturalmente com o grupo. É claro que as conversas giram em torno de motos e viagens, mas não me importo. Se isso faz parte do mundo do meu amor, faz parte do meu também. Agora essa é a minha nova vida. Não podia estar mais feliz. Estou adorando tudo. Num dado momento, Jorge lança um desafio:

Então, Nina, o Edu tinha ficado de fazer uma viagem com a gente pela Rota 66, no trecho da Califórnia. Ele já lhe disse?

— Ainda não. Sério? — respondo surpresa.

— É, esse era o plano antes de conhecer a Nina, Jorge. Agora estamos trabalhando muito e não vamos conseguir sair de férias tão cedo — comenta Edu.

— Puxa, cara, que pena! Estamos planejando para abril do ano que vem.

— Quem sabe até lá...? — digo. E noto o esboço de um sorriso no rosto do meu cavaleiro de metal por saber que topo tudo em sua companhia.

A noite segue agradável. Lá por meia-noite nos despedimos e voltamos para casa, onde fazemos o que melhor sabemos: sexo de

boa-noite.

Três dias se passam e estamos na véspera de Natal. Combinamos de fazer a ceia na casa dos meus pais. A família está reunida, meus irmãos, suas respectivas esposas e namoradas, meus pais e minha avó Dora.

Como de praxe, eles exageram na quantidade de comida. Temos o suficiente para um batalhão. Após o jantar, trocamos os presentes. Meu pai resolve fazer uma oração. Minha família é muito religiosa, somos católicos. Após rezarmos o Pai-nosso e a Ave-Maria, meu pai arrisca umas palavras:

— Eu me sinto muito feliz por estar na presença de minha esposa Angelina, minha filha Nina, meus filhos Marcelo e Enzo, minha nora Ana Clara e dos futuros membros da família, Ludmila e Eduardo.

— E eu? Você me esqueceu de propósito, Mario? *Mama mia!* Não respeitam mais as sogras! — diz minha avó Dora, indignada.

— Calma, minha sogra, eu chegaria ao seu nome, mas você não me deixou terminar!

Todos rimos. A minha avó é uma figura!

— Pai, continua sua fala... — encoraja Marcelo.

— Então, como eu ia dizendo antes de ser interrompido pela minha querida sogra, estou muito feliz de estar com a minha família reunida. Como hoje é Natal, devemos refletir que a comemoração é pelo nascimento de Jesus Cristo, e não puramente uma festa onde comemos, bebemos e trocamos presentes. Devemos relembrar os ensinamentos de Cristo, nos fazendo mais fraternais e compreensivos uns com os outros. Um brinde ao verdadeiro espírito do Natal! — Meu pai levanta a taça de vinho, e todos comemoramos juntos.

Em vinte e seis anos, é a primeira vez que vejo meu pai discursar assim. Fico emocionada.

Aproveitando a comoção do momento, Edu pede a palavra:

— Também gostaria de dizer algo.

Todos olham para ele.

— Fique à vontade, meu rapaz — autoriza meu pai.

— Gostaria de agradecer a esta família tão especial pelo acolhimento que me deram desde o primeiro dia em que estive aqui, e aproveitar a oportunidade para fazer um pedido muito importante.

E virando-se para mim, tira do bolso uma pequena caixa, abre a tampa e revela o lindo anel de ouro com um diamante solitário.

— Sei que estamos juntos há apenas três meses, mas também sei que você é tudo o que eu quero pra mim. Nina, você quer casar comigo?

Deus do céu! Fico rosa, vermelha, com as bochechas pegando fogo e o coração aos pulos. Baixo os olhos. Não podia ficar mais envergonhada. Não sei o que dizer. Fui pega de surpresa. Todos me observam, esperando uma resposta. Olhando meu amor nos olhos, digo:

— Sim, sim e sim! Aceito, amor!

A família aplaude e comemora. Meu irmão, Marcelo, traz um espumante e brindamos ao meu noivado.

Às duas da manhã, chegamos ao meu apartamento. A noite foi muito marcante, mas tenho algumas perguntas para o Edu.

— Meu amor, você me pediu em casamento mesmo? Isso é sério? — Ainda me sinto incrédula.

— Claro, linda, ou você acha que colocaria um anel no seu dedo na frente da sua família toda, sem ter certeza de que é isso que eu quero?

— Não é a isso que me refiro, meu anjo. É que seu divórcio ainda não saiu. Tecnicamente, você ainda é um homem casado.

— Aí é que está, minha linda, a grande surpresa: meu divórcio saiu na sexta-feira, nos últimos suspiros antes do recesso da justiça. Presente de Natal. Sou um homem livre agora... e oficialmente seu!

— Meu Deus, como você conseguiu esconder isso de mim, Edu?

— Queria fazer uma surpresa. Ah, e este anel é o de noivado, o que dei no seu aniversário era apenas de compromisso. Pode usar os dois. Somos noivos agora. Tudo como manda o figurino. Temos que pensar numa data e num local para oficializarmos nosso casamento. Convenhamos, linda, já estamos mais do que casados.

Nem acredito que isso está acontecendo comigo. Estou muito feliz e loucamente apaixonada por Edu! Tão pouco tempo e já me vejo tão envolvida. Meu Deus! Vou me casar! Mal posso esperar para dar a notícia à Tati e ao Lucas.

Antes quero dar ao meu amor um caloroso agradecimento pelo carinho e atenção que tem comigo. Calmamente deixo-o nu. Peço para que se sente na cama, apago a luz do quarto e mantenho apenas a iluminação do abajur. Coloco uma música sensual e começo um *striptease* para lá de apimentado. Abro o zíper do meu vestido, deixo-o escorregar pelos ombros e descer pelo meu corpo. Estou de calcinha, sutiã e saltos. Vou dançando até Edu de forma provocante, então tiro os brincos e o colar. Viro-me de costas e abro o sutiã. Não o afasto de imediato. Agora de frente, ainda segurando a peça sobre os seios, jogo-a em cima da cama. Estou nua da cintura para cima. Viro-me de costas outra vez e, depois de muita encenação, tiro a calcinha. Continuo dançando nua e, quando vou me desfazer dos saltos, ouço a frase que adoro:

— Linda, não tire os sapatos... Vou devorar você com anel de noivado em cima desses saltos...

E como nas outras vezes, respondo:

— Então me devora...

Mergulhamos fundo um no outro, noite adentro...

É Natal e, após assistirmos à missa com os meus pais, vamos

almoçar na casa da Tati e do André. Eles ficam felicíssimos em saber da novidade. Já de cara, convidamos ambos para serem os padrinhos do nosso casamento. Ainda não temos uma data, mas, se tudo der certo, maio será o mês escolhido.

Os dias passam, o trabalho tem consumido muito do meu tempo. Fernando me trata com polidez, mas a distância. A Vanessa me deixou em paz e mudou um pouco sua atitude, mas no quesito figurino não tem jeito, continua sem noção.

Em fevereiro gravaremos na Chapada Diamantina, o tema do programa será o ecoturismo. Na ocasião precisarei viajar a trabalho novamente, mas com cinco pessoas da equipe e, para meu alívio, sem o Fernando. A exibição do primeiro programa ocorrerá na última semana de janeiro, no dia da tal festa de lançamento.

Apesar de termos combinado que às terças e quintas-feiras dormiríamos cada um na sua casa para resolvermos coisas pessoais, não conseguimos cumprir. Quando não durmo na casa do Edu, ele é que dorme na minha. Já temos roupas na casa um do outro.

Precisamos decidir onde vamos morar após o casamento. O Edu insiste que fiquemos no seu apartamento. Confesso que a ideia não me anima, visto que ele já viveu lá com a Elaine e ainda guardo más recordações. Entretanto o apartamento dele está organizado e pronto para morar. Acabo aceitando, com a condição de que futuramente nos mudaremos para um local diferente no qual possamos viver a nossa história.

É véspera de Ano-Novo e estamos prestes a embarcar para Belo Horizonte. Finalmente conhecerei a família do Edu.

Ao desembarcarmos no Aeroporto da Pampulha, somos calorosamente recebidos pela mãe e pelo padrasto dele.

— Edu, meu filho, que saudade! — Ela corre para abraçá-lo.

— Eduardo, seja bem-vindo! Sua mãe e eu estávamos sentindo a sua falta. — O padrasto dele também vem em nossa direção.

Fico em segundo plano por uns instantes, observando o desenrolar da cena de reencontro entre eles. O Edu quase não vê os pais por causa da distância e do pouco tempo livre. Ele trata de nos aproximar e fazer as apresentações:

— Nina, essa é Eleonora, minha mãe, e esse é Júlio Cesar, meu padrasto.

— Olá, Nina, é um prazer enorme receber você. Fico muito feliz que o meu filho a tenha trazido. Seja muito bem-vinda! — Ela me abraça, ostentando um lindo sorriso nos lábios, muito parecido com o do meu cavaleiro de metal.

— O prazer é todo meu, dona Eleonora — digo meio sem jeito.

No mesmo instante, o padrasto dele vem ao meu encontro. Dando-me dois beijinhos, diz sorridente:

— Minha querida, seja bem-vinda!

Feitas as devidas apresentações, seguimos para o imenso apartamento da família, num bairro nobre de Belo Horizonte. Ao chegarmos, noto que há um quarto de hóspedes com uma cama de casal para onde as nossas coisas são levadas, sem perguntas.

Passamos o resto do dia conversando animadamente. Ele já contou à mãe sobre o nosso futuro casamento, e vejo que ela e o padrasto ficaram muito felizes. À noite teremos um jantar em família, e amanhã o Ano-Novo será celebrado com uma festa num clube do qual são sócios.

A família do Edu é acolhedora e maravilhosa. Os avós maternos e paternos já são falecidos, infelizmente. A mãe dele é filha única e, exceto pelo filho e duas primas muito próximas, não tem muitos parentes. Já a do seu Júlio é enorme, com direito a muitos irmãos e sobrinhos. Ele tem também uma filha do primeiro casamento e dois netinhos. Todos convivem em harmonia.

O jantar reúne mais de trinta pessoas, entre membros da família da mãe e do padrasto do Edu. Quando estão todos juntos, fica uma barulheira danada que lembra muito a minha família.

Fiquei com saudades deles.

Uma das primas da mãe dele, ao me ver, exclama eufórica:

— Nina, estou sem jeito de perguntar, não me leve a mal, mas você por acaso não é aquela moça das chamadas do programa que começará às quintas-feiras, na TV a cabo?

Fico surpresa com a pergunta. Realmente andei gravando as chamadas para o programa e, há poucas semanas, já estão sendo exibidas. Deus do céu! Já fui reconhecida!

— Sim, dona Rute, sou a repórter que faz as matérias externas. O programa começa na última quinta-feira de janeiro, a senhora vai assistir?

— Claro, minha querida, não vou perder um. Edu, quer dizer que teremos uma celebridade na família? Que chique! — diz ela, entusiasmada.

Meu amor confirma e acha graça. Eu ainda não tinha pensado sobre isso. Apesar de o programa ser exibido na TV fechada, a audiência do canal vem crescendo muito nos últimos tempos. Eu não tinha me dado conta do alcance disso. Serei um rosto conhecido na mídia, e certamente a minha privacidade será invadida de alguma forma. Isso não me agrada, mas é algo com o qual tenho que lidar. Logo agora que estou num momento pessoal tão intenso...

A noite termina entre risos e muita simpatia por parte da família dele. Sinto que meu amor está feliz de ter me trazido e, mais que isso, parece em paz.

Mais tarde, no quarto preparado para nós, vou trocar de roupa para dormirmos. Sou interrompida pelo meu amor:

— Não, linda! Hoje quem vai tirar sua roupa sou eu... Fique paradinha.

Minha blusa é a primeira a se perder. Ele abre o zíper da saia, deixando-a escorregar pelas minhas pernas. Fico apenas de calcinha e sutiã, ambos de renda preta. Edu se encaixa por trás de

mim, joga meus cabelos para o lado e começa a me beijar no pescoço, na nuca, falando coisas indecentes ao meu ouvido. Já estou toda derretida. Suas mãos descem e alcançam os seios, seus dedos deslizam para dentro da renda e do bojo do sutiã, traçando círculos e me deixando completamente entregue.

Ele abre o fecho e fico nua da cintura para cima. Cuidadosamente, sai de trás de mim e me senta na cama, abrindo as minhas pernas e colocando-me de frente para ele, que segue me provocando com seus beijos até atingir o ponto escondido pela renda da calcinha. Sua boca me leva para passear no céu como só meu cavaleiro de metal sabe fazer. Estou nas nuvens novamente. Quero retribuir as carícias e beijá-lo da cabeça aos pés, dar o máximo de prazer a ele, mas minhas pernas estão derretidas como se fossem gelatina, sequer consigo sair do lugar.

Cubro os lábios com as mãos, não posso gritar. Não podemos fazer barulho. Sinto que ele está pronto e, como sempre, o ajudo a colocar a camisinha. Então, como se notasse o meu desejo, Edu me posiciona em pé, de frente para a cama e com as mãos espalmadas sobre o colchão. Começa as investidas num ritmo lento, que vai aumentando até nós dois explodirmos de prazer juntos. Nossa! Foi incrível! A cada dia nos superamos nisso. Para variar, dormimos de conchinha.

Hoje é Ano-Novo e começo a manhã despertando meu amor da melhor forma. Sexo quente, selvagem e urgente. Sexo de *réveillon*. A noite passada me deixou com um gostinho de quero mais.

Passamos o dia todo na companhia da dona Eleonora, ou melhor, Eleonora, como gosta de ser chamada, dispensando as formalidades.

À noite, uso um vestido branco de renda com uma *lingerie* combinando por baixo. Para o novo ano quero paz. Meu amor está vestindo uma calça cáqui e uma camisa branca com as mangas dobradas. Lindo demais. Vamos ao jantar do clube e curtimos a noite dançando juntinhos.

Na hora da virada, seguimos até um decorado terraço para contemplar a queima de fogos, cada um com sua taça de espumante na mão. No brinde, olhamos nos olhos um do outro, fazendo mil e uma promessas de amor para o ano que chega.

— Linda, você foi a melhor coisa que me aconteceu este ano. Quero você na minha cama, na minha casa, na minha vida. Quero que seja minha mulher. Vou amar você para sempre.

Deus do céu! Acho que vou ter um infarto. Que lindas palavras o meu amor me disse. Também sinto o mesmo. Quero retribuir, mas estou muito comovida. O máximo que consigo dizer é:

— Meu lindo cavaleiro de metal, serei sua para sempre. Pode ter certeza. Amo você mais do que ontem e menos que amanhã. Feliz ano novo!

E nos beijamos apaixonadamente...

Na volta, em nosso quarto, fazemos tudo de novo. Pela manhã tivemos a última transa do ano e agora, na madrugada, teremos a primeira. Tudo muito intenso. Estou amando a minha nova vida.

Como tudo o que é bom dura pouco, no dia primeiro voamos de volta para casa. Não sem antes prometer à Eleonora que trarei seu filho desnaturado mais vezes para vê-la, e que ela será uma das primeiras a ser comunicada sobre a data e o local do nosso casamento.

CAPÍTULO DEZESSEIS – ÁGUAS DE JANEIRO

O mês de janeiro chega com força total. Tenho trabalhado muito e sobra pouco tempo para a minha vida pessoal. Cada minuto livre é dedicado ao meu cavaleiro de metal, meu Edu. Eu me revezo entre ele, o trabalho e a família. Estou tirando tempo de onde não tenho para tentar manter a atividade física regular e as práticas de ioga. Desde que eu e o Edu estamos juntos, engordei quase dois quilos.

Nosso noivado se tornou de domínio público, meus amigos já sabem, no trabalho já descobriram e até o Fernando veio me perguntar se era verdade. Digo a ele que após a viagem reatamos e confirmo a notícia, afinal, não temos nada a esconder. Ambos somos livres. Ele ficou um pouco desconcertado com a minha franqueza e não voltou a tocar no assunto. Estamos na reta final para o lançamento do programa que ocorrerá no final do mês, quando teremos uma festa para comemorar.

Já é sexta-feira, e o segundo final de semana do mês tem início. Hoje vamos ao Tocantins, conhecerei o pai do Edu.

Depois de quase quatro horas de um voo turbulento, com escala em Brasília, desembarcamos em Palmas. Uma *van* da empresa do meu futuro sogro vem nos buscar e viajamos por quase três horas até o município de Lizarda, onde ficam as fazendas e o frigorífico. É um lugar belíssimo, com pastagens infinitas. A casa é espetacular e moderna. Somos recebidos pelo pai do Edu, assim que desembarcamos da *van*.

— Mas não é que é você mesmo, meu filho?! — diz, muito entusiasmado. Olhando para Edu de cima a baixo e fingindo espanto, aproxima-se e lhe dá um abraço apertado com direito a uma sessão de tapinhas nas costas. — Vem cá, Jussara, vem cumprimentar meu filho e a mulher dele!

Já fui promovida a “mulher dele” antes mesmo de casar. Fico

encantada com sua simplicidade e seu jeito acolhedor.

De repente, sai de dentro da casa uma jovem quase da minha idade, sua nova esposa. Ela vem até nós com os olhos baixos, muito sem jeito, e nos cumprimenta envergonhada. Não pude deixar de notar seu corpo curvilíneo serpenteando dentro de um vestido florido em um estranho contraste com suas galochas, daquelas que a gente usa em dias de chuva. A moça é morena com longos cabelos negros, muito lisos. Com certeza é de descendência indígena. Muito bonita mesmo. O pai do Edu é um senhor de meia-idade, bastante alto, moreno e com os olhos azuis iguais aos do filho. Vejo que meu cavaleiro de metal teve a quem puxar. A cor morena e os olhos azuis são do pai, enquanto o sorriso de tirar o fôlego é herança da mãe.

O meu futuro sogro nos convida a entrar e pede a um dos funcionários que leve nossa bagagem para o quarto que ocuparemos. Um almoço maravilhoso nos espera, estou faminta. Ataco todas as delícias e os doces de sobremesa como se não houvesse amanhã. Acho que não vou conseguir me livrar dessas calorias todas apenas nesta encarnação.

A casa da fazenda é ampla e moderna. Percebo que a construção é inspirada nos casarões coloniais que só vemos no Sudeste e no Sul, visto que o Tocantins é um estado relativamente recente.

Após o almoço, conversamos animadamente na sala de estar. Jussara, a “madrasta” do Edu, é extremamente tímida e quase não abre a boca. Fico impressionada como ainda existem pessoas assim nos dias de hoje. Quem vive nos grandes centros urbanos não tem a exata noção de que a vida rural, apesar do mundo globalizado e de toda a tecnologia disponível, ainda guarda tipos tão peculiares.

No estado do Tocantins fica o deserto do Jalapão, que aproveitarei para sugerir como tema de um programa quando estivermos discutindo as próximas pautas. Meu faro jornalístico me diz que renderia uma matéria e tanto...

No dia seguinte somos convidados a percorrer a fazenda a

cavalo. Nunca montei antes, estou morrendo de medo. Meu cavaleiro de metal me ajuda a subir e me dá as instruções para que eu consiga cavalgar. Conhecemos parte da linda fazenda cavalgando, mais uma novidade na minha vida. Consigo acompanhá-lo e fico toda feliz.

Apesar de hoje ser sábado, após o farto almoço, Edu e o pai vão até o frigorífico para uma visita e uma reunião de negócios. Decido ficar com a Jussara, que a essa altura já está mais sociável.

Ficamos conversando na varanda e descubro que ela é descendente de índios realmente. Para fugir da pobreza extrema em que ela e a família viviam no estado da Bahia, vieram trabalhar na pecuária e foram empregados em diversas fazendas. Descubro que os pais dela a casaram contra sua vontade com um homem trinta anos mais velho, quando tinha apenas dezessete anos. Eles ficaram juntos por dez anos. O casamento foi um desastre, e o sujeito passou a agredi-la ao descobrir que ela não podia ter filhos. Jussara acabou fugindo do marido violento, vindo empregar-se na fazenda onde vive o pai do Edu. Meu sogro a acolheu e acabou se apaixonando por ela. Eles estão juntos há três anos. Ele a ajudou a conseguir o divórcio e agora pensam também em oficializar o casamento, embora a diferença de idade entre ambos seja de vinte e sete anos. Ainda assim, Jussara confessou que está feliz e em paz vivendo aqui com ele.

Como sou jornalista, adoro conhecer as histórias das pessoas. Elas ampliam minha visão de mundo. Essa moça passou por maus bocados até chegar aqui, e saber que ela está bem me deixa muito feliz.

À noite meu cavaleiro de metal e o pai chegam, e alguns parentes vêm nos ver. Temos uma típica festa na roça, com direito a churrasco e fogueira. Estou adorando!

Sou apresentada a alguns primos e tios do Edu. O pai dele, após a separação, veio de Minas e mandou buscar os irmãos quando se estabeleceu no Tocantins.

A conversa flui e meu sogro conta que seus olhos azuis estão na genética deixada por sua mãe, filha de holandeses, a avó paterna do Edu. Ela veio para o Brasil com a família para estabelecer-se em Pernambuco, mas acabou não resistindo aos encantos de um caixeiro viajante, o mineiro Carlos Eduardo da Matta, fugindo em sua companhia para Minas e dando origem à família de cinco filhos. Meu sogro é o primogênito, o que explica a origem dos olhos azuis e o nome Carlos Eduardo da Matta Neto do meu amor.

Nossa! Nesse final de semana fiquei sabendo muito sobre meu cavaleiro de metal. A cada dia que passa, conheço e amo mais esse homem cheio de histórias para contar.

Vamos embora no domingo, encerrando a nossa aventura rural. O meu sogro promete ir ao nosso casamento com a Jussara. Já me afeiçoei a ela. Segundo Edu, será a primeira vez que os pais ficarão cara a cara novamente, desde o divórcio, quando ele era pequeno.

O Edu sempre ia ver o pai na fazenda quando estava de férias, acompanhado da Maria, a empregada da família. Esse encontro promete!

Chegamos a casa exaustos e, no dia seguinte, o trabalho recomeça em ritmo frenético. A minha viagem para a Chapada Diamantina, a fim de explorar o Parque Nacional dos Lençóis, foi antecipada de fevereiro para janeiro por questões burocráticas da emissora, o que significa que tenho apenas um dia para me preparar. O Edu fica uma fera, mas se controla. Afinal, trabalho é trabalho e já conversamos sobre isso.

Hoje é segunda-feira, dia treze, e viajo amanhã. O retorno é previsto para o dia vinte e um, terça-feira. A festa de estreia do primeiro programa será na quinta, dia vinte e três. Este é um cronograma de tirar o fôlego. Sei que ficarei exausta.

Meu amor me leva ao aeroporto e embarco rumo a Salvador. Apenas duas horas de voo e já estou lá. Depois enfrento cerca de cinquenta minutos num avião menor, até a cidade de Lençóis.

Fico encantada com a Chapada Diamantina! Com a ajuda de guias locais, faço matérias indicando os principais pontos turísticos e contando a história incrível deste lugar. Visito o Morro do Pai Inácio, a Cachoeira da Fumaça, a gruta da Lapa Doce e o Pratinha, um rio cristalino onde mergulho entre as formações rochosas. Meu amigo de trabalho, Danilo, está comigo na viagem. Ele e o Lucas estão juntos desde o meu aniversário, não se desgrudaram mais. Adoro saber que fui o “cupido” desse romance.

Apesar dos dias intensos, não deixo de falar com meu amor um só dia. Em nossa última conversa, sinto uma pitada de apreensão na voz dele. Quando pergunto sobre isso, Edu me diz que não é nada demais, apenas algumas preocupações no jornal que já está resolvendo. Queria estar junto dele. Acho que nunca vou me cansar desse homem.

Na terça-feira seguinte, após uma semana de viagem, retorno ao Rio de Janeiro. Chego ao cair da tarde e, quando saio pelo portão do desembarque, dou de cara com meu amor visivelmente abatido. Não pensei que a minha ausência pudesse ter causado tanto desconforto assim a ele. Senti muito a sua falta, e não vejo a hora de rolar com ele na minha cama para acabar de vez com essa saudade toda...

Ele vem na minha direção e me abraça forte. Sinto o seu cheiro. Não há lugar no mundo onde eu goste mais de estar do que junto dele. Meu lugar é onde ele estiver.

Nina, meu amor, senti muito a sua falta. — Ele me abraça novamente, noto suas lágrimas reprimidas. Estou estranhando seu comportamento. — Vim buscar você e tenho a triste missão de levá-la direto para o hospital onde seu irmão trabalha. É o seu pai, amor... Ele teve um infarto.

A notícia cai sobre mim como uma bomba. Sinto meu sangue fluir em direção aos pés, minhas pernas pesam toneladas e não consigo sair do lugar. Meu coração vai a mil por hora. As lágrimas rolam e faço a pergunta que não quer calar:

— Ele está bem, não está, Edu? Está vivo, não é? Fala, Edu, que ele está vivo!

Ele responde, desconcertado:

— Ele teve um infarto em casa, amor. Estava dormindo após o almoço. Sua mãe estranhou o fato de ele não ter se levantado para o café da tarde e, quando foi chamá-lo, notou que algo estava diferente...

— Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Não vou aguentar isso, Edu! Diga que ele não morreu! — Começo a pedir aos berros, debulhando-me em lágrimas...

— Calma, meu amor... Ele me abraça contra o seu corpo, confortando-me. — Sua mãe acionou o seu irmão, Marcelo, e uma ambulância veio resgatar seu pai. Eles fizeram todo o possível para reanimá-lo, mas o pior já tinha acontecido. Foi durante a sua viagem de volta, amor, não pudemos avisá-la.

Não digo nada. Apenas enterro a cabeça no peito do meu amor e choro, choro e choro...

Ao chegar ao hospital, encontro minha mãe, meu irmão Marcelo e minha cunhada Ana Clara na sala de espera. Minha mãe está com os olhos inchados de tanto chorar, uma enfermeira verifica sua pressão arterial. Quando ela me vê, chora novamente. Eu a abraço e sofremos juntas. Meu irmão, visivelmente abatido, dá a ela um sedativo e, antes de irmos, peço para ver meu pai pela última vez.

Meu irmão me leva até a capela, onde o corpo sem vida está embrulhado em um lençol. Não me aproximo e desejo imensamente sair dali. Prefiro guardar a imagem do meu pai sorrindo, levando minha mãe para cima e para baixo, implicando com a minha avó Dora... Ele foi um pai maravilhoso, um marido exemplar e um militar linha dura. Meu irmão Marcelo, o mais controlado da família, começa a falar:

Nina, vamos voltar para a sala de espera. Nossa mãe precisa de

nós e da nossa força. Ela é a pessoa que mais vai sentir a falta do papai. Eles eram praticamente um só...

Concordo com a cabeça e me deixo conduzir de volta pelos corredores frios do hospital. Não estou encontrando as palavras.

— O Enzo já sabe? — pergunto.

— Já, ele está no Rio Grande do Sul. Deve chegar amanhã de manhã para o sepultamento. A vovó Dora ficou com a Das Dores e a dona Claudina, a vizinha. Demos a ela alguns calmantes, está reagindo bem.

Assinto. Não há mais nada a fazer. O que precisamos agora é oferecer apoio à minha mãe. Todos nós estamos preocupados demais com ela. Meu irmão Marcelo vai levá-la para a casa dele hoje, para o caso de ela precisar de cuidados médicos. Após me despedir deles, peço ao Edu que me leve para casa. Amanhã será um longo dia.

O sepultamento do meu pai está sendo muito doloroso para nós. Sei que a ordem natural das coisas é os filhos enterrarem os pais, não fugi à regra. Ainda assim, é muito duro ver isso acontecer, ainda mais tão de repente.

Minha mãe está inconsolável e sobrevive à base de calmantes. Minha avó, pela idade avançada, foi poupada de ir ao enterro, embora tivesse insistido muito.

Estão presentes vários colegas do meu pai dos tempos do exército, assim como alguns familiares e conhecidos da família. Todos os meus amigos queridos vieram também e me dão a maior força e carinho. O pessoal do trabalho mandou uma coroa de flores, e o Danilo conseguiu ser liberado para vir. Meu chefe não comparece porque está em uma reunião, mas ligou para me dar os pêsames. Amanhã é a estreia do programa e, mesmo com o coração em frangalhos pela partida súbita do meu pai, não tenho como fugir desse compromisso. Irei à festa. Pelo menos para assistir no telão ao primeiro programa e marcar presença. Não estou para

celebrações por razões óbvias.

Após o sepultamento, vou para a casa da minha mãe. Ela se recusa a ficar na casa do meu irmão, quer o seu lar. Não a condeno. É o momento de ela se resguardar e elaborar o luto. Minha avó, o Enzo e a Das Dores lhe fazem companhia, então sei que ela ficará bem.

Até o céu parece estar chorando a perda do meu pai e, no final da tarde, cai um dilúvio para ninguém botar defeito. São as águas de janeiro que prometem lavar nossa tristeza.

Passo o resto da noite lembrando-me com carinho do meu pai, especialmente do seu último discurso, no Natal. Parece que ele estava adivinhando que logo se despediria de nós, fazendo a prece com a família e dizendo o quanto nos ver juntos o fazia feliz. Que saudades ele vai deixar!

Agora o que nos resta é seguir em frente e aceitar aquilo que não podemos mudar. É a vida que mantém seu curso.

CAPÍTULO DEZESSETE – VIDA QUE SEGUE

Hoje é a estreia do programa e a respectiva festa de lançamento. Passo a manhã com a minha mãe e vou ao salão à tarde para tentar melhorar minha aparência que, diga-se de passagem, está péssima. Quando chego a casa, trato de tomar um banho e colocar o vestido. É um longo azul-marinho com as costas nuas, corte reto e tecido leve, que proporciona um caimento perfeito. Na faixa que demarca a cintura há pedrarias bordadas no mesmo tom, dando um ar de sofisticação. Opto por um cabelo preso, brincos pendentes de pedraria e uma carteira bordada na cor prata. Sandálias altíssimas de tecido na cor do vestido completam o *look*. É, até que estou apresentável. Nunca poderia imaginar que usaria um vestido desses para uma festa tão importante na minha carreira, num período tão triste.

Meu amor chega um pouco atrasado e se arruma rapidamente. Ficou lindo demais de *smoking*. É praticamente uma miragem à porta do meu quarto, está mesmo incrível. Oferece-me a mão como um perfeito cavalheiro e carinhosamente me diz:

— Meu amor, você está linda!

— Obrigada, meu anjo. Vamos, que essa bendita festa nos espera. Se eu pudesse, não iria...

— Linda, entendo que seja difícil, mas não tem jeito, precisamos encarar...

A festa é puro *glamour*. Estamos numa casa envidraçada na Barra da Tijuca, no alto de um penhasco de onde se pode ver a praia, um verdadeiro luxo.

Logo de cara avisto a fofa. Nem acredito que é ela. Está superelegante em um longo preto, de tecido nobre e caimento impecável. Ostenta poucos acessórios e um coque baixo, perfeita. Não pude deixar de notá-la. Ela vem em nossa direção e nos cumprimenta:

Oi, Nina. Olá, doutor Eduardo.

— Como vai, Vanessa? — respondo.

— Sinto muito pelo seu pai, Nina — lamenta ela.

— Obrigada, Vanessa. — É o máximo que consigo dizer.

O Edu quase não consegue ficar com ela no mesmo ambiente, desde que contei sobre o episódio do banheiro. Para quebrar o gelo, não sei o que dá em mim, digo:

— Vanessa, você está muito bonita hoje. — Foi um elogio sincero.

Ela fica toda feliz e sorridente.

— Obrigada, Nina, resolvi seguir uns conselhos que andei recebendo. — E baixa os olhos.

Vanessa me deixou sem palavras. Será que a nossa última conversa a fez refletir sobre si mesma? Se for isso, ficarei feliz, embora não me sinta amiga dela.

— Bem, tenho que tomar algumas providências que me foram solicitadas pelo pessoal que produziu a festa. Vou deixar vocês dois à vontade. Com licença.

Depois que sai de perto de nós, a recepcionista se aproxima. Somos levados até a nossa mesa, onde reencontro Amália Galdino.

— Como vai, Eduardo? — pergunta ela, simpática.

— Olá, Amália, há quanto tempo! — exclama Edu.

— Opa, vejo que vocês já se conhecem — digo.

— Nina, conheço o Eduardo desde o jornal. Ele já me entrevistou em algumas ocasiões. Fico feliz de vê-los juntos.

— Obrigada, Amália, também estamos felizes em ter a sua companhia.

— Nina, sei que não é o momento propício, mas gostaria de lhe

oferecer minhas condolências... Deve estar sendo difícil para você esta noite, minha querida. — Encontrando meu olhar, ela segura as minhas mãos carinhosamente.

— Está muito difícil, Amália, mas eu e minha família vamos superar. Não há outro jeito. Só o tempo pode melhorar estes sentimentos... — respondo, segurando as lágrimas.

— Bem, vamos falar de coisas felizes, não é mesmo? — Ela quebra o clima. — Animada, Nina, para a estreia do nosso primeiro programa?

— Claro que sim, Amália, esperei muito por esse momento. Estou até com um friozinho na barriga...

A nossa conversa fica mais alegre com o Luciano Riviera e a esposa, que vêm se juntar a nós em nossa mesa. Passo a próxima hora revezando-me entre os pêsames pelo meu pai e os parabéns pelo programa.

Às dez da noite, o *buffet* anuncia que servirá o jantar. Estranho a ausência do Fernando. Não o encontrei ainda.

Parece que foi só lembrar-me dele que o vejo entrando. Ele está muito bonito, impecável como sempre, no seu *smoking* elegante. Faz uma aparição surpreendente, de mãos dadas com uma mulher morena, de vestido vermelho.

Enquanto os demais ocupantes da nossa mesa conversam animadamente, Edu olha para mim com cara de espanto e diz baixinho ao meu ouvido:

— Por essa eu não esperava...

— Edu, não estou entendendo. Não esperava pelo quê? Você pode ser mais claro? — sussurro.

— Linda, você não está vendo? É a Elaine. Ele a trouxe.

Uau! Que tenso! Meu queixo caiu! Juro que não a tinha identificado de longe. Afinal, só a vi uma vez, naquela noite fatídica. Acho que se a reencontrasse fora de todo esse contexto, não a

reconheceria. Eles se aproximam. Prendo a respiração. Estão vindo até a nossa mesa e vão falar conosco. Não acredito!

— Olá, Nina cumprimenta Fernando, beijando a minha mão. Olá, Carlos Eduardo. — Edu corresponde ao aperto de mão civilizado.

Solto a respiração, que nem notei estar prendendo.

— Nina, esta é a Elaine, imagino que vocês já tenham se visto. Para o Edu, creio que a apresentação seja dispensável — diz meu chefe, sarcástico.

— Muito prazer, Nina. Como vai, Eduardo? — A cobra nos cumprimenta com certa ironia.

— Vamos bem, Elaine. Obrigada por perguntar — respondo também irônica.

— Nina, sinto pelo seu pai. — Fernando tenta amenizar a situação, que não podia ser mais embaraçosa.

— Obrigada, Fernando. — Não consigo somar nada a essas palavras.

Noto que os outros ocupantes da nossa mesa estão olhando de um casal para o outro, como se assistissem a uma partida de pingue-pongue. Ninguém diz nada. Por sorte, nosso momento é interrompido pelos garçons que vêm servir nosso jantar. Fernando e sua bizarra acompanhante vão se sentar em outro lugar.

Então, ele resolveu assumir seu caso com a Elaine. Não me espanta, já que o divórcio dela saiu e Fernando é viúvo. Cada vez que olho para trás e consigo vislumbrar um pouco do caráter dele, dou graças a Deus por não ter caído na sua sedução barata.

O Edu parece menos perturbado do que eu, mas não podemos falar sobre isso, pois estamos acompanhados. A vida em sociedade nos impõe boa dose de hipocrisia, porque as pessoas que estão à nossa mesa conhecem Edu de longa data e sabem de seu relacionamento anterior com a Elaine, mas disfarçam e agem com

tanta naturalidade que parecem desinformadas.

Quando vou ao banheiro, fico com pena da Vanessa. Eu a encontro retocando a maquiagem borrada devido às lágrimas. Naturalmente, ela também não esperava ver o Fernando acompanhado. Não digo nada e respeito o momento dela. Quem diria? Eu sendo solidária com a fofa!

Após o jantar, a exibição do programa começa no mesmo momento em que está sendo transmitido ao público. Apesar de ser em um canal fechado, a audiência é positiva e o programa ficou ótimo. Recebo felicitações de todos os lados pelo meu trabalho. Se não estivesse tão triste pela morte do meu pai, ousaria dizer que este é um dos momentos mais gratificantes da minha vida. Realmente experimento agora uma ocasião de sentimentos contraditórios.

Pouco depois da meia-noite, vamos embora da festa e dormimos no apartamento do Edu. Hoje só quero dormir mesmo. Estou exausta. Sinto que todo o peso do mundo está nas minhas costas. Ele me abraça com carinho.

Nos dias que se seguem, revezo-me entre a casa do Edu, a casa da minha mãe e o meu trabalho. O Edu tem sido um companheiro maravilhoso, compreendendo o meu luto e o da minha família, oferecendo apoio e sendo o meu porto seguro.

Ajudo minha mãe a doar as coisas do meu pai num processo doloroso, mas necessário. Meu irmão Enzo anuncia que no final do ano irá se casar. Eu e o Marcelo estamos convencendo a minha mãe a vender a casa e mudar-se para a Barra, para ficar mais perto dele e da Ana Clara, mas a vemos irredutível. Aliás, minha mãe convidou Enzo e Ludmila para morarem com ela após o casamento, mas o casal ainda não decidiu.

Opto por adiar minha cerimônia de matrimônio. Já estamos em fevereiro, o mês de maio está muito próximo para organizar tudo e, sinceramente, não estou com cabeça para planejar o que precisamos. O Edu fica desapontado, mas entende. Já estamos

praticamente morando juntos. Ambos temos roupas no apartamento um do outro e nos revezamos entre os dois locais.

Quando fica sabendo que não vou mais me casar em maio, minha mãe resolve ter uma conversa comigo.

— Filha, não sei por que você adiou a cerimônia. Isso não vai trazer seu pai de volta.

— Eu sei, mãe, mas não tive tempo nem cabeça para organizar as coisas... Já estamos em fevereiro, não seria possível tomar todas as providências agora.

— Querida, seu pai ficaria muito, muito triste se soubesse que não se casou com o Edu, esse homem maravilhoso que você ama e que a ama... De onde ele estiver, sei que está torcendo para que esse casamento saia. Ela segura minha mão. — Vocês têm sido filhos dedicados. Sinto a falta do seu pai a cada dia, mas sei que preciso seguir em frente, por sua avó, por vocês e por mim mesma... Além do mais, quero netinhos! — diz sorrindo. Faz tempo que não a vejo sorrir.

— Eu sei, mãe, já estamos praticamente morando juntos. Só falta oficializar...

— Pois é, querida, não gosto de hipocrisia. Sei que vocês já se consideram praticamente casados, mas gostaria de vê-la entrar na igreja, como manda o figurino, dentro das tradições da nossa família... Era o sonho do seu pai.

— Vou ver o que consigo arranjar, mãe, vou ver.

Minha mãe quase sempre tem razão. Não há motivos para adiar. Só não sei o que poderei fazer para organizar uma cerimônia da noite para o dia. Terei dificuldades em arrumar uma igreja e um vestido.

Quando chego ao apartamento do Edu, à noite, conversamos sobre o papo que tive com a minha mãe. Vejo que a ideia de manter o mês de maio para nosso casamento o deixa muito feliz.

Após jantarmos, vamos para o quarto. Já faz uns dias que não ficamos intimamente juntos. Ele me leva para a cama e tira a minha roupa com uma reverência que me faz sentir especial. Pede para que eu me deite de barriga para baixo, coloca uma música suave e, à meia-luz, faz uma massagem em meu corpo que me deixa completamente relaxada.

Ele passa óleo nas mãos e começa pelas costas. Vai descendo, tocando todos os meus pontos sensíveis e desfazendo os nós de tensão. Estou em êxtase. Ele me vira de frente e continua a massagem, com a condição de que eu não interfira. Fico parada. Ele massageia meus seios e continua mais abaixo, onde realmente o desejo agora. Vou ao delírio!

Ele está maravilhosamente nu, e majestosamente ereto. Por fim, não resisto e o convido a mergulhar fundo em mim. Ficamos durante um bom tempo fazendo um sexo gostoso, de relaxamento. Sinto que vamos chegar lá juntos e, pela primeira vez, optamos por não usar camisinha. Não estou no meu período fértil e combinei com minha ginecologista para, na próxima menstruação, inserir um dispositivo contraceptivo que deve permanecer por seis meses. Isso nos dará uma boa margem de segurança e poderemos nos livrar da camisinha, uma vez que nossos exames recentes apontam nossa saúde perfeita, felizmente. Dormimos de conchinha.

CAPÍTULO DEZOITO – SOB O SOL DA TOSCANA

Aos trinta dias do mês de maio, mais precisamente às onze da manhã, estou trêmula a caminho do terraço onde será conduzida a cerimônia do meu casamento. Sei que por trás das portas duplas, que a cerimonialista abrirá para mim, o meu grande amor estará à minha espera.

As portas se abrem e avisto minha mãe, minha avó, meus irmãos Marcelo e Enzo, minha linda cunhada Ana Clara, meus amigos Tati e André, o pai do Edu, a mãe e o padrasto dele... Minha amiga Laura e seu marido Francesco, residentes em Milão, também estão presentes. Estes são nossos únicos convidados e as testemunhas da nossa loucura de amor. Faço questão de entrar sozinha, embora o Marcelo, sendo meu irmão mais velho, tenha se oferecido para me conduzir na ausência do nosso pai. Vou andando em direção ao meu amor, que me espera vestindo um elegante terno grafite com uma flor na lapela.

Dizem que quando a gente morre a nossa vida toda passa pelos nossos olhos em uma fração de segundo, como se estivéssemos percorrendo um túnel. Acho que quando a gente casa também. No curto trajeto até o altar improvisado, minha vida passa desfilando por mim, sobretudo o período que vivenciamos desde que começamos nossa história, eu e o Edu.

Estou carregando um buquê de flores do campo e usando um vestido marfim, todo feito de renda francesa, com um coque baixo e uma singela flor no cabelo. O vestido tem as costas nuas e um decote profundo, cobertos pela lindíssima renda. É justo e evidencia meu corpo, abrindo levemente dos joelhos para baixo, comprido o suficiente para cobrir meus pés, mas não para arrastar no chão. Escolhi este modelo simples e discreto levando em consideração a hora e o local. Estamos em Florença, na Itália. Mais romântico impossível.

Olho meu amor nos olhos. Estamos visivelmente emocionados.

A cerimônia religiosa consiste apenas em uma bênção simbólica e assinamos a papelada que terá validade no Brasil. Tendo em vista o pouco tempo disponível para organizar tudo e o falecimento do meu pai, casar na Itália apenas com as pessoas mais importantes das nossas vidas como testemunhas foi o melhor que pudemos fazer e, confesso, não poderia ter sido uma escolha mais acertada.

Para viabilizar tudo contratamos uma empresa especializada, que não nos cobrou nenhum absurdo. Ainda teremos uma semana sozinhos em lua de mel. Infelizmente, meu pai não está aqui para testemunhar minha felicidade. Sinto falta do Lucas, que não pôde vir por causa da abertura de sua nova loja, e da Ludmila, que está em missão nesse momento. Já me apeguei à minha nova cunhadinha.

Após as últimas palavras do sacerdote e da assinatura dos papéis, estamos casados. Edu quebra o protocolo e me beija na frente de todo mundo. Um beijo quente e escandaloso, que provoca exclamações dos nossos escassos convidados.

Não tivemos propriamente uma festa de casamento, e sim um almoço em família, no mesmo local da cerimônia. Parece um sonho. Apesar da saudade do meu pai, esse é de longe o dia mais feliz da minha vida. Sei que ele estará radiante por mim, não importa de onde.

Após o almoço, já no final da tarde, vamos para a nossa suíte. Nossos parentes e amigos nos deixam a sós, como manda a tradição. No dia seguinte, seguirão para o Brasil: o Enzo, que não vê a hora de encontrar a sua Ludmila, e a família do Edu, pois todos têm compromissos profissionais. Jussara, a “madrasta” do Edu, não veio. Segundo meu sogro, ela não anda de avião nem amarrada. Minha mãe e avó chegaram há cinco dias com o Marcelo e a Ana Clara, e seguirão juntos para Verona, onde ficarão com alguns parentes nossos por mais uma semana. A Tati e o André vão esticar até Paris, em merecidas férias. Laura e Francesco despedem-se e seguem para casa, ainda têm uma viagem pela frente até Milão. Sendo assim, Edu e eu ficaremos sozinhos curtindo a nossa lua de mel.

Ao abrirmos a porta da nossa suíte, vejo que está linda e toda decorada com pétalas de rosas vermelhas do chão até a cama. Meu cavaleiro de metal não perde a oportunidade de seguir a tradição: mais que depressa, pega-me no colo e entra comigo pela porta. Ele me coloca no chão com reverência e começa a tirar meu vestido.

— Linda, como esperei por este momento... Amo você demais! Hoje sou o homem mais feliz do mundo.

— Eu também, meu anjo. Estou muito feliz. Eu amo muito você...

Ele não me deixa dizer mais nada. Sem pressa, ajuda a me despir do meu vestido, que tem intermináveis botões no tecido. Quando vislumbra minha *lingerie* de renda branca, fica louco. Sinto que ele está gloriosamente pronto para mim, assim como eu estou para ele. Ajudo-o a tirar a cueca boxer, que o deixa tão gostoso, e não resisto quando o vejo completamente nu. Quero-o todo para mim, sem pudor, sem preliminares. Apenas quero. Para variar, ele não me deixa tirar os sapatos e me diz aquela conhecida frase:

— Não tira os sapatos, vou devorar você inteirinha em cima desses saltos...

E eu respondo sempre da mesma forma:

— Então me devora...

Não preciso pedir duas vezes, as coisas esquentam e ficamos a noite toda perdidos na nossa lua de mel.

Os dias que se seguem são os mais lindos e românticos que poderia ter. Revezamos entre os quartos dos hotéis onde nos hospedamos e os passeios. Visitamos museus, igrejas e galerias de arte em Florença. Amei a galeria *Uffizi*, onde estão as obras de Michelangelo e Leonardo da Vinci. Saímos também em direção às vinícolas e à área rural da Toscana. Estou maravilhada com tudo. Hoje chegamos a Veneza. Andamos pela Praça de São Marcos para ver a Basílica e o imponente Palácio dos Doges, depois visitamos a Ponte de Rialto, no grande canal. Meu cavaleiro de metal é só

carinho e atenção.

Como tudo o que é bom dura pouco, voltamos a Roma para os dois últimos dias. Embarcaremos na próxima sexta-feira para o Rio.

Ao chegarmos ao quarto do hotel, vou tomar um banho. Quando saio do chuveiro, ouço Edu ao telefone. Ele parece bastante irritado, gesticula e fala alto com a pessoa do outro lado. Há tempos não vislumbro a versão estressada do meu amor. Parece que o Senhor Imprevisível está de volta.

— Porra, e por que não me avisaram antes? A pessoa do outro lado diz qualquer coisa. — Não era para isso sair do controle assim. Agora ficaremos desacreditados, nossos patrocinadores e anunciantes vão retirar o apoio. Vamos perder uma boa grana em propaganda! — exclama ele, exasperado, passando as mãos pela cabeça como costuma fazer quando está muito nervoso.

Alguém continua argumentando na linha. Sua expressão desgostosa não muda.

— Eu sabia que isso ia acontecer. Eles vão continuar fazendo tudo para eu desistir. O plano é passar uma ideia de que não estamos nos entendendo... Eu sei, estou puto da vida...

Ao me ver, ele assume uma postura de autocontrole. Acho que não quer nada estragando nossa lua de mel. Despede-se da pessoa e desliga o telefone, depois de marcar uma reunião com os outros acionistas para a próxima segunda-feira.

Ele sabe que presenciei o diálogo e tenta minimizar as coisas:

— Pois é, linda, até na lua de mel tenho que resolver problemas do jornal. Não queria manchar nossos momentos com estresse.

Não sei por que, mas tenho a impressão de que ele está dando menos importância ao telefonema do que realmente tem. Percebo o quanto Edu está abalado.

— Meu anjo, seja o que for, você sabe que pode contar comigo,

não sabe? — digo, olhando-o diretamente.

Ele senta-se na cama, encosta-se à cabeceira, me abraça e me traz para o seu colo. Fico aninhada ali que nem um bebê. Depois de uns minutos de silêncio, Edu diz:

— Linda, sei que posso contar com você, mas está tudo bem, não quero que se preocupe. Ultimamente o pessoal da TV Povo, que detém o restante das ações do jornal, tem dificultado mais do que nunca minhas negociações e relações com os parceiros e anunciantes. Eles impõem barreiras, causam impasses, tudo com o objetivo de me pressionar a vender minha parte. Ambos sabemos quem está por trás disso.

— Tudo bem, amor, mas não quero que você e eu tenhamos segredos. Somos casados agora. Seu problema é meu problema — reitero.

— Eu sei, meu amor. O doutor Camacho, meu advogado, já está resolvendo os problemas que surgiram. Não há nada que possamos fazer daqui. Na segunda-feira teremos uma reunião e pretendo dar um xeque-mate nesses caras. Afinal, se eles prejudicarem o jornal de alguma forma, estarão prejudicando a si mesmos, já que são acionistas.

— Edu, você ainda pensa em vender o jornal como tinha me dito?

— Sim, mas não pode ser agora. Quando comprei a parte do Fernando e do pai dele, o jornal estava quase falido, mergulhado em dívidas. Paguei as dívidas, investi, reergui e repaguei o jornal junto com o Fernando. Agora que estou colhendo os frutos do meu trabalho e investimento, querem me fazer devolvê-lo ao poder deles de novo? Vou esperar um pouco mais... Preciso aguentar...

Dizendo isso, ele dá a conversa por encerrada. Decido não tocar mais no assunto, não vamos mesmo resolver nada agora, então é melhor curtir os dois últimos dias que nos restam.

Vamos ao Vaticano, passeamos por Roma, e juramos amor

eterno jogando uma moeda em frente à *Fontana di Trevi*.

Durante os últimos dias da nossa viagem dos sonhos, aproveitamos a Itália como nunca. A cada dia nos tornamos mais íntimos e cúmplices, na cama e fora dela.

Nossas noites são intensas e povoadas de sensualidade e erotismo. Na última, antes da viagem, escolhemos jantar no quarto.

Quando saio do banho vestindo uma *lingerie* maravilhosa e saltos altíssimos — que ele não dispensa, encontro a mesa posta para dois, com um espumante italiano repousando num balde de prata. Meu amor está à minha espera, lindo demais só de roupão, sem nada por baixo.

Ele sabe que já estou completamente excitada com a situação em si e faz com que eu me sente à mesa, puxando a cadeira e me indicando o lugar que devo ocupar. Sento-me obediente. Adoro vê-lo assumir essa postura de comando, ele sabe que gosto de ser conduzida...

Jantamos tagarelando animadamente e, quando vejo, a garrafa de espumante já se foi... Confesso que estou um pouquinho alta, mas meu amor não quer saber disso e me conduz até o meio do quarto.

Ele senta-se na cama e me coloca de pé na sua frente. Pede para eu tirar a camisola. Deixo-a escorregar pelos ombros, mantendo-me apenas com uma minúscula calcinha de renda.

Levantando-se, Edu começa a andar à minha volta. Estou tremendo de excitação, já sinto os efeitos do espumante e do desejo que me consomem. Estou em chamas. Ele se coloca por trás de mim, afasta meus cabelos e beija meu pescoço, falando todo tipo de indecências ao meu ouvido. Ele nem me tocou e sinto que não vou aguentar muito tempo. Preciso senti-lo. Jogo meus braços para trás, tentando em vão alcançar a sua ereção. Ele gentilmente me afasta e pede para que eu não me mexa. Isso vai me matar. Estou adorando o jogo. Fico imóvel como me instruiu. Ele para na minha frente, me puxa contra o peito e me beija, voraz. Eu correspondo e nos

confundimos um no outro, num emaranhado de bocas, mãos, pele e abraços. Acabamos na cama num sexo quente, urgente e selvagem, em posições que dariam inveja aos *yoguins* mais experientes que conheço.

A nossa noite termina com mais sexo gostoso e muita paixão envolvida. Adormecemos já de madrugada, exaustos. Em algumas horas estaremos embarcando de volta ao Rio. Adeus, Itália, ou melhor, *arrivederci*.

CAPÍTULO DEZENOVE – SEU PROBLEMA, MEU PROBLEMA

De volta ao Rio, de volta à realidade. Nossos compromissos de trabalho nos deixam poucas horas para passarmos juntos. Conforme o combinado, estamos morando no apartamento do Edu, mas futuramente pretendemos mudar para um lugar só nosso. Durante nossa estadia na Itália, acertei a entrega do apartamento que morava à minha amiga Laura, que é a proprietária do imóvel.

A vida está agitada e o trabalho na emissora tem me feito viajar quase que semanalmente. O Edu está abarrotado de problemas até o pescoço, mas, mesmo assim, o tempo que passamos juntos é sempre precioso.

Tento me dividir entre as atenções ao meu marido, à família e o trabalho. Ainda faço sobrar um tempinho para cuidar de mim, quando pratico meus exercícios e o ioga que tanto adoro.

Já estamos em julho e o programa está um sucesso. Tenho viajado e feito matérias incríveis junto com os meus colegas da emissora, recebemos frequentemente boas críticas e audiência.

Quanto ao trabalho do meu amor, não posso dizer o mesmo. Ele tem chegado a casa todos os dias estressado e exausto. Sinto que os problemas no jornal o estão consumindo, mas apenas o apoio, sem dizer nada... Já conversamos sobre isso.

Hoje é sexta-feira e resolvo fazer uma surpresa para o Edu. Chego a casa mais cedo e preparo um salmão com alecrim, acompanhado de uma salada, para esperar o meu cavaleiro de metal. Ele adora este prato. Coloco um bom vinho na geladeira e deixo a mesa arrumada, com direito à luz de velas e arranjo.

Arrumo tudo a tempo, então vou relaxar na banheira, algo não muito ecológico. Depois me preparo com a minha melhor *lingerie* e um vestido de seda no estilo túnica por cima.

Estranho a demora dele. Já são oito horas e nada. Não quero

bancar a mulher chata e ciumenta, que liga para o marido para saber onde está, mas a verdade é que já me sinto muito preocupada. Ele nunca se atrasa sem justificar. Sempre damos satisfações dos nossos passos um para o outro, não por ciúmes ou qualquer outro motivo, mas por segurança, para não deixar o outro apreensivo.

Não resisto e envio uma mensagem pelo celular. Não obtenho resposta. Percebo que ele nem sequer visualizou.

Tento ligar, mas o telefone toca, toca, e ninguém atende.

Ligo para o jornal, mas ninguém atende também. A esta altura, a Bianca, sua secretária, já terminou o expediente.

Agora começo realmente a temer o pior. Já são oito e meia... nem sinal do Edu.

Ouçó um ruído no meu celular. Ele visualizou a mensagem agora e me retorna:

Oi, linda. Só vi agora!

Estava na sala de reuniões.

A Bianca já foi.

Dia longo. Indo para casa.

Ele acrescenta uma carinha entediada.

Tudo bem respondo.

Estou esperando você.

Sinto alívio por Edu estar em segurança, mas a preocupação sobre a situação dele só faz aumentar.

Às nove e quinze, meu amor entra em casa. Ele coloca o seu

melhor sorriso no rosto, me abraça e não diz nada. Fecha os olhos. Continuamos assim, parados no meio da sala.

Ele joga o paletó no sofá, afrouxa a gravata e finalmente se dá conta do clima preparado para o jantar. Olha para mim e diz:

— Tudo bem, amor, não me diga que esqueci alguma data... Ando com a cabeça a mil, diz que não esqueci...

— Você não esqueceu nada, meu anjo. Só quis fazer um jantarzinho especial para relaxarmos, afinal, hoje é sexta-feira...

— Era tudo que eu precisava! Ficar com você... Onde é que você estava nos últimos três anos, Nina? Por que eu não a conheci antes? Amo muito você, minha linda.

Ele me pede um tempo para um banho enquanto arranja as coisas para o jantar. Comemos em silêncio, olhos nos olhos, mãos nas mãos a todo o instante. Percebo haver algo errado, mas não consigo adivinhar exatamente o quê.

Não quero estragar nosso momento nem estourar nossa bolha de intimidade com perguntas sobre o trabalho, jogando sobre nós um balde de água fria. Se esse é o momento que ele tem para relaxar, que seja assim. Se eu sou a pessoa que lhe faz sentir melhor, e vice-versa, por que quebrar a magia do momento?

É claro que o jantar acabou em um sexo maravilhoso. Hoje não foi tão urgente e intenso, mas diferente. Quem o levou para a cama fui eu. Tirei sua roupa, pedi que se deitasse de costas e sentei sobre aquela bunda maravilhosa, travando-o com as minhas pernas. Comecei uma massagem tântrica que aprendi numa matéria que fiz sobre terapias naturais. A massagem tântrica normalmente é feita pelo casal, sendo o próprio corpo o instrumento utilizado. No nosso caso, foi o meu corpo sobre o dele. O objetivo era fazê-lo alcançar o relaxamento, mas acabei obtendo outros efeitos e não demorou para estarmos nos braços um do outro novamente. Hoje rolou um “sexo tântrico” que nos levou ao nirvana. Para “variar um pouquinho”, foi bom demais.

Acordamos cedo no sábado e corremos um pouco na orla. O sol está lindo, mas o clima é frio. Resolvemos sair de moto. Vamos primeiro à casa da minha mãe, a fim de me certificar se estava bem, então seguimos a Teresópolis para passar o pernoite. Precisamos nos afastar um pouco e permanecer um tempinho a mais na nossa bolha, sinto que o meu cavaleiro de metal necessita relaxar.

Subimos a serra de moto. Apesar do frio, a sensação de liberdade e tranquilidade é indescritível. Fomos para a casa do Edu, ou melhor, nossa casa segundo ele — não consigo me acostumar com isso.

Almoçamos no restaurante onde ele me trouxe no nosso primeiro passeio. Um lugar simples, mas muito charmoso e romântico. Passeamos de mãos dadas no condomínio arborizado, fizemos amor muitas vezes e também conversamos.

Na noite de sábado para domingo, sem qualquer pergunta da minha parte, deitados em nossa cama, Edu me diz:

— Nina, estou passando maus momentos no jornal.

Não sei o que dizer. Apenas o abraço mais forte e o deixo continuar. Não quero interromper este momento, porque posso inibi-lo e percebo que meu amor precisa expressar o que o está afligindo.

— As coisas estão muito, muito sérias — confessa. — A TV Povo, por intermédio do filho da mãe do Fernando, está me pressionando de todas as maneiras a vender o jornal. A cada ideia que tenho para avançar, progredir, angariar novos patrocinadores, eles fazem uma manobra contrária. Estou sendo testado e levado à exaustão. Isso está prejudicando o jornal, estamos prestes a entrar numa crise financeira. Só tenho fôlego para aguentar esta situação por mais alguns meses. Depois, não sei o que será. Se eu vender agora a minha parte, não terei prejuízo, mas não conseguirei sequer o retorno do meu investimento e, pior, será uma derrota profissional e pessoal... Você me entende?

Fico sem saber o que dizer, porque Edu já conhece a minha opinião. Entendo a posição dele. Se ceder, toda a luta para manter e prosperar o jornal que tanto ama terá sido em vão. Reúno as minhas forças ao responder:

— Meu anjo, sei o quanto essa jornada é pessoal para você, o que o jornal representa, mas quero que entenda que a sua saúde, o seu bem-estar e a sua alegria também são muito preciosos para mim. Estamos começando uma vida juntos agora. Somos jovens, apesar de termos uma carreira bem-sucedida com tão pouca idade. Será que tudo isso está valendo a pena? Eu acaricio seu rosto. Será que ficar no meio desse “cabo de guerra” não o está estressando demais? Será que você precisa medir forças com o Fernando? Você não precisa provar nada a ninguém. Se alguém precisa provar alguma coisa é o Fernando, que engana a todos com seu caráter duvidoso. Acho que o jornal está trazendo muito mais problemas a você do que prazer, mas cabe a você, somente a você, refletir o custo-benefício dessa loucura toda e desse estresse. Não quero ter um marido infartado aos trinta anos de idade! Quais são suas opções? — pergunto, decidida a entender.

— Na verdade, Nina, tenho a opção de vender o jornal, receber um preço justo, mas não muito lucrativo, e...

Ele parece tomar fôlego ou coragem para me dizer algo, e noto sua dificuldade em ter essa conversa comigo. Travou. Respirou fundo e ficou um tempo sem dizer nada. Começo a ficar tensa, antevendo algo desagradável, que ainda não sei o que é.

— Meu anjo decido encorajá-lo , lembra-se de quando nós brigamos porque você não me contou sobre a Elaine? Quase nos separamos definitivamente por isso. Quero que saiba que estou pronta para ouvir o que você tem a me dizer. Sou sua mulher, e não vou aceitar que você guarde segredos de mim, principalmente se o fazem sofrer. Seja lá o que for que estiver incomodando você, diga logo.

Ele dá um longo suspiro e me abraça mais forte.

— Sabe aquele canal de TV em Miami, destinado ao público latino? Eu apresentei a você o principal executivo...

— Lembro-me dele. Jorge Sánchez, não é?

— Sim. Ele me convidou para participar como investidor e compor a direção da emissora.

Já sei o que isso significa, um frio me percorre a alma. Faço a pergunta que não quer calar:

— Quais as implicações se você aceitar?

— Para eu investir na emissora, teria de vender o jornal, o que não seria difícil considerando que tenho compradores... Então, teríamos que nos mudar para Miami.

Era o que eu mais temia. Como é que eu posso me mudar do Brasil deixando minha família, logo agora que meu pai faleceu, e o meu trabalho, com a minha carreira decolando?

— Meu anjo, isso seria complicado... — Limito-me a dizer.

— Eu sei, linda, é por isso que estou tão perturbado. Tenho uma saída, mas não é viável!

Fico petrificada. Não sei realmente o que dizer ou fazer. Fui surpreendida. Não posso deixar o Brasil agora, meu contrato com a emissora ainda está vigente e minha mãe precisa de mim. Sou a única filha mulher. Como posso abandoná-la? Por que tudo é tão complicado? Estou arrasada... Ao mesmo tempo, não posso deixar o meu amor se afundar naquele jornal, pressionado, sabendo que há uma solução que acabaria com os seus problemas de imediato. Não posso ser egoísta. Reúno todas as minhas forças e, acabada por dentro, consigo bancar a forte:

— Sem problemas, meu anjo. Você vai. Vamos ficar nos vendo, indo e vindo para Miami, até eu poder seguir você.

— Nem pensar, Nina! Isso está fora de cogitação!

Ele subitamente se afasta de mim e começa a andar pelo

quarto com as mãos na cabeça, bagunçando o cabelo como faz quando nervoso. Dou as boas-vindas ao Senhor Imprevisível novamente.

— É só por um tempo, até nos organizarmos digo com calma. É o melhor que temos a fazer, meu anjo.

Não acredito que você está me propondo isso, Nina. Realmente não acredito!

Ele parece ter ficado completamente ofendido com a minha proposta. Achei que isso facilitasse as coisas para ele, mas vejo que só piorei a situação.

— Acabamos de nos casar, acontece essa merda toda com o jornal, e você encara com naturalidade eu ir morar em outro país? Não estou acreditando nisso...

— Edu, só por dois ou três meses. Meu contrato acaba em setembro, depois resolvemos como vamos fazer...

— Acha mesmo que eu seria egoísta o suficiente a ponto de exigir que você deixe seu trabalho, sua carreira em plena ascensão, simplesmente para me seguir? Não que você precise trabalhar para se sustentar, mas vejo como ama o que faz. Eu não sou esse monstro insensível. Você nunca me perdoaria se tivesse que deixar tudo para me seguir.

— Não é isso, Edu. Primeiro você resolveria seu problema, que o está consumindo cada vez mais, e depois estudaríamos as possibilidades para minha recolocação em Miami. O problema profissional é algo que resolveríamos, tenho certeza. Não seja teimoso. São apenas dois meses...

— Não sei, Nina, não é justo exigir isso. Como posso aceitar uma coisa dessas e ficar longe de você? Não vou aguentar. Quando você viaja durante uma semana a trabalho, quase enlouqueço... Acabamos de nos casar...

— Edu, quero que você me diga quais são as suas opções neste momento. Não temos escolha...

Ele não diz mais nada. Apenas suspira, volta para a cama e me abraça. A última coisa que falo antes de dormirmos, vencidos pelo cansaço, é:

— Realmente nos casamos, e nos amamos. Então não venha bancar o herói e tentar resolver as coisas sozinho. Seu problema, meu problema.

E, assim, dou por encerrada a conversa. O domingo seguiu arrastado, nenhum dos dois teve a coragem de voltar ao assunto.

CAPÍTULO VINTE — NA ALEGRIA E NA TRISTEZA

O domingo termina, a semana começa e o assunto discutido no sábado vira tabu entre nós. Não voltamos a conversar enquanto a semana passa como se nada tivesse acontecido.

Na tarde de quinta-feira, sinto-me mal com algo que comi e vou para a casa da minha mãe. Ela me prepara um chá. Não quero dar trabalho nem preocupação, mas a dona Angelina sempre sabe das coisas:

— Vamos lá, filha, diga o que a está afligindo. Vai contando logo.

— Não tem nada, mãe. Que mania...

— Olha, minha filha, você poderia me poupar o trabalho da inquisição? Sei quando há algo errado com cada um dos meus filhos, e não sou feita de vidro. Sofri um baque com a morte do seu pai, mas ainda estou viva, apesar da dor que sinto, e posso ser um porto seguro para vocês como sempre fui. Esconder as coisas de mim só vai me fazer sentir pior.

— Ah, mãe...

Não consigo dizer nada, deixo apenas as lágrimas rolarem. Quando me acalmo, finalmente conto tudo a ela. Sei que não é certo despejar os acontecimentos em cima da minha mãe, mas me sinto muito melhor ao desabafar.

— Minha querida, quando me casei com o seu pai, antes de vocês nascerem, fomos para várias partes do Brasil porque sempre o acompanhei. Afinal, mulher de militar não tem muita escolha... Demoramos cinco anos até termos o Marcelo, porque eu não queria que seu irmão nascesse fora do Rio. Que bobagem a minha, imagina... Ela sorri. — Vocês, ao se casarem, assumiram o compromisso de seguirem um ao outro. Seu marido não tem escolha neste momento. E a coisa mais importante que vocês têm é

o amor. Você é jovem, talentosa, e conseguirá consolidar sua carreira aonde for. E quanto a mim... vou ficar muito bem, posso garantir. Tenho a sua avó por aqui, além de a Das Dores estar sempre comigo. O Enzo e a Ludmila também morarão aqui após o casamento, fiquei sabendo ontem, portanto não estarei sozinha. É claro que vou sentir sua falta, mas vou adorar passear em Miami!

Mãe, você faz tudo parecer tão fácil! O problema agora é convencer o cabeça-dura do Edu a aceitar.

— Então não perca mais tempo aqui, filha, e vá conversar com o seu marido!

Abraço a minha mãe e sigo decidida para casa. Quando Edu chega, à noite, vejo que está esgotado. Seu semblante é tenso, parece muito desanimado.

Convido-o para jantar no restaurante japonês, perto da nossa casa. Ele não quer. A coisa está feia. Nunca vi meu cavaleiro de metal recusar comida por estar sem apetite. Vou até a cozinha e preparo uma salada para nós. Comemos em silêncio. Não sei por onde começar a conversa, mas preciso dizer o que penso e como me sinto.

Quando intenciono falar, o telefone dele toca. Ele se levanta para atender. Vejo-o exasperado, estressado, gesticulando e discutindo com alguém do outro lado da linha. Edu anda de um lado para o outro e discute por causa de um problema num contrato com um patrocinador do jornal. Resolvo adiar a conversa. O mar não está para peixe. Deixo que ele se acalme.

Ele vai para o quarto e volta todo paramentado para andar de moto.

— Não acredito que você sairá de moto nervoso desse jeito — digo.

— Por favor, linda, preciso sair um pouco para pensar. Só andando de moto é que vou conseguir.

— Pensei que eu tivesse as ferramentas para acalmar você. Pretensão minha...

— Você é minha vida, Nina, meu amor, meu tudo. Não quero que você me veja nervoso. Quero estar por inteiro com você, e hoje tive um péssimo dia. Tenho o hábito de pilotar um pouco para me acalmar...

— Então vou com você — falo resoluta.

— De jeito nenhum! Não quero colocar você em risco!

— Ah, então quer dizer que você sairá pilotando feito louco e, ainda por cima, com o sistema nervoso abalado. Legal, eu vou ficar aqui superconfortável! — ironizo.

— Amor, isso não é com você, é comigo. Não leva para o lado pessoal, pelo amor de Deus! Preciso desse momento... — diz, quase numa súplica.

Não há o que fazer. Ele é adulto, e eu não sou sua mãe. Deixo-o ir com o coração aos pulos, morta de preocupação.

Ele volta uma hora depois. Vai para o banheiro e, em alguns instantes, me convida a entrar na banheira que acabou de encher. Tiro a minha roupa e logo estamos nos beijando, completamente entregues e apaixonados. Nunca vou me cansar do Senhor Imprevisível. Saímos da banheira e vamos para a cama, ainda molhados. É impressionante a necessidade que temos um do outro. O sexo é incrível: urgente, quente e necessitado, como na maioria das vezes.

Não consigo vislumbrar a possibilidade de ficar sem ele todas as noites, mesmo sabendo que é temporário. Posso entendê-lo perfeitamente. A mesma necessidade que Edu tem de mim, tenho dele.

Depois, aconchegados um no outro, não temos coragem de continuar a falar sobre os nossos problemas.

— Amor, você está acordada? pergunta ele.

— Sim — respondo, relaxada e sonolenta.

— Não sei o que vamos decidir, mas preciso de você comigo.

Nunca senti isso por ninguém. Se eu ficar sem você, parece que o ar vai me faltar.

— Eu sinto o mesmo por você, meu anjo. Vamos achar um jeito. Sei que vamos — digo, encorajando-o.

— Vou tomar minha decisão. Por ora, peço que você me deixe pensar e resolver. Você confia em mim?

— Que pergunta, Edu! Claro que confio.

— Então espere alguns dias e vamos resolver toda essa merda...

— Tá bom, meu amor. Vamos fazer isso dar certo. Esta fase vai passar. O importante é que estamos juntos nessa. Nunca tente sozinho resolver nossos problemas, ouviu?

Ele assente com a cabeça e acabamos adormecendo.

No dia seguinte, vamos cada um para o seu trabalho. Quando chego à emissora, a fofa se apressa em me dar o recado para ir até a sala do Fernando. Ela parece agitada.

Ultimamente até que estamos nos entendendo melhor. Parece que ela foi sincera na nossa última conversa, mudou e se comporta de modo mais discreto, profissional. Soube por ela mesma que voltou a estudar e deixou o Fernando de vez — fez questão de me dizer pessoalmente. Cá para nós, a obsessão por ele não lhe fazia nada bem. Agora parece outra pessoa. Está até mais bonita, com um novo visual. Pelo que escuto na “rádio corredor”, Vanessa está namorando um rapaz do departamento de pesquisas. Fico feliz por ela. Só o amor é capaz de nos transformar em pessoas melhores. Sei que nunca vamos ser amigas, mas torço por ela apesar de tudo o que me fez. Não guardo mágoas nem rancores, essa é uma característica minha.

Entro na sala do Fernando após bater à porta. Ele me faz sinal para sentar e vem caminhando em minha direção com seu sorriso cínico. Minha relação com ele poderia até ter se transformado em uma bela amizade, mas infelizmente não foi possível. Nos últimos

tempos, apenas nos tratamos de maneira polida e profissional. Eu jamais conseguiria ser amiga dele sabendo do seu caráter e da sujeira que está aprontando para cima do meu marido.

Sinto muitíssimo ter que lidar com tudo isso, e lamento mais ainda ter caído nesta enrascada, apesar de reconhecer que jamais teria a oportunidade profissional que tive se o seu interesse em derrubar Edu não existisse. De qualquer modo, a emissora serviu para expandir meus horizontes e me deu espaço para mostrar do que sou capaz profissionalmente. Só me enoja saber que Fernando arquitetou tudo isso, e sinto muito medo por saber que sou uma marionete nas suas mãos. Temos um contrato que, Deus sabe, não vejo a hora de terminar para me sentir dona da minha vida novamente. Faltam apenas dois meses.

Ele percebe minha distração, senta-se ao meu lado e pergunta com a voz mansa:

— Pensativa, Nina?

— Um pouco — respondo.

— Chamei você para lhe dizer que aquela matéria sobre a cultura oriental foi aprovada, a verba para a viagem já está disponível. Você embarca para Tóquio na próxima segunda-feira — diz satisfeito.

Neste momento parece que a sala começa a girar e um buraco se abre aos meus pés. Quero sumir. Ele me atingiu profundamente, acertou em cheio, como se tivesse me dado um soco no estômago. Tínhamos combinado de adiar esta pauta para o próximo ano. Fernando sabe muito bem que o Edu está precisando tomar decisões sobre a venda do jornal, porque ele mesmo o está pressionando junto aos outros acionistas. É a cartada final, o tiro de misericórdia que faltava para abalar emocionalmente meu marido. É muito, muito baixo o que ele está fazendo. Não tenho palavras para classificar.

— Algum problema, Nina? Fernando percebe o meu desespero.

Não me dou por vencida. Engulo em seco, respiro fundo e mantenho a postura mais segura possível.

Nenhum problema, Fernando. Estou ansiosa para conhecer o Japão — minto.

— Ótimo. A Vanessa já está cuidando dos aspectos burocráticos. Preciso que você se reúna com o resto da equipe para acertar os detalhes. Por ser uma viagem onerosa para a emissora, você irá com mais duas pessoas. A Amália e o Luciano desejam uma reunião amanhã para apresentarem algumas sugestões à condução da matéria. Ambos já estiveram por lá em outras ocasiões. Isso é tudo. Alguma pergunta?

— Não, Fernando. Tudo bem. Obrigada.

— Não tem de quê — responde. Sua falsidade é disfarçada de gentileza.

Saio da sala e corro para o banheiro. Acho que vou vomitar! Quanta sujeira... Que nojo estou sentindo dele! Lavo o rosto várias vezes e deixo a água fria me acalmar. Refaço a maquiagem e volto para a minha sala. Passo o resto do dia em reunião.

Termino meus afazeres às cinco da tarde, mas não consigo voltar imediatamente para casa. Não sei como dar mais esta notícia ao meu amor. São muitos problemas abalando nosso casamento. Não podíamos achar que a Elaine e o Fernando facilitariam para nós, agora que estão assumidamente juntos e odeiam o Edu. Sendo pessoas vingativas e de mau caráter, fariam de tudo para nos ver do jeito que estamos. *Sem saída*. Isso por pura maldade.

Decido ligar para a Tati e encontrá-la no shopping. Digo ao Edu que teremos uma noite de meninas e que pode me buscar mais tarde para jantarmos. Ele concorda, pois terá uma última reunião às dezoito horas. Preciso conversar com alguém, senão enlouqueço.

Entro no shopping e vou diretamente para uma cafeteria encontrar minha amiga. Quando a vejo, eu a abraço tão forte que ela percebe o meu estado. Vamos a uma mesa reservada no fundo da

loja para conversar melhor sem sermos vistas ou importunadas. Há algumas semanas ficou mais difícil ir a lugares públicos, pois me tornei uma figura conhecida. Algumas pessoas até me pedem autógrafos quando saio. Ossos do ofício.

— Nina, o que você tem, amiga? Você está pálida! Estou verdadeiramente preocupada!

Não aguento e desabo em lágrimas. Ela segura as minhas mãos e assiste atônita à minha crise de choro. Conto tudo a ela. Desde a minha contratação ter ocorrido por razões pessoais do meu chefe — dessa parte ela já sabia —, passando pela atual situação do jornal, até o momento em que sou praticamente obrigada a ir para o outro lado do mundo por duas semanas, para longe do Edu. Lavo a minha alma e despejo tudo. Minha amiga saca da bolsa um chumaço de lenços de papel e pede um chá, ao invés de um café. Tomo o chá e começo a me sentir melhor. Quando vê que estou em condições de dialogar, começa a falar:

— Nina, sei que é terrível tudo isso, mas são problemas que vocês dois podem administrar. Veja bem, o Edu pode vender logo o jornal e se livrar destes abutres. Você viaja por duas semanas a trabalho e, quando voltar, terá seu marido do mesmo jeito... Daqui a duas semanas já estaremos em agosto. Faltará um mês para terminar seu contrato. Enquanto isso, ele toma as providências para a mudança de vocês.

— Ah, Tati, você está racionalizando tudo! Não é tão simples! Acabamos de nos casar. O Edu está num momento crítico e precisa de mim. Minha mãe também precisa de mim!

— Nina, sei que você é importante na vida deles, mas são ausências temporárias. Você e o Edu têm as soluções para resolverem os problemas. Quanto ao seu contrato, falta pouco para você se ver livre do Fernando. Com relação à mudança, Miami é logo ali.

— Eu sei, Tati, mas tem a história da viagem para o Japão. O Edu vai ficar louco... — digo, não querendo nem imaginar a reação

dele.

— As próximas semanas serão difíceis, mas vocês vão superar. Não são problemas definitivos. Sei que tudo isso no começo do casamento parece um turbilhão, mas você precisa ser forte e mostrar ao Edu que podem superar juntos qualquer obstáculo. No final das contas, isso servirá para fortalecer mais ainda os laços entre vocês, Nina.

— Não é tão simples assim, amiga. O Edu tem um senso de proteção e controle fora do comum, e não está lidando bem com todas essas adversidades. Ele não quer ficar sem mim nem por pouco tempo, acho que não vai aceitar essa viagem.

— Olha, Nina, não se trata de aceitar ou não. Isso é inegociável. É parte de um contrato que você assinou sem saber de nada disso. Então, você tem que cumprir as suas obrigações. Além do mais, trata-se da sua vida profissional. Você deve encerrar o seu trabalho com chave de ouro. Vá para o outro lado do mundo e faça o seu melhor! Quando você voltar, seu Edu estará à sua espera. Ele ama você e vai entender, mesmo que isso lhe custe alguns dias de mau humor.

— Verdade, amiga, talvez você tenha razão. Vou conversar com ele. Já estou mais calma... Muito obrigada por me ouvir e me fazer raciocinar. Não sei o que faria sem os seus conselhos.

Ah, você está me devendo essa! diz, sorrindo. E nos abraçamos afetuosamente.

Vamos até o banheiro para que eu lave meu rosto e retoque a maquiagem. Aproveitamos para visitar o Lucas na nova loja, no mesmo shopping em que estamos. Ele está radiante com o seu relacionamento com o Dan, estão pensando numa união em curto prazo. Fico muito feliz pelos dois, e mais ainda por tê-los apresentado.

Despeço-me da Tati e ligo para o Edu. Combino um jantar no restaurante japonês. Terei que contar sobre a viagem, e não vou

fazer como na outra vez. Quero acabar logo com isso.

Chegamos ao restaurante. Meu cavaleiro de metal está um pouco abatido, a reunião de hoje foi difícil. Eu o escuto com todo amor e atenção. Na primeira oportunidade, abro o jogo:

— Meu anjo, tenho algo a dizer.

Ele me olha desconfiado e segura as minhas mãos entre as suas.

— Que foi, linda? Desde que chegamos notei que você não está bem...

Impressionante como Edu já me conhece. Não conseguiria esconder nada dele mesmo, seria inútil.

— Amor, é que tenho algo desagradável para contar — digo, desconcertada.

— Fala logo, amor. Seja lá o que for, estou pronto para ouvir.

— É que terei de fazer uma viagem para o Japão na semana que vem, e ficarei fora por duas semanas.

Edu fica vermelho, seus olhos escurecem. Sinto que está com muita raiva. Ele soca a mesa. Os clientes do restaurante nos olham, desconfiados. Percebo nele um esforço sobre-humano para se controlar.

— Filho da mãe! Respira fundo e me olha com intensidade. Eu sabia que o Fernando não se contentaria em me sacanear! Tinha que me atingir da forma mais covarde, através de você... Não sei o que dizer, Nina. No momento, minha vontade é de encher a cara dele de porrada...

— Calma, meu amor. Você não pode se deixar levar pela emoção. Seja racional. Você não é um homem das cavernas, afinal. Vamos enfrentar tudo isso juntos. — Tento tranquilizá-lo.

— Quando você soube da notícia? — pergunta, lutando para ser paciente.

Hoje pela manhã. Ele me chamou na sala dele e me deu a notícia da viagem pessoalmente — respondo constrangida.

Consigo ver nos olhos dele a luta interna para tentar se acalmar e manter a situação sob controle. Ele inspira e expira fundo várias vezes.

— Meu anjo decido arriscar , estive pensando que o melhor a fazer é vender o jornal e seguir para Miami. Quero que você aceite a proposta de trabalho. Sei que a minha mãe ficará bem e nós seremos fortes para suportar as próximas semanas. Não me importo em cedermos às pressões do Fernando e da sua quadrilha. Se eles querem assim, que assim seja. Vou me livrar dele nos próximos meses, falta tão pouco...

Edu me olha com ar amoroso e aliviado.

— Minha linda, eu me sinto muito mais forte com você. Vamos enfrentar tudo isso juntos. Também estive pensando a respeito... Cansei de remar contra a maré. Às vezes, recuar não é um sinal de fraqueza, e sim de sabedoria.

— Amor, você não sabe como fico aliviada com esta sua atitude! Não podemos tornar as coisas mais difíceis e nos desestruturarmos entre nós, porque só pioraria tudo. Fico tão orgulhosa de você. Você não precisa provar nada para ninguém nem bancar o macho alfa o tempo todo. A vida não pode ser controlada...

CAPÍTULO VINTE E UM – SABEDORIA ORIENTAL

Acabo de chegar a Tóquio depois de uma exaustiva viagem de um dia e meio, com escala em Dubai e uma espera de cinco horas. Estou verdadeiramente esgotada. O Danilo veio comigo. No último instante a emissora cancelou a viagem da terceira pessoa que nos acompanharia, nossa nova colega Amanda. Tudo será documentado por produtoras locais.

Consegui dormir durante o longo trajeto graças a um santo remedinho receitado pelo meu irmão, Marcelo.

Minha família foi em peso me levar ao aeroporto. Quase não consigo embarcar e deixar para trás meu cavaleiro de metal. Ele estava tão abalado com a minha partida que fiquei com medo que o avião fosse cair e não víssemos um ao outro nunca mais, ativando meu velho receio de voar.

Edu irá aproveitar este período para acertar os detalhes da nossa mudança para Miami e do seu novo emprego. Além disso, na última semana deram início às negociações para a venda do jornal ao grupo da TV Povo. Eles tentaram jogar sujo mais uma vez oferecendo um preço abaixo do valor de mercado pelas ações, o que fez com que meu amor sabiamente reagisse e as oferecesse a um grupo concorrente, ameaçando os planos deles, que voltaram atrás rapidamente e resolveram pagar o preço justo. Estes últimos dias foram tensos demais.

Resolvo ir para o quarto. Preciso dormir um pouco. Amanhã começaremos a série de reportagens, visitando várias localidades e mostrando que o Japão tem muito mais a oferecer do que o título de “terra do sol nascente”. Há muito para desvendar por aqui. Sei que o Fernando tentou nos atingir me enviando para cá, mas vou fazer da minha temporada forçada no Japão uma oportunidade de mostrar o que posso produzir com o meu trabalho.

Antes de descansar preciso ligar para o meu amor, quero lhe

dizer que cheguei bem. Estou sentindo demais a falta dele. Vou mergulhar no trabalho para que estas duas semanas, que mais parecem uma eternidade, transcorram mais rápido.

Por aqui são sete da noite, o que significa que no Brasil ainda são sete da manhã. Ligo o computador pessoal e faço uma chamada de vídeo. Meu coração se aperta. Ele aparece, e eu me derreto toda.

— Oi, minha linda, nem acredito que estou vendo você. — Sua voz soa embargada.

— Oi, amor, que saudade! Estou sentindo demais a sua falta... — digo, chorando feito um bebê. Estou emotiva demais.

— Como foi o voo?

— Exaustivo e sacolejante. Não necessariamente nesta ordem.
— Tento fazer graça.

— Tenho uma novidade, amor — comenta.

— Conta logo, você sabe como sou curiosa!

— Amanhã estou indo para Miami. Vou acertar os detalhes da nossa mudança. Aproveitarei para alugar um apartamento para nós, tipo *flat*. Quando formos de vez, teremos tempo para achar um apartamento com mais calma. O que você acha?

— Acho ótimo, amor. Vou com você a qualquer lugar e do jeito que tiver que ser. Amo muito você. Estou com tantas saudades...

— Eu também. Saudades na alma... e no corpo... — responde, tocando a tela do computador como se fosse me acariciar, sexy como só meu cavaleiro sabe ser.

Minha saudade aumenta e meu coração se aperta. “Estas duas semanas passarão rápido”, penso otimista. Parecendo ler meu silêncio, Edu completa:

— Serão apenas duas semanas, amor. Vão passar rápido.

— Vão sim, meu anjo — respondo chorosa. Quando eu voltar, será agosto. Mais dois meses e poderemos nos mudar para Miami.

— Esta semana resolvo tudo, linda.

Ficamos mais alguns minutos nos falando via internet, com dificuldade para desligar. Nenhum de nós queria se despedir.

Após falar com meu amor e mandar mensagens para a minha família via celular, tomo um banho e me deito um pouco. Estou muito cansada e sentindo-me desregulada pela diferença de doze horas no fuso horário. Durmo até a manhã do dia seguinte, quando encontro Dan no saguão do hotel, conforme havíamos combinado.

Hoje vamos nos reunir com o pessoal da produtora local e aperfeiçoar nosso roteiro traçado. Teremos uma experiência em um hotel-cápsula, para mostrar aos nossos espectadores.

A primeira semana passa rapidamente e gravamos reportagens em Kansai, onde se localiza o berço cultural do Japão com maravilhosos templos e palácios. Presenciamos a cerimônia do chá, vemos as típicas gueixas e praticamos meditação budista. Amei tudo por aqui. Estamos produzindo reportagens não só sobre os pontos turísticos, mas principalmente focando nas diferenças culturais, na educação do povo e no desenvolvimento da tecnologia.

Não pude deixar de notar que as pessoas por aqui andam de máscaras cirúrgicas na face, quis compreender o motivo. Fiquei sabendo que, por ser um país muito populoso, as epidemias e doenças se propagam facilmente, bem como a transmissão se dá em grande escala. Sendo assim, os japoneses usam para protegerem a si próprios e em consideração aos outros, para que não adoeçam. Exemplo de civilização e cidadania. É claro que há uma pitada de exagero. Descobri que os japoneses são um tantinho exagerados...

Tenho chegado somente à noite ao meu hotel, exausta, mas feliz com o material que estamos produzindo.

Quase todos os dias falo com o Edu e com a minha família. Se não fosse o meu trabalho, já teria enlouquecido de tanta saudade...

Hoje é domingo, saí do Brasil na segunda de manhã e só na madrugada de quarta cheguei a Tóquio. O relógio por aqui anda

para a frente. Ainda faltam sete dias para eu começar minha jornada de retorno. Amanhã, pelas minhas contas, meu amor chega ao Brasil, vindo de Miami. Estou louca pelas novidades.

A segunda-feira começa. Chegamos ao Sul e nos hospedamos em Hiroshima, a fim de nos aprofundarmos sobre os vestígios dos ataques nucleares de 1945. Na verdade, junto com Nagasaki, esta cidade moderna abriga alguns vestígios no Parque da Paz, e ainda conserva o monumento Domo da Bomba. Inaugurado em 1915 como Palácio das Indústrias de Hiroshima, o domo faz parte de um prédio em estilo ocidental projetado com inspiração neobarroca. O prédio é uma das poucas construções remanescentes na região onde foi lançada a bomba atômica. A poucos minutos do centro, conhecemos o santuário de Itsukushima, designado como patrimônio da humanidade pela Unesco.

Ainda nesta surpreendente cidade, tivemos a oportunidade de experimentar o delicioso *okonomiyaki*, prato que lembra uma panqueca com diferentes recheios. Não resisti. Acho que vou voltar com um ou dois quilos a mais, amo a culinária japonesa.

Chego ao hotel à noite, exausta. Parece que o Edu sabe que estou à sua espera e não tarda a me chamar por vídeo. Estou louca pelas novidades de Miami.

— Oi, linda! Não acredito que faltam poucos dias... Estou enlouquecendo de saudades.

— Eu também, amor, eu também... — digo, choramingando. — E aí, como foi em Miami? Temos nos falado tão rapidamente nestes últimos dias, nossos horários têm sido tão desencontrados...

— Pois é, meu amor, tenho novidades... — E sorri.

— Conta logo, Edu, não faz mistério! — exijo impaciente.

— Já está tudo certo com a venda do jornal. Iniciei o processo de transição com a diretora nova, que assumirá meu lugar. Em Miami está tudo caminhando. Estive em várias reuniões e já encontrei um *flat* para nós dois. É um pouco pequeno, mas muito

aconchegante. Só tem um probleminha...

Tinha que existir um probleminha, impossível tudo acontecer assim tão fácil. Ele continua:

Tenho duas semanas para assumir meu cargo em Miami...

— O quê? Isso quer dizer que...

Interrompo a frase no meio, tentando calcular o tempo que teremos juntos, e fico arrasada com o resultado.

— Quer dizer que você chega no domingo e, no próximo, quem embarca sou eu. Ele completa meu raciocínio. Teremos apenas uma semana para ficarmos juntos antes da minha partida para Miami. Não quero nem pensar em como vamos fazer isso tudo funcionar.

— Meu Deus! Depois ficaremos um mês inteiro longe um do outro, até meu contrato terminar e eu poder acompanhar você — balbucio, ainda sob o impacto da notícia.

— Pois é, amor. Sabíamos que seria assim, mas isso não faz eu me sentir melhor. Estou arrasado. Já estamos passando duas semanas separados, e depois ainda ficarei mais um mês sem você. Vou enlouquecer...

Apesar da tristeza pelo período que teremos de enfrentar, não quero demonstrar abatimento ou fraqueza, porque esta decisão foi pensada e não tínhamos escolha. Quero mostrar a ele que o estou apoiando, e não agir como uma menina mimada ou um bebê chorão. Respiro fundo, reúno toda a minha coragem e digo:

— Amor, sei que vão ser dias difíceis, mas será uma etapa necessária para termos um futuro... longe de toda essa perturbação e de tudo que tem nos causado tanto estresse. Vai valer a pena. — Estou tentando, também, convencer a mim mesma.

— Eu sei, linda. Vai valer muito a pena. Estou empolgado com o novo trabalho. Tenho planos de conseguir algo para você aqui também, dará tudo certo...

Continuamos conversando sobre amenidades e esquentamos o

clima pelo vídeo, então me despeço e desligo antes que experimentemos sexo na modalidade virtual. Não vejo a hora de estar com o meu cavaleiro de metal.

Fiquei ainda sem conseguir dormir por um tempo, pensando em tudo o que vem acontecendo. Não parei para planejar como vou remodelar minha carreira que mal começou... e já terá fim, após um ano de contrato na televisão. Na verdade, estou amando este trabalho e gostaria de continuá-lo, tenho muitas ideias. Se não fossem as circunstâncias, provavelmente renovaria meu contrato por mais um bom tempo, mas não posso pensar assim. O Fernando é um verdadeiro canalha e detém o poder na emissora. Além disso, meu marido vai morar em outro país, não teve escolha, e eu preciso acompanhá-lo. Mal nossa vida a dois teve início e já está sofrendo toda essa reviravolta. Com todos estes pensamentos, adormeço.

O resto da semana passa como num passe de mágica. Vamos a uma festa popular em Sendai, a 370 quilômetros de Tóquio, onde há barraquinhas com comidas típicas pelas ruas. Fomos também de Tóquio ao Monte Fuji e passamos por Hakone, onde almoçamos, andamos de teleférico e de barco pelo lago Aishii. Como estamos no verão japonês, havia névoa e chuva prejudicando a visão do Monte Fuji. Ainda assim, gravamos belas imagens e muitas curiosidades.

Hoje é sexta-feira, véspera da nossa partida. A reportagem é em Tóquio. Em Akihabara, um bairro eletrônico, Dan vai até um “maid café”, onde os jovens solitários podem ser atendidos por gueixas modernas, umas meninas magrelas fantasiadas e exageradamente maquiadas, que os servem de forma extremamente subserviente, como num fetiche. Rimos muito, porque ambos sabemos que o Dan não gosta, mas o que a gente não faz por amor ao trabalho?

Nosso material está riquíssimo. Exploramos incrivelmente o Japão, tanto do ponto de vista tecnológico quanto cultural, adicionando muitas curiosidades locais. Estou extremamente feliz com o que vamos produzir. Temos o suficiente para dois ou mais programas. O resultado me deixou contente.

No sábado começamos nossa saga de volta. Quatorze horas de voo até Dubai, mais cinco de espera. Depois outras dez até São Paulo, com duas de espera e, enfim, uma hora até o Rio. Chego no domingo de manhã, doze horas a menos que em Tóquio, morta com farofa.

O portão do desembarque se abre e não avisto a minha família. Vejo apenas o Lucas, que veio receber o Danilo. Os dois se abraçam. Devem estar com muitas saudades um do outro. Não consigo esconder minha frustração, terei que pegar um táxi para casa. O que será que aconteceu?

Notando meu comportamento, Lucas diz:

— Nem pensar em voltar sozinha, gata! Vamos levar você em casa.

— Lucas, adorei ver você, mas nada disso. Vocês vão para casa. Em um instante pego um táxi — digo enquanto caminhamos, empurrando o carrinho com as minhas duas malas.

— Então me deixa empurrar seu carrinho até o ponto de táxi e colocar você em um, ok, Nina?

Antes que eu pudesse responder, mais adiante estava toda a minha família: minha mãe, minha avó, meus irmãos e cunhadas... Na frente deles, o meu amor segurava um buquê de flores. Olho para o Lucas, que sorri divertindo-se com o susto que pregaram em mim. Todos gritam juntos:

— Surpresa!

Quase desmaio de emoção e começo a chorar feito uma criança. Eles estão sempre me surpreendendo. Começo a me lembrar de que vou viver longe deles e choro mais ainda, estou parecendo uma manteiga derretida. Abraço a todos, um por um, e deixo o meu amor para o final. Eu literalmente me jogo nos braços dele, enlaço o seu pescoço e fecho os olhos. Nós dois estamos chorando agora, pela falta que sentimos um do outro nestes últimos dias e por tudo o que sabemos que ainda está por vir. Mais

distância, mais saudades. Quando me acalmo, recebo o buquê que ele me trouxe e não consigo soltá-lo. A esta altura meus irmãos estão empurrando o carrinho com as malas e vamos todos em direção ao estacionamento, conversando. O Lucas e o Dan despedem-se de nós. Eu agradeço ao Danilo por tudo e beijo afetuosamente a bochecha do meu amigo Lucas.

Todos esperam que eu vá direto para a casa da minha mãe, para um almoço em família, mas não estou em condições. Preciso dormir. Combinamos então de jantar com eles, logo mais à noite. Estou um caco, acabada de tão cansada.

Já em casa, resisto à tentação de arrancar a minha roupa e me jogar em cima do meu amor, que está completamente nu, deitado em nossa cama e me convidando a ficar com ele. Acabo me despindo, mas apenas me deito e adormeço feito um bebê no colo da mãe. Não deu para matar as saudades de imediato. O cansaço falou mais alto. As saudades são muitas, mas estou verdadeiramente esgotada.

Acordo às cinco da tarde, sem saber direito onde estou, e felizmente me vendo em casa. Sinto o corpo do meu cavaleiro de metal e o quero desesperadamente. Ele também cochila, agarrado à minha cintura. Viro-me e começo a provocá-lo lentamente. Sinto todo o seu corpo corresponder ao meu toque e, em menos de um minuto, Edu já está completamente pronto.

Ficamos juntos num emaranhado de mãos, bocas, braços e abraços, num instante estamos fazendo sexo selvagem que, mais uma vez, coloca o *Kama Sutra* no chinelo. É impressionante a maneira como nos completamos na cama. Nosso ritmo é perfeito! Ele aumenta as investidas, começo a sentir aquela velha e familiar sensação se acumulando no meu baixo-ventre, prometendo me deslocar para outra dimensão. Nada mais tem importância além dele, e eu flutuo num mar de sensações. Edu também parece compreender o meu estado de êxtase e se deixa levar até chegarmos lá juntos.

As sensações são tão intensas que, durante os próximos dois minutos, uma doce eternidade, ficamos na mesma posição, suados e esgotados, querendo prolongar este momento mágico. Nenhum de nós diz nada. As palavras são dispensáveis neste momento. Curtimos por mais um tempo e decido aplicar nele uma massagem que aprendi no Japão. Eu o levo à loucura com as minhas técnicas, e ele fica surpreso.

— Linda, onde você aprendeu isso? Foi no Japão?

— Sabedoria oriental, meu anjo. Sabedoria oriental — respondo bem-humorada. Ambos rimos e começamos tudo de novo.

Lá pelas oito da noite, chegamos à casa da minha mãe. Janto com a família, conto as novidades e entrego as lembrancinhas que trouxe. Após a sobremesa, meu irmão Marcelo pede a palavra.

— Pessoal, eu e a Ana Clara temos uma novidade! — E faz suspense.

— Conta logo, mano — peço, impaciente.

— Será que devemos? — Ele se dirige à Ana Clara, em tom de brincadeira.

— Conta, amor! — Agora é ela quem o incentiva.

— Então tá, vou contar: estamos grávidos!

— Ai, que maravilha! Vou ser vovó! — exclama minha mãe, feliz. Desde que meu pai se foi, não a vejo com este brilho nos olhos.

Todos correm para abraçá-los. Edu e eu, muito felizes por eles, também corremos para o abraço. Deve ser maravilhosa a sensação de esperar um filho. Isso me faz pensar no assunto. É a primeira vez que imagino como me sentiria se fosse comigo...

— Para quando é? — pergunto, interrompendo sem querer as felicitações.

— Ela está com nove semanas. Deverá nascer no final de janeiro ou início de fevereiro.

— Viu, mano, não disse que vocês conseguiriam? Estou tão feliz por vocês! — falo entusiasmada.

— Obrigado, Nina. Sei o quanto torceu por nós.

— Nossa, Marcelo, você nem imagina... Já quero conhecer esse serzinho! — E o abraço afetuosamente.

Durante o jantar, aproveitamos para anunciar nossa mudança. Todos ficam tristes com a distância, mas ninguém faz drama. Eles sabem que isto será necessário e que nos verão sempre que possível. Além disso, conseguiremos nos falar por chamada de vídeo quando quisermos. Não é a mesma coisa, mas ameniza as saudades.

Chegamos a casa e vamos direto para o quarto. Deitamos de conchinha. Amanhã ainda não irei à emissora, pois tirei o dia para me recuperar da viagem. O Edu também não irá trabalhar. Ficaremos juntos, afinal, teremos poucos dias para aproveitarmos antes de sua partida. Retornaremos às atividades apenas na terça-feira.

Ainda não resolvemos o que vamos fazer com o apartamento onde moramos. Acho que será alugado, não pretendemos nos desfazer dele agora. Fico sabendo também que Edu conseguiu um comprador para a moto. Decidimos vender meu carro de imediato. Edu me deixará com o carro dele, mesmo sob os meus protestos, que também será vendido após a minha partida definitiva. Nosso advogado ficará com uma procuração para resolver estas questões para nós. Sei que, na próxima semana, meu cavaleiro de metal providenciará a compra de uma nova moto em Miami e de outro carro. É curioso saber que, daqui a um mês e pouco, vamos nos mudar e ainda nem conheço onde vou morar. Aos poucos vamos organizando nossa vida, vai dar tudo certo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS – CADA COISA EM SEU LUGAR

Hoje é segunda-feira. Meu amor e eu ficamos juntos na cama a manhã toda. Ainda estou cansada da viagem, não me adaptei às mudanças de fuso horário. Tiramos o dia para organizar as coisas dele em casa. Contratamos uma empresa para levar seus pertences. Sei que é temporário, mas fico com uma sensação horrível de perda. Mal nos casamos e Edu já está indo embora. Fica parecendo que ele vai me deixar, ficarei sozinha no apartamento vazio... Isto está me causando um desconforto enorme, porque este lugar tem a cara dele. Em cada canto, em cada objeto, consigo ver meu cavaleiro de metal. A verdade é que estou arrasada.

Na sexta-feira será o aniversário dele, e não sei o que fazer. Estou incerta se choro ou comemoro. Sinto-me muito perturbada com tudo isso. Ainda tenho problemas a resolver na emissora. Meu contrato terminará logo e preciso avisar que não continuarei na função, embora o Fernando tenha plena desconfiança disso. Temos material pronto até dezembro. A primeira temporada se encerra após este período e, depois das férias, provavelmente retornará com outras pessoas na reportagem.

Quanto a mim, não sei o que meu futuro profissional reserva. A cada dia penso mais nisso, mas não comento ao Edu. Não quero lhe causar mais uma preocupação. Por ora, ficarei mais do que feliz em estar de novo com ele.

A semana transcorre sem grandes novidades. A cada dia que passa, mais aumenta a minha tristeza em saber que meu amor vai ficar longe de mim por tanto tempo. Tenho trabalhando loucamente junto à equipe para produzir a série sobre o Japão. A Amália e o Luciano, muito animados com o material que trouxemos, estão preparando uma apresentação à altura. Está ficando demais! Só isso mesmo para me animar.

Edu também parece arrasado. A transição para a nova direção executiva do jornal está quase concluída, e ele agora se ocupa dos

detalhes da sua ida para Miami quase que em período integral. Temos ficado juntos todo o tempo que podemos.

Hoje é sexta-feira, aniversário do Edu. Queria ter ânimo para preparar uma festa ou algo assim, mas não consigo. Apenas fico junto dele e dou o meu presente. Comprei uma caneta numa joalheria e mandei gravar nela as nossas iniciais, além de escrever um cartão:

O amor é como uma página em branco. Cabe a nós escrevermos nela a nossa história. Espero que este presente traga muita sorte e histórias maravilhosas de nós dois a escrever.

Da sempre sua, Nina.

Ele ama a caneta e fica emocionado com o cartão. Nós nos abraçamos e decido mostrar o meu presente principal.

— Amor, agora quero lhe dar outro presente — digo, maliciosa.

— Mais um? O que será? — Ele está bancando o inocente.

— Você precisa me esperar aqui na sala, quietinho, já volto! — Saio apressada para o quarto. Estamos sozinhos, a nossa diarista já foi embora, do contrário não poderia dar ao Edu o presente que planejo.

Volto para a sala vestida com um robe de seda preto. Ele fica me olhando. Coloco uma música sensual e começo a dançar e a fazer um *striptease*. Parado à minha frente, ele assume um ar divertido. Percebo que está ficando excitado com a brincadeira e continuo dançando enquanto tiro o robe. Não é a primeira vez que brincamos assim.

Viro-me de costas e abro o corpete que estou vestindo. Agora estou apenas de calcinha e sutiã. Desço e subo o corpo, girando em torno dele, sensualizando ao ritmo da música. O sutiã, fechado

apenas por um laço de cetim, voa para algum canto. Continuo a provocá-lo e o vejo pronto, querendo me puxar para o seu colo. Não deixo e faço sinal para que espere. Ainda não terminei meu *striptease*.

Eu me preparo para tirar a calcinha, deixo que ele abra os lacinhos laterais para que a peça deslize pelas minhas pernas. Agora estou nua e dou a ele a penúltima parte do presente. Viro-me de costas para exibir a pequena tatuagem que fiz na região lombar, acima das nádegas: um coração com uma fechadura, onde supostamente haveria de se encaixar uma chave, com suas iniciais logo abaixo. Sei que pode parecer vulgar, mas ficará visível apenas para ele, pois está em uma posição que pode ser facilmente coberta pelo biquíni. A tatuagem simboliza o lugar que Edu ocupa na minha vida: meu amor, meu rei, meu tudo. Só ele tem a chave de acesso ao meu coração. Sempre que estivermos fazendo amor, ele terá o prazer de ver o seu nome tatuado no meu corpo.

— Linda, que surpresa incrível. É muito, muito sexy... — Ele me puxa para seu colo, reclamando a última parte do seu presente.

— Fiquei com medo de que você achasse vulgar — comento.

— Não, se você prometer exibir só para mim. Será um segredo só nosso — diz, entre beijos e sussurros.

E acabo sendo o presente dele. Sei que foi o que ele mais gostou de receber. Ficamos o resto do dia e da noite na doce prisão do nosso apartamento. Faltam apenas dois dias para a nossa separação temporária. Ao invés de ficarmos nos lamentando pela tristeza, tratamos de curtir a companhia um do outro.

O sábado está com clima de despedida e nosso astral não é melhor do que ontem. Sabemos que o inevitável se aproxima. Almoçamos com a minha família, que procurou nos distrair de todas as formas. Nossos amigos prepararam um lanche surpresa no final da tarde e só ficamos liberados à noite. O Edu fez a Tati e o Lucas prometerem que me manterão ocupada e distraída durante o tempo em que eu estiver sem ele. Sei que meus amigos, minha

família e meu trabalho vão fazer o tempo passar bem rapidinho.

Finalmente chega o tão temido domingo. O voo do meu amor é na parte da manhã e praticamente amanheço ao seu lado no aeroporto. Não deixei ninguém me acompanhar. Quis levá-lo sozinha. No momento do embarque, após chorarmos feito duas crianças, ele diz:

— Obrigado por me apoiar, minha linda, você é a melhor parte de mim. É o melhor de tudo que já aconteceu na minha vida. Eu amo muito você. O tempo vai passar logo e ficaremos juntos de novo. Então, prometa que vai ficar bem! — Ele me abraça forte.

Não consigo responder nada, apenas balanço afirmativamente a cabeça e choro em seus braços. As pessoas nos olham penalizadas no aeroporto e finalmente meu amor cruza o portal do embarque. Parece que vou morrer, mas sei que vou superar. Ficarei bem. Por mim e por ele.

Quando viro as costas em direção ao estacionamento, surpreendo-me ao encontrar Lucas. Sem dizer nada, ele apenas me abraça e segue comigo até o carro. Amo esse meu amigo.

— Ei, gata, você pode me dar uma carona? Vim para cá de táxi — pede, tentando me fazer rir.

— Só se você pagar a corrida. — Apesar de ainda estar com os olhos inchados de tanto chorar, faço o esforço de melhorar meu humor. Ficar deprimida não vai ajudar em nada.

Em alguns minutos estamos voltando para o Leblon e conversando. Fico sabendo que o Danilo já está morando com ele. Estou muito feliz pelos dois. Deixo-o primeiro em casa, agradecendo a amizade e o carinho, e depois sigo para o meu apartamento. Ainda é cedo, não vou para a casa da minha mãe agora. Talvez nem saia hoje, preciso de um tempo sozinha.

À noite recebo uma chamada de vídeo do Edu, que chegou a Miami e está no nosso novo apartamento. Tenta fazer um *tour* improvisado pelo local com o computador nas mãos, para que eu

conheça onde vamos viver, mas não consigo ver nada direito. Já estou morta de saudades dele. Amanhã ele começa a trabalhar. Ficamos conversando por mais de uma hora, isso ajuda a matar as saudades.

As semanas seguem sem grandes novidades. Tenho trabalhado intensamente, já avisei ao Fernando sobre o meu desligamento e estou entrando na última semana do contrato. Ele está mais distante do que nunca, não demonstrou o menor espanto quando mencionei que não continuaria na emissora.

A equipe, por outro lado, está supertriste com a minha saída. A Amália e o Luciano são uns amores, querendo saber como estou o tempo todo. Eles inclusive prometeram me recomendar a uma revista de moda americana com uma filial em Miami. Fiquei animada com a perspectiva de um novo trabalho.

No meu último dia, o pessoal da emissora resolve preparar uma festa de despedida. Estão presentes a Amália, o Luciano, a equipe que costumava viajar comigo, a Amanda, colega que irá me suceder, o Danilo, a Vanessa e o Fernando. Fico totalmente emocionada e choro bastante. Vou sentir falta do pessoal com quem trabalhei. Ganho de presente um cordão fininho de ouro branco. O pingente de porcelana é lindo, representa a imagem de São Francisco de Sales, protetor dos jornalistas. No cartão que escreveram está uma frase atribuída ao santo: “O bem não faz barulho, e o barulho não faz bem”. Amei o presente e me debulhei em lágrimas. Estou muito sentimental. Faço um breve discurso improvisado de agradecimento, declarando como foi especial conhecê-los. A fofa me chama em um canto e diz:

— Nina, desejo tudo de bom a você. De verdade. Tenho tanta vergonha de tudo que aprontei com você, mas estou tentando ser uma pessoa melhor. Você me fez duras críticas, que me deixaram morrendo de raiva no início, mas que me fizeram ver o quanto eu estava errada. Depois disso, encontrei um amor de verdade e estou namorando. Voltei a estudar. Mudei muito, até no modo de me vestir e agir. Estou em paz. Devo tudo isso a você. Seja muito feliz!

Posso lhe dar um abraço?

— Claro, Vanessa. Pode sim, venha cá. — E lhe dou um abraço. — O que passou, passou. Ficou para trás. Que bom que algo do nosso relacionamento conturbado serviu para o bem. Também desejo a você toda a sorte do mundo.

Sei que dessa vez a fofa está sendo sincera. Ela mudou a olhos vistos. Se eu tive algo a ver com essa mudança para melhor, fico feliz.

Após a festinha, vou até a sala do Fernando para me despedir e agradecer a oportunidade. Por maior que seja a minha raiva pelo que ele fez ao meu marido, tenho o dever moral de tratá-lo com respeito. Quando estou prestes a falar, ele faz sinal para eu me sentar no sofá do seu escritório.

— Nina, sei que você vai agradecer a oportunidade e se despedir de mim, é a sua cara diz. Não se esqueça de que conheço um pouco você. Quero que, antes de qualquer coisa, você saiba que a convidei para a emissora por seu talento. Só depois descobri que o relacionamento entre você e o Edu era para valer, e que poderia usar isso a meu favor. Acabei usando você contra ele. Não queria que tivesse sido assim. Até podíamos ter nos entendido melhor... se você não fosse tão teimosa. Não é nem nunca foi algo pessoal, mas no mundo dos negócios as coisas funcionam desse modo. A vida é assim. Hoje está indo embora, e amanhã já terá outra pessoa no seu lugar que será tão boa ou até melhor do que você.

Observo seu ar de superioridade antes de responder:

— Pois é, Fernando, realmente vim agradecer a oportunidade e me despedir. Você acertou. De onde venho, a vida é um pouco diferente e as pessoas são gratas com quem lhes estende a mão. Elas são únicas, de modo que nunca haverá alguém que possa substituí-las, porque não são objetos. São seres singulares, cada um com sua complexidade. Não estou aqui para discutir nossas visões de mundo, até porque já deu para perceber que são muito diferentes. Desejo que você consiga tudo o que deseja.

— Já tenho tudo o que desejo. Dinheiro, poder, a mulher que me é conveniente... Recuperarei o jornal da minha família, que não me conformava de ter sido obrigado a vender a um inexperiente e despreparado feito o Eduardo. O que mais posso desejar?

— Bem, Fernando, essa é uma pergunta que você deve fazer a si mesmo, já que está se sentindo tão pleno e completo. Deixo a afirmativa no ar. — Obrigada por tudo mais uma vez. Foi um período de muito aprendizado tanto profissional quanto pessoalmente.

— Não há de quê, Nina.

Saio sem olhar para trás. Pego meus pertences e me despeço novamente dos meus colegas. No elevador, penso nas palavras do Fernando. Fico impressionada com os valores que me revelou, como as pessoas são descartáveis para ele... Sinto um alívio enorme por ter conhecido e amado apenas o meu Edu, sem me deixar envolver pelas investidas de Fernando. Faltam cinco dias para eu embarcar para Miami. Nesse curto período, cuidarei dos detalhes da minha mudança e aproveitarei para estar com a minha família.

Na rua, continuo com a cabeça a mil. Um turbilhão de pensamentos toma conta de mim. Depois que chego a casa, troco de roupa e saio para dar uma corrida na praia.

Enquanto corro, repasso mentalmente os acontecimentos do dia. Parece que os pensamentos dançam na minha mente e, de repente, sinto-me um pouco tonta. Diminuo o ritmo da corrida. Continuo tonta e a minha visão fica turva. Tenho tempo apenas de me apoiar num quiosque antes de ver tudo preto.

Acordo com a minha cabeça completamente confusa e ouço, ao longe, as vozes do meu irmão Marcelo e da minha mãe. Não consigo abrir os olhos direito. Não tenho forças. Minha cabeça dói demais. Sinto muitas dores no corpo e um pouco de cólica. Percebo que estou menstruada. Estou totalmente sonolenta. Finalmente, depois de muito lutar contra mim mesma, abro as pálpebras. As coisas começam a ficar claras e me lembro do momento em que estava

correndo... Aos poucos tomo consciência de que estou num hospital. Vejo meu irmão e a minha mãe, de quem estava ouvindo as vozes.

— Meu Deus, o que houve comigo? — balbucio com uma voz débil.

— Você passou mal, Nina. Teve hipoglicemia, desmaiou e bateu com a cabeça, por isso está aqui — diz meu irmão.

— Há quanto tempo estou aqui? — pergunto.

— Há exatamente vinte e quatro horas. Você ficou esse tempo todo desacordada e nos deu um tremendo susto, mas os exames mostraram que não houve nenhuma lesão permanente ou significativa, graças a Deus.

Minha mãe se aproxima de mim e segura a minha mão.

— Filha, está melhor? Já estou velha demais para estes sustos.

Aos poucos, as coisas começam a fazer sentido e passo a me sentir mais estável, apesar das dores no corpo e na cabeça. Estou consciente.

— Estou melhor, mãe. Já acordei. Vou ficar bem.

Neste momento, a porta se abre e vejo meu cavaleiro de metal entrando com uma mala de mão e ainda vestindo um terno. Está completamente assustado. Foi um momento único. Não há nada no mundo que eu queira mais do que ver o meu amor e poder abraçá-lo. E agora poderei fazer isso. Ele abraça a minha mãe, o meu irmão e logo depois se debruça com cuidado sobre mim. Fecho os olhos e acho que fico assim com ele por uns cinco minutos mágicos. Estou em êxtase, apesar do mal-estar e de ter alguns aparelhos e fios me incomodando.

— Amor, vim assim que soube. Entrei no primeiro voo. Foram as piores horas da minha vida... Pensei tantas bobagens que você nem imagina. Graças a Deus, você está bem! Assim que desembarquei, o Marcelo me deu notícias. Pensei que fosse morrer do coração... — E continua grudado a mim.

Meu irmão e minha mãe se despedem de nós. O Enzo não pôde vir, pois está em missão. Meu irmão Marcelo voltará amanhã, pois farei novos exames para saber se terei ou não alta. Digo que já estou melhor, mas só irão me liberar para viajar quando eu estiver completamente recuperada. Meu Edu faz questão de ficar comigo. Não era essa a noite de amor que eu havia planejado para o nosso reencontro, mas só o fato de vê-lo antes do planejado já compensou o susto.

Ele toma uma ducha no banheiro minúsculo do quarto hospitalar e arruma a pequena cama ao meu lado. Deve estar exausto após dez horas de viagem sob tensão, mas não quer largar a minha mão. Dormimos mal acomodados e, de tempos em tempos, uma enfermeira vem me dar algum medicamento ou verificar os meus sinais vitais.

Na manhã de domingo, após uma enfermeira muito atenciosa ter me auxiliado a tomar um banho reconfortante, recebemos a visita médica. O doutor me examina da cabeça aos pés e quero saber com detalhes o que eu tive.

— Bem, Nina, você teve uma hipoglicemia, provavelmente ocasionada pelo exercício sem uma alimentação adequada. Na queda, você bateu a cabeça. Qualquer suspeita de traumatismo craniano deve ser descartada antes de liberarmos o paciente.

Ultimamente vinha mesmo com o meu estômago embrulhado e não estava me alimentando como devia, as saudades e a correria dos últimos dias me roubavam o apetite. Digo isso ao médico. Fico sabendo que primeiro me levaram a um hospital público, ainda inconsciente, e após os primeiros socorros fui transferida para o hospital particular em que me encontro, onde o meu irmão Marcelo e a Ana trabalham. Eles avisaram ao meu marido, que pegou o primeiro voo ainda na madrugada de ontem, chegando aqui ao anoitecer.

O doutor João Ricardo, amigo do meu irmão, informa que em alguns minutos a doutora Luciana virá falar conosco. Ficamos

aguardando. Ele se despede, dizendo que da parte clínica e neurológica estarei liberada amanhã, se tudo correr bem. Precisarei apenas ser examinada por esta médica. Não entendi, mas em menos de cinco minutos entra a referida mulher na casa dos quarenta anos, muito falante e simpática.

— Olá, Nina. Sou a doutora Luciana. Passei por aqui para conversarmos um pouco.

— Muito prazer, doutora. O doutor João Ricardo nos disse que a senhora me examinará para eu receber alta amanhã, certo?

Correto, Nina. Não sei como dizer isso a vocês, mas terei de ser direta. Pedi que ninguém falasse com vocês sobre isso antes de mim. Quero explicar.

Começo a ficar nervosa e não estou entendendo nada do que a médica diz... Olho para o Edu, e ele para mim. Meu amor também não está ciente do que acontece.

— Pode falar, doutora, confesso que estou ficando assustada.

— Não há razão para isso. Você vai entender melhor quando eu explicar que a minha especialidade é ginecologia e obstetrícia. Você teve um abortamento espontâneo, Nina.

Não sei o que dizer. Olho para o Edu desesperada, e o vejo tão surpreso quanto eu.

— Como assim, doutora? Eu me esforço para entender a situação. Deve estar havendo algum engano.

— Você não sabia, não é, Nina?

— Não. — Minha voz embarga. Usamos preservativo na maioria das vezes e, nas outras, eu não estava no meu período fértil. Estava esperando para trocar o método contraceptivo. Não acredito que isso nos aconteceu.

— Era uma gestação de sete semanas. Provavelmente a hipoglicemia foi em função da sua condição, somada aos esforços físicos e outros fatores. Os exames indicam que foi um abortamento

completo, em poucos dias você estará recuperada. Recomendo que dê alguns meses de intervalo antes de tentar engravidar novamente e faça um *check-up* complementar.

O meu amor está visivelmente abalado, mas vem e me abraça. Choro muito por não ter me prevenido, por não ter desconfiado e por não ter evitado essa situação... Eu me sinto culpada. Ele parece adivinhar meus pensamentos ao dizer:

— Amor, nós não utilizamos um método eficaz para nos proteger. Não estávamos preocupados com isso. Não foi culpa sua nem minha, apenas aconteceu.

— Edu, eu fiquei menstruada no começo de julho. Meu Deus! Só agora me dei conta de que não menstruei em agosto, com essa confusão toda!

Provavelmente já viajei grávida para o Japão sem sequer desconfiar de nada. Despedimo-nos da doutora Luciana, que nos recomendou alguns exames. Deixarei para fazê-los quando chegar a Miami. Por ora, quero ir para casa e aproveitar todo o tempo com o meu amor.

Fico sabendo que ele voltará comigo assim que eu tiver alta.

Na segunda-feira, sou liberada e vamos até o apartamento para organizar as coisas. Não podemos fazer o que mais gostamos, pelo menos durante alguns dias. Ele sabe disso e quer cuidar de mim.

Ele me leva até o chuveiro e tomamos um banho juntos. Faz questão de mostrar uma surpresa que vinha me escondendo: por baixo do seu bíceps direito, Edu fez a tatuagem de uma chave. Dispensa comentários. Sou louca por esse homem. Infelizmente, por enquanto, nada de sexo. Devo me conformar.

Embarcamos para Miami na quarta, rumo à nossa nova vida. Apesar dos últimos acontecimentos, estamos felizes e em paz.

FINAL – ALMA FEMININA

O comandante anuncia o pouso no Aeroporto Tom Jobim, no Rio de Janeiro. É a primeira vez que voltamos ao Brasil desde que nos mudamos para Miami, há exatos nove meses.

Não sei por que as pessoas se levantam antes de a porta do avião abrir. Ainda temos que passar pela Polícia Federal e receber as nossas malas, que demoram séculos para chegar. Estou exausta. É uma verdadeira odisseia.

Sinto-me muito ansiosa para rever a minha família. Estivemos com a minha mãe e avó, que vieram nos ver no Natal, em *Sunny Isles*, no nosso novo apartamento. Recebemos também a minha sogra e seu marido na passagem de ano. Meu irmão Marcelo e a Ana Clara não puderam ir, devido ao estado adiantado da gravidez da minha cunhada. Ela deu à luz uma linda menina, Maria Flor, no final de janeiro. Não vejo a hora de pegar a pequenina no colo pela primeira vez.

Teremos uma semana para curtir minha sobrinha e encontrar os pais do Edu, que virão para o casamento do meu querido irmão Enzo com sua Ludmila. Também não os vejo há meses, pois estão viajando pelo Brasil em missão. Fiquei sabendo que serão transferidos para o Rio Grande do Sul e só poderão continuar morando com a minha mãe até o final do ano, ossos do ofício militar. Conseguimos convencer minha mãe a vender a casa na Tijuca e a comprar um apartamento na Barra, para ficar perto do Marcelo e da netinha, por quem está babando. Ela até já andou recebendo propostas de uma grande construtora, acho que dessa vez vai aceitar.

Além de todos estes maravilhosos compromissos, estou no Rio porque a nossa reportagem no Japão foi indicada para receber um prêmio de Jornalismo. Apesar de não fazer mais parte da emissora, eu assino a matéria, logo, estou indicada ao prêmio. Não tenho esperanças de vencer, pois a reportagem concorre com matérias de

outros jornalistas mais experientes, mas só o fato de estar entre os escolhidos já é uma vitória.

Finalmente com as nossas malas, saímos pelo portão do desembarque e sou a primeira a avistar meus amigos Tati e André. Que alegria vê-los! Não nos encontramos desde que fomos embora, eles têm trabalhado muito. A Tati é advogada e abriu seu próprio escritório, não pode viajar nem se ausentar neste momento. Eles vêm correndo para nos abraçar.

— Edu, Nina, que bom ver vocês! Que saudade!

Os homens trocam cumprimentos e permanecem com Tati num abraço longo e apertado, que dispensa as palavras. Adoro minha amiga. Assim que nos separamos, ela me olha de cima a baixo.

— Nina, não acredito! Como foi que você escondeu isso de mim? — diz, fazendo referência à minha barriguinha saliente de quatro meses de gravidez.

— Surpresa! — respondo, alisando o ventre toda orgulhosa.

— Não consigo acreditar! Dá pra você me beliscar? — Sorri bem-humorada.

— Não precisa, mas, se realmente quiser, dou um beliscão no capricho em você... Dou risada.

— Não se atreva, espertinha. Como é que você teve a coragem de esconder isso de mim?

— Desculpe, amiga, mas a gente quis fazer uma surpresa. Na verdade, ninguém sabe ainda. Nem mesmo a minha mãe. Tomei o cuidado de fazer chamadas de vídeo para ela aparecendo somente do pescoço para cima. Não queríamos contar a ninguém até que tivéssemos certeza de que tudo estava bem. Descobrimos há dois meses apenas. Você sabe que tive um aborto espontâneo e, quando soube estar grávida, entrei em pânico. Não planejamos e tive medo de perder novamente.

— Estou bege, Nina. Sua mãe vai ficar radiante. Já sabem o

sexo? — pergunta, dirigindo-se a nós dois.

— Vamos ter um menino, descobrimos o sexo na semana passada. Até escolhemos o nome! Vai se chamar Benjamin. Estamos muito felizes, e também assustados — respondo.

Continuamos atravessando o saguão do aeroporto e conversando, enquanto nos encaminhamos ao carro deles. Ficaremos num *flat* que alugamos, perto do nosso antigo apartamento. O que não nos faltou foram propostas de hospedagem, da minha mãe, do meu irmão e dos amigos, mas optamos por privacidade e também não queremos dar trabalho a ninguém.

Desde que descobrimos a gravidez, Edu tem me tratado como se eu fosse de vidro. Cheio de mimos e cuidados, meu cavaleiro de metal tem sido todo carinho e atenção. Até hoje me lembro do dia em que descobri. Depois do episódio do abortamento espontâneo, resolvemos optar pela pílula, que me fez muito mal. Então decidimos suspender o uso e, enquanto não encontrávamos outro método contraceptivo mais eficaz, ficamos com o preservativo. Obviamente, esquecemo-nos de usar um dia ou outro. Percebi há dois meses, no início de abril, que minha menstruação atrasou. Cheia de medo, fiz um teste de farmácia e fiquei desesperada quando vi o resultado: positivo.

Fiquei sem saber como dizer ao Edu. Qual seria a reação dele? Decidi contar num jantar romântico que preparei para nós dois. Quando trouxe a sobremesa, coloquei junto um sapatinho de bebê embaixo do seu prato. Ele ficou superemocionado e chorou de alegria. Não imaginava que quisesse tanto assim ser pai.

Para mim não foi tão simples, porque no início do ano fui contratada por uma revista feminina semanal, onde tenho uma coluna sobre bem-estar e saúde. Além disso, a pedido da minha editora-chefe, estou escrevendo o livro biográfico de uma ex-modelo brasileira que foi viver com um milionário americano em Miami. Se há uma coisa da qual não posso me queixar é a falta de

trabalho. Tenho produzido muito, e não estou me sentindo uma mulher à sombra do marido como eu temia. Tenho a minha carreira, mesmo que seja em um ritmo mais lento. Estou em uma fase maravilhosa.

Chegamos ao nosso *flat* e nos despedimos da Tati e do André, prometendo encontrá-los de novo no casamento do Enzo. Agradecemos muito o carinho de terem nos recebido no aeroporto. Hoje à noite teremos um jantar em família na casa da minha mãe. Preciso dormir um pouco, afinal, viajamos durante toda a madrugada. Tenho saudades de todos.

Logo que chego para o jantar, encaro as reações da família à minha gravidez. Todos ficam felizes com a notícia. Minha mãe e minha avó não cabem em si de tanta alegria. Não preciso nem dizer que levamos uma bronca por termos ocultado a notícia, a dona Angelina ficou furiosa.

Aproveito para “corujar” a minha sobrinha e ir treinando para quando estiver com o meu Ben nos braços. É assim que pretendo chamar nosso Benjamin. O Edu também não desgruda da menina e me derreto toda só de ver a cena dela em seu colo. Já posso imaginar quando tivermos nosso pequeno.

No próximo sábado, no casamento do Enzo, encontraremos os pais do Edu com os seus respectivos companheiros. Meus sogros raramente se veem, mas será inevitável a partir de agora esbarrarem-se eventualmente. A celebração será uma oportunidade para todos se reunirem.

Estamos com saudades de Teresópolis e planejamos, para amanhã, uma ida à nossa casa. Ficaremos nela por dois dias, matando as saudades de tudo de maravilhoso que aconteceu lá. Afinal, foi onde começamos nosso relacionamento, há quase dois anos. Mantivemos a casa sem alugar nem vender, porque é nosso pequeno paraíso e santuário, onde pretendemos ficar quando viermos ao Rio com mais tempo. Infelizmente não poderemos ir de moto, porque o Edu vendeu a dele no Brasil e comprou outra em

Miami. Meu cavaleiro de metal não fica sem as duas rodas, é parte de sua identidade. No momento, devido ao meu estado, não posso andar de moto de qualquer forma. Confesso que estou sentindo muita falta da experiência. Assim que o Ben nascer e eu estiver liberada, vamos dar umas voltas por aí.

A semana passa num piscar de olhos. Nossa estadia de dois dias na serra já acabou. A casa de campo guarda muitas recordações. Aproveitamos para reviver cada momento nos braços um do outro: sexo para celebrar a nova fase.

Na sexta-feira, eu me arrumo para a festa da premiação jornalística. Estou me achando gorda, e a barriga ainda nem cresceu ao máximo. Opto por um pretinho básico longo de crepe, com uma faixa do mesmo tecido abaixo dos seios. O caimento fica ligeiramente solto a partir daí. O modelo é elegante e discreto, bordado com minúsculas miçangas pretas e prateadas. Os saltos altos grossos completam o visual e prendo os cabelos num coque baixo. Estou apresentável, mas as mudanças do meu corpo me trazem algum desconforto. Paranoias femininas. Tenho feito ginástica e ioga diariamente, controlando a alimentação para não engordar mais do que devo.

Quando me vê, meu cavaleiro de metal, lindo demais num *smoking* preto, me puxa para seu colo. Sei que vamos nos atrasar. Não o deixo concretizar tudo o que tem em mente, devemos guardar para a volta, pois estamos mesmo em cima da hora.

A festa está incrível. Muita gente famosa, uma decoração impecável e a presença de colegas antigos, do jornal e da emissora, que não nos deixam parar um minuto. Encontramos Fernando, que me olha de cima a baixo com ar de incredulidade e cumprimenta Edu secamente. Ele está acompanhado da Elaine, que demonstra o bom senso de nem se aproximar de nós.

Temos uma mesa reservada, compartilhada com Danilo e Lucas, Amália Galdino e Luciano com a esposa. A noite está sendo muito agradável. Eles ficam muito felizes com a minha gravidez e,

também, ao saberem que estou trabalhando bastante. Agradeço à Amália por indicar o meu nome a jornais e revistas de Miami. Ela é uma pessoa muito influente e querida no meio jornalístico, dentro e fora do Brasil.

— Amália, obrigada pela força. Estou adorando o trabalho na revista.

— Imagina, minha querida, sei que você é uma jornalista brilhante e que ainda progredirá muito na carreira. Isto é só o começo — diz segurando as minhas mãos, generosa e afetuosa como sempre. Adorei trabalhar com ela. O Luciano também é uma pessoa maravilhosa.

Os apresentadores sobem ao palco, interrompendo a nossa conversa, e começam a anunciar os prêmios nas diversas categorias. Nossa matéria não ganha, mas fica entre as finalistas. O prêmio foi para uma série de reportagens sobre a corrupção no atual governo, que desvendou esquemas fraudulentos. Foi realmente merecido. Agora, os apresentadores anunciarão o último prêmio da noite, o de “jornalista revelação” do ano. Quase desmaio ao saber que estou concorrendo com outras duas pessoas. Para o anúncio final, chamam Amália Galdino ao palco. Ela segura a pequena estatueta de vidro em forma de pirâmide e diz:

— Boa noite a todos. É uma honra anunciar o vencedor da categoria “jornalista revelação”. Na verdade, não temos um vencedor, e sim uma vencedora. — Todos mantêm um silêncio de expectativa. Meu coração vai a mil. Somos três, duas jornalistas mulheres e um homem. — Estou com dificuldades de entregar este prêmio, pois só há lugar para uma pessoa recebê-lo e a dona da pirâmide está em dupla, ou melhor, está grávida. Não sei se o regulamento permite — brinca ela. — Vamos lá, o prêmio é seu, Nina Donatelli! Venha buscá-lo!

Quase morro quando uma luz forte ilumina a minha mesa. Meu gigante de olhos azuis se levanta e me aplaude, as pessoas o seguem entusiasmadas. Minhas pernas travam por um momento e não

consigo acreditar que é comigo. A minha ficha não cai. Não sei se choro ou se sorrio, é uma emoção indescritível. Levanto-me com a ajuda do meu Edu e sou conduzida por sua mão até a escada lateral do palco, de onde ele retorna à mesa depois de me dar um selinho. Com as pernas bambas, ando até a Amália, que me abraça e parabeniza. Preciso encontrar algumas palavras de agradecimento que, no momento, me fogem. As pessoas esperam que eu me pronuncie, então respiro fundo.

— Gostaria de dedicar este reconhecimento à minha família, sobretudo ao meu pai, que faleceu no ano passado. Agradeço imensamente a todos aqueles que acreditaram no meu potencial como jornalista — olho para Fernando de forma reverente, e ele devolve o gesto —, aos profissionais que trabalharam comigo em minhas matérias, aos meus colegas Amália Galdino, Luciano Riviera e Danilo Motta, com quem aprendi muito... Para finalizar, gostaria de dedicar este prêmio ao meu marido, Edu, pelo incentivo e apoio à minha carreira, suportando as minhas ausências e me dando força para chegar onde cheguei, e ao nosso primeiro filho, Benjamim, que está a caminho e veio receber este prêmio comigo. Obrigada a todos que me indicaram. Boa noite! — Finalizo o discurso muito feliz, olhando para baixo e alisando a minha barriga.

Todos me aplaudem e sorriem. Deixo o palco com o prêmio em mãos e sou recebida pelo meu amor, que está visivelmente orgulhoso. Agora tenho que falar com as pessoas que vêm me cumprimentar. Lá pelas onze da noite, peço ao Edu para ir embora. Foram muitas emoções para uma só noite. Despeço-me dos amigos.

Edu não para de me elogiar, sei o quanto está orgulhoso. A noite prometida terá que ficar para amanhã. Estou exausta e, depois do banho, durmo profundamente nos braços do meu cavaleiro de metal.

A cerimônia de casamento do Enzo foi maravilhosa, digna de um conto de fadas, com direito até ao tradicional cruzamento de espadas feito pelos oficiais da FAB, colegas do meu irmão. Que casal

eles formam! A noiva não poderia estar mais linda, com um vestido no estilo sereia que destaca as suas curvas, deslumbrante. Meu irmão, aquele gato sarado, vai deixar muitos corações partidos por aí.

Minha família está toda reunida, e temos também a companhia dos pais do Edu na festa. Minha sogra Eleonora e seu marido Júlio Cesar estão à nossa mesa. O meu sogro, para nossa surpresa, veio sozinho. A esposa dele continua com medo de viajar de avião. Na verdade, acho que Jussara fica constrangida pela diferença de idade entre eles e por não saber como se comportar na presença de pessoas tão diferentes da sua cultura. Uma pena, gostei muito dela. Ele se senta conosco à mesa. Fico com medo de surgir um clima ruim entre ele, minha sogra e o Júlio, mas a conversa gira em torno da minha gravidez.

— Nina, estou tão contente por vocês. Nem acredito que vou ser avó — diz minha sogra, toda boba. — Pena que vocês estão tão longe. Como pretendem fazer quando o Benjamim nascer?

— Bem, Eleonora, minha mãe passará o primeiro mês com a gente. Já acertei com uma senhora brasileira, também, para ficar trabalhando lá em casa e me ajudar com o Ben. Ela começou conosco e está se adaptando ao nosso ritmo. Pretendo continuar trabalhando, e meus horários são flexíveis, o que ajudará bastante com o bebê.

O senhor Carlos, como prefere ser chamado o meu sogro, dispara:

— Quando o moleque crescer, quero que vocês o levem lá para a fazenda para passar as férias. O Eduardo adorava, não é, filho?

— Adorava, pai. Esperava ansiosamente pelas férias para poder ficar com você — responde meu amor, com ar de nostalgia. — Era muito bom, aprontava todas por lá...

— Meu filho, assim que o menino nascer e puder andar de avião, vê se leva ele ao Tocantins — pede.

— Claro que sim, pai. Vamos visitar você e depois vamos a Belo Horizonte, apresentar Minas Gerais para o Benjamin quando for visitar a vovó Eleonora. E vocês, se organizem para nos ver em Miami!

— Ah, meu filho, não me leva a mal, não, mas acho os “States” um lugar muito cheio de frescura para o meu gosto — comenta meu sogro, arrancando risadas de todos.

— Com certeza nós iremos. Adoro Miami, e amamos *Fort Lauderdale*, onde ficamos na nossa última visita — responde minha sogra, visivelmente provocando o senhor Carlos. — Quando é que vocês vão embora?

— Amanhã. Embarcaremos à tarde, no voo das cinco. Meu irmão Enzo e a Ludmila irão conosco. A lua de mel deles será em *Fort Lauderdale*.

— A esta hora já estaremos em casa, se Deus quiser — diz ela.

A noite segue tranquila. Minha cunhada resolve jogar o buquê e, depois de uma divertida disputa, minha mãe é quem consegue pegá-lo, só de farra, para desespero das meninas jovens.

O domingo chega, nosso último dia no Rio de Janeiro. Vamos almoçar com a minha mãe e a minha avó, a fim de nos despedirmos. Hoje o Marcelo e a Ana Clara não vêm, minha sobrinha está enjoadinha com o primeiro dentinho querendo sair, ficarão em casa.

Por sorte aproveitamos bastante a companhia deles ontem, na festa. Prometeram nos visitar em breve, assim que o Ben nascer.

— Nina, não sei se vou poder ir ver meu bisneto, a viagem é muito cansativa. Não tenho mais idade para trajetos longos. Ficarei com a Das Dores — explica minha avó.

— Ah, vovó Dora, trago o Ben para a senhora ver. Fique sossegada. Assim que ele puder viajar, viremos até a senhora. Quem sabe quando a Maria Flor fizer um ano? Ele já estará com quase três meses na ocasião — digo, dando esperanças a ela.

— Prometa que vai trazer meu bisnetinho aqui. E também este belo *ragazzo*! — Ela ri, fazendo referência ao Edu, que a olha divertido.

— Está prometido, vovó Dora! Juro que trago os dois — afirmo solenemente.

A hora de ir para o aeroporto se aproxima. Na sexta, nos despedimos do Lucas e do Danilo. Ontem, no casamento do Enzo, nos despedimos da família toda e dos meus amigos Tati e André, que também compareceram como convidados da festa. Agora chegou a hora de deixar a minha mãe, que já está chorosa.

— Ai, filha, sei que vocês estão bem e isso para mim já é suficiente, mas ficarei com saudades...

— Eu sei, mãe, nem sempre as coisas acontecem como a gente quer. Infelizmente tivemos que ir para longe, mas só fora daqui encontramos a verdadeira paz. O Edu está trabalhando com tranquilidade, e eu também estou fazendo o que gosto. Os Estados Unidos nos receberam de braços abertos. Estamos bem, mas também sinto a sua falta...

Começo a chorar feito um bebê. Meus hormônios estão me deixando muito emotiva. Eu a abraço.

— Mãe, vamos continuar a nos falar todos os dias por vídeo. Ainda bem que temos este recurso, a senhora e a vovó poderão ver o Ben crescer. Sempre que der, venha nos visitar. Afinal, não é tão longe assim, estamos no mesmo continente — digo, corajosa.

— Bem, a despedida está ótima, mas eu e a Ludmila estamos ansiosos para a nossa lua de mel. Então vamos! — comenta meu irmão Enzo, que acabou de trazer suas malas até a sala para pegarmos o táxi rumo ao aeroporto.

Edu e eu já trouxemos nossas malas conosco. Deixamos o *flat* de manhã, fechamos a conta e viemos de mala e cuia para a casa da minha mãe. Agora é hora de seguir viagem. Todos abraçamos minha mãe e minha avó. Sei que elas ficarão bem.

Acabamos de decolar e, após os primeiros instantes, enquanto o avião ainda ganha altitude, vejo o meu Rio de Janeiro ficar cada vez menor lá embaixo. Faço uma retrospectiva dos dois últimos anos. Há pouco, eu era uma simples repórter de um jornal de notícias sensacionalistas que noticiava violência e problemas urbanos desta cidade que tanto amo. Minha carreira decolou assim, como este avião, rumo à televisão e ganhei o mundo. Conheci novas culturas. Atravessei continentes. Tive contato com outras pessoas, cresci e apareci. De quebra, ainda estou levando um prêmio jornalístico para casa. O primeiro da minha carreira. Não foi fácil chegar até aqui. Em tão pouco tempo, percorri um longo caminho.

Agora, estou voando rumo aos Estados Unidos, meu novo lar. Tenho ao lado o meu marido, amor da minha vida, e estou grávida do nosso primeiro filho. Inacreditável. Minha trajetória nestes últimos dois anos daria um livro, filme ou novela.

As feministas que me perdoem, mas a alma feminina, essa sensibilidade que só as mulheres têm, é capaz de muito mais do que queimar o sutiã em praça pública, diminuir o tamanho da saia e tentar competir com os homens. Não estamos aqui para concorrer. Somos parceiros nesta jornada. Só acreditarei na igualdade absoluta entre os gêneros quando os homens forem capazes de dar à luz um filho. Há uma beleza oculta em deixar o homem ser homem, e a mulher ser mulher de vez em sempre, só para variar, porque somos diferentes. Por isso nos completamos. Não quer dizer, com isso, que eu não acredite no encontro de corpo e alma entre pessoas do mesmo gênero, porque a alma, essa sim, não tem sexo. Também não quer dizer que acho que os homens sejam mais capazes do que as mulheres ou vice-versa. Apenas somos capazes de coisas diferentes, que se entrelaçam.

Nossa, estou ficando filosófica demais. Acho que esta reflexão dará uma boa pauta para a minha coluna na revista.

A comissária de bordo vem e me oferece os fones de ouvido. Aceito e seleciono uma música suave. Recosto meu assento, fecho os olhos e seguro a mão do meu cavaleiro de metal, que a esta altura já

está dormindo o sono dos justos. Apoio a minha cabeça no ombro dele e durmo. Ainda há um longo caminho a percorrer. A viagem será longa...

AGRADECIMENTOS

Quando minha atual editora, Cláudia Pereira, disse que gostaria de publicar pela Angel uma segunda edição de *Alma feminina*, nem acreditei. Esse foi meu primeiro romance, escrito em primeira pessoa, de uma forma tão natural, sem técnicas, sem rodeios, que não tinha a menor pretensão de chegar ao coração de tanta gente como chegou... Eu só queria contar uma história de amor. “Apenas mais uma de amor”, como diz Lulu Santos. É claro que topei reeditá-lo na hora.

Se é para falar de amor, ninguém melhor do que eles: Edu e Nina. Nossa impetuosa jornalista e o nosso cavaleiro de metal. O que dizer desse casal? Ele, um possessivo e teimoso de carteirinha. Ela, uma jovem cheia de sonhos e ideais. Queria uma carreira, independência, porém, no meio do caminho, encontrou Edu. E o amor...

Mas, afinal, o que é o amor? Como saber que ele está lá? Por que lutar contra? Ah, o amor... Há quem diga que nos leva longe. Ouso dizer ser o único sentimento que, de verdade, importa.

O casal enfrentará poucas e boas, e muita gente vai tramar para separá-lo.

Bem, queridos, não foi fácil chegar até aqui. Para isso contei com o apoio da família, dos amigos, dos filhos, do meu marido, Marcelo Jacob (o meu cavaleiro de metal da vida real), dessa editora e das leitoras. Gratidão também às minhas queridas blogueiras, Kalina Nascimento (*Entre livros e fotos*) e Sueli Assis (*Maravilhosas descobertas*), grandes incentivadoras.

Convido vocês a mergulharem neste delicioso e leve romance, um tanto açucarado e, às vezes, um tantinho apimentado.

Minhas palavras são apenas: gratidão, gratidão e gratidão!

Adriana Vaitsman

BIOGRAFIA

Adriana Vaitsman escreve desde pequena; publicou o seu primeiro livro em 2011, voltado ao ensino técnico de enfermagem. Sua vontade de contar histórias às pessoas a levou a publicar em versão física os romances *Alma feminina*, *O voo da fênix* e *Empoderada*. Além disso, tem inúmeras crônicas e contos publicados gratuitamente em plataformas digitais de leitura, permitindo amplo acesso à sua escrita.

Ela define sua essência: “Sou enfermeira por formação, professora por vocação, e escritora por paixão”. É casada, mãe de três rapazes e vive atualmente no Rio de Janeiro.

EDITORA ANGEL

VISITE NOSSO SITE

WWW.EDITORAANGEL.COM.BR